Quanto da sua vida você conta para a sua mãe?

Reconstruindo Amelia

Kimberly McCreight

Você realmente sabe o que se passa na cabeça da sua filha?



ARQUEIRO

Reconstruindo Amelia



O Arqueiro

Geraldo Jordão Pereira (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Kimberly McCreight

Reconstruindo Amelia



ARQUEIRO

Título original: *Reconstructing Amelia*
Copyright © 2013 por Kimberly McCreight
Copyright da tradução © 2014 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.
Publicado em acordo com a autora, representada por Marly Rusoff Literary Agency, Bronxville, Nova York, EUA.

tradução: Carolina Alfaro

preparo de originais: Rachel Agavino

revisão: Carolina Rodrigues e Clarissa Peixoto

projeto gráfico e diagramação: Valéria Teixeira

capa: Matt Johnson

adaptação de capa: Miriam Lerner

imagens de capa: menina: © Elvira Boix / Getty Images
paisagem: © Katya Evdokimova / Arcangel Images; © Lee Avison / Arcangel Images; © Duha127 / Getty Images

adaptação para ebook: SBNigri Artes e Textos Ltda.

CIP-BRASIL. PUBLICAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M429r

McCreight, Kimberly
Reconstruindo Amelia [recurso eletrônico] / Kimberly McCreight [tradução de Carolina Alfaro]; São Paulo: Arqueiro, 2014.
recurso digital

Tradução de: Reconstructing Amelia
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8041-286-4 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Alfaro, Carolina. II. Título.

14-11636

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia – 04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Tony, meu norte

Mais uma vez vamos fingir que a vida é uma substância sólida, com a forma de um globo, que giramos entre nossos dedos. Vamos fingir que somos capazes de escrever uma história simples e lógica...

– Virginia Woolf, *As ondas*

GrAcIoSaMENTE

5 DE SETEMBRO

Há muitas definições para a palavra *idiota* no dicionário. Não seja mais uma.

E aí, galera?!

Ah, mais um ano letivo se inicia. E eu estou de volta com todos os lances impublicáveis...

Bom, enquanto vocês passavam o verão em Southampton, em Nantucket ou no sul da França, aperfeiçoando o jogo de tênis ou o pas de deux*, treinando para sua primeira maratona ou se deleitando com seu último torneio de xadrez, fiquei monitorando as idas e vindas do nosso querido corpo docente. O Sr. Zaritski foi para a Universidade de Berkeley dar um curso intensivo de ciências para garotos loucamente inteligentes. Dizem as más línguas que os pais pediram sua demissão na segunda semana porque ele FEDIA. A Sra. Pearl arranjou um*

latino caliente e aprendeu pole dance em Miami. Brincadeira. Ela não arranjou um amante, é claro. Quem é que iria querer dormir com ela?

Ah, o delicioso Sr. Woodhouse! Quem não gostaria de vê-lo de sunga em algum lugar? Mas, puxa, não se sabe por onde ele andou nestes meses quentes e úmidos, embora eu tenha ouvido de fonte confiável que ele passou pelo menos um fim de semana prolongado aconchegado com a nossa querida professora de inglês, Liv. Show!

Quanto a todos vocês, vou fazer um apanhado geral do verão quando souber das novidades nos próximos dias – não deixem de enviá-las para graciosamenteblog@gmail.com. Pois aqui estamos, mais um ano em que todos os idiotas finalmente têm a oportunidade de virarem populares e os gordos, de ficar sarados.

E as mesmas perguntas de sempre: quando é que a queridinha da Dylan vai abrir o jogo e dizer com quem está transando? Será que a Heather e a Rachel algum dia vão admitir que dormem juntas? A Zadie vai conseguir ficar fora da cadeia até se formar? Que veterana o nosso charmoso calouro Carter vai pegar primeiro? E quem é esse tal de Ian Greene? Será que ele é gostoso como parece nas fotos do livro de alunos? Minha bola de cristal diz que isso parece ser duvidoso. Mas vocês serão os primeiros a saber.

Enquanto isso, caprichem nos novos casos e nos sorrisos. E apertem os cintos, porque vai ser uma viagem e tanto...

Amelia

14 DE SETEMBRO, 7H37

AMELIA
quando vc soube?

BEN
soube o quê?

AMELIA
que vc gostava de meninos?

BEN

não sei, acho que sempre

AMELIA

fala sério

BEN

é verdade, sério

AMELIA

e aí vc contou pra todo mundo e pronto

BEN

é, praticamente; e daí o que os outros pensam?

AMELIA

não consigo imaginar ter tanta certeza sobre alguma coisa.
nem tanta coragem

BEN

talvez vc se surpreenda

AMELIA

q nada

BEN

vc é mais forte do que pensa

AMELIA

vlw. o que eu faria sem vc pra me animar?

BEN

morreria? gosto de pensar que vidas dependem de mim

AMELIA

ha ha. quando a gente vai se falar de verdade?

BEN

isto não é de verdade?

AMELIA

vc sabe o que eu quero dizer

BEN

talvez eu vá pra NY em algumas semanas; meu pai tem uma viagem de trabalho

AMELIA

e a gente vai se ver?

BEN

com ctz

AMELIA

NOSSA! sério? estou contando os dias!!!

Kate

24 DE OUTUBRO

Kate sabia que Victor não estava satisfeito, mesmo antes de levantar o olhar das anotações e ver a raiva dominar o rosto dele como uma nuvem carregada. A sala estava em silêncio. Todos – cinco advogados da Slone & Thayer e dez do Banco Mútuo Associado – esperavam que ele dissesse alguma coisa. Contudo, Victor limitou-se a se inclinar para trás na cadeira da sala de reuniões, com as mãos delicadamente repousadas no colo. Com cabelos grisalhos e terno impecável, sua aparência era bela e digna, apesar de seu claro descontentamento.

Em meio ao silêncio desconfortável, o estômago de Kate roncou. Ela pigarreou e se ajeitou na cadeira, torcendo para que ninguém tivesse ouvido. Pela manhã, estivera nervosa demais para comer. Tinha esta reunião, mas havia também a discussão com Amelia para a qual ela viera se preparando. A discussão que não chegara a acontecer. Amelia havia saído para a escola com um sorriso e um aceno alegre, deixando Kate com pouco tempo para chegar ao

trabalho e com excesso de adrenalina acumulada.

Kate lançou um olhar desejoso para a infinidade de pães, frutas e doces dispostos na bancada lateral da sala de reuniões. Porém, quando você está coordenando uma reunião com um cliente no lugar de Jeremy Firth, o admirado diretor de contencioso da Slone & Thayer, não se levanta no meio para fazer um lanchinho.

– Você percebe – disse Victor, apontando para Kate – que cumprir esta intimação irá anular quaisquer objeções futuras, não é?

– Eu entendo sua frustração, Victor – começou Kate, com voz calma. – Mas a Comissão de Valores Mobiliários está no direito de...

– Está no direito? – Victor disparou. – Isto está mais para supercompensação.

Kate sustentou o olhar de Victor, que ganhara um toque de agressividade. Um vacilo agora, por menor que fosse, seria fatal. Victor certamente exigiria falar com Jeremy e, embora Kate fosse sócia, ainda era júnior. Ela precisava lidar com este problema sozinha.

– E a questão do mérito? Será que não...

Antes que Victor concluísse o raciocínio, o telefone da sala de reuniões tocou, dando um susto em todos. Rebecca, a associada júnior, se apressou em atendê-lo enquanto Victor voltava a falar com Kate.

– Eu quero que nossas objeções constem do relatório oficial e quero um orçamento para esta confusão toda antes que qualquer um abra uma caixa de documentos. Faça isso e você vai conseguir uma coleção de documentos. Combinado?

Como se Kate fosse embolsar um centavo do que a empresa receberia a mais! Na verdade, nada disso lhe traria benefício algum além do apreço de Jeremy. O que não era insignificante, claro. Ser um de seus discípulos preferidos importava, e muito.

– Certamente, Victor – Kate concordou. – Sem dúvida vamos fazer o melhor para...

– Com licença, Kate – disse uma voz ao seu ouvido. Quando Kate ergueu o olhar, Rebecca parecia estar petrificada pela interrupção. – Desculpe, mas é sua secretária ao telefone. Diz que há uma ligação que você precisa atender.

Kate sentiu o rosto corar. Atender a um telefonema no meio de uma reunião com Victor Starke era muito pior do que pegar um pãozinho. A secretária de Kate, Beatrice, jamais interromperia uma reunião como esta, mas ela estava doente. Kate pedira à substituta que não a interrompesse, a menos que fosse uma grande emergência, mas a garota tinha um olhar tão inexpressivo que Kate se convenceu de que estava bêbada. Infelizmente, recusar-se a atender à chamada

também não era uma opção. Kate estava esperando a resposta de um escrivão sobre seu pedido de uma ordem judicial para proteger outro cliente.

– Com licença um instante – disse Kate, tentando fazer parecer que a interrupção era esperada. – É só um segundo.

A sala ficou em silêncio quando ela se dirigiu ao telefone. Sentia que todos olhavam para ela. Por sorte, quando apertou o botão para puxar a chamada, a conversa atrás dela voltou a engrenar. Os obedientes associados de Victor riram, provavelmente de alguma de suas piadas.

– Aqui é Kate Baron.

– Sra. Baron – disse a mulher do outro lado da linha –, aqui é a Sra. Pearl, coordenadora de Grace Hall.

Uma ligação que ela precisava atender. Como é que nem pensou na filha? O coração de Kate disparou.

– Amelia está bem?

– Sim, ela está bem – disse a Sra. Pearl, com um toque de irritação na voz. – Mas houve um incidente. Amelia recebeu uma suspensão de três dias, com efeito imediato. A senhora precisa vir aqui, assinar um formulário de consentimento e levá-la para casa.

– Suspensão? Como assim?

Amelia nunca causara problema na vida. Os professores se referiam a ela como um primor – inteligente, criativa, prestativa, concentrada. Era ótima atleta e se envolvia em todas as atividades extracurriculares possíveis. Trabalhava uma vez por mês como voluntária num sopão para pessoas carentes e ajudava regularmente em eventos escolares. Suspensa da escola? Não. Não Amelia. Apesar do excesso de trabalho, ela conhecia a filha. Conhecia-a *de verdade*. Só podia ser um engano.

– Isso mesmo. Amelia foi suspensa por três dias – a Sra. Pearl repetiu, como se isso respondesse à pergunta de Kate. – Por motivos óbvios, só podemos liberá-la sob a guarda de um dos pais ou um responsável. Será que a senhora pode vir buscá-la? Sabemos que trabalha em Manhattan e que o pai de Amelia não está disponível, mas, infelizmente, são regras da escola.

Kate tentou não se pôr na defensiva. Nem tinha certeza se o que detectava na voz da Sra. Pearl era uma crítica. Mas já tivera sua dose de perguntas incômodas, olhares indagadores e reprovações disfarçadas ao longo dos anos. Até seus pais ainda pareciam considerar sua decisão de levar a termo a gravidez não planejada quando estava na faculdade de Direito como uma forma especialmente depravada de insanidade criminal. Não havia dúvida de que era uma decisão inusitada de sua parte. A vida inteira, Kate sempre fizera a coisa certa no momento certo, ao menos em todos os aspectos que não envolvessem

homens. Na verdade, com relação aos homens, as avaliações de Kate sempre falharam. Contudo, ficar com a criança não fora uma decisão leviana, nem da qual se arrependesse.

– Vou agora mesmo. Mas poderia ao menos me dizer o que ela... – Kate fez uma pausa, pois a advogada dentro dela de repente percebeu que devia escolher as palavras com cuidado. Não estava disposta a admitir a culpa da filha. – Do que exatamente Amelia está sendo acusada?

– Infelizmente, questões disciplinares não podem ser discutidas por telefone – disse a Sra. Pearl. – Há normas de confidencialidade, procedimentos-padrão. Sei que a senhora compreende. O diretor geral, Sr. Woodhouse, lhe dará mais detalhes aqui. Aliás, em quanto tempo chegará?

Kate olhou o relógio.

– Estarei aí em vinte minutos.

– Se vinte minutos é o melhor que pode fazer... – disse a Sra. Pearl, dando a impressão de que sua vontade era dizer algo bem menos tolerante. – Acho que tudo bem.

Vinte minutos tinham sido de um otimismo descomunal. Victor se opôs categoricamente quando Kate tentou encerrar a reunião mais cedo. No fim, não lhe restara alternativa a não ser chamar Jeremy.

– Detesto fazer isto – ela lhe disse no corredor, fora da sala de reuniões. E detestava ter que sair. Era algo que Daniel, seu ex-colega de faculdade e agora também sócio júnior e ultracompetitivo, que não tinha filhos e estava divorciado havia muito tempo, jamais faria, nem que estivesse com uma hemorragia interna. – Mas ligaram da escola da Amelia e eu preciso ir buscá-la.

– Sem problema. Aliás, você acaba de me salvar de um encontro com a Vera e os pedreiros no apartamento novo. Prefiro uma reunião com Átila, o huno, a uma conversa sobre vigas e colunas – disse Jeremy, com um de seus sorrisos característicos.

Passou a mão pelos cabelos prematuramente grisalhos. Era alto e bonito e, como sempre, estava elegante, usando uma camisa rosa listrada.

– Está tudo bem?

– Não sei – respondeu Kate. – Parece que a Amelia se meteu em alguma confusão, o que não faz sentido. Ela não é de criar problemas.

– A Amelia? Acho improvável, mas talvez minha opinião seja parcial, afinal, acabo de listar todas as qualidades dela naquela recomendação para o programa de verão em Princeton. – Jeremy pôs a mão brevemente no ombro de Kate e sorriu de novo. – Conheço bem essas escolas particulares. Primeiro

condenam, depois fazem perguntas. O que quer que tenha havido, com certeza há uma explicação razoável.

Isso bastou para Kate se sentir um pouco melhor. Esse era Jeremy, sempre com o comentário de apoio perfeito. E parecia sincero, até mesmo para Kate, que não devia cair nessa.

– O Victor não está contente – ela avisou, indicando a porta fechada da sala de reuniões. – Sinto que estou lançando você aos lobos.

– Não se preocupe – Jeremy gesticulou como se aquilo não tivesse importância.

Ele era capaz de trabalhar até de madrugada, entrar no tribunal com um caso perdido e confrontar um adversário agitado e um cliente insatisfeito ao mesmo tempo, sem jamais perder o ar de "somos todos amigos".

– Eu cuido de Victor Starke. Você vai cuidar da Amelia.

Kate optou pelo metrô para evitar o trânsito da cidade, mas já estava 45 minutos atrasada quando o trem número 2 freou abruptamente logo antes da rua Nevins. Seriam 50, 55 minutos de atraso quando chegasse a Grace Hall. Isso com *sorte*. Sem dúvida a escola veria isso como uma falha na criação de Amelia. Mãe irresponsável, filha problemática. Era uma relação bem direta.

Quanto mais Kate pensava no assunto, mais se convencia de que, fosse qual fosse a acusação contra Amelia, devia ser algo ruim. Grace Hall se orgulhava de ser liberal, mente aberta, dedicada aos estudantes. Fundada havia 200 anos por um grupo de intelectuais da cidade de Nova York – dramaturgos, artistas e políticos –, a escola era reverenciada pela excelência acadêmica e pelo programa artístico incomparável. Embora fosse considerada parte da antiga vanguarda das escolas particulares de Manhattan – Dalton, Collegiate, Trinity –, Grace Hall ficava no Brooklyn, o que lhe conferia um pedigree mais boêmio. Sendo assim, a escola deixava de lado os livros-texto e as provas padronizadas em favor do aprendizado experimental. Tendo em vista essa informalidade, Kate não conseguia imaginar o que um aluno teria que fazer para ser suspenso.

De repente, o trem deu um assovio e avançou alguns metros, antes de voltar a parar. Kate olhou o relógio. Uma hora e cinco minutos de atraso, pelo menos. Ainda faltavam quatro estações. *Inferno*. Ela vivia atrasada, para tudo. Ficou de pé e foi para perto da porta do metrô, cada vez mais cheia de dúvidas.

Recentemente, Amelia andava distraída, até mesmo um pouco temperamental. Tinha 15 anos e a mudança de humor fazia parte da adolescência, mas parecia ser mais do que isso. Por exemplo, dera para perguntar sobre o pai. Pelo visto, a explicação pronta de Kate – que, após um breve

encontro, ele fora dar aula para crianças em Gana e nunca voltara – não se sustentava mais. Na manhã do dia anterior, Amelia também viera com o pedido absurdo de passar um semestre fora do país.

– Mãe, você não pode ficar e me ouvir só *um* minuto?

Amelia estava de braços cruzados, inclinada sobre a bancada da cozinha da casa estreita e antiga. Com os cabelos louros compridos caindo em ondas sobre os ombros e aqueles olhos milagrosos – um azul e um cor de mel – cintilando ao calor da luz da manhã, ela parecia muito mais velha e mais alta do que na véspera. Tinha puxado a Kate, com o rosto em forma de coração e malares altos, e era uma menina linda. E agora também se mostrava sexy, de jeans de cintura baixa e top justo. Felizmente, ainda era meio moleca.

– Sim, Amelia, posso ouvir um minuto – Kate respondera, tentando não perder a paciência.

A julgar pelo olhar amargo da filha, a viagem para as Bermudas no feriado de Ação de Graças que Kate sugerira tinha sido como oferecer um fim de semana no dentista.

– Eu estou sempre aqui para ouvir – disse ela.

– Eu quero passar o próximo semestre em Paris – falou Amelia.

– Paris? – Kate enfiou o laptop e um punhado de arquivos na bolsa e começou a procurar o celular, que achava ter deixado sobre a bancada. Passou a mão nos cabelos enquanto Amelia a encarava. Ainda estavam molhados, mas ela podia jurar que os havia secado. – Um *semestre* inteiro? Paris fica tão longe...

Apesar de seus esforços, Kate estava se irritando. Era difícil não achar que Amelia insistia de propósito em ter esta conversa quando sabia que a mãe estava atrasada. Às vezes, se perguntava se a filha não seria mais estrategista do que ela pensava. Já tinha dito sim a muitas coisas – festas, voltar mais tarde à noite, dormir na casa de amigas – porque Amelia fizera os pedidos quando Kate estava estressada ou apressada. Mas um semestre na Europa era outra história. Não iria ceder simplesmente por ser mais fácil. Mas de fato teria sido. Muito mais fácil.

– Que diferença isso faz? – Amelia emitiu um ruído gutural de irritação. – Você nunca está aqui mesmo.

Ela não costumava se queixar das longas horas de trabalho da mãe. Kate sempre supusera – *esperara* talvez fosse uma palavra melhor – que isso fosse porque ter uma mãe solteira com uma carreira que a consumia era a única vida que a filha conhecia. Mas Kate sempre se preparara para descobrir que a filha ainda sentia as lacunas, apesar de seus esforços frenéticos para preenchê-las de amor.

– Poxa, Amelia, isso não é justo. E um semestre fora é algo para se fazer na faculdade, não no ensino médio.

– Vai ser educativo.

Kate olhou para a filha, torcendo para ver algum sinal de humor em seus olhos. Nada. Estava totalmente séria.

– Amelia, eu adoraria cancelar a reunião e ficar aqui para conversar sobre isso – Kate dissera, com sinceridade. – Mas realmente não posso. Será que podemos continuar esta conversa hoje à noite, quando eu chegar?

– Apenas diga sim, mãe! – Amelia gritara, assustando Kate. A filha não era de gritar, muito menos com a mãe. – É superfácil, olha: sim. É só dizer isso.

Então é isso, Kate pensara. *Ela é oficialmente adolescente. De agora em diante será ela contra mim, não nós contra o mundo.*

O pior da discussão foi que Kate acabou voltando para casa tarde demais – atrasada novamente, como sempre – para conversar sobre o semestre no exterior. Mas estava pronta ao se levantar de manhã – naquela manhã. E, mesmo sabendo que a reunião com Victor seria uma das mais estressantes da sua carreira, até acordara mais cedo só para ter muito tempo para conversar com Amelia sobre Paris. Planejara se manter firme na negativa, mas decidira oferecer uma viagem juntas para lá no Natal. Kate também havia se preparado para pedir desculpas por não ficar mais em casa, sobretudo nos últimos tempos. Ainda conseguia preservar seu jantar com Amelia às sextas e o cinema de domingo, mas as aventuras de fim de semana eram cada vez menos frequentes.

Desde que Amelia era pequena, Kate sempre fizera questão de que passeassem juntas nos fins de semana – um espetáculo na Broadway, uma exposição no Metropolitan, o festival de cerejeiras em flor no Jardim Botânico do Brooklyn ou o Desfile das Sereias em Coney Island. Porém, isso tinha sido dificultado pelos desdobramentos do caso Banco Mútuo Associado e os próprios compromissos de Amelia, como hóquei na grama, conversação em francês, trabalho voluntário e amigos. Agora parecia que ela também sempre tinha algo para fazer.

Kate continuava de pé perto da porta do metrô, estudando seu reflexo cansado na janela comprida, quando ouviu uma voz automatizada pelo sistema de som.

– Permaneceremos parados por mais alguns instantes aguardando a liberação do tráfego à frente – disse a voz computadorizada. – Contamos com a sua compreensão.

No fim, Kate não conversara com Amelia sobre trabalho, sobre Paris nem sobre nada. Após todo o preparo e a preocupação, Amelia simplesmente descera a escada toda leve e contente, dizendo que não queria mais ir a Paris. Agora, claro, essa mudança súbita parecia suspeita. Kate ainda não acreditava que a filha pudesse fazer algo que lhe valesse uma suspensão, mas, levando em conta

seu comportamento errático dos últimos dias, talvez tivesse feito algo um pouquinho ruim.

Kate olhou mais uma vez para o relógio. Uma hora e dez minutos de atraso. *Merda.* Era uma péssima mãe. Conciliar o trabalho e a criação da filha era demais para ela. Não tinha margem para erros. Havia outros empregos em advocacia que lhe dariam mais flexibilidade – e também menos dinheiro, embora ela e Amelia pudessem viver com bem menos. Ainda assim, o dinheiro não era a verdadeira razão pela qual Kate ficava nesse emprego. Ela gostava do trabalho e era boa nele, e isso a fazia sentir-se capaz e confiante. O sucesso – primeiro acadêmico, depois profissional – sempre fizera com que se sentisse assim: segura. E isso não era pouca coisa, considerando que no horizonte não havia nenhum cavaleiro de armadura reluzente.

Não que Kate esperasse ser resgatada. Não esperava nada; ponto final. Saíra com homens algumas vezes ao longo dos anos, principalmente por sentir que precisava fazer isso. E as amigas insistiam bastante em marcar encontros para ela. Mas nunca tivera sorte nos relacionamentos, nem mesmo quando estava na escola ou na faculdade. Aliás, a relação mais saudável que tivera fora com Seth, que com ela chegara à importante conclusão de que era gay. Antes dele, Kate tivera outros namorados, em geral do tipo emocionalmente distante. Pelo menos agora ela já tinha idade para reconhecer que seu mau gosto na escolha de parceiros tinha tudo a ver com sua criação, embora nem por isso fosse algo que ela pudesse mudar.

Ultimamente, era difícil dizer se os homens com quem ela saía eram as escolhas erradas ou se, entre Amelia e o emprego, Kate não conseguia criar espaço para eles. De qualquer modo, nada nem ninguém durou. E a vida quase parecia mais simples assim. Só que agora, aos 38 anos, o bebê acidental de Kate – a encantadora expressão que sua mãe usava, mesmo depois que Amelia já tinha idade para entender – talvez fosse o único que teria. A ideia de ter apenas uma filha não parecia errada, mas *era* desleixadamente econômica.

Quando o trem enfim chegou à estação Grand Army Plaza, Kate estava uma hora e quinze minutos atrasada. Saiu correndo quando as portas do trem se abriram, o coração acelerando enquanto ela trotava em direção à escada.

Ao chegar à calçada, piscou para se adaptar à claridade. Protegendo os olhos com uma das mãos, caminhou apressada, entrando na rua Prospect Park West. A rua de duas pistas e mão única estava calma àquela hora, e os saltos altos que costumava usar quanto tinha reunião com clientes faziam um barulho alto no concreto. O parque, cheio de bordos nos tons reluzentes de outono, ficava à esquerda de Kate, do outro lado da rua. As folhas tinham começado a cair, acumulando-se em uma espessa camada ao longo do muro que contornava o

parque, no qual Kate não entrava havia anos.

Após 15 anos em Park Slope, Kate ainda se sentia mais à vontade no escritório do que em sua própria casa no Brooklyn. Ela queria um lugar acolhedor, com jeito de bairro pequeno e cabeça aberta para criar Amelia, e Park Slope reunia tudo isso. Mas os frequentadores da Cooperativa de Alimentos, as pilhas de itens usados deixadas para quem os quisesse e os grupos fechados de famílias "desleixadas chiques" que se reuniam nos parquinhos adjacentes aos apartamentos multimilionários ainda davam a sensação de serem detalhes charmosos da vida de outra pessoa.

À frente, Kate avistou duas mães típicas de Park Slope – urbanas e atraentes sem entrarem na última moda – conversando enquanto saíam do parque. Cada uma empurrava um carrinho de bebê esportivo, trazia uma criança pequena por uma das mãos e uma garrafinha ecológica no porta-copo. Riam enquanto caminhavam, sem se preocupar com as crianças que guiavam. Ao observá-las, Kate sentiu como se nunca tivesse tido uma filha.

Sempre planejara ter uma família. No mínimo dois filhos, talvez três. Originalmente pretendia evitar ter um filho único, por causa de sua própria infância solitária, que não tinha sido das mais felizes. Contudo, acabara percebendo que ter "só" um filho não significava que era preciso tratá-lo como um miniadulto desde o nascimento. Kate também imaginara que os filhos que teria, fossem quantos fossem, viriam depois. Muito depois. Ela se concentraria primeiro na carreira para se firmar, como sua mãe, Gretchen, professora emérita de neurologia na Universidade de Chicago, tanto lhe ensinara. Primeiro a carreira; filhos, só se houvesse tempo.

Mas sua vida tomara outro rumo. E, no fim, ela não quisera aproveitar nenhuma das "opções" nas quais Gretchen insistira para "lidar" com aquele "infortúnio". Kate podia admirar o sucesso profissional da mãe, mas não desejava imitá-la de nenhuma outra forma. Pelo contrário: entendeu a gravidez como um sinal que não deveria ignorar. Além disso, era também uma oportunidade de ter algo mais.

A maternidade fora difícil, claro, principalmente sendo mãe solteira aos 24 anos, ainda na faculdade de direito. Mas ela, aliás, as duas sobreviveram. A verdadeira salvação de Kate e Amelia fora Leelah, a babá que cuidara da menina durante 15 anos. Foram o carinho, a compaixão e a deliciosa comida de Leelah que realmente as mantiveram de pé. Foi com pesar que Kate reduzira as horas de trabalho dela para apenas lavar a roupa e limpar a casa enquanto Amelia estivesse na escola. A menina vinha insistindo desde o outono anterior que já estava crescida demais para ter babá, e Kate finalmente se cansara daquela discussão. Contudo, ambas sentiam falta de Leelah: Amelia mais do que admitia;

Kate mais do que às vezes era capaz de suportar.

Kate parou quando as duas mulheres com os carrinhos atravessaram a rua na sua frente, e então as seguiu ao cruzarem a rua Garfield. Observou seus quadris estreitos em calças de ginástica, os rabos de cavalo altos que balançavam, sincronizados, para a direita e para a esquerda.

– Nossa, caminhões de bombeiros! – exclamou uma das mulheres, parando de forma tão abrupta na calçada oposta que Kate quase se chocou contra seu traseiro esculpido. – Estão na escola?

– Meu Deus, espero que não – disse a outra, ficando na ponta dos pés para ver melhor. – Pelo menos não estão correndo para lugar algum. Deve ter sido um alarme falso.

Kate olhou na direção dos caminhões de bombeiros que bloqueavam metade da rua Garfield. Estavam estacionados em frente a uma entrada lateral de Grace Hall, uma antiga mansão muito ornamentada que parecia uma grande biblioteca pública. Havia vários carros de polícia na frente da escola vizinha, dois prédios baixos de pedra comprados muito tempo atrás e reformados em estilo semelhante. Os bombeiros estavam parados ao longo da calçada, conversando em grupos, apoiados nos caminhões.

Era possível ver também uma ambulância com as luzes desligadas e portas fechadas. Se realmente houvera algum incêndio ou outra emergência, já tinha acabado. Ou talvez tivesse sido um alarme falso.

Amelia não teria acionado o alarme de incêndio, ou teria? Não, só os delinquentes juvenis faziam coisas desse tipo. Por mais que o temperamento dela andasse oscilando ultimamente, fosse qual fosse o motivo daquela ideia absurda de passar um semestre fora e apesar da súbita crise existencial em relação ao pai ausente, Amelia não era nem nunca seria uma delinquente juvenil.

Kate respirou fundo e expirou com força, o que fez com que a mãe mais alta parada à sua frente se assustasse e se virasse para trás. Puxou para perto de si a menininha com rosto de querubim e colete cor-de-rosa felpudo. Kate deu um sorriso sem jeito ao passar por elas. Tentou enxergar além da ambulância. Ao lado havia um policial que conversava com uma mulher mais velha, de cabelos grisalhos, vestida com um casaco marrom comprido. Tinha ao seu lado um cãozinho minúsculo e trêmulo e abraçava a si própria com força.

Não se entrevistavam passantes por causa de alarmes de incêndio. Kate ergueu o olhar para as janelas das salas de aula. Onde estavam todas as crianças? Aquelas cujos rostos deveriam estar espremidos contra o vidro, observando a comoção? Kate foi se aproximando.

– Então a senhora ouviu primeiro o grito? – o policial perguntou à mulher grisalha. – Ou o barulho?

Grito. Barulho. Kate viu dois policiais saírem pelo portão da frente da escola, descerem os degraus e entrarem no pátio lateral. Ao acompanhá-los, ela finalmente descobriu onde estava concentrada a ação. Havia mais de uma dúzia de policiais juntos. Ainda assim, ninguém parecia ter pressa. Isso não era um bom sinal. Aliás, estava começando a parecer um sinal de algo terrível.

– Senhora – disse uma voz alta, bem no ouvido de Kate. – Preciso que a senhora vá para o outro lado da rua. Temos que desocupar esta área.

Sentiu a mão tocar seu braço, firme e nada amigável. Kate se virou e viu um policial enorme, bem mais alto do que ela. Bochechudo como uma criança.

– Sinto muito, senhora – ele repetiu em um tom um pouco menos insistente. – Mas este lado da rua está fechado para pedestres.

– Mas a minha filha está dentro da escola. – Kate se virou de novo para o prédio.

Ameaça de bomba, suspeita de antraz, tiroteio... Onde estavam todas as crianças? O coração de Kate começou a acelerar.

– Preciso pegar a minha filha. Eles me ligaram e me pediram para vir. Estou atrasada.

O policial passou muito tempo olhando para ela e piscando, como se tentasse fazê-la desaparecer.

– Está bem, acho que posso ir verificar – ele disse finalmente, com um ar cético. – Mas, ainda assim, a senhora tem que esperar ali. – Ele apontou para o lado oposto da rua Garfield. – Qual é o nome da sua filha?

– Amelia. Amelia Baron. Recebi uma ligação da diretoria avisando que ela tinha sido suspensa e que eu deveria vir buscá-la.

Na mesma hora, Kate desejou ter omitido essa parte. O policial ficaria menos inclinado a ajudar se pensasse que Amelia tivesse causado algum problema. Talvez até *o* problema.

– Espere – Kate o chamou. – Antes de ir, pode ao menos me dizer o que aconteceu?

– Ainda estamos tentando entender. – Sua voz vacilou quando ele se voltou para olhar para a escola por alguns instantes. Então se virou para Kate e apontou mais uma vez. – Agora, vá para lá. Eu já volto.

Kate não foi para onde ele apontou. Em vez disso, ficou na ponta dos pés para tentar distinguir o que acontecia no pátio dos fundos. Viu que havia mais de uma dúzia de policiais ali, alguns de uniforme, outros de terno escuro, apinhados perto da lateral do prédio, formando uma parede curva com as costas. Era como se tentassem ocultar alguma coisa. Algo terrível.

Alguém tinha se ferido, ou pior. Kate tinha certeza disso agora. Teria sido uma briga? Uma bala perdida? Era a área nobre do Brooklyn, mas ainda era o

Brooklyn. Esse tipo de coisa acontecia.

Assim que o policial que falara com Kate passou pelo portão da escola, ela correu para a grade do pátio lateral. Os policiais protegiam os olhos do sol ao percorrer com a vista a parede até o telhado. Kate também olhou para lá. Não viu nada além da fachada imaculada da antiga construção de pedra.

Quando voltou a olhar para baixo, eles tinham mudado de posição. E ali, no centro do círculo de proteção, havia uma bota. Preta, sem salto, gasta. Estava caída de lado, como um animal morto. Mas também havia outra coisa ali, algo muito maior. Coberto com um lençol.

O coração de Kate palpitava com força quando ela apertou as barras da grade de ferro. Olhou novamente para a bota. Era do tipo que muitas meninas usavam com jeans justos ou *legging*. Mas as botas de Amelia eram marrons, não eram? Kate deveria saber. Deveria saber a cor dos sapatos da filha.

– Sra. Baron? – Era a voz de um homem.

Kate se virou subitamente, preparando-se para ouvir, do mesmo policial com cara de criança, que ela não deveria estar ali. Porém, atrás dela havia um homem atraente, com jeito rústico, de jeans e moletom com capuz. Tinha mais ou menos a idade de Kate, um rosto quadrado e forte, cabeça raspada e a energia contida de um lutador de boxe, ou talvez de um criminoso prestes a atacar. Tinha um distintivo pendurado do pescoço.

– A senhora é Kate Baron? – perguntou ele, dando um passo à frente.

Para completar, tinha o forte sotaque nasalado do Brooklyn. Mas estava tentando ser gentil. Kate não gostava disso. A gentileza forçada a deixava nervosa. Atrás dele, Kate avistou o policial uniformizado com quem falara antes, de pé nos degraus, ao lado de uma mulher de cabelos grisalhos e óculos de leitura. Ambos a observavam.

– Onde está Amelia? – Kate se ouviu gritar. Ou teria sido outra pessoa? Parecia sua voz, mas ela não havia sentido as palavras saírem de sua boca. – O que aconteceu?

– Sou o detetive Molina. – Ele estendeu a mão, mas parou antes de apoiá-la realmente no braço de Kate. Uma tatuagem no antebraço, uma cruz, aparecia sob a manga do moletom. – A senhora poderia me acompanhar?

Não estava certo. Ela não queria ir a lugar algum com esse detetive. Queria ser mandada para longe dali. Para onde eram enviados todos os outros espectadores irrelevantes.

– Não. – Kate deu um salto para trás, com o coração disparado. – Por quê?

– Fique calma, senhora – ele disse, pondo uma mão firme em seu ombro e puxando-a para perto. Agora sua voz estava mais baixa, mais cautelosa, como se Kate tivesse uma ferida pavorosa na cabeça e não houvesse percebido. – Por que

a senhora não vem comigo e se senta?

Kate fechou os olhos e tentou visualizar os pés de Amelia de manhã, quando saíra, feliz e saltitante. As mães devem saber que sapatos os filhos estão usando. É função delas verificar. Kate sentiu uma leve tontura.

– Eu não quero me sentar – disse, o pânico aumentando. – Só me diga o que aconteceu. Agora!

– Está bem, Sra. Baron. Está bem – o detetive Molina falou em voz baixa. – Houve um acidente.

– Mas a Amelia está bem, não está? – Kate insistiu, apoiando as costas na grade.

Por que não estavam correndo? Por que a ambulância estava ali parada? Onde estavam todas as luzes e sirenes?

– Ela tem que estar bem. Preciso vê-la. Preciso falar com ela. Onde ela está?

Kate devia sair correndo. Tinha certeza disso. Precisava ir para bem longe dali, onde ninguém pudesse lhe contar nada. Em vez disso, estava afundando, deixando-se escorregar até a calçada fria e dura. Ficou ali sentada, abraçando os joelhos, a boca pressionada contra eles como se estivesse se preparando para um pouso forçado.

Corra, dizia a si mesma. *Corra.* Mas era tarde demais.

E, durante um longo e derradeiro momento, tudo o que havia era o som de seu coração batendo. A pressão das calças apertadas.

– A sua filha, Amelia... – o detetive tinha se abaixado também – ela caiu do telhado, Sra. Baron. Ela... infelizmente não sobreviveu à queda. Lamento muito, senhora, mas sua filha, Amelia, faleceu.

GrAcIoSaMENTE

12 DE SETEMBRO

Há muitas definições para a palavra *idiota* no dicionário. Não seja mais uma.

E aí, galera?!

Aqui estão todos os lances impublicáveis...

Ah, os clubes. Onde todos vocês, desesperados por escalar a pirâmide social, talvez finalmente consigam pôr as mãos escorregadias no nível mais alto. Mas não se esqueçam de que não há honra alguma em comparar o tamanho dos peitos ou do pintinho com o do candidato ao seu lado, por mais que façam isso há centenas de anos.

Por outro lado, pode ser que eu só pense isso porque ainda estou esperando para ser chamada.

Dizem por aí que os Tudors e o clube Devonkill estão tentando aumentar a

reputação pegando pesado nos testes de iniciação, as Magpies estão sendo criativas (sei!) nos convites deste ano, e o Wolf's Gate está armando uma grande invasão britânica.

E por falar em grande invasão britânica, quantas pessoas o Ian Greene vai levar para a cama? Ainda estamos na segunda semana de aulas e, pelo que ouvi, ele está para chegar aos dois dígitos, com muitas outras moças honradas fazendo fila para transar com ele – como nossas periguetes cativas Sylvia Golde, Susan Dolan e Kendall Valen, só para citar três.

E a Dylan Crosby? A querida, linda e misteriosa Dylan? Não, não é uma delas. Não sei bem com quem ela anda ficando, mas ela não é do tipo que faz fila para nada.

Ouvi dizer que George McDonnell e Hannah Albert finalmente consumaram a obsessão de uma década que tinham um pelo outro. E Carter Rose está de olho em uma certa garota do segundo ano que aperta bem as pernas. Pobre Carter, nem perca tempo. Aquele cinto de castidade não se abre para homem algum.

E continuem ligados. Consegui um furo incrível sobre a lista de alunos em recuperação... Estou pensando em publicá-la na íntegra na próxima edição. Quero dizer, na minha humilde opinião, quem não consegue passar sem sufoco numa escola superprotetora como esta merece passar vergonha.

facebook

14 DE SETEMBRO

Amelia Baron

Não acredito que ela convenceu a melhor amiga a usar jeans skinny durante uma onda de calor

George McDonnell e outras 2 pessoas curtiram isso.

Sylvia Golde não acredito que a melhor amiga é um fracasso tão épico em se tratando de moda; vc devia me agradecer, sabia?

Amelia

14 DE SETEMBRO

Na metade da escadinha na frente de casa, eu já via Sylvia esperando no lugar de sempre: na esquina mais próxima de mim, a da rua Garfield com a Oitava Avenida. Sylvia morava na rua Berkeley, entre a Sétima e a Oitava, quase ao lado do restaurante chinês Mr. Wonton e a um quarteirão do Ozzie's, o café onde às vezes havia refis grátis de chocolate quente e que oferecia amostras imensas de cookies quase todo dia. Havia quatro anos, desde que tínhamos 11 anos e a mãe de Sylvia a deixara ir sozinha para a escola pela primeira vez, nós nos encontrávamos diariamente na mesma esquina, para percorrermos juntas os últimos dois quarteirões até a escola. Ela teve que passar por todo tipo de teste antes de poder ir sozinha – como agir em uma emergência, a quem pedir ajuda, o que fazer se alguém tentasse agarrá-la.

Minha mãe finalmente me permitiu ir a pé sozinha para a escola com 11 anos, também. Ela também fez testes. Mas acho que foi a mãe de Sylvia que os

passou para ela. Eu amo minha mãe, mas ela tira a maioria das ideias sobre como ser mãe das outras mães. Em geral, tudo o que Sylvia podia fazer eu também podia.

Mas Sylvia nunca teve babá, então me livrar de Leelah foi por minha conta. Eu gostava de Leelah, mas quem ainda tem babá no segundo ano do ensino médio? Meu argumento era basicamente esse. E fiquei empolgadíssima quando minha mãe enfim concordou. Agora que as aulas tinham começado, eu até que sentia saudade de Leelah. Nunca diria isso para a minha mãe – não queria que ela se sentisse mal, sei lá –, mas era estranho passar o tempo todo sozinha.

Acenei para Sylvia e ela respondeu erguendo dois dedos, em uma de suas saudações descoladas. Era a segunda semana de setembro, mas ainda estava aquele calor nova-iorquino nojento, grudento, em que parece que andamos sobre uma rede e tudo tem cheiro de lixo ou de urina. Mas é claro que Sylvia não deixaria que um calorzinho a impedisse de exibir todos os seus novos *looks* de outono. As roupas eram para Sylvia o que os livros eram para mim: a única coisa que realmente importava. Então lá estava Sylvia, na esquina, vestindo jeans skinny, sandálias plataforma e um casaco longo e sem mangas. Sim, sem mangas, mas ainda assim um casaco. Ela o tinha mostrado para mim na tarde anterior; era cor de berinjela e tinha uma gola bem ampla e solta. Diferente e quase um pouco esquisito, o tipo de roupa que me deixaria com cara de idiota. Mas caía perfeitamente bem em Sylvia.

Acenei de volta para ela enquanto enfiava *O conto da Aia* na mochila, para terminar de ler na hora do almoço. Pela primeira vez, Sylvia e eu não tínhamos o mesmo horário de almoço, exceto às sextas-feiras. Eu até que podia almoçar com Chloe ou Ainsley, ou alguém do time de hóquei na grama. Sylvia e eu não éramos as únicas amigas uma da outra, mas não tínhamos uma panelinha, como tantas outras pessoas. E também nunca éramos chamadas para entrar nos clubes. Nem queríamos. Os clubes eram uma ideia idiota, cheios de segredos imbecis e aquela bobagem dos trotes. Eles tinham existido em Grace Hall desde a década de 1920 até os anos 1980, quando algum calouro candidato a entrar no clube só de rapazes tentou surfar bêbado em um trem e acabou decepado. Depois disso, a escola baniu os clubes.

Há poucos anos, alguém começou a tentar trazê-los de volta. Woodhouse, o novo diretor, no início ficou todo paranoico, ameaçou expulsar alunos e tudo mais. Mas depois se fez um silêncio total. Segundo os boatos, alguns dos pais dos alunos que faziam parte de clubes pagaram para o diretor fechar o bico, pois estavam preocupados com as chances de os filhos entrarem na faculdade.

Mas Sylvia e eu tínhamos feito um pacto de nunca entrarmos para um clube, pelo menos não até que ambas fôssemos convidadas e, mesmo que isso

acontecesse, provavelmente não aceitaríamos o convite. Tínhamos outras atividades. Sylvia tinha os namorados dela e eu tinha meus livros e meu novo amigo Ben. Mas, acima de tudo, tínhamos uma à outra. Sempre fora assim. Algumas pessoas poderiam achar que éramos amigas improváveis – eu, a CDF, esportista e virginal, e ela, a galinha rainha da moda –, mas éramos parecidas em tudo o que importava, principalmente quando tínhamos uns 5 anos, que foi quando nos tornamos melhores amigas para sempre. Ficamos amigas no jardim de infância, sobretudo porque nós duas detestávamos brincar de camarim. Eu achava aquela coisa de mulherzinha muito boba. Sylvia detestava se fantasiar porque as roupas disponíveis eram sempre horríveis. Éramos assim: sempre acabávamos no mesmo lugar, só que por motivos diferentes. Além disso, tínhamos história. Muita história.

Na esquina, Sylvia puxou a gola do casaco, fingiu olhar para o relógio que não tinha e acenou para que eu me apressasse. Provavelmente estava morrendo de calor naquele casaco idiota. Mas ficaria muito chateada se eu dissesse que ela estava ridícula usando casaco naquele calor. Aí ela diria algo cruel. Sylvia era assim, meio como um caranguejo: se você a cutucasse do jeito errado, ela arrancava seu dedo.

Além disso, estava bonita. Suas escolhas podiam não ser práticas, mas ela tinha estilo. Sylvia lia a *Vogue* britânica e blogs sobre moda como *Style Rookie* e sonhava em se tornar o mais novo fenômeno de moda adolescente. Credo – era o que eu pensava, de modo geral, sobre toda essa bobagem de moda. Mas Sylvia achava que os livros que eu lia eram pretensiosos, e não estava totalmente errada. No fim das contas, era mais seguro eu manter a boca fechada sob meu telhado de vidro.

Tentei apertar o passo antes que Sylvia tivesse um aneurisma, mas, por causa da minha bolsa de hóquei na grama, da mochila e das minhas pernas, que começavam a transpirar dentro da calça skinny que eu também estava usando, era difícil andar depressa.

– Cara, como você é lerda – Sylvia disse quando enfim cheguei até ela.

– É essa calça – falei, beliscando o tecido grudado. – Que, caso eu precise lembrar, foi ideia sua.

Sylvia sorriu.

– Ela deixa você mais lerda ainda, mas fica bonita. – Então franziu a testa, apontando para a minha camiseta. – Mas o que é essa coisa horrenda? Não foi isso que falei para você usar.

– A blusa não caiu bem.

Era mentira. Eu nem tinha experimentado. Quando Sylvia me deu aquela blusa, eu logo soube que ninguém me veria com aquilo, nem morta.

– Tinha uns ombros assim, meio balonê, que me deixavam parecendo tipo...

– Tipo uma menina? – Sylvia cruzou os braços.

– Eu ia dizer tipo um paninho bordado de vovó.

– Seu problema é confundir feminismo com tosquice. Já viu fotos da Betty Friedan? Ela até que era bem estilosa.

– Como você sabe quem é Betty Friedan?

– Não sou idiota. – Sylvia revirou os olhos ao começar a andar na direção da escola. – Apenas ponho um pouco de estilo no meu ativismo social.

Sylvia apoiou os livros em seu quadril estreito. Estavam amarrados como de costume, com uma fita marrom acetinada. Por princípios estilísticos, Sylvia se recusava a carregar qualquer tipo de mochila ou bolsa para livros. Secretamente, acho que ela tinha esperança de lançar moda. Já havia tentado lançar várias. Até agora, nenhuma pegara. Ainda assim, ninguém em Grace Hall zombava de nenhum dos modismos estranhos de Sylvia – fossem chapéus loucos, óculos de sol imensos ou bolsas cobertas de balas. Isso já era tipo uma vitória e ponto final. Eu podia ser melhor aluna e melhor atleta, mas Sylvia sempre fora melhor em ser ela mesma.

Quando entramos na rua Prospect Park West, a calçada estava apinhada. Era assim toda manhã, a caminho da escola. E, toda manhã, avançar em meio à multidão era um saco. Havia pais estressados que nos atropelavam com os carrinhos de seus filhos da pré-escola ou bufavam na nossa orelha enquanto arrastavam as crianças para o colégio. Havia as crianças de ensino fundamental de patinetes que se chocavam contra nós, e todos os grupinhos do ensino médio que gritavam uns com os outros ao longo de todo o quarteirão, na maior parte do tempo usando palavrões. Como se aquilo os transformasse de garotos ricos de escola particular nos valentões do Brooklyn que desejavam ser.

Aquele trecho da Prospect Park West, até os portões principais da escola, era onde boa parte dos grandes dramas do ensino médio se desenrolava. As pessoas brigavam, terminavam namoros, combinavam de sair. E, quando algo realmente ruim acontecia – como quando George McDonnell deixou uma aluna do primeiro ano com o nariz sangrando ao acertá-la acidentalmente com a mochila enquanto corria atrás de outro idiota pela calçada –, a Sra. Pearl se pronunciava pelo sistema de som da escola assim que entrávamos, como se esperasse ansiosamente uma desculpa para dar uma bronca em todos.

– Mau comportamento a caminho da escola é o mesmo que mau comportamento *dentro da escola*! – ela guinchava, como se assim fôssemos ouvir melhor. – Assim que deixam de estar sob a guarda de seus pais, considera-se que estão sob a supervisão de Grace Hall. Não serão toleradas brigas nem brincadeiras pesadas envolvendo contato corporal violento. Esse tipo de

comportamento será punido de acordo com o Código de Conduta dos Estudantes de Grace Hall.

Eu não era especialista, mas isso parecia inconstitucional. Da primeira vez que ouvi a Sra. Pearl dizer isso, tentei me manter acordada à noite para pedir a opinião profissional da minha mãe, mas peguei no sono enquanto a esperava chegar em casa.

– Ai! – reclamei quando ainda estávamos a um quarteirão da escola.

Levei a mão à nuca, onde algo tinha me acertado.

Quando ergui os olhos, Carter Rose estava sorrindo para mim. Apontou na minha direção e então saiu correndo para a escola. Era assim que os garotos do segundo ano paqueravam: acertando a sua cabeça.

– Foi isso mesmo? O Carter deu um tapa na minha nuca? – perguntei, com as orelhas ainda zunindo.

– Ele gosta de você – Sylvia disse com um sorriso largo, observando-o se fundir à massa de gente que caminhava devagar à nossa frente. – Você devia dar uma chance a ele. É gatinho *e* joga lacrosse. Vocês dois têm muita coisa em comum.

– Eu jogo hóquei na grama. São esportes totalmente diferentes. Você sabe disso, né? – perguntei, um pouco irritada. Sylvia sempre me empurrava para os garotos, qualquer um. – Além disso, o Carter é como um cachorro hiperativo. Não, obrigada.

– É, mas é um cachorro hiperativo *fofo*.

Alto e meio desengonçado, de cabelo loiro desarrumado e rosto anguloso, Carter conquistava muitos corações. Mas não o meu. Eu ainda não tinha certeza de qual era o meu tipo, mas não era ele.

– É, mas não, valeu – murmurei. – Quando precisar que me arrumem um namorado, eu aviso.

– Como quiser. – Sylvia deu de ombros quando avistamos os degraus na frente da escola, com a multidão aglomerada em torno deles.

O guarda, Will, estava de pé no alto da escada, acenando com as mãos grandes e gordas para que todos entrassem. Quando paramos atrás do grupo de pessoas, Sylvia agarrou meu braço e me puxou na direção dos arbustos.

– Ai, Sylvia. O que você está fazendo?

– Foi mal – ela disse. De repente, sua voz estava elétrica e os olhos se moviam rapidamente, como se ela quisesse se assegurar de que ninguém estava ouvindo. – Eu ia guardar o segredo para não dar azar, mas não aguento mais. *Preciso* contar para você.

– Contar o quê?

Eu tinha que reconhecer que aquele era um ótimo começo. Por outro lado,

eu sabia que não devia criar muita expectativa. Sylvia era capaz de transformar o modo como alguém parava para amarrar os cadarços em um evento extraordinário.

– Ontem eu falei oi para ele – disse ela, chegando ainda mais perto de mim – e você *não* vai acreditar no que aconteceu!

– Ele quem? – perguntei. Percebi que eu devia saber, mas depois fiquei desconfiada. De repente Sylvia estava agindo feito uma doida. Da última vez em que ela agiu assim, tinha sido por um péssimo motivo. – Você não tomou o calmante da sua mãe de novo, né? Não devia entrar na escola se...

– Eu não tomei nada! – Sylvia gritou tão alto que várias pessoas, a maioria delas mães, se voltaram para nós.

– Está bem, foi mal – murmurei. Pus as mãos para trás, para que ela não me puxasse de novo. – Eu só estava tentando ajudar.

– Eu não preciso da sua ajuda, ok? – ela disse. – Eu *tenho* mãe, lembra?

– Poxa, tá bom.

Sylvia era assim. Não tinha filtro. Dizia coisas realmente cruéis sobre meu pai inexistente e minha mãe que nunca estava em casa. *Amelia, a pequena órfã*, me chamara certa vez. Fazia isso quando sentia que eu a tinha magoado primeiro. Esse não era seu melhor lado. E às vezes eu gritava com ela quando fazia isso. Mas tentava ignorar as coisas que ela dizia sobre minha mãe porque, no fundo, acho que ela sentia ciúme. Minha mãe era tudo o que eu tinha e não ficava muito em casa, mas o tempo que passávamos juntas era sensacional e, quando minha mãe não estava, eu sabia que ela gostaria de estar. Às vezes discutíamos por bobagens, mas eu sempre soube que ela me amava. Eu sabia *de verdade*. A mãe de Sylvia, Julia, parecia ser ótima, mas Sylvia meio que a detestava. Nunca entendi bem por quê.

– Eu só estava tentando contar uma coisa que aconteceu. – Agora Sylvia estava ressentida. – Era importante para mim. Mas, se você não liga...

– Eu ligo – falei, engolindo a alfinetada sobre minha mãe. Sylvia não tinha como deixar de ser Sylvia. – Vamos lá, me conte. Estou prestando toda a atenção agora.

Sylvia olhou ao redor mais um minuto com a cara fechada, como se houvesse alguma chance de ela não me contar o segredo. Só que a quem mais poderia contar?

– Está bem – ela disse por fim, um sorriso travesso voltando a despontar em seu rosto. – Ian Greene – sussurrou. – Eu finalmente falei oi para ele ontem, e adivinha o que aconteceu?

Sylvia estava mais obcecada por Ian Greene do que jamais estivera por qualquer outro garoto na vida. E isso não era pouca coisa.

Nós duas o vimos pela primeira vez na semana anterior ao início das aulas. Estávamos deitadas lado a lado na minha cama, com meu laptop sobre os joelhos, olhando o novo "livro de alunos" de Grace Hall, que tinha acabado de ser publicado online. Ian Greene era um aluno novo. Com cabelos perfeitamente imperfeitos e olhos escuros e temperamentais, não havia dúvida de que era gato. Até eu percebia isso. Além do mais, sob seu nome estava escrito "Hampstead Heath, Reino Unido", o que significava que devia ter sotaque britânico. E Hampstead Heath parecia refinado. Até mesmo nobre. Até onde eu imaginava, Ian Greene podia muito bem ser da família real.

– Deixe de ser boba – Sylvia dissera quando sugeri isso. Ela havia estado na Inglaterra várias vezes. – Hampstead Heath é tipo o Brooklyn de Londres, só que lá todos moram em minimansões de zilhões de dólares. – Então, voltou-se para mim e sorriu. – Mas nunca se sabe. Ele pode ser tipo um conde ou algo assim.

Não é de surpreender que Sylvia não fosse a única pessoa empolgada com a chegada de Ian Greene. Metade das garotas do ensino médio de Grace Hall já estava de olho nele antes do primeiro dia de aula. E até eu devo admitir que ele era o máximo. Tinha um carisma natural de *bad boy* e um sorriso torto e rápido que tornava difícil deixar de olhar para ele. Tocava violão e compunha música, mas seu verdadeiro talento era a fotografia, assim como o de seu pai, cujas fotografias, diziam, estavam expostas no Museu de Arte Moderna de Nova York. A família Greene se mudara para lá porque a mãe de Ian iria assumir o cargo de curadora-chefe do Museu do Brooklyn.

E Ian não perdeu tempo em tirar vantagem de toda essa atenção feminina. Porém, de algum modo, o jeito modesto com que ele levava para a cama toda garota que passasse pela sua frente fazia tudo aquilo parecer civilizado.

– Você nem vai me perguntar? – Sylvia insistiu, dando uma olhada na direção dos degraus de Grace Hall.

– Perguntar o quê? – Eu tinha perdido totalmente o fio da conversa.

– O que aconteceu quando falei oi pro Ian! – O tom dela era de indignação e Sylvia até bateu o pé no chão.

– Ah, é, claro. O que aconteceu?

Ela estreitou os olhos e me observou durante um segundo.

– Ele veio até a *minha casa* – ela revelou, finalmente. – E... – Sylvia olhou ao redor outra vez, mas o grupo concentrado na escada estava diminuindo, pois a maioria das crianças, ou as que estavam no horário, já tinha entrado. Ela levou a mão aos lábios e arregalou os olhos. – A gente se beijou *pra valer.*

– Sério? – perguntei, tentando parecer entusiasmada. Na verdade, eu me sentia ofendida. Nem sabia por quê. – Isso é o máximo!

Eu tinha que dar o braço a torcer. Muitas vezes Sylvia exagerava, mas esta

era uma grande notícia. Ian Greene podia escolher quem quisesse, mas tinha escolhido Sylvia, pelo menos para uma tarde e um beijo. Não era exatamente surpresa que ela tivesse chamado a atenção dele. Os garotos sempre adoraram Sylvia. Era bonita e tinha curvas nos lugares certos. Como, aliás, muitas meninas de Grace Hall. Mas Sylvia tinha algo mais. Tinha algo de selvagem escondido dentro de si que a tornava divertida, imprevisível e só um pouquinho perigosa. Claro, era exatamente isso que, após um tempo, acabava afastando os garotos. Afinal de contas, há uma linha tênue entre ser aventureira e ser doida de pedra.

Mas então, se ficar com Ian era uma grande notícia, por que eu me sentia tão irritada? Minha nossa, eu estava com ciúmes? Não por Sylvia ter beijado Ian Greene. Acho que estava com ciúmes porque ela quis beijá-lo e conseguiu. Eu não conseguia me imaginar sentindo isso por ninguém, muito menos agindo normalmente até alcançar o objetivo.

– Eu sei. É uma loucura, não é? – Sylvia concordou depressa, mordendo o lábio. Agora parecia estar nervosa. – Só que eu não sei o que fazer quando me encontrar com ele agora. É melhor agir como se nada tivesse acontecido? Se eu for simpática demais, ele vai pensar que sou uma idiota. Mas também não quero que ache que sou uma vadia. – Ela parecia estar sofrendo. – Sei que você não tem a menor noção desse tipo de coisa, mas acha que eu deveria ir falar com ele?

– Hum, não sei se você deveria, tipo, correr atrás dele – respondi, tentando parecer segura. – Mas também não o ignore. O Ian é o tipo de cara que também acharia isso idiota.

– Isso *não* ajuda *nem um pouco*, Amelia. Preciso de instruções específicas. – Quando ela se aproximou, dei um passo atrás. Tinha medo de que ela me puxasse pelo braço de novo. – Você tem que me dizer *exatamente* o que fazer.

– Em primeiro lugar, respire – falei.

Não importa o que fosse aquele ciúme estranho que eu havia sentido, passou tão depressa quanto surgira. Agora eu estava cem por cento focada em ajudar Sylvia. Pus as mãos nos ombros dela, segurando-os até que ela respirasse fundo duas vezes.

– Isso é bom, lembra? O Ian não a teria beijado se não gostasse de você.

Sylvia olhou para baixo, mexendo os pés. Estava ficando tarde. Restavam poucas pessoas na calçada. Will continuava de pé ao lado do portão aberto, mas o fecharia a qualquer instante. Quando isso acontecesse, estaríamos oficialmente atrasadas. Era provável que eu pudesse me atrasar seis semanas seguidas antes de a escola pensar em tomar alguma providência, então tentei não me importar. Mas não tinha como. Ainda mais porque eu nem estava atrasada *de verdade*.

– Mas e se fui *eu* que o beijei? – ela perguntou. – Quero dizer, ele me levou em casa e ficamos conversando sobre fotografia, aí nos sentamos na entrada e

conversamos sobre música e moda, é claro, e então... eu... – Ela cobriu a boca com a mão outra vez e se voltou para mim com os olhos arregalados, ensandecidos. – Ai, meu Deus. Acho que foi. Fui *eu* que o beijei.

– Mas ele beijou você também, não é?

– E se não tiver beijado? – A voz de Sylvia estava alta e esganiçada.

– Ora, você teria percebido se ele não estivesse retribuindo o beijo.

– Como é que *você* sabe? – ela rebateu, e então olhou para baixo. – Foi mal, mas é verdade. Enfim, mesmo que ele tenha me beijado também, talvez só estivesse sendo educado.

Aquilo estava começando a se tornar doloroso. Eu sabia que a única saída segura era fazer o que Sylvia realmente queria: inflar seu ego. De modo geral, era sempre isso que ela buscava na vida.

– O Ian Greene me parece ser bem inteligente. Tenho certeza de que ele percebe como você é demais. Agora, tudo o que tem que fazer é *não* agir de um jeito bizarro perto dele.

Entrelacei meu braço ao de Sylvia e a puxei rumo à escola. Will olhou em nossa direção e estreitou os olhos. Eu acenei, torcendo para que ele esperasse. Ele se inclinou para a frente e protegeu os olhos com a mão. Então, balançou a cabeça e começou a falar consigo mesmo. Eu fiz Sylvia acelerar.

– Desculpe! Estamos chegando! – gritei para ele e então me voltei para Sylvia e fiz cara feia. – Vamos, chegar atrasada não vai ajudar em nada.

– Você vai precisar de muito mais do que um atraso pra ficar fora de Harvard – Sylvia disse, revirando os olhos. – Além do mais, não foi pintar o rosto das criancinhas ou qualquer coisa assim no Festival do Outono, no último fim de semana? Isso deve valer um passe livre por pelo menos uma semana.

– Eu só ajudei a montar tudo – respondi, embora eu tivesse pintado o rosto de uma criança. Na verdade, foi menos divertido do que parecia. – Além do mais, Harvard? Eca! Quem foi que disse...

Meu telefone apitou com a chegada de uma mensagem de texto. Tentei continuar andando enquanto o tirava da bolsa. Era de Ben.

Esqueci de dizer. Acho vc incrível. Exatamente do jeito que é.

– Ah, não! – exclamou Sylvia por sobre meu ombro. Estava olhando para o meu telefone. – Você *ainda* está falando com aquele cara esquisito?

Eu nunca devia ter contado sobre Ben para Sylvia, para começo de conversa. Na verdade, não contei. Duas semanas antes, ela havia pegado meu celular, sem me perguntar, e lido uma mensagem que eu tinha recebido dele enquanto estava no banheiro.

– Hum, guardando segredinhos, é? – ela perguntou, rolando na minha cama, segurando o telefone acima da cabeça. – “Sinto que ninguém me entende como você”? Tenho que dizer que me sinto um tanto insultada por isso, Amelia. A menos, claro, que você esteja transando com esse tal de Ben. Nesse caso, parabéns pra você. Por outro lado, estou ofendida por você não ter me contado.

Eu estava na porta, de braços cruzados, trincando os dentes com tanta força que parecia estarem a ponto de rachar. Eu não queria explicar nada sobre Ben para Sylvia. Sabia que ela me faria sentir idiota. Ela deu um salto na minha cama.

– Meu Deus! É verdade! Você transou mesmo com esse cara!

– Não, Sylvia. Pare com isso, sério.

– Meu Pai! Vocês transaram, sim! Quem ele é? Como ele é? Não acredito: minha menininha ficou adulta e me deixou de fora do *lance todo*. – Na verdade, Sylvia parecia estar entusiasmada por mim. – Tudo bem, estou disposta a perdoá-la por não me contar antes, *desde que* você me conte tudinho agora mesmo. Começando com uma foto desse tal de Ben. Você tem uma foto do garoto que a deflorou, não tem? É aquele garoto de Packard que você conheceu num jogo de hóquei, não é?

Fui até ela e arranquei o telefone de sua mão.

– Não, não é aquele garoto de Packard – respondi, enfiando o celular no bolso traseiro da calça. – E ele não me deflorou, o que, aliás, é a coisa mais nojenta que você já disse.

– Nojenta? – Sylvia perguntou, cerrando os punhos e apertando-os contra o peito, enquanto piscava várias vezes. – Perder a virgindade é algo lindo. Ah, minha menininha...

– Sylvia, chega! – gritei. – Só porque você é uma vadia, não quer dizer que todo mundo tenha que ser igual.

Eu me ouvi falar isso e mal acreditei que tinha dito.

– Vadia? – Sylvia reagiu como se eu tivesse lhe dado um tapa. – Que legal. Valeu, amiga.

O pior é que era verdade. Sylvia havia dormido com nove garotos desde que perdera a virgindade, na sétima série. Na maior parte do tempo, agia como se não ligasse. Mas eu a conhecia. Era sua melhor amiga. E Sylvia podia me dizer coisas cruéis o tempo todo, mas nem por isso era capaz de aguentar o troco na mesma moeda.

– Você sabe que não falei por mal – expliquei. – Eu só... realmente não quero que você “fique me zoando” por causa disso.

– Eu não estava “zoando você” – Sylvia disse, cruzando os braços, indignada. – Mas não acredito que esteja saindo com um cara e não tenha me contado. Eu conto *tudo* para você.

– Ele é só um amigo – insisti, e Sylvia revirou os olhos. – De verdade. Nunca nos encontramos ao vivo.

– Como assim?

– Ele também se inscreveu naquele programa de verão em Princeton – expliquei, já me preparando para a reação de Sylvia. – Trocamos e-mails, mensagens de texto e tal. Só isso.

– *Só* isso? – Sylvia ficou de boca aberta. – Você anda trocando e-mails com outras pessoas que se inscreveram naquela convenção de *nerds*?

– Não. – Revirei os olhos. – O Ben foi o único que me escreveu. Acho que ele conseguiu os nomes das outras pessoas de Nova York que se inscreveram.

– A-hã – Sylvia murmurou, com um meio sorriso. – Quer apostar quanto que ele não anda escrevendo para nenhum dos meninos da lista?

O pior é que, no início, eu realmente meio que torci para que Ben e eu acabássemos nos envolvendo. Nunca conseguira me abrir com um garoto como aconteceu com Ben e comecei a pensar: “Nossa, enfim aconteceu. Quer dizer que não sou tão esquisita. Eu só tinha que conhecer o garoto *certo*.” Mas foi como se Ben tivesse lido a minha mente, porque no dia seguinte me contou que é gay.

– Sylvia, chega. – Eu estava começando a ficar furiosa. Ela nunca era capaz de deixar um assunto morrer. – Sério.

Eu poderia ter contado para Sylvia que Ben era gay naquela hora. Provavelmente isso teria encerrado a conversa. Mas, no fundo, gostava de deixá-la pensando que ela não sabia tudo a meu respeito.

– A-hã. E onde é que esse tal de Ben estuda?

Parecia que ela *poderia* considerar Ben um amigo adequado para mim, desde que atendesse a certos critérios. Como frequentar uma escola aceitável. Para Sylvia, Packer, Trinity e St. Anne’s estavam aprovadas. Mas todo mundo de Collegiate e Dalton era babaca – o que queria dizer que ela havia dormido com mais de um garoto dessas escolas e levara um fora.

– Ele estuda numa escola pública, em Albany.

– Ele mora em *Albany*? – Sylvia reagiu, como se eu tivesse dito que ele tem herpes. – Você não pode estar falando sério. Isso nem conta como Nova York. Nem acredito que você vai ter, tipo, um romance à distância com um mané de *Albany*.

– Pela última vez, Sylvia, somos só amigos! – gritei. – Por que não posso ser só amiga de um cara e ficar por isso mesmo? Talvez eu nem queira ter um

namorado.

Só depois que as palavras saíram da minha boca percebi como eram verdadeiras.

Duas semanas depois, eu ainda não queria um namorado. E não havia nada de errado com o fato de uma garota de 15 anos não querer um. Como Ben dissera, não havia nada de errado *comigo*. A loucura de Sylvia por garotos não mudava isso. *Ela* é que tinha um problema. Não eu.

– Sylvia, pela milésima vez, o Ben é meu amigo – falei, parando no pé da escada da entrada de Grace Hall para responder à mensagem dele. – E, como eu também já disse mil vezes, ele é *gay*, lembra?

Àquela altura, eu já tinha contado. Ela havia me infernizado demais com tudo aquilo para não contar.

– Vou fechar o portão em trinta segundos! – Will gritou.

Mas Sylvia tinha razão: eu podia me atrasar. E, se não respondesse para Ben agora, não poderia responder o dia inteiro. Comecei a digitar. Sylvia bufou e então começou a subir os degraus. Estava com ciúmes. E, em parte, com razão. Não é que eu gostasse *mais* de Ben do que dela – Sylvia sempre seria minha melhor amiga –, mas às vezes era muito mais fácil ser amiga dele.

– Por causa *dele* você se atrasa, né? E ainda acha que *eu* é que ponho os garotos acima de você – Sylvia reclamou, balançando a cabeça enquanto marchava. – Até mais tarde. Talvez depois você tenha mais tempo para mim e o meu drama chato por causa do Ian. Aliás, aposto o que você quiser que esse tal de Ben não é gay. Mesmo se ele mandar uma foto transando com outro cara.

Sylvia se esgueirou para dentro da escola no momento exato em que Will soltou o portão. Eu o vi se fechar. Agora não havia mais pressa alguma. Eu estava oficialmente atrasada, o que, de uma forma meio peculiar, era libertador.

Vlw. Não sei o q eu faria sem vc.

Apertei Enviar e esperei.

Quando meu telefone tocou de novo, olhei para ver o que Ben tinha respondido. Mas a mensagem não era dele. Era de um número bloqueado.

“Grande gramado” do Prospect Park, 15h. Esteja lá. Mas é só para aves de um mesmo bando. Venha sozinha ou não venha.

Kate

5 DE SETEMBRO DE 1997

Eu tinha feito oito testes.

Mas o simbolozinho de "mais" no mostrador nunca mudou. Não importava se eu fizesse o teste tarde da noite ou de manhã bem cedo. Ou depois de três taças de vinho. Todos ainda davam positivo.

Hoje, o médico da faculdade confirmou os testes de urina com outro teste de urina. Uma parte de mim – aquela parte ridícula que fez todas as escolhas que me trouxeram até aqui – pensou que talvez o nono fosse o da sorte. Não foi. Os médicos da faculdade me encaminharam para um ginecologista-obstetra.

O ginecologista confirmou "a gravidez" com um ultrassom. Eles não falam "bebê" quando acham que você pode não querer estar grávida. Pode ser que decida não dar continuidade.

Estou com nove semanas, aproximadamente. Não sabem dizer com certeza, nem eu.

Afinal, não foi só um erro, uma única vez. Foi um verão de más escolhas provocadas por uma vida inteira fazendo as escolhas certas. Pe lo visto, eu só conheço um jeito de errar: magnificamente.

Quando eu era pequena, praticava piano sem ninguém mandar e sempre escolhia uma matéria eletiva. Era a representante da turma na escola particular de elite de Chicago. Eu me formei com mérito na Duke e fui estudar Direito na Universidade de Columbia. Caramba, sou editora assistente da Columbia Law Review!

Mas é claro que isso é um currículo, não uma pessoa. Uma pessoa é o que está começando a crescer dentro de mim. E essa sementinha minúscula de um menino ou uma menina não liga para nada disso. Só quer o meu amor.

E como eu poderia recusar, quando isso é tudo o que eu sempre quis? É claro que, em 24 anos, o amor é a única coisa em que eu jamais cheguei perto de ser boa.

Então acho que eu não posso prometer amar direito esse bebê. Mas posso prometer que vou tentar.

Kate

26 DE NOVEMBRO

Ainda eram oito e meia da manhã quando Kate saiu do elevador no andar do escritório. Encontrou tudo quieto e a maioria das luzes apagada. Uma única lâmpada brilhava acima da mesa vazia da recepcionista, iluminando de modo assombroso um enorme vaso de lírios sobre ela. Era uma piada de péssimo gosto essas flores serem a primeira coisa que Kate via no dia que voltava ao trabalho. Sua mãe, Gretchen, em um único esforço para se mostrar útil – uma mera formalidade –, escolhera lírios para o enterro de Amelia. Eram bonitos e singelos. E terríveis.

Ao olhar para as flores, uma queimação familiar ardeu no fundo da garganta da Kate. Ultimamente, essa queimação era sempre seguida de uma corrida enlouquecida ao banheiro, onde Kate passava dez minutos debruçada sobre o vaso, vomitando ou, o que era mais frequente, apenas tendo convulsões. E os acessos de náusea eram deflagrados por quase tudo: a visão do cereal preferido

de Amelia no mercado, um catálogo de equipamentos para hóquei na grama na caixa do correio, botas de adolescente. A única coisa que parecia ajudar de alguma forma era não comer nada. No mês que se seguira à morte de Amelia, Kate perdera 6,5 quilos. Passara a usar roupas largas para esconder o corpo esquelético.

– Como você faz para ficar tão esbelta, querida? – uma meiga idosa lhe perguntara outro dia, na farmácia.

É simples, Kate teve vontade de responder. *Já estou morta.*

Em vez disso, apertou os lábios com tanta força que seus olhos lacrimejaram enquanto ela recebia os remédios controlados. Os mesmos que a terapeuta garantira que a ajudariam com a náusea e a insônia. Na verdade, não haviam mudado nada. Apenas fizeram com que ela se sentisse embaixo d'água. Kate continuava a tomá-los na esperança de, alguma hora, acabar se afogando.

Voltar ao escritório tinha sido uma má ideia. No mínimo, Kate precisava sair do hall e chegar à sua sala. Mas não conseguia desgrudar os olhos das flores. Ali, congelada na saída do elevador, ficou contente por pelo menos ter decidido chegar cedo. Assim, se vomitasse no chão, daria tempo de limpar. E talvez nem precisasse ver ninguém. Esse era o plano: passar o dia todo dentro de sua sala, reconfortada por saber que havia pessoas – gente viva, que respirava – devidamente isoladas do outro lado da porta trancada.

Ela certamente seria incapaz de trocar gentilezas com quem quer que fosse. Afinal, o que poderiam lhe dizer? Sinto muito? Sinto muito pela morte da sua filha. Sinto muito que sua filha tenha pulado do telhado da escola quando você estava indo buscá-la. Sinto muito por você ter chegado tarde. Que pena que você vai passar o resto da sua vida infeliz remoendo essa falha.

Assim como Kate não queria bater papo com ninguém, com certeza as pessoas também iriam querer evitá-la. Ninguém fazia questão de conversar com a mãe de uma jovem que acabara de se matar. Kate podia ter poupado a todos o desconforto ficando bem mais tempo em casa.

– Tire três meses de licença, pelo menos, e depois passe mais um ou dois trabalhando de casa – Jeremy lhe dissera no enterro.

Seus olhos estavam úmidos e avermelhados e pela primeira vez Kate sentira que todas as demonstrações de afeto dele ao longo dos anos não tinham sido encenação. Ninguém era tão bom ator assim. Sua esposa linda e chorosa, Vera, e os três filhos altos, que olhavam para o chão, estavam ao lado dele. A visão de todos juntos daquele jeito – bonitos, um conjunto completo – quase fez Kate cair de joelhos.

– Você sabe quanto todo mundo na empresa gosta de você, Kate. Mas podemos segurar as pontas durante todo o tempo que precisar.

Quando a esposa dele se aproximou para abraçá-la, Kate apertou suas costas com força, enterrando o rosto nos cabelos longos e cheirosos de Vera. Tinha sido exagerado, impróprio até, considerando quão pouco as duas se conheciam. Mas havia tanta vida em torno de Vera... Kate sentira medo do que aconteceria quando a soltasse.

Ficar em casa acabara se mostrando mais simples na teoria do que na prática. Kate passara os primeiros dias após a morte de Amelia acompanhada pelos três amigos de faculdade mais próximos. Eles a mantiveram de pé, a fizeram comer, tomar banho e respirar. Mas todos tinham suas próprias famílias, para as quais precisaram voltar pouco depois do enterro. Até mesmo Seth, ex-namorado de Kate da faculdade e agora seu melhor amigo, que fora tão doce e prestativo, acabara aparecendo cada vez menos. Kate insistira nisso. Seus dias naquele confortável estado pseudomarital impossível haviam ficado para trás. Agora Seth tinha um marido, Thomas, e uma filha que precisava dele.

A mãe e o pai de Kate também haviam passado por lá. De forma estratégica, chegaram com certo atraso, só na véspera do enterro. Convenientemente, tinham esperado que a reação mais desagradável de Kate houvesse diminuído. Seus pais sempre desdenharam as grandes demonstrações de qualquer tipo de emoção – raiva, desespero, alegria, amor – de qualquer pessoa. Mas sobretudo de sua única filha. Kate aprendera desde cedo o valor de engolir os sentimentos. Porém, com a morte de Amelia, seus pais devem ter suspeitado que não haveria controle algum, então, com sabedoria, esperaram uns dias antes de chegar ao Brooklyn. Perderam a parte em que Kate arranhara os braços até sangrar e soluçara tanto que estourara vasos capilares no rosto. E também foram embora em seguida, quando ficou claro que Kate não recobraria a compostura tão cedo.

Após os pais partirem e todos os seus amigos voltarem às suas vidas sempre tão ocupadas, Kate ficou sozinha. De novo. Como sempre fora antes de Amelia.

Passara duas semanas em casa, imersa no silêncio mortal, envolta em culpa e pesar, sentindo como se sua pele se rasgasse em faixas e caísse como folhas de celofane. Olhava para o teto e soluçava até que todo o seu interior se esvaziasse, tornando-se um casco oco e consumido. Pensava em como sua vida sem Amelia não seria nada além de um enorme vazio inexplicável. Somente ela. Sozinha. Para sempre.

Toda noite em que conseguia pegar no sono, Kate sonhava que estava caindo – do telhado de Grace Hall, da janela de seu escritório, do alto de uma escada – e despertava sobressaltada pouco antes de bater no chão. E toda manhã,

ao acordar, sentia a necessidade de ir até o terraço, onde abria uma janela e se debruçava para o lado de fora, segurando-se do batente e olhando para baixo. Mas obrigar-se a ver o que Amelia vira nos últimos segundos de vida nunca seria punição suficiente. Nada jamais seria punição suficiente.

Pois era culpa de Kate, é claro, que Amelia tivesse morrido. Que tivesse se *matado*. Era dever da mãe proteger um filho, inclusive de si próprio. E Kate falhara completa e terrivelmente.

Também pensava em suicídio com frequência. Em como fazê-lo – com os muitos tranquilizantes –, onde – na cama – e quando – imediatamente. A convicção de que precisava pagar por seus erros catastróficos convivendo com a culpa era o único motivo real para não ter levado o plano a cabo. Kate voltara ao trabalho quando não pôde mais suportar ficar ali sentada, decompondo-se pouco a pouco.

E assim, ali estava ela, de pé em umas das muitas áreas de recepção da ilustre Slone & Thayer – quatro semanas, dois dias e 16 horas depois de Amelia ter pulado do telhado de Grace Hall –, perguntando-se como é que alguma vez se importara com o que acontecia ali. Pois não se importava. Não mais. Nem de longe. Não dava a mínima para nada.

O som do elevador chegando atrás de Kate fez com que ela andasse depressa pelo corredor antes que alguém saísse de dentro dele. Apertou o passo ao fazer uma curva, justo quando a luz de uma sala no fim do corredor se acendeu. Devia ter imaginado que já haveria alguém ali, por mais cedo que chegasse. Em um lugar como a Slone & Thayer, sempre havia alguém.

– Ei! – gritou uma pessoa quando ela estava prestes a abrir a porta.

Kate se assustou e deixou cair as chaves. Daniel Moore. Logo quem! Kate sabia que era ele sem precisar levantar os olhos. Era a última pessoa que queria ver no momento. Ele se apressou e pegou as chaves do chão antes que ela se abaixasse.

– Não quis assustá-la. Só fiquei... surpreso. Pensei que fosse passar um tempo trabalhando de casa.

Parecia estar desapontado, mas tentava disfarçar. Kate não se surpreendeu. Para Daniel, um sócio júnior a menos era um concorrente a menos. Não que a relação deles fosse simples coleguismo profissional. Desde que se conheceram, na primeira semana do curso de Direito em Columbia, haviam oscilado entre o respeito distante, a hostilidade franca e algo mais, algo substancialmente mais humilhante, que Kate lutara durante muito tempo para esquecer. Apesar de tudo, ela muitas vezes conseguira. Agora, porém, aquele histórico desagradável pairava sobre sua cabeça.

– Estava dia após dia em casa, sozinha... Precisava ir a algum lugar – Kate

disse, encontrando os olhos de Daniel pela primeira vez desde que ele lhe entregara as chaves.

Ele estava com a gravata frouxa no pescoço e uma camisa amarrotada. Tinha a barba por fazer e os olhos irritados, como se houvesse passado a noite toda acordado. Porém, o efeito tornava Daniel mais atraente. O cabelo louro perfeitamente aparado e a escolha meticulosa das roupas sempre foram, para Kate, alguns de seus piores atributos. Mas não *o* pior. O pior atributo de Daniel era a completa falta de compaixão.

– Você está com cara de quem passou a noite aqui.

Daniel olhou para suas roupas e deu um sorriso acanhado.

– O caso do Banco Associado meio que explodiu.

A voz tentava demonstrar que isso era ruim, mas o brilho em seu olhar o contradizia. As carreiras de Kate e Daniel na Slone & Thayer tinham caminhado lado a lado desde que eles entraram na empresa como associados temporários. Uma década e meia depois, eram sócios respeitados, especializados em contencioso. Mas somente Kate era discípula de Jeremy, desigualdade que parecia deixar Daniel profundamente desnorteado, embora ele não o demonstrasse. Lidar com o banco na ausência dela fora uma enorme oportunidade para ele.

Kate percebeu que Daniel estava desesperado para que ela perguntasse mais sobre o caso. Mas ela não queria saber se a grande novidade era que a Comissão de Valores Mobiliários tinha submetido Victor Starke a uma revista completa. Jeremy não medira esforços para assegurar que ela não precisava se preocupar com Victor nem com o Banco Mútuo Associado enquanto estivesse de licença, e Kate de fato não se preocupara. Agora que estava de volta, não conseguiria se obrigar a se importar, nem se tentasse.

– Explodiu – Kate se ouviu dizer.

Era mais uma afirmação do que uma pergunta. Ainda assim, detestava dar a Daniel a satisfação de uma aparente curiosidade.

– Não num sentido ruim – Daniel explicou, ansioso. – No fim, a intimação foi mesmo invalidada. A CVM recorreu, claro. – Ele deu de ombros, como se aquilo não passasse de rotina. – O julgamento do recurso é hoje. Passei metade da noite discutindo o caso com o Jeremy pelo telefone. Sabe como ele é esperto. Até vira a noite, mas em casa, para não chegar aqui todo detonado. Por falar nisso, é melhor eu ir tomar um banho. O Jeremy disse que eu podia participar do julgamento. Não quero lhe dar um motivo para me deixar na porta do tribunal.

– Certo. – Kate tentou sorrir, mas não conseguiu. Queria se livrar de Daniel, e *já*. – Não quero atrapalhar. Até porque é melhor eu ficar na minha sala. Não estou em condições de aparecer em público.

– Certo – Daniel disse, estreitando ligeiramente os olhos, como se considerasse dizer mais alguma coisa, mas mudasse de ideia. – É bom ver você, Kate. Que bom que conseguiu voltar. A gente... a firma sentiu a sua falta. Se eu puder fazer alguma coisa, é só dizer.

Daniel estava se esforçando para ser gentil e Kate podia perceber isso. A intenção dele era boa – ou pelo menos não era péssima –, embora não houvesse absolutamente nada que ninguém, muito menos ele, pudesse fazer por ela.

– Agradeço, Daniel – respondeu. – Agora é melhor você ir. Boa sorte.

– Obrigado – disse ele, enchendo as bochechas e exalando. – Acho que vou precisar.

Kate fechou a porta da sala e se apoiou nela durante um minuto, antes de tomar impulso e largar suas coisas sobre a mesa. Fez questão de não olhar pela janela, para a densa paisagem urbana lá embaixo. A sala de Kate ficava no 28º andar, próxima do canto do prédio, então, se chegasse perto da janela e olhasse para baixo, veria a Rua 43 e a Sétima Avenida. Mas olhar para baixo daquela altura e imaginar – como certamente faria – o que Amelia devia ter sentido ao cair só a deixaria nauseada outra vez.

O computador nem acabara de ser iniciado quando o telefone de sua sala tocou. O identificador de chamadas indicava UNIVERSIDADE DE CHICAGO e mostrava o telefone central do campus. Em tese, poderia ser tanto seu pai quanto sua mãe. Com muitos anos de dedicação a seus respectivos campos de trabalho, Gretchen Deal e Robert Baron eram professores, a mãe na Faculdade de Medicina e o pai na de Administração. Mas Robert – o mais distante, embora comparativamente mais afável dos dois –, nunca telefonava para Kate. Às vezes mandava um e-mail e tinham conversas agradáveis quando se encontravam uma vez por ano, no Natal. Mas, para Robert, o telefone era íntimo e deliberado demais.

Kate observou o aparelho, tentando decidir se deixava cair na caixa postal ou não. Mas Gretchen era implacável. Se quisesse que Kate ouvisse algo que tinha a dizer, caçaria a filha e a obrigaria a escutar até a última palavra de sua inteligente reflexão. Por fim, Kate respirou fundo e atendeu.

– Kate Baron – disse em voz baixa, fingindo não saber quem estava do outro lado da linha, como se, por magia, pudesse fazer com que fosse outra pessoa.

– Você está aí! – a mãe exclamou, entusiasmada. – Eu estava torcendo para você conseguir.

Gretchen fora a maior defensora da ideia de que Kate voltasse a trabalhar o

mais depressa possível. Imediatamente, de preferência. Gretchen deixara claro que só insistia nisso porque seria melhor para Kate sair de casa e se distrair. Mas Kate conhecia bem a mãe. Na verdade, Gretchen devia estar mais preocupada com a possibilidade de Kate perder alguma oportunidade importante de avançar na carreira.

– É, estou aqui. – Kate suspirou. – Consegui.

– Acho mesmo que isso é o melhor para você, Katherine – disse Gretchen, naquele seu ritmo rápido que sempre fazia Kate sentir como se um alarme estivesse prestes a disparar. – Estou certa de que sentiram sua falta aí. Principalmente Jeremy. Ele depende de você mais do que pensa.

– Ele trabalha com duas dúzias de sócios juniores. Depende de todos nós – Kate disse, monocórdia.

Estava irritada por ser esse o motivo do telefonema da mãe. E mais irritada ainda por se irritar com isso. A esta altura, Kate devia estar acostumada com o fato de o foco de Gretchen ser sempre o trabalho. Ela havia telefonado de dois em dois dias desde a morte de Amelia e, em todas as conversas, demonstrara estar muito mais preocupada com o estado da carreira de Kate do que com sua perda.

– Tenho certeza de que ele sobreviveu muito bem sem mim – acrescentou Kate.

– Eu não teria tanta certeza – disse Gretchen, erguendo o tom de voz como quem diz “eu não avisei?”. – Em todo caso, acho que é um bom progresso. Um avanço. Olhar o lado positivo.

Kate sentiu o estômago se contrair.

– Lado positivo?

– É, Katherine, para toda essa terrível confusão.

– Confusão?

Como se a lembrança de Amelia fosse algo que pudesse ser varrido e jogado no lixo.

– Você vai ficar brava comigo por dizer isto, mas alguém tem que dizer.

Gretchen sempre dava um jeito de se pôr na posição de heroína e mártir ao mesmo tempo, até em situações que não tinham nada a ver com ela.

– O quê? – Kate se ouviu perguntar, embora não tivesse a menor vontade de saber.

– Amelia se foi, Katherine. É uma tragédia indescritível – falou Gretchen em tom ríspido. – Mas também é um fato da vida. Vida que, pelo que me consta, você ainda está vivendo. Pessoalmente, eu acho que seria mais fácil para você seguir em frente se tirasse proveito da sua nova liberdade.

– Liberdade? – A palavra soou pegajosa.

– Ora, querida, não se faça de obtusa – disse Gretchen. – *Eu* também trabalhava quando tive você, lembra? Sei o estresse que é viver dividida entre o trabalho e a família. É a essa liberdade que estou me referindo. Quem sabe, você talvez até tenha tempo de conhecer alguém agora? A vida é imprevisível. Quem sabe você não começa de novo? A Amelia gostaria disso. Ela iria querer ver você feliz.

O coração de Kate retumbava em seus ouvidos. Ela devia ter imaginado que, em um canto pequeno e escuro do coração, sua mãe veria a morte de Amelia como uma chance de Kate endireitar a vida. Mas dizer isso em voz alta era monstruoso, até mesmo para Gretchen. Kate apertou o telefone com tanta força que pensou que o quebraria ao meio.

– Mãe...

– Sim, querida? – Gretchen parecia muito satisfeita consigo mesma. Como se ter dado a Kate essa orientação brutal fosse um imenso ato de caridade. – Espere, só um segundo. – Ouviram-se vozes ao fundo da linha de Gretchen. – O Lee acabou de passar por aqui. Um repórter do *Times* está me aguardando na outra linha. Parece que eu concordei em dar uma entrevista. Nem me lembro sobre o quê. – Deu uma risada animada. – Mas, enfim, o que você ia dizer?

– Mãe, vá tomar no cu – disse Kate, calmamente. – Era isso que eu ia dizer: vá tomar no cu.

Kate apoiou o telefone delicadamente na base e olhou para ele. Ficou esperando que explodisse. Não explodiu. Não aconteceu nada. Foi libertador encarar a mãe e lhe dizer o que realmente pensava sobre alguma coisa. E também era um pouco constrangedor que tivesse demorado tanto tempo para fazer isso. Mas estava farta de satisfazer os outros, de se comportar bem, de ser educada. Deixara de ser uma boa menina.

Kate deu um suspiro demorado, deixando os ombros se curvarem para a frente. O computador enfim tinha ligado e a caixa de e-mail estava aberta na tela. Ela acessara o e-mail de casa, na noite anterior, por isso havia poucas mensagens; muito menos do que costumava receber antes da morte de Amelia. Contudo, agora que Kate voltara ao trabalho, as pessoas provavelmente entenderiam que não precisavam mais resguardá-la. E, em parte, Kate desejava ser engolida pelo trabalho árduo, mesmo que ele já não significasse nada para ela. Ainda estava encarando a caixa de entrada do e-mail quando seu celular indicou que havia uma nova mensagem de texto.

– Lá vamos nós – murmurou, tateando dentro da bolsa em busca do celular.

Gretchen jamais deixaria barato aquele insulto.

Finalmente, Kate encontrou o aparelho e o pegou. Olhou para a mensagem na tela.

Amelia não pulou.

Kate fechou os olhos com força. Não, aquela mensagem não dizia o que ela pensava que dizia. Não era possível. Apertou ainda mais os olhos antes de voltar a abri-los. Mas, quando fitou de novo o telefone, a mensagem continuava lá. Amelia não pulou. Leu-a mais três vezes, mas as palavras não mudavam. O coração de Kate batia com força quando ela apoiou o telefone no centro da mesa com cuidado. Então, empurrou a cadeira para longe, a fim de observar o aparelho a uma distância segura.

Por favor, foi tudo o que conseguiu pensar. *Por favor, não faça isso comigo. Por favor, não me torture.*

Por que alguém faria uma brincadeira tão doentia? E *quem*? Kate se assustara tanto com a mensagem que nem pensara em conferir quem a havia enviado. Estava inclinada sobre a mesa, espiando o telefone para identificar o remetente, quando a porta do escritório se abriu. Kate se endireitou na mesma hora.

– Minha nossa! – exclamou Beatrice, sua secretária. Encarava Kate como se tivesse ficado louca. – Eu estava a ponto de chamar a segurança quando vi as luzes da sua sala acesas. O que você está fazendo aqui?

– Beatrice, você me assustou – disse Kate, arfando, com uma mão no peito.

– Estou vendo.

Beatrice estudou Kate de alto a baixo, com os olhos bem abertos e uma expressão de reprovação. Mãe de seis filhos, Beatrice tratava Kate e o outro advogado ao qual atendia como se fossem o sétimo e o oitavo.

– Pensei que tínhamos combinado de você tirar pelo menos mais seis semanas, trabalhando de casa. Não vá me dizer que o Jeremy veio com aquela lenga-lenga de “ora, por favor, você é tão talentosa, você é única e tal”. Porque eu juro que vou...

– O Jeremy não me chamou de volta. – Kate balançou a cabeça. – Eu precisava sair de casa.

– E veio para cá? Veio *trabalhar*?

– Eu não tinha para onde ir.

Kate deu uma olhada na direção do telefone. Por um segundo, pensou em contar para Beatrice sobre a mensagem, mas sentiu que seria precipitado. Continuava com esperança de ter imaginado tudo aquilo.

– É melhor você manter a porta fechada – Beatrice aconselhou. – Senão, daqui a pouco aqueles abutres só vão deixar a sua carcaça.

Naquele instante, o rosto de Beatrice congelou, como se ela desejasse

engolir de volta aquela referência inadvertida à morte. Kate queria dizer para ela não se preocupar, que estava tudo bem. Mas só conseguia pensar na mensagem.

Amelia não pulou.

Era especialmente cruel, considerando o tempo que Kate levara para aceitar que a filha *havia* se matado. A ideia de Amelia ter sido pega colando – e em um trabalho de inglês, ainda por cima – era particularmente absurda. Os argumentos do detetive Molina de que todas as provas físicas preliminares indicavam que Amelia cometera suicídio não a haviam convencido, pelo menos no início.

Kate queria alguém para culpar, e a escola fora seu principal alvo – uma fechadura com defeito dando acesso ao telhado, supervisão inadequada, uma situação inerentemente perigosa. Kate também considerara a possibilidade de a filha ter sido empurrada, mas não muito a sério. Que alguém quisesse fazer mal a Amelia era quase tão inacreditável quanto ela própria querer se matar.

E o detetive Molina fizera seu trabalho: examinara o quarto de Amelia e falara com seus professores e amigos; verificara seu computador e telefone; procurara indícios de algo que pudesse ter provocado a queda, uma falha na superfície do telhado, algo em que ela pudesse ter tropeçado. Também buscara sinais de alguma briga. Mas não havia nada, exceto a palavra *perdão* na parede. Uma semana depois, Molina ligara para informar a Kate que o médico legista tornara oficial o resultado preliminar de suicídio. Era isso mesmo: Amelia tinha se matado.

Tudo aquilo levara nove dias. Nove dias para receber a notícia de que a filha que era sua melhor amiga, a filha de quem ela cuidara, com quem rira e a quem amava, tinha sido alguém que ela não conhecera de verdade. Fora alguém repleta de uma tristeza tão imensa que a levara a tirar a própria vida, e de alguma forma Kate não percebera sinal algum.

Tinham até uma explicação pronta para aquilo: suicídio impulsivo. Era mais frequente do que se imaginava, ou ao menos foi o que disse a Dra. Lipton, psicóloga de Grace Hall. Aparentemente, era comum que as pessoas decidissem se matar e executassem o plano em questão de horas. Sem dar seus objetos valiosos a ninguém nem escrever bilhetes de despedida como nos filmes a que Kate assistia quando era jovem. Segundo a Dra. Lipton, o fato de Amelia ter sido pega colando poderia ter sido o gatilho, sobretudo se ela já se sentisse sobrecarregada emocionalmente com problemas com alguma amiga, um relacionamento ou em casa. Até a tensão natural da adolescência poderia ter sido suficiente para preparar o terreno. E os argumentos de Kate em contrário só faziam com que ela se sentisse ainda mais culpada.

– Tem certeza de que deveria estar aqui? – Beatrice perguntou. Agora parecia mais preocupada, talvez porque Kate ficara ali sentada, olhando para o chão, sabe-se lá por quanto tempo. – Você não parece nada bem.

Alguém bateu na porta da sala de Kate antes que Beatrice conseguisse uma resposta. De pé do lado de fora, atrás da secretária, estava Jeremy. Vestia um terno azul-marinho e usava uma gravata listrada que destacava seus olhos azuis. Kate não o via desde o enterro de Amelia, mas haviam se falado algumas vezes ao telefone e Jeremy enviara vários e-mails – breves, mas sempre gentis e primorosos – para saber como ela estava.

– Oi – disse ele em voz baixa, mantendo-se próximo à porta.

– Oi – respondeu Kate, tentando recuperar a compostura.

– Você voltou.

– Voltei.

Enquanto se entreolhavam, Kate sentia que Beatrice os observava, alternando o olhar entre um e outro. Mesmo sem olhar para a secretária, Kate sabia que Beatrice estava com as sobrancelhas arqueadas. As pessoas falavam sobre Jeremy e tudo o que ele fazia e com quem fazia. Sempre fora assim. Tiravam-se muitas conclusões sobre o excesso de processos da firma e de jantares a portas fechadas. Parte daquilo poderia ser verdade – alguma coisa sem dúvida era –, mas a maioria não.

O celular de Kate vibrou outra vez, emitindo um ruído alto sobre a mesa. Uma segunda mensagem. Kate inspirou com cautela ao se inclinar para o aparelho, insegura.

Amelia não pulou. Você e eu sabemos disso.

Kate apertou a boca com uma das mãos e tentou não chorar.

– Epa, o que houve? – Jeremy perguntou, entrando na sala.

Ele foi direto até a mesa dela e pegou o celular. Franziu a testa ao ver a mensagem.

– Quem mandou isto?

Receber as mensagens já era ruim. Mas Jeremy ali, de pé, olhando para Kate como se ela fosse um animal mutilado, definitivamente era de mais.

– Não tenho ideia – Kate respondeu, tentando conter as lágrimas. – Recebi outra há uns minutos. Deve ser alguém querendo se divertir, acho.

– Se divertir? Isso não faz nenhum sentido – Jeremy disse em tom cético. – Você não acha que isso pode ter fundamento, acha?

– Fundamento? Não, acho que não. A polícia...

Kate balançou a cabeça. Por mais que se esforçasse, não conseguiu impedir

que as lágrimas brotassem. Ela baixou o olhar na direção da mesa, na esperança de que ninguém percebesse. O pior é que nem sequer havia lhe ocorrido que a mensagem pudesse ser verdadeira. Kate supusera que só podia ser alguém querendo perturbá-la.

– Mas talvez... Sinceramente, não sei.

– Bom, é um número bloqueado – disse Jeremy, olhando para o telefone de Kate. – No mínimo, precisamos descobrir quem enviou. – Ele se voltou para Beatrice e lhe estendeu o aparelho. – Você se importaria de levar o telefone da Kate para o Duncan, de TI? Aposto que ele pode nos ajudar a conseguir o número do remetente.

– Boa ideia – disse Beatrice, pegando o telefone e saindo da sala a passos largos. – Número bloqueado é o cacete.

Jeremy viu Beatrice sair e depois ficou olhando para o chão. Kate sentiu que ele procurava uma forma educada de sair dali.

– Obrigada. Mas não quero prendê-lo aqui por causa disso. Sei que não é nada e, de qualquer forma, você não vai se atrasar para a audiência? – ela perguntou, tentando lhe dar uma saída. – O Daniel me contou que a intimação foi invalidada. O Victor deve estar contente.

– O Victor contente? Não creio que ele chegue a tanto – Jeremy disse por fim, olhando para Kate. O sol da manhã entrava pelas janelas atrás dela e dava aos olhos dele um tom azul aguado, triste. – Quero deixar registrado que concordei com você quanto à moção de invalidação ser inútil. Você estava dando um bom conselho ao cliente. Achei que insistir nisso poderia até acarretar alguma sanção para nós. Mas o Daniel... – Jeremy balançou a cabeça e trincou os dentes. – Você sabe como ele é, parece um cachorrinho que não para de latir. Ele me venceu pelo cansaço. Mas avisei que ele teria que pagar por qualquer sanção do bolso dele. Contar com essa possibilidade talvez seja a verdadeira razão da minha autorização. Isso e a nossa mudança para o novo apartamento na mesma semana. A exaustão me deixou vulnerável.

Jeremy nunca gostara de Daniel, desde que ele entrara como associado temporário na mesma turma de Kate e passara a rondar Jeremy como uma mosca insistente. A ambição deslavada não era uma qualidade que Jeremy apreciasse, provavelmente porque camuflava muito bem a sua própria. Mas seu desdém por Daniel parecia envolver algo mais. Kate, porém, não se permitia conjeturar o quê. De qualquer forma, Daniel não iria a lugar algum tão cedo. Apesar da opinião de Jeremy, ele era um advogado excepcional, um dos melhores da firma. E o gosto de Jeremy por ganhar falava mais alto que o fato de não gostar de Daniel.

– Parece que deu tudo certo – Kate disse.

– Isso não quer dizer que contestar a intimação tenha sido uma escolha prudente. Boa sorte não é o mesmo que um bom conselho. E, de todo modo, vamos perder hoje no recurso, sem dúvida. Por que você acha que pedi que o Daniel falasse na segunda parte do julgamento? – Jeremy sorriu, parecendo muito satisfeito consigo próprio. Então sua expressão mudou e voltou a ficar séria. – Ouça, talvez eu não tenha o direito de perguntar. Aliás, claro que não tenho. Mas, com essa mensagem e tudo mais, você tem *certeza* de que a morte da Amelia foi suicídio? Eu sei que falaram na suposta "despedida" que ela deixou na parede ao lado do lugar de onde caiu. Mas foi só *uma* palavra, não foi?

– É: "perdão". Só isso. Eu disse à polícia que Amelia levava a escrita e as palavras muito a sério. Que, se tivesse deixado um bilhete de suicídio, seria épico. – Kate deu de ombros e então balançou a cabeça. – Mas talvez eu só estivesse me iludindo. A polícia sem dúvida acredita nisso.

– Eles confirmaram que é a caligrafia dela? – Jeremy perguntou.

Kate olhou para ele e piscou. Uma pergunta tão simples! Por que ela nem pensara em mandar analisar a caligrafia? Tinha ficado tão aterrada, desnorteada, vulnerável... Sozinha. E o detetive Molina agira como se houvesse algo de errado com ela sempre que fazia perguntas demais. Já era ruim ser a mãe de uma adolescente que tinha se matado. Ser vista como uma mãe em estado de negação era insuportável.

– Meu Deus, como sou idiota – Kate suspirou. – Nunca questionei quando disseram que foi ela que tinha escrito. Você tem razão. Eu mesma devia ter analisado.

– Acreditar no que a polícia diz é ser razoável, não idiota – Jeremy ponderou, com a facilidade de sempre. – Mas agora, com essa mensagem, talvez seja hora de examinar mais de perto... tudo.

– Acho que talvez eu tenha tido medo de perguntar demais esse tempo todo. Talvez eu tenha medo do que possa encontrar. Não sei.

– A Amelia era uma boa menina – disse Jeremy. – E você foi uma boa mãe. Nada do que descobrir vai mudar isso.

Kate deu um sorriso triste e as lágrimas encheram seus olhos outra vez. Jeremy sempre sabia o que dizer, para todos, sobre qualquer assunto. Não tinha como evitar.

– Ouça, conheço o comissário de polícia. Bom, "conheço" é exagero, mas nós dois estamos na diretoria do Clube de Meninos e Meninas. Posso dar alguns telefonemas, ver se talvez possamos pedir para analisarem aquela caligrafia. Começamos por aí e depois vemos aonde a coisa leva.

Kate assentiu. Parte dela se preocupava em deixar que Jeremy fizesse isso. Em deixá-lo se envolver demais, sobretudo quando ela queria desesperadamente

que ele se envolvesse.

– Seria ótimo, obrigada – falou, sentindo como se estivesse traindo alguém. Não sabia bem quem. – É... Eu... Obrigada.

Jeremy se voltou para a porta.

– Que isso?! – Sorriu, mas com uma pitada de melancolia. – É o mínimo que eu posso fazer.

Amelia

14 DE SETEMBRO, 12H16

AMELIA
devo ir?

BEN
aonde?

AMELIA
no lance no parque; só aves do mesmo bando

BEN

sei lá. sozinha? parece uma armadilha

AMELIA

mas tô curiosa

BEN

a curiosidade matou o gato

AMELIA

verdade

BEN

sua escola tá cheia de loucos

AMELIA

vc tá me assustando

BEN

que bom. ter medo eh mais seguro

AMELIA

ótimo. vlw

BEN

leva a Sylvia com vc

AMELIA

ela não foi convidada

BEN

ih

AMELIA

pois eh. ih.

BEN

ela vai ficar puta

AMELIA

eh

BEN

putz. se cuida

AMELIA

pode deixar. te adoro!

BEN

tb te adoro. me escreve depois. tchau!

facebook

14 DE SETEMBRO

Amelia Baron

está flertando com o desastre

Carter Rose mto sensual

Sylvia Golde flertando? Foi mal, mas nem f* que você anda flertando com alguém

Carter Rose você beija sua mãe com essa boquinha

Sylvia Golde carter vá à m*

Amelia

14 DE SETEMBRO

Quando espiei da pequena trilha que terminava na Picnic House do Prospect Park, avistei-as em um grande grupo ao lado de umas árvores. Ao menos imaginei que fossem elas e fiquei meio surpresa por estarem lá. Tinha quase certeza de que me dera ao trabalho de mentir para Sylvia sobre aonde eu iria e caminhara até o parque só para não encontrar ninguém. Como se fosse uma grande brincadeira. Mas ali estavam elas: ao que parecia eram só meninas, esperando sob as árvores velhas e retorcidas.

As Magpies. Só podiam ser.

Quatro dos clubes haviam sido reabertos. O das Magpies, ou Maggies, era só de meninas; o Wolf's Gate era só para garotos, e o Devonkill e os Tudors eram mistos. Os clubes eram cheios de segredos quanto a quem participava de cada um e tudo o que faziam. Mas as pessoas comentavam pelos corredores e no Facebook, e o *GrAcIoSaMENTE* também incluía coisas sobre eles. Dizia-se que

as Maggies organizavam competições para ver quem fazia mais sexo oral nos garotos e que os meninos do Wolf's Gate haviam entrado escondido na escola e roubado iPads. Mas todos tinham cuidado com o que diziam. Ninguém queria provocar o lado ruim dos clubes. Também havia boatos sobre o que acontecia nesses casos.

Apenas metade disso devia ser verdade. Mas já era o suficiente. De modo geral, os clubes faziam mais ou menos o que se esperaria – atividades em grupo, festas e sexo, além de decidir quem podia e quem não podia estar no clube. Aliás, parecia que dedicavam a maior parte do tempo a isso. O Wolf's Gate e as Magpies equivaliam em Grace Hall aos jogadores de futebol americano e às líderes de torcida: o pessoal mais popular. Já os garotos do Devonkill e os Tudors estavam no segundo escalão.

Não que eu ansiasse em ser convidada para um dos clubes. As pessoas que participavam deles eram basicamente um rebanho, pelo menos a maior parte, e Sylvia e eu tínhamos nosso pacto de não entrar nessa. A menos que mudássemos de ideia juntas, e mesmo assim só se nós duas fôssemos convidadas. Pois não iríamos querer fazer parte de um clube que não aceitasse as duas. E o fato de minha curiosidade ter me levado a aparecer lá não mudava isso.

Até porque eu jamais cogitei que seria convidada, nem em um milhão de anos – se é que era isso que estava acontecendo. E, definitivamente, não pelas Maggies. O que era mais uma razão para eu não me sentir mal por ir conferir essa história toda. Tinha certeza de que era tudo alguma brincadeira de mau gosto. Mas precisava tirar a prova. Não que eu me *importasse* de estar entre as garotas populares, mas também nunca tivera a chance de estar entre elas antes. Além disso, era uma sensação boa ser escolhida por algo que não tinha nada a ver com ser inteligente ou correr rápido. Se as Maggies me queriam, seria só por eu ser quem era.

Além do mais, Sylvia não me levava com ela toda vez que arranjava um novo namorado, e eu não a culpava por isso. Mas talvez desta vez eu não precisasse ficar sozinha sem nada para fazer até que ele a largasse. Porque Sylvia *sempre* era largada, mais cedo ou mais tarde. E eu *sempre* estava ao lado dela, juntando os cacos.

Ao virar na Picnic House, estreitei os olhos quando o sol superforte bateu no meu rosto e depois enterrei as mãos nos bolsos. Elas tremiam. Eu não sabia por quê. Eu não estava *tão* nervosa assim, nem nada disso.

Quando me aproximei mais um pouco, pude enfim identificar umas vinte meninas, ou pouco mais – só meninas, como eu tinha imaginado –, reclinadas ou abaixadas na sombra sob as árvores. Ainda estavam longe demais para que eu identificasse seus rostos, mas vi uma delas apontar na minha direção. Algumas

das outras se viraram para olhar. Alguém ergueu a mão. Não era bem um aceno; era mais como um sinal.

Definitivamente estavam à minha espera. As Magpies: o nome remetia a uma ave da família dos corvos, bonita e agressiva, conhecida por bicar os olhos das pessoas.

Tentei não apertar o passo. Não queria dar a impressão de que estava com pressa para fazer o que elas queriam que eu fizesse. Não, eu era tranquila e confiante e tudo aquilo não me deixava nem um pouco ansiosa. Uma coisa era deixar que as Maggies brincassem comigo. Outra era eu correr até lá para que fizessem isso.

Quando estava mais ou menos na metade do caminho, vi outras duas garotas vindo da direção oposta. Foi um alívio – e certa decepção – ver que tudo aquilo não era só para mim. Olhando pelo lado positivo, se fosse uma brincadeira, pelo menos eu não seria o único alvo.

Eu estava quase lá, mas o sol ainda brilhava tanto que eu não conseguia distinguir bem quem estava sob as árvores, mas havia cinco garotas de pé. Reconheci uma delas pela cabeça enorme, da qual caíam longos cachos ruivos. Em uma escola cheia de gente tão parecida, aquela cabeleira se destacava. Pertencia a Dylan Crosby – aluna linda e admirada do terceiro ano. Dylan era o tipo de menina que se esperaria que fosse uma Magpie, só que parecia estar muito acima dos demais alunos. Atriz que interpretara o papel principal em quase todas as peças de Grace Hall de que eu me lembrava, Dylan não parecia se importar com o que as outras pensavam, o que, claro, fazia com que todas quisessem tê-la como melhor amiga. Era exatamente assim que Sylvia e eu pensávamos de nós mesmas, com a diferença de que, se nós destoássemos, ninguém tentaria nos imitar.

Dylan nunca namorara ninguém em Grace Hall. E era bonita demais para não ter namorado. Metade da escola achava que ela era frígida; a outra metade imaginava que namoraria alguém em segredo – alguém mais velho, talvez até casado. Ou famoso. Durante um tempo, houve até uma coluna no *GrAcIoSaMENTE* chamada Dylanpatrulha: todos estavam na expectativa para ver a quem ela finalmente daria o sinal verde. Mas a coluna morreu quando ninguém conseguiu revelar nada de interessante sobre Dylan. Até correram boatos de que ela ainda seria virgem – o que, pessoalmente, interpretei como um apoio. Mas depois as pessoas pareceram decidir que aquilo era bobo demais até para fazer piada.

Finalmente, passei por uma sombra na trilha e identifiquei os rostos das outras quatro garotas de pé: Zadie, Bethany, Rachel e Heather. Junto com Dylan, elas pareciam estar no comando. Fazia sentido. Eram as principais no grupo das

garotas mais velhas e populares, além de Dylan, que tinha sido incluída apesar de ser mais nova. Isso provavelmente por ser a melhor amiga de Zadie, uma combinação quase tão estranha quanto Sylvia e eu. Essas eram as cinco meninas que todos os garotos queriam pegar e que todas as garotas queriam ser. E estavam sempre juntas, ainda que não parecesse que necessariamente gostassem muito umas das outras.

Eu conhecia Rachel e Heather do time de hóquei na grama. Eram cocapitãs. Heather era uma patricinha da nata da sociedade, com uma aparência bem tradicional e dinheiro dos Rockefeller. Passava as férias de verão em Nantucket e as de inverno em exibições de hipismo em West Palm Beach. O fato mais estranho era que morava no Brooklyn, não no Upper East Side. Rachel tinha vindo de Paris e xingava em francês, o que gerava admiração instantânea. Ambas tinham cabelos louros, lisos e volumosos, Heather até a altura do queixo e Rachel muito mais compridos. Poderiam se passar por gêmeas. As duas viviam destratando todas as outras jogadoras do time de hóquei. Até o momento, tinham me deixado em paz. Ajudava bastante o fato de que, mesmo estando entre as mais novas, eu jogava muito melhor do que elas jamais conseguiriam.

Eu não conhecia Bethany pessoalmente, mas sabia que era a responsável pelo lado engraçado do grupo. Fazia com que todos na escola soubessem disso. Ousada e um pouco gordinha, era suspensa o tempo todo pelas peças que pregava. E tinha um senso de humor ferino. Fazia os colegas chorarem com frequência. Provavelmente, era em parte por isso que estava com as Magpies: tinham muito medo de deixá-la de fora. Segundo os boatos, ela topava dormir com praticamente todo mundo, em qualquer lugar. No mundo dos corpinhos cadavéricos de Grace Hall, isso deve ter ajudado a compensar os quilos a mais.

E todos conheciam Zadie. A melhor amiga de Dylan e a garota mais selvagem de Grace Hall. Pálida e enérgica, tinha cabelos pretos, curtos e revoltos que caíam sobre os olhos azuis luminosos e uma argola no nariz. Tinha também uma larga faixa de cabelos brancos de um lado da cabeça, quase como um gambá. Eu não era a única pessoa a se perguntar se era proposital. Também não era a única com medo demais para perguntar. Zadie estava sempre com uma calça jeans skinny e um casaco de exército surrado, que cheirava mais a grife do que a uniforme. Tinha até uma pequena tatuagem no antebraço: CAVEAT EMPTOR. Dizia-se que seus pais eram totalmente permissivos – ora, ela tinha 17 anos e uma tatuagem –, que até a deixavam beber em casa e às vezes saíam para dançar no centro da cidade e a levavam junto. Ver Zadie ali me causou a maior surpresa e a maior decepção. Sempre imaginei que ela estivesse muito acima daquela bobagem de clube de escola.

Quando parei de andar, enfim vi os rostos das duas garotas que vinham da

colina oposta: Charlie Kugler e Tempest Bain. Também estavam no segundo ano e pareciam tão nervosas quanto eu. Nenhuma delas fazia o estilo tradicional das garotas de destaque. Tempest dançava balé e era nova na escola. Era um caniço de puro músculo e tinha reflexos lilás nos cabelos pretos. Charlie possuía um jeito ainda infantil, olhos lindos e caídos, roupas largas e, segundo os boatos, um fundo patrimonial de 50 milhões de dólares que incluía um Warhol original na parede do quarto.

Charlie, Tempest e eu nos entreolhamos com a mesma expressão confusa e um pouco assombrada quando nos encontramos na frente do grupo reunido sob as árvores. Parecia que a única coisa que nós três poderíamos ter em comum era a curiosidade – ou a burrice – que nos levara até ali.

– Porra, *até que enfim!* – disse Zadie, batendo as mãos uma contra a outra. Olhou para o grande relógio de pulso. – Acho bom vocês não chegarem atrasadas de novo.

Quando olhei para o meu relógio, eram 15h02 – dois minutos após a hora marcada.

– E o que é isso aqui? – Tempest rebateu, movendo a cabeça como se não ligasse a mínima para quem fossem Zadie e suas amigas, além de uma perda de tempo. – Por que não começam dizendo para o quê eu estou atrasada?

Zadie fechou os olhos de leve e então inspirou profundamente, como se sentisse um aroma delicioso.

– Viram? – disse, girando a cabeça para olhar as outras meninas. – O que eu falei? Uma bailarina valentona. Não é do cacete?

– Que história é essa de bailarina valen...

– Psiu! – Zadie pôs o dedo em riste na frente do nariz de Tempest. – Cale a porra da boca. Gosto de você, mas não tanto assim.

Meu coração começou a bater com força. Esse não era meu lugar. Eu não era nada valentona. Tudo aquilo era... não era eu. Tive vontade de correr e voltar a me esconder no meu mundinho com Sylvia. E daí se ultimamente ela só parecia me tratar bem quando um cara lhe dava um pé na bunda? Tudo bem. Éramos amigas havia muito tempo. Ela voltaria a ser como antes, mais cedo ou mais tarde. E agora eu tinha o Ben. Não precisava de mais ninguém.

Mas eu as tinha visto. Tinha identificado as Magpies. Não iriam simplesmente me deixar partir. Haveria um preço a pagar. Eu só podia imaginar qual seria. Mas tinha certeza de que não era algo com que eu estivesse disposta a arcar.

Então, Dylan se adiantou.

– Por que vocês não chegam aqui e se sentam? – sugeriu, com voz agradável e um sorriso amistoso. – Sei que esse lance todo de segredo é meio

estranho. Mas acaba sendo parte da diversão, eu juro.

Ela abriu um sorriso largo e acenou para que nos aproximássemos. Com o rosto iluminado pelo sol, os olhos meigos e reluzentes, estava ainda mais bonita do que nunca. Quando sorriu uma segunda vez, foi olhando para mim.

– Venham.

Senti que eu avançava antes mesmo de decidir caminhar. Fui até o emaranhado de árvores baixas e pesadas onde as outras garotas estavam apoiadas nos galhos e nas raízes, sentadas em bolsas de livros e debruçadas sobre mantas. Eu conhecia a maioria. Havia frequentado Grace Hall com elas quase a vida toda. Com exceção de uma ou duas surpresas, eram exatamente as meninas que eu esperaria que estivessem no clube: bonitas, populares, bem-vestidas e bem relacionadas. A presença de todas elas fazia sentido, até mesmo Tempest e Charlie, com seu jeito peculiar, descompassado. De todas, menos eu. Mas o fato de eu não me encaixar não era tão estranho quanto a intensidade com que, de repente, eu queria aquilo. Eu *realmente* queria. Sabia que devia ir embora. Estava sendo desleal com Sylvia por continuar ali. Estava sendo desleal comigo mesma. Mas não queria embora. Não podia. Ainda não.

Zadie e Dylan continuavam de pé ao sol, sussurrando entre si. Zadie parecia furiosa. Dylan de repente aparentava estar um pouco desnorteada e meio triste. As pessoas comentavam sobre as duas, sobre o modo como Zadie vivia rondando Dylan, feito um cachorro. As pessoas achavam estranho, ficavam desconfortáveis. E era estranho mesmo.

– Estou falando sério. – Foi a última coisa que Zadie disse, apontando o dedo em riste para Dylan. – Não.

Então Dylan se afastou, sorrindo e piscando depressa enquanto se sentava em uma pedra baixa sob as árvores. Tentava parecer contente, mas não estava. Zadie continuou mais um minuto na trilha ensolarada, então cruzou os braços e arqueou as sobrancelhas. Olhou para a direita e depois para a esquerda, acompanhando as longas calçadas que cruzavam o parque, como se estivesse considerando seguir por uma delas e ir embora. Em vez disso, acabou dando um passo adiante e ocupando seu lugar na frente do grupo, debaixo das árvores. Heather, Rachel e Bethany puseram-se a seu lado.

Quando Zadie finalmente se virou para nós três, foi com um jeito nada simpático. Aliás, parecia estar com um pouco de nojo. Eu só conseguia pensar na história que ouvira certa vez, de que ela havia feito uma garota engolir uma tampinha de garrafa em uma festa. O que me fez imaginar que métodos usariam para manter todas as meninas do clube tão caladas. Afinal, com tantas garotas juntas, seria de se esperar que alguém falasse. A não ser que tivessem uma *excelente* razão para não o fazerem.

– Então, somos as Magpies, o clube mais antigo e mais foda desta escola de merda – começou Zadie, em um tom um pouco irritado. – Fundado lá em mil novecentos e vinte e poucos, o lema era "*apoio, fraternidade, espírito*". Agora que nós o ressuscitamos, acrescentei: "*ou aguente o tranco*". Já ouviram falar do clube, não é?

Ela nos fitou de cara amarrada. Uma de nós três começou a assentir – não sei quem – e todas acompanhamos.

– Que bom – disse Zadie. – Porque senão eu teria que expulsar vocês a pontapés até a rua.

Vi o corpo de Tempest se contrair, como se estivesse prestes a mandar Zadie para o inferno, mas ela ficou quieta e até se encolheu um pouco quando o olhar de Zadie a fulminou.

– Mas por que a gente? – Charlie perguntou em voz baixa. – Quero dizer, nós três somos totalmente diferentes.

E, se houvesse categorias, eu definitivamente era a nerd do grupo.

– Ah, Charlie, você sabe que isso é só algum tipo de sacanagem idiota – disse Tempest, recuperando a coragem. Deu um impulso para se afastar da árvore na qual tinha se apoiado. – Querem que a gente diga que quer entrar e aí elas fazem a gente comer, tipo, 15 litros de gelatina com vodca e tiram fotos da gente vomitando ou algo assim. E aí a gente é aceita no clube e elas continuam fazendo coisas ainda piores.

Zadie deu um sorriso malévolo.

– Basicamente isso.

Dylan se adiantou e apoiou uma das mãos no ombro de Zadie.

– Não – interrompeu. – Não é isso que a gente faz, juro. A ideia do clube é ser legal. É legal.

– Calma lá. Não sei por que você está puxando o saco delas. Elas nem entraram ainda, cacete. – Zadie encarou Dylan e depois se voltou para nós. – Vocês três também estão cheiradas se pensam que vamos tentar convencê-las a entrar. Se não querem estar aqui, é só dar meia-volta e cair fora. A gente se vê por aí.

Ela não deu a entender que aconteceria algo de ruim se saíssemos, o que significava que eu deveria ir embora agora. Aceitar a oferta. Esperei que meu corpo tivesse o impulso de ir em direção à calçada, mas não teve. Algo dentro de mim não estava disposto a ir embora.

– Olha, eu sei que isso deve ser meio estranho – disse Dylan, ficando de pé na frente de Zadie. – A gente sabe que há outras garotas do segundo ano que têm mais amigas que vocês, sei lá. Mas elas são sem graça. Enquanto *vocês* têm, não sei, personalidade. Não se esforçam demais nem fingem ser algo que não são.

Não têm obsessão por serem *cool*, o que não é nada *cool*.

Fiquei sem fôlego quando Zadie de repente me fitou com aqueles olhos delineados.

– Mas vou dizer de novo: se não quiserem estar aqui – ela sibilou na minha direção –, saiam agora mesmo. Caiam fora. Sem ressentimentos. – Zadie se aproximou de nós, pegou um cigarro, acendeu-o e tragou profundamente. Exalou a fumaça de forma longa e contínua, bem no nosso rosto. – Porque, se ficarem e *se* a gente decidir deixar vocês se candidatarem, não vão ter mais como sair. Pelo menos não de um jeito *fácil*.

Meu coração batia com tanta força que tive medo que Zadie o ouvisse. E que, se o ouvisse, partisse para cima de mim. Eu podia ir embora. Ela disse que podia e que seria como se nada tivesse acontecido. Como se eu nunca tivesse traído Sylvia ou decepcionado a mim mesma. Era isso que eu devia fazer. Eu sabia. Não tinha dúvida. Só que a simples ideia de ir embora me fazia sentir extremamente desapontada.

Então continuei ali. Vi Dylan voltar a se sentar na pedra baixa. Relaxada, despreocupada, esticou as pernas e cruzou os pés. Então, olhou para mim como se tivesse me ouvido pensar nela. Deu um sorriso que fez as bochechas se erguerem como maçãs vermelhas e tenras.

– Tudo bem – disse mexendo a boca, sem emitir som. Então sorriu de novo e meneou a cabeça. – Fica.

– Então, mocinhas, como é que vai ser? – Zadie perguntou, colocando o cigarro entre os lábios e batendo as mãos com força uma contra a outra. – Falem agora ou calem a porra da boca para sempre.

Amelia

14 DE SETEMBRO, 19H36

BEN

parecem cheias de regras rigorosas

AMELIA

acho que sim, nem posso usar os nomes delas nas mensagens. tenho que dizer Maggie 1, 2, etc. eh meio louco

BEN

louco, sei. na minha escola tem um clube de informática

AMELIA

hahaha

BEN

de francês tb. esse ate que eh legal né?

AMELIA

acho q eh

BEN

para albany

AMELIA

eh

BEN

vcs tem um cumprimento secreto?

AMELIA

não

BEN

vcs usam mascaras e fazem coisas bizarras

AMELIA

ainda não

BEN

era brincadeira, mas vc não achou graça, hoje o público não quer colaborar...

AMELIA

vc tá fazendo eu me sentir mais idiota ainda

BEN

foi sem querer

AMELIA

foi nada

BEN

falando serio, parece legal. eh que eu tô com ciumes

AMELIA

legal?

BEN

ah, vc sabe que eh. vc mora em Nova York. tudo aí eh legal

AMELIA

brooklyn

BEN

pra gente aqui do interior, dá no mesmo

14 DE SETEMBRO, 19H41

SYLVIA

oiê??? onde vc se enfiou depois da aula?

AMELIA

foi mal! treino extra de hoquei

SYLVIA

caraca aquela mulher nunca dá sossego?

AMELIA

vai ter campeonato estadual

SYLVIA

estadual? vc tá toda metida a esportista, credo

AMELIA

pois eh, essa sou eu. a gente se vê amanha de manhã. hora de sempre?

SYLVIA

eh, aí TALVEZ eu finalmente consiga contar o lance do Ian

14 DE SETEMBRO, 20H03

NÚMERO BLOQUEADO

amanha sem calcinha nem sutia, novatas. a gente vai verificar. e venham de saia. encontro mesma hora, mesmo lugar

14 DE SETEMBRO, 20H07

NÚMERO BLOQUEADO

nao se preocupem c/ Maggie 1; ela late mas não morde. bjs Maggie 2

AMELIA

vlw eu tava precisando dessa

NÚMERO BLOQUEADO

de nada. eu tb ja fui sem nada. o truque eh usar uma saia beeeeeem longa

14 DE SETEMBRO, 20H11

NÚMERO BLOQUEADO

quem eh seu papai?

facebook

15 DE SETEMBRO

Amelia Baron

está precavidamente otimista

Ainsley Brown e outras 4 pessoas curtiram isso.

Kate

26 DE NOVEMBRO

Quando Kate chegou em casa, subiu a escada e foi direto para o quarto de Amelia. Esperava que o ímpeto a ajudasse a enganar a si própria. Não fora capaz de se obrigar a entrar no quarto da filha desde sua morte. Seth escolhera as roupas de Amelia para o enterro. Até dera uma arrumada – jogara fora uma maçã pela metade, recolhera roupas sujas e fizera a cama – para que Kate não precisasse entrar antes que estivesse preparada. Desde então, a porta do quarto ficara fechada. Kate não se sentia nem um pouco mais preparada agora. Então ficou ali, com a mão na maçaneta e um embrulho no estômago.

Desde que recebera a mensagem dizendo que Amelia não tinha pulado, só conseguia pensar que devia ter se envolvido mais na investigação, para começo de conversa. Como era possível que confiasse inteiramente em um detetive que ela suspeitava que talvez estivesse mais preocupado em encerrar casos do que em descobrir a verdade? Ela própria devia ter vasculhado as coisas de Amelia.

Devia ter pensado mais nas perguntas a serem feitas e tido a coragem de fazê-las, sem se importar se as pessoas prefeririam que ela se comportasse e ficasse calada. Sem se importar com a culpa que sentia. Entretanto, Kate se agarrara à própria dor e aceitara uma explicação para a morte da filha na qual nunca tinha acreditado de verdade, pois fechar-se para não saber de nada era mais fácil do que lutar. Aquela fora a única forma possível de sobreviver.

Mas poderia fazer isso agora. Estava mais forte do que logo depois da perda da filha. Não muito, mas um pouco. E precisava ser forte. Pois, por mais horrível que tivesse sido aceitar o fato de que Amelia teria se matado, Kate sabia que poderia descobrir coisas muito piores.

Respirou fundo e se dispôs a girar a maçaneta. Mas, antes de a porta se abrir, o telefone de casa tocou. Aliviada, Kate soltou com força a respiração que estava prendendo e então procurou a extensão do segundo andar, que não estava na base. Quando o telefone tocou de novo, ela percebeu que o som vinha do andar de baixo, onde provavelmente o tinha deixado. Desceu a escada correndo, satisfeita por se afastar do quarto da filha. Quando finalmente pôs as mãos no aparelho da cozinha, demorou alguns segundos para acreditar no que o identificador de chamadas mostrava: Departamento de Polícia de Nova York. Fazia muito tempo que não telefonavam para ela. Justo naquele dia? Não podia ser coincidência. Talvez a polícia também tivesse recebido alguma mensagem.

– Alô?

– Sra. Baron? É o Detetive Molina.

– Sim, oi, sou eu, Kate. – Já estava se preparando. Por mais que tivesse esperança de que Molina lhe desse alguma notícia sobre Amelia, tinha medo do que seria. – Aconteceu... o senhor tem... Tudo bem?

– Já estive melhor, para ser sincero – ele respondeu. – Neste momento, estou me perguntando por que, do nada, passei a ouvir reclamações sobre as minhas investigações no caso da sua filha. Se a senhora precisasse de algum esclarecimento, era só me ligar.

Jeremy já teria ligado para o comissário? Kate não sabia por que estava surpresa. Jeremy não costumava fazer promessas em vão. Mesmo assim, não esperava que acontecesse nada, ao menos não em poucas horas.

– Ah, bom, desculpe – disse Kate. – Acho que foi o meu chefe. Ele estava tentando ajudar.

– Ajudar a quem? – Molina murmurou, como se falasse em parte para Kate e em parte para si próprio. – O que cabia à senhora fazer era me perguntar algo que eu responderia facilmente. Não é por nada não, mas não era exatamente assim que eu gostaria de ter a atenção do comissário voltada para mim.

Molina estava preocupado com as próprias perspectivas profissionais?

Aquela conversa estava trazendo à tona tudo o que Kate não tinha gostado nele. O modo agressivo com que Molina a metralhara com perguntas nos primeiros dias. Tanto que ela acabara ficando constantemente na defensiva, pensando menos nas respostas que buscava e mais em recuar e se proteger. Kate até havia esperado que a atitude provocadora de Molina terminasse por revelar um bom coração, mas isso nunca aconteceu.

– Sinto muito por ter causado esse *inconveniente*. – Kate não se dera conta da profundidade de sua raiva até ouvi-la na própria voz. – Mas recebi uma mensagem hoje, dizendo que a minha filha não pulou. Como pode imaginar, ela gera perguntas para as quais, francamente, eu gostaria de ter respostas. Agora.

– Ah, é? – Molina perguntou. – Uma mensagem de quem?

– Não sei. Foi anônima.

Duncan devolvera o celular a Kate, mas só conseguira confirmar que a mensagem tinha sido enviada pelo site de uma companhia telefônica, o que a tornava impossível de rastrear.

– Ah, anônima, é? – O sarcasmo era palpável.

– É, anônima. Isso não quer dizer que não seja verdade – insistiu Kate, desejando que seu tom de voz soasse mais firme e menos defensivo. Mas não deixaria que Molina a intimidasse. Não desta vez. – Quero que a mensagem seja examinada. E quero que alguém analise a caligrafia daquela única palavra escrita naquela parede. Imagino que você tenha uma fotografia, não é? Porque aquilo não foi nenhuma carta de suicídio e não foi a Amelia que escreveu. Eu soube disso desde o começo. Além do mais, ela não se matou. Eu também sempre soube disso.

Até esse momento Kate não havia percebido quanto isso era verdade. Amelia não tinha se matado. Amelia não pulara. Não havia mais dúvida quanto a isso.

– Então eu suponho que não faça mais diferença que o parecer oficial do legista indique o contrário? – perguntou Molina.

– Eu *conhecia* a minha filha. *Sei* que ela não se matou – Kate disse, esforçando-se para manter a voz firme, mas agora as comportas tinham se aberto e todas as dúvidas que ela mantivera represadas começavam a jorrar. – Vou descobrir quem ou o que a matou, detetive. O senhor pode me ajudar ou pode sair do meu caminho. Mas garanto que não vou ficar calada só porque o senhor quer. Não mais.

– Ah, é? – Molina parecia estar sorrindo. – Então por que não...

Kate desligou o telefone e o arremessou com força exagerada na grande mesa rústica da cozinha. Ele bateu no tampo da mesa e caiu no chão, então ela o ouviu se despedaçar.

– Merda – disse Kate, sentindo as lágrimas rolarem ao se deixar cair de mau jeito sobre um dos bancos ao longo da mesa e enterrar o rosto nas mãos. – Que droga...

O que ela estava fazendo? A nova atitude de “chega de ser boazinha” deveria poupar Molina. Ela *precisava* dele. Era ele que tinha todos os documentos do caso. Só ele tinha acesso às próprias descobertas. E agora não poderia contar com sua ajuda.

Kate descansou a cabeça no tampo irregular da mesa e depois se voltou para observar a cozinha, com paredes de tijolos, armários europeus, bancada de pedra polida e arremates de aço inoxidável. Kate nunca cozinhava, porém os eletrodomésticos imensos poderiam pertencer a um pequeno restaurante. Ela comprara tudo aquilo para a filha. Amelia, que não tinha pai e que mal contava com a mãe. Kate pensara que ao menos poderia lhe dar tudo do bom e do melhor, para compensar. Que idiotice. Por que Amelia precisaria de um fogão de quatro mil dólares? E agora Kate teria que olhar para ele enquanto comia, sozinha, suas refeições para viagem, pelo resto da vida. Nesse instante, sentiu o infalível gosto ácido na garganta.

Fez força para engolir enquanto se levantava e se dirigia para a escada, a fim de voltar ao quarto de Amelia. Tinha uma tarefa e iria cumpri-la. Era o mínimo que devia à filha.

No andar de cima, Kate respirou fundo ao abrir a porta do quarto. Quando entrou e acendeu a luz, o ar tinha um cheiro rançoso. Como a morte. Como se Amelia tivesse morrido naquele exato local, naquele quarto, e seu corpo houvesse ficado ali, apodrecendo.

Desta vez, Kate teve certeza de que iria vomitar. Atravessou o cômodo correndo e se atirou para abrir a janela, enfiando a cabeça para fora e inspirando ar fresco, sôfrega.

O cheiro era imaginação sua. O lado racional de Kate sabia disso, mas não ajudava em nada. Inspirou o ar puro mais uma dúzia de vezes, até que a náusea diminuísse. Depois, voltou-se e se apoiou no parapeito, com o vento cortante de novembro passando pelas laterais do corpo e gelando seus braços.

Estar no quarto da filha era pior do que ela havia imaginado. Parada ali, sentia tanta saudade de Amelia que tudo doía – as pernas, as mãos, as pálpebras. Parecia estar sendo golpeada ao passar os olhos pelas estantes repletas de livros em praticamente todas as paredes.

Amelia aprendera a ler aos 4 anos e, desde então, vivia com um livro nas mãos. Lia na banheira; caminhando pela calçada; à noite, no escuro, com uma

lanterna. Mesmo todas aquelas estantes não tinham sido suficientes para a sua biblioteca; os livros excedentes formavam pilhas altas ao longo de cada parede. Kate às vezes se preocupara com a obsessão de Amelia pelos livros, pensando que seria sinal de solidão. Que, se tivesse um irmão ou mesmo um pai, e se Kate não passasse tanto tempo trabalhando, Amelia talvez desse mais atenção às pessoas reais do que às fictícias.

Agora parecia uma tolice se preocupar com isso, ainda mais quando Kate desviou o olhar dos livros e fixou-o na única parede sem estantes. Estava coberta de fotografias: Amelia criança, com Leelah, com colegas do time, com amigos do acampamento. Com Kate. Havia uma foto grande de Amelia e Sylvia na excursão da sexta série à capital, Washington, que Kate havia acompanhado como monitora. Fora uma das poucas vezes ao longo dos anos em que Kate conseguira fugir do trabalho para participar de um compromisso escolar desse tipo. E tinha sido perfeito, exceto pela sensação constante de que quase todos os outros pais ali – mesmo os que trabalhavam em horário integral – já haviam participado daquele tipo de viagem muitas vezes antes.

Contudo, o que importava agora era que Amelia estava feliz nas fotografias. Em todas elas. A família pequena podia não ter sido o que Kate planejara, mas Amelia nunca havia se incomodado. Pelo menos não até duas ou três semanas antes de morrer, quando subitamente começara a fazer perguntas sobre o pai.

– É verdade mesmo que você *nunca* contou para ele sobre mim? – Amelia quisera saber, acordando Kate cedo uma manhã de sábado. – Quer dizer, você nem tentou fazer contato com ele?

– Contato com quem?

– Com o meu *pai*, ora! – Amelia cruzou os braços. – Lembra, o hippie que tocava violão a caminho da África? O tal que supostamente você conheceu numa noite escura e chuvosa num bar de estrada perto de Columbia? Aliás, tinha bares naquele bairro na época? Não era tipo uma zona de guerra lá?

Kate piscou e olhou para o relógio, depois para a filha e de volta para o relógio. Sete e quinze da manhã. Aquilo não podia ser verdade. Não queria que Amelia fizesse aquelas perguntas, não agora. Sabia que algum dia, quando ela tivesse idade, a versão imprecisa que Kate lhe contara sobre o pai teria de ser mais elaborada. Mas ainda era cedo. Ela ainda não havia definido o que dizer. Sentia que a verdade ainda estava fora de cogitação. Porém, uma mentira vaga contada para uma criança, perpetuada ao longo dos anos pelo silêncio, era diferente de uma mentira novinha dita à filha adolescente.

– O que você está fazendo acordada, Amelia? – Kate perguntou, tentando ganhar tempo. – Vamos falar disso depois. Eu estou exausta, e você também deve estar.

– Depois, claro.

Amelia parecia brava, mas havia algo mais em seu olhar. Medo, preocupação. Kate sentiu o estômago revirar.

– Amelia, qual é o problema? – perguntou, erguendo o corpo da cama. – Aconteceu alguma coisa?

– Não – respondeu a menina, cruzando os braços.

Desviou o olhar e fez bico, fixando os olhos no canto mais distante do quarto. Kate continuou encarando a filha, na esperança de que a pressão fizesse Amelia confessar o que a levara até ali para exigir respostas ao raiar do sol.

– Não aconteceu nada. Quero dizer, fora eu me cansar de esperar você me contar a verdade.

Mas não era só isso, Kate sabia. Queria saber a razão? Não – essa era a verdade. Kate não queria.

– Amelia, eu não sei o que você acha...

– Poxa, mãe... – disse Amelia, com a voz falhando. Virou o rosto para olhar pela janela. Para qualquer lugar menos para a mãe, pelo visto. – Você, sozinha, num bar? Ficando com um desconhecido qualquer? Um acidente que "foi a melhor coisa que já aconteceu na sua vida"? – Amelia balançou a cabeça e então finalmente olhou para Kate. Tinha os olhos úmidos. – De jeito nenhum, mãe. Não acredito. Não é você.

Kate passou um minuto encarando a filha e então se deixou cair de novo na cama. Virou-se para baixo e apertou a lateral do rosto contra o travesseiro, para que Amelia não visse seus olhos se encherem d'água.

– Eu nunca disse que *era* eu, Amelia. É justamente essa a questão. Também nunca falei que sou perfeita. Naquela época, fiz muitas coisas que não foram lá muito bem pensadas – falou em voz baixa, tomando cuidado para não insinuar que Amelia tinha sido um erro. – De qualquer forma, se você tiver perguntas sobre o seu pai, pode fazer. Eu sempre disse que você pode me perguntar o que quiser.

– E você vai contar a verdade?

– Vou, filha – Kate disse, o coração mentiroso batendo forte no peito. – Vou contar a verdade.

E, naquele momento, decidiu que contaria. Contaria à filha tudo sobre sua concepção, sobre os erros que cometera e tudo o que fizera para acobertá-los. Amelia merecia saber a verdade. Tinha direito à sua história, qualquer que fosse o preço. Só que não naquele exato momento. Kate precisava de tempo para se preparar.

– Quero conhecer meu pai – declarou Amelia.

Kate olhara para a filha piscando, tentando manter o rosto impassível.

– Está bem – disse por fim. Então, decidiu mentir mais um pouco. – Vamos tentar. Mas eu... não posso prometer que vamos encontrá-lo.

Quatro dias depois, Amelia estava morta. Kate não acreditava que as perguntas dela sobre o pai estivessem relacionadas à sua morte. Não conhecer o pai jamais seria razão para que a filha se matasse. Mas era uma estranha coincidência que Amelia subitamente suspeitasse de algo naquele momento. E ainda pior era a possibilidade de que ela tivesse morrido pensando que Kate mentira para ela.

Kate se forçou a se afastar do parapeito e ir até as estantes de livros. Correu a mão pelas lombadas desgastadas – *Odisseia*, *O som e a fúria*, *Lolita* e, claro, todos os livros de Virginia Woolf. Ela – que cometera um suicídio extraordinário – era a autora favorita da filha. Kate não deixara escapar a coincidência. Mas tinha certeza de que Amelia consideraria que copiar a heroína literária seria um clichê patético.

Deu alguns passos para trás e se deixou cair sentada na cama de Amelia, apoiando o rosto nas palmas das mãos. Estava assim, inclinada para a frente, quando ouviu a porta do quarto ranger e se abrir. Durante um segundo, pensou que fosse o vento, até ver a mão de um homem passar pela fenda e empurrar a porta. Tinha que se esconder, ir para debaixo da cama, correr até a janela...

Mas estava paralisada.

– Quem está aí?! – gritou com toda a força. – Saia já da minha casa!

– Você não está armada, está? – uma voz perguntou. Era Seth.

– Caramba, Seth, o que você está fazendo entrando aqui de fininho?

Lentamente, o rosto de Seth surgiu de detrás da porta. Tinha os olhos arregalados e as mãos erguidas no ar.

– Eu toquei a campainha – ele respondeu, acanhado.

Entrou devagar. Usava calça cáqui e camisa de cor neutra. Era o uniforme modesto e genérico que ele usava sempre que podia, mesmo agora que tinha um emprego de alto escalão como conselheiro jurídico sênior do senador Schumer. Era o tipo de roupa que provavelmente deixava Thomas, seu marido bonito e incrivelmente elegante, com urticária.

– Ninguém atendeu e a porta estava destrancada. Sabe, você devia trancar a porta da frente. Qualquer maluco poderia entrar.

– Estou vendo – rebateu Kate, ácida, ainda com o coração disparado.

– Bom, não sei se isso é necessário.

– Desculpe – Kate murmurou, voltando a afundar o rosto nas mãos.

Ela não podia ser rude com Seth. Ele a vinha ajudando demais e ela não tinha tantos amigos assim, pelo menos não na cidade. Considerando as horas que

passava trabalhando e o tempo dedicado a Amelia, não fizera muitas novas amizades em vários anos. Todos os seus amigos íntimos, além de Seth, eram de muito tempo atrás, da época da faculdade ou da escola. E nenhum deles morava perto. Kate olhou para Seth e deu um tapinha na cama, a seu lado. Ele se aproximou e se sentou. Então, olhou ao redor e seu rosto ficou tenso quando pareceu perceber, finalmente, onde estavam.

– Talvez fosse melhor a gente descer – ele disse, ansioso. – Pegar um ar fresco.

– Hoje eu recebi uma mensagem sobre a Amelia. Aliás, duas – Kate disse, ignorando a tentativa dele de tirá-la do quarto. – Diziam que ela não pulou.

– Sério? – Ele arregalou os olhos brevemente, mas em seguida os estreitou, desconfiado. – Espere. Mensagens de quem?

– Não sei. Eram anônimas.

Ele ergueu as sobrancelhas.

– Anônim...

– Não comece você também – Kate disse em voz baixa, olhando fundo nos olhos de Seth. – Por favor.

Ele a encarou seriamente durante um minuto antes de enfim relaxar a expressão.

– Está bem. – Passou um braço pelos ombros estreitos de Kate e a apertou, apoiando o queixo no topo de sua cabeça. – Está bem.

– Talvez seja para melhor – Kate disse. – No fundo, nunca acreditei de verdade que a Amelia tivesse se matado. Mas eu sabia que iriam achar que era uma negação da minha parte.

– É, mas a polícia...

– A polícia comete erros – Kate disparou. – Por que não desta vez?

– Está bem – Seth repetiu, erguendo as mãos.

Ele estava fazendo o jogo dela. Isso era óbvio. Mas Kate não ligava. Observou o quarto a seu redor. Teria que vasculhar as coisas de Amelia, mas seria bom não precisar fazer isso naquele cômodo, tão cheio de lembranças da filha e com cheiro de morte.

– Antes de mais nada, tenho que garantir que a polícia não tenha deixado passar nada aqui.

– Como o quê? – Seth perguntou. – O que você acha que aconteceu de verdade, Kate?

Ela deu de ombros.

– Não sei. – Respirou fundo, tentando não permitir que sua imaginação enveredasse por possibilidades ainda mais terríveis. – Mas tenho que descobrir. Será que você poderia procurar por aqui, na mesa dela, nas gavetas, e ver se

encontra algo? Eu ia levar a bolsa dela lá para baixo. É que... prefiro não ficar mais tempo aqui.

– Claro – disse Seth, embora não parecesse muito animado. – Mas o que tenho que procurar?

– Algo que prove que Amelia não se matou – orientou Kate em voz baixa. – Bom, ou então algo que prove que sim.

Kate foi para o andar de baixo com a bolsa carteiro desgastada que Amelia usava para ir à escola. Longe do quarto da filha, constatou que suportaria vasculhar o celular e o computador dela. Mas, sentada à mesa da cozinha com a bolsa no colo, Kate ainda temia que algum vestígio essencial de Amelia saísse voando assim que ela a abrisse.

Por fim, convenceu-se a abrir a bolsa. Dentro dela havia alguns cadernos, o netbook de Amelia, uma barra de cereal, protetor labial, chicletes, o iPhone e a carteira. Kate tirou cada um dos objetos de dentro da bolsa e os depositou cuidadosamente sobre a mesa. Pertences comuns de uma menina viva. Agora, as preciosas relíquias de uma menina morta.

Kate pegou primeiro o iPhone. Ele também estava morto – ironia macabra que fez Kate estremecer. Após encontrar o carregador em um bolso externo da bolsa da filha, logo descobriu que o telefone tinha senha. Kate podia jurar que Molina lhe dissera especificamente que investigara o celular de Amelia. Porém, sem a senha, que nem Kate conhecia, teria sido impossível. Precisou de duas tentativas para acertar a combinação de números: o aniversário de Amelia e o dela. Seus olhos se encheram de lágrimas.

Quando finalmente teve acesso às mensagens de texto da filha, não acreditou no que viu. Eram centenas de mensagens armazenadas, de várias pessoas – algumas identificadas, outras só com o número de telefone, muitas listadas como números desconhecidos ou bloqueados. Algumas eram de Kate. Havia longas sequências de conversas. Outras eram únicas. Como é que Amelia, com tantas aulas, atividades extracurriculares e esportes, tinha tempo de mandar tantas mensagens? E o mais importante: Kate não devia saber disso?

Talvez até ela devesse ter acompanhado sempre aquelas mensagens. Algumas mães de adolescentes faziam isso, liam o tráfego eletrônico dos filhos – mensagens de texto, e-mails, páginas do Facebook. Kate estava mais ou menos por dentro do mundo da maternidade – principalmente através de outras mulheres no escritório que tinham filhos – e sabia que algumas mães avisavam aos filhos que fariam verificações periódicas; outras aproveitavam a oportunidade de um celular largado por aí para dar uma espiada.

Kate nunca fizera nada disso. Tinha optado por confiar na filha.

Ou ao menos era o que dizia a si mesma. Pois, ali sentada, observando tantas mensagens, não monitorá-las de repente pareceu menos uma filosofia deliberada de criação e mais uma consequência da agenda corrida de Kate. Sem dúvida, ela havia sido negligente e muito estúpida. Amelia tinha *15 anos*. Ainda que tentasse evitar problemas, cabia a Kate garantir que conseguisse.

Kate prendeu a respiração ao começar a navegar aleatoriamente pelas mensagens. A maioria era conversa sem importância entre adolescentes, sobre almoços, treinos ou lições de casa. Depois havia uma perto do fim, na véspera de Amelia morrer. Era uma conversa com um número sem nome, que ela viu que se tratava de um menino chamado Ben.

AMELIA

Quem eh?

NÚMERO DESCONHECIDO

Sou eu, Ben. Esse é o telefone do meu irmão

AMELIA

Ah, oi, quase não respondi

NÚMERO DESCONHECIDO

Vc perguntou sobre Paris?

AMELIA

Perguntei. Não vai rolar

NÚMERO DESCONHECIDO

Será q ela muda de ideia?

AMELIA

Acho dificil. Alguma ideia?

NÚMERO DESCONHECIDO

Não... A mae eh sua

AMELIA

Eu sei. Toda minha. Como sou sortuda

Kate fechou os olhos e se encolheu, sentindo uma dor súbita na barriga. Ficar bravo com os pais era direito de nascença de todo adolescente. Kate sabia disso. Ela própria ainda tinha raiva de seus pais. Mas por bons motivos. Eram frios, distantes e limitados. Kate acreditara sinceramente que era uma mãe muito melhor do que Gretchen tinha sido – não que esse patamar fosse dos mais altos. Mas e se o seu relacionamento com Amelia não tivesse sido tão bom quanto ela acreditara? E se Kate na verdade não conhecesse a filha tão bem assim?

Kate apertou o celular contra o peito e comprimiu ainda mais as pálpebras, como se isso fosse impedi-la de chorar. Não funcionou. Então deixou as lágrimas rolarem. Curvou-se para a frente e seu rosto foi ficando molhado, e ela chorou até não poder mais.

Enfim, fungou e, com esforço, levou a mão até o nariz e a boca molhados. Pôs o telefone de Amelia de volta na mesa com cuidado. Sabia que, cedo ou tarde, teria que olhar todas aquelas mensagens. Seria obrigada a mergulhar na correnteza dos rios de conversas de Amelia e torcer para não deparar com muitas outras coisas que a magoassem. Mas não neste momento. Por ora, bastava saber que havia coisas que ela precisava examinar mais de perto.

Kate procurou lenços de papel para secar o rosto e depois pegou os cadernos de Amelia e pôs-se a folheá-los. Passou os dedos sobre a caligrafia pontiaguda da filha, percorrendo as impressões deixadas no papel. Tentou imaginá-la as fazendo. Quando Kate fechou o caderno de inglês, algumas folhas grampeadas caíram no chão. Ela se inclinou para pegá-las.

Representações do tempo: Rumo ao farol, de Amelia Baron. Era o trabalho que supostamente Amelia teria plagiado. Esta podia ser a chance de Kate limpar o nome da filha. Não Kate, especificamente, claro. Mesmo se examinasse cada página, não teria como saber se Amelia copiara partes do texto. Mas, em sua cabeça, a história de Amelia ter plagiado era, naquele caso, o lado mais estapafúrdio. Amelia sabia tudo sobre Virginia Woolf. Havia lido *Rumo ao farol* várias vezes e sempre tirara as melhores notas em inglês, o que não era pouco, considerando as notas ótimas que tirava, de modo geral. Não teria *necessidade* de plagiar nada. Some-se a isso o fato de que ela nunca mentia. Aliás, obedecia às regras de forma compulsiva e idolatrava completamente a professora de inglês, Liv. Nada daquilo fazia qualquer sentido. Contudo, saber que Amelia não tinha colado e provar isso eram coisas muito diferentes.

Kate deixou o trabalho na mesa e pegou o netbook. Logo estava examinando arquivos extremamente bem organizados. Os documentos de Word estavam em pastas separadas, com os nomes das matérias e o semestre correspondente. Só havia quatro arquivos soltos, intitulados *GrAcIoSaMENTE* e rotulados com datas diferentes. Kate abriu um deles, ao acaso. Tinha um layout bem acabado – borda profissional, ilustração colorida no cabeçalho, fontes elaboradas – e poderia se passar por um boletim oficial da escola.

GrAcIoSaMENTE

19 DE SETEMBRO

Há muitas definições para a palavra *idiota* no dicionário. Não seja mais uma.

E aí, galera?!

Pois é, estamos de volta com todos os lances impublicáveis...

Hoje temos muitas notícias. Em primeiro lugar, soubemos que certo professor de química anda copiando um monte de perguntas do Exame Padrão da Califórnia para usar no laboratório do primeiro ano. E essas perguntas, senhoras e senhores, estão disponíveis ON-LINE. Tipo, não dá pra ser menos preguiçoso? O cara nem elabora as próprias questões para as provas?... E não é culpa nossa que ele seja tão mole. Então vamos nessa – aqui está o link para o exame: caedu/standardtests/chemistry.com.

Pelo visto, aconteceu outra orgia do arco-íris de batons na 6ª série no fim de semana passado. Será que alguém poderia informar a essas crianças que isso é muito 2008? Aliás, pra lá de nojento.

E alguém pode dizer a Tempest Bain para usar calcinha? Tipo, a gente sabe que ela é dançarina e que tem um corpinho sarado e tudo mais, mas a gente precisa mesmo ver a perereca dela?

Disseram por aí que Bethany Kane está disponível. Ah, esperem. Foi mal. Essa notícia é VELHA. Ela já comeu metade dos atletas da escola.

Sylvia Golde também voltou a bater cartão ultimamente. Ainda não sabemos quem é o sortudo, mas Sylvia era do time de ginástica olímpica quando pequena, então quem quer que seja sem dúvida se deu bem.

E as Maggies começaram a recrutar esta semana, pessoal, então os outros clubes não devem ficar muito atrás. Se você não foi convidado, talvez ainda seja. Mas recomendo à maioria de vocês, idiotas, que não crie grandes expectativas.

Orgia do arco-íris de batons? E na *sexta* série? Beatrice vira algo sobre a história dos batons coloridos no programa de Oprah e comentara com Kate. Mas, no fundo, ela havia imaginado que tinham exagerado para conseguir audiência, isso se não fosse algo totalmente inventado. E esse tal de *GrAcIoSaMENTE* tinha praticamente chamado a melhor amiga de Amelia de vadia. Seria verdade? De repente, o fato de Amelia *nunca* ter falado sobre meninos parecia suspeito. Alguém que se esforçava tanto para *não* falar de algo devia ter muito a dizer.

Kate abriu e fechou rapidamente mais dois arquivos do *GrAcIoSaMENTE*. Um deles tinha outra revelação sobre Sylvia – algo sobre tomar anticoncepcional – e não restava dúvida de por que a última edição tinha sido salva.

Amelia Baron está na área, senhoras e senhores. É isso mesmo: há duas noites ela se tornou oficialmente mulher. Então, para todos vocês que tinham esperança de cruzar a linha de chegada, sinto muito, mas alguém passou na frente. E não vão acreditar em quem é o felizardo. Mas não vão ficar sabendo disso por aqui. Tem coisas que até eu sei que não devo escrever.

Kate ficou encarando a tela e sua garganta começou a queimar outra vez. Não estava chateada que a filha tivesse feito sexo – bem, talvez um pouco –, mas sentia-se magoada porque ela não lhe contara nada. Sempre imaginara que Amelia falaria com ela antes. Durante anos, Kate preparara discursos sobre amor, segurança e confiança. Sobre sempre ser ela mesma ao se conectar a outra

pessoa. Sobre escolher com cuidado quando e quanto dar ao outro. Kate planejara falar sobre tudo isso com a filha, coisas que ela própria deveria ter sabido. E por que não tinha falado? O que ficara esperando?

– Ei...

Kate levou um susto e olhou para a escada. Seth vinha descendo devagar até a cozinha. Parecia estar torcendo para que algo o impedisse de chegar.

– Você encontrou alguma coisa – Kate disse.

A expressão no rosto de Seth deixava isso claro. E, fosse o que fosse, não era bom.

Seth concordou e foi até a mesa, sentando-se de frente para Kate. Tirou do bolso da camisa um pedaço de papel dobrado. Colocou-o na mesa e o empurrou na direção de Kate, mas não tirou os dedos de cima dele.

– Achei isto na gaveta da escrivaninha. – Kate tentou pegar o bilhete, mas Seth pressionou os dedos com força, segurando-o. – Tem certeza de que precisa fazer isto? E se descobrir coisas que seria melhor não saber?

– Se aconteceu com Amelia, preciso saber. Preciso saber de tudo, Seth.

Então ele assentiu e levantou os dedos. Kate desdobrou o papel quadrado.

EU TE ODEIO!!!

As três palavrinhas gritaram do centro do quadrado rasgado de uma folha de caderno. Kate sentiu um aperto no peito. Alguém tinha escrito aquilo para *Amelia*? As letras pareciam tão furiosas, tão grossas e pontiagudas, como se alguém tivesse posto todo o peso contra o lápis.

Não fazia sentido algum. Amelia não era o tipo de menina que alguém odiava. Era inteligente, bonita e atlética. E, se não fosse tão modesta, seria alguém de quem as pessoas poderiam sentir inveja. Não ficava tentando chamar a atenção para si mesma, como Sylvia. Como era possível que alguém a odiasse?

– Não entendo – disse Kate, mais para si própria do que para Seth. – Quem iria escrever algo assim para Amelia?

Seth olhou para o tampo da mesa e apertou os lábios. Por fim, balançou a cabeça e levou a mão ao bolso traseiro. Retirou um bolo de pedaços de papel,

dobrados de forma semelhante. Quando abriu as mãos, eles choveram sobre a mesa em uma pilha desigual e pavorosa.

– Dizem a mesma coisa. – Havia tristeza em sua voz, mas também raiva. – Todos os 22. Acho que foram escritos por pessoas diferentes. A letra não é a mesma.

Kate estendeu as mãos sobre a pilha, movendo os dedos, incrédula.

– Meu Deus – murmurou, incapaz de tirar os olhos dos bilhetes.

– Eu sei – disse Seth. – É horrível. Mas talvez não seja o que parece.

– Uma gangue ou algo do tipo estava assediando Amelia. – Kate se voltou para ele com os olhos tão arregalados que começaram a arder. – O que mais poderia ser?

Seth balançou a cabeça e baixou o olhar.

– Não sei. Não faço ideia. Para falar a verdade, neste momento só consigo pensar em ir para aquela escola e dar uns tapas em alguns moleques. Não consigo nem imaginar o que você está sentindo.

– Nem eu – disse Kate, apertando as mãos contra o peito para conferir se o coração ainda batia. – Não sinto nada.

– Não achei nenhum bilhete da Amelia nem nada do tipo. Apenas uma caixa embaixo da cama dela, com vários dos seus diários antigos e álbuns de fotos.

– Meus?

Kate mantivera diários religiosamente, do ensino médio até se formar em Direito, quando as exigências de criar um bebê e trabalhar tornaram uma impossibilidade absurda a simples ideia de refletir sobre a vida, quanto mais registrar as reflexões ao fim de cada dia. Fazia anos que ela não via aqueles diários.

– Debaixo da cama dela?

– Com certeza. Alguns daqueles moleskines pretos que você vivia carregando na faculdade. Não li nada, mas seu nome estava na frente de um deles.

– O que ela estava fazendo com os meus diários? – Kate perguntou.

Talvez Amelia nunca mais tivesse perguntado sobre o pai porque ela mesma houvesse encontrado todas as respostas. E o que mais haveria lá que Kate não gostaria que Amelia lesse? Sua angústia para decidir se levava a gravidez adiante ou não? Sua decisão inicial de mantê-la, seguida de nada menos do que quatro idas até a porta de uma clínica com a intenção de *não* mantê-la? Teria lido também a parte em que as dúvidas de Kate quanto a ficar com o bebê haviam ressurgido após o nascimento, na forma de arrependimento? Aquela sensação fora logo ofuscada pelo amor que sentira pela filha. Um amor profundo, que

dominou seu coração e transformou sua vida. Mas será que Amelia teria continuado a leitura até chegar a essa parte?

– Eu não sei o que ela estaria fazendo com eles – disse Seth. – Mas sei que nada do que a Amelia pudesse ter lido mudaria o amor que sentia por você. Ela a amava, Kate. Amava você de verdade.

– Então por que eu me sinto pior ainda?

Seth estendeu as mãos e as pôs sobre as de Kate.

– Porque mesmo assim ela não vai voltar.

Após Seth relutantemente concordar que devia ir para casa, Kate pegou o celular de Amelia de novo e abriu a lista de contatos. Havia 367 nomes e números gravados no telefone da filha. Kate tinha talvez uns vinte e poucos no seu aparelho, incluindo todos os parentes vivos, todos os médicos e dentistas dela e de Amelia e as últimas três faxineiras. Como era possível que a filha conhecesse tanta gente?

Kate correu os olhos pela lista de nomes desconhecidos. Muitos eram de meninas, talvez a maioria. Mas também havia muitos nomes de meninos: Adam, Aikin, Aiden, Arden – ou talvez esse fosse de menina. Kate só reconheceu uns poucos. Bennett Weiss era alguém com quem Amelia tinha jogado futebol, quando ainda era nova o bastante para participar de uma equipe mista. George McDonnell era outro nome que Amelia havia mencionado uma ou duas vezes, assim como o de Carter Rose.

Mas havia tantos outros! Os números de telefone eram na maioria locais, com um ou outro de Manhattan. Alguns, porém, tinham códigos de área que Kate não reconhecia. Rolou a lista, procurando um Ben, e ali estava: 518-555-0119.

Kate estava apenas observando a lista de nomes quando alguém bateu com força na janela da cozinha. Ela deu um pulo, batendo o joelho na perna da mesa.

– Desculpe! – gritou a voz de uma mulher, do outro lado do vidro.

Lá fora estava um breu e era difícil ver algo além dos cabelos escuros e compridos. A mulher apontou na direção da porta e então seu rosto desapareceu da janela.

Kate foi lentamente até a porta da cozinha. Não estava no clima para

conversar com ninguém, mas a determinação com que a mulher apontara na direção da porta a fez suspeitar que ela não iria embora só por ser ignorada, pelo menos não depressa. Kate respirou fundo antes de abrir, devagar.

A mulher estava sobre o segundo degrau diante da porta da cozinha, iluminada pelo brilho do poste de rua. Com cabelos pretos, olhos pretos enormes e rosto pálido e delicado, era muito bonita, quase de forma desconcertante. Estendeu uma das mãos com as unhas muito bem-feitas.

– Mil desculpas pelo susto – disse, com um sorriso. O batom era de um vermelho profundo, também impecável. Fez sinal na direção dos degraus na frente da casa, que conduziam à porta num patamar mais alto, que dava na sala. – Eu toquei a campainha lá da frente. Aliás, acho que não está funcionando. Aí eu vi a luz aqui embaixo. E você deve querer que eu me apresente e diga por que estou rondando a sua casa. Sou Adele Goodwin, faço parte da Associação de Pais e Mestres de Grace Hall.

– Oi – disse Kate.

Ao estender a mão para apertar a dela, Kate notou um enorme anel de diamante junto à aliança no anular esquerdo da mulher e a pulseira larga e cintilante no pulso. Então Adele estremeceu e esfregou os braços com as mãos. Era a primeira noite realmente fria do ano.

– Desculpe. Entre – convidou Kate, relutante. – Está um gelo aí fora.

– Ah, tem certeza? Não quero incomodar. Só agora me toquei de que deveria ter ligado antes. Eu mesma detesto receber visitas sem aviso.

Não tenho certeza, Kate queria dizer. Se já se sentia desconfortável com os pais comuns de Grace Hall, o pouco que vira da Associação de Pais nas noites de volta às aulas tornava seus integrantes as últimas pessoas que ela queria receber em casa. Também não eram como as mães da Associação de Pais de sua infância, de calça jeans surrada e bandejas de cookies e um monte de tempo livre para costurar fantasias de Dia das Bruxas. A maioria das mulheres era do tipo criativo – arquitetas, designers ou escritoras –, às vezes com carreiras flexíveis, mas sempre extremamente lucrativas. Viviam na moda e decididamente eram pouco receptivas. Líderes de torcida crescidas, com currículos impressionantes e enormes contas bancárias.

– Imagine, não tem problema – falou Kate, sem muita convicção, quando se virou para a mesa da cozinha e viu aqueles bilhetinhos horríveis empilhados no centro.

Adiantou-se com pressa, recolheu-os e os jogou dentro de uma gaveta próxima. Era um gesto estranho e suspeito, mas não havia alternativa. Kate evitou fazer contato visual e apontou na direção da mesa.

– Sente-se, por favor. Eu só estava... Aceita tomar alguma coisa?

– Não, obrigada. Já incomodei o bastante – disse Adele.

Tinha aberto o casaco, revelando um vestido esmeralda justo e saltos altos. Usava vários colares que contornavam o pescoço com elegância e observava a cozinha, avaliando-a abertamente, embora fosse impossível saber a que conclusão teria chegado.

– Eu realmente não quero tomar muito do seu tempo. Apenas queríamos falar com você sobre alguns dos eventos que a associação gostaria de organizar em homenagem a Amelia. Não queremos fazer nada sem falar com você antes.

– Eventos? – Kate não gostou da ideia.

Eventos significavam festas. E se esperaria que ela comparecesse. Kate enviava cheques modestos, mas não constrangedores, para Grace Hall quando lhe pediam contribuições, mas evitava os eventos sempre que possível. Ela sentia que destoava demais. Era uma estranha naquela rede fechada de pais. Comparecer agora, quando nem era mais mãe de uma aluna, era impensável.

Adele ergueu a mão e balançou a cabeça, fazendo uma careta.

– "Eventos", que palavra horrível. Me desculpe – disse, e realmente parecia constrangida. Mas havia algo mais em sua voz, um tom deliberado, que incomodava Kate. – Você deve me perdoar, foi um dia longo. Tive duas reuniões seguidas e meu cérebro está parecendo uma gelatina. – Adele voltou a sorrir, agora um sorriso mais engessado. – Gostaríamos de fazer uma homenagem a Amelia no leilão, dedicando um memorial.

– Ah – murmurou Kate, embora quisesse dizer que não. Queria dizer: *Saia, por favor.* – Acho que, infelizmente, não poderei ajudar muito. Meu emprego... eu trabalho até muito tarde. Sempre foi difícil comparecer a eventos escolares como o leilão.

Era uma desculpa válida. Familiar, socialmente aceitável.

– Só precisaríamos que nos mandasse algumas fotos de infância, além de dar sua permissão, claro – disse Adele, agora com o sorriso mais relaxado e amável. Talvez estivesse nervosa, desconfortável por ter que falar com Kate sobre isso. – E, acredite, entendo perfeitamente a questão do trabalho. Você é advogada, não é? Sócia de uma firma?

– Sou – disse Kate, imaginando se isso faria parte da narrativa atual em torno da morte de Amelia: *a mãe dela, a advogada.*

– Eu também. Sou advogada, quero dizer. Agora sou uma das funcionárias da Time Warner, mas já fui associada ao departamento corporativo da Dechter & Weiss. – Adele balançou a cabeça e seu rosto ficou rígido. – O meu trabalho não envolve os desafios de ser sócia em uma grande firma, mas pelo menos o horário é humano. Ainda mais com a Zadie. Eu nem sei como você conseguiu dar conta...

Adele se calou de repente, parecendo perceber o descuido que estava prestes a cometer. Afinal, era evidente que Kate não tinha dado conta. Sua filha morrera, o que não provava exatamente seu sucesso como mãe. Adele cruzou os dedos sobre o colo e então se acomodou na cadeira.

– Mas enfim... – Parecia desesperada para mudar de assunto. – Em que firma você trabalha?

– Slone & Thayer – respondeu Kate, concentrando-se em encontrar uma desculpa que fizesse Adele ir embora imediatamente.

Não precisamos fazer isto, queria lhe dizer. *Você pode dar meia-volta e sair.* Desejou que o telefone tocasse, ou o alarme de incêndio disparasse.

– Sou uma das sócias de contencioso.

– Ah, Slone & Thayer. É uma firma e tanto. Deve ser... interessante trabalhar lá. – Adele deu um sorriso duro. A firma tinha a reputação de ser implacável. – Conheci algumas pessoas que saíram direto da faculdade para lá. Parece que a cultura é bem intensa. Aliás, alguns ainda estão lá. Talvez você os conheça.

– O lugar é enorme – rebateu Kate. Ainda menor do que sua vontade de aturar aquele papo furado era seu interesse em fingir tentar se lembrar dos nomes dos conhecidos de Adele. – São centenas no escritório de Nova York. Se não forem de contencioso, eu nem teria como conhecer.

– Claro. – Adele sorriu e semicerrou os olhos. Tinha entendido a mensagem. – Enfim, é melhor eu parar de incomodá-la. Se você tiver tempo, é só me mandar as fotos. Ah, tem mais uma coisa. Não queremos extrapolar, é claro, mas várias crianças demonstraram interesse em organizar um evento beneficente de conscientização sobre o suicídio em homenagem a Amelia. Querem juntar dinheiro para uma central de atendimento nacional. Parece que pode ser uma parte importante do processo de cura. Gostaríamos que...

– Não – Kate deixou escapar. Sua voz saiu muito alta, quase um latido.

– Não? – Adele pareceu sobressaltada, depois confusa e então um pouco zangada. – Talvez você não tenha entendido.

– Desculpe, não tive a intenção... Eu só... – Kate hesitou. O que mais haveria para dizer agora, além da verdade? – Não tenho certeza de que a Amelia tenha se matado.

– O quê? – Por instinto, Adele levou as mãos ao pescoço. Parecia assustada.

– Não, não... – Kate acenou.

Não deveria ter dito nada daquilo. Seu último desejo era que suas suspeitas chegassem à Associação de Pais. Ela não conquistaria a boa vontade da polícia com uma horda de pais de Grace Hall em polvorosa, batendo na porta da delegacia.

– O que quis dizer é que pode ter sido um acidente ou algo assim. Ainda há perguntas em aberto, só isso. Se vocês puderem adiar o evento sobre suicídio, ao menos a homenagem à Amelia, até que as perguntas sejam respondidas, eu agradeceria.

– Que tipo de pergunta? – Os olhos de Adele estavam bem abertos. Ela não seria despistada tão facilmente.

– Realmente não posso... A polícia... Você entende, claro – falou Kate, torcendo para que a outra não insistisse. Mas ela continuava com os olhos fixos nos de Kate. Adele não cederia se não ganhasse alguma coisa. – Aconteceu algo hoje. Pode não ser nada, mas...

– Pode ser – Adele completou em voz baixa. Agora tinha os olhos vítreos e observava o tampo da mesa como se estudasse algo escrito ali. – Sim, é claro.

– Então você compreende? – Kate tinha dificuldade em acreditar que Adele não a pressionaria para saber mais detalhes. – Você espera para fazer o evento sobre suicídio?

– Ah, sim, sim. Claro. É só você nos dizer quando podemos seguir em frente. – Adele se levantou abruptamente e se dirigiu para a porta com passos largos. – E obrigada pelo seu tempo – disse ao abri-la. Quando se virou para trás, estendeu a mão para apertar a de Kate e abriu um sorriso terno. – A sua filha era uma menina adorável. Eu a conheci no início do ano, quando ela foi voluntária no Festival do Outono. Muito educada e dedicada. Você devia sentir muito orgulho dela. E tinha aqueles olhos diferentes e tão especiais! Aquilo é comum na família? Os olhos de cores diferentes?

– Não, era uma falha genética – respondeu Kate, tentando entender como é que tinham enveredado por aquele assunto quando Adele chegara tão perto de ir embora. – Síndrome de Waardenburg. Não há nenhum histórico na família, mas às vezes pode acontecer de forma aleatória.

– Ah, entendo. Que inusitado – comentou Adele, encarando Kate de um modo estranho, desconfortável. Por fim, se virou e começou a descer para a calçada, acenando com uma das mãos. – Bom, eram adoráveis. Realmente adoráveis.

GrAcIoSaMENTE

26 DE SETEMBRO

Há muitas definições para a palavra *idiota* no dicionário. Não seja mais uma.

E aí, galera?!

Está rolando o boato de que Charlie Kugler também é uma das novas Magpies, mas um passarinho me contou que o namorado dela de Yale está tentando convencê-la a cair fora. Acho que ele gosta que as herdeiras dele usem calcinha e tal.

Ah, e está no nosso radar: dizem por aí que Tempest Bain tem uma consulta marcada na clínica Renfrew, provando novamente que ninguém mede 1,80 metro e pesa 45 quilos sem ter um distúrbio alimentar.

Parece que o George McDonnell anda sóbrio de novo. Meu palpite é que é porque os rapazes de azul o levaram em cana no fim de semana, por fumar erva

na rua ao lado da Old Stone House. Ei, George, uma dica: seus pais também são maconheiros... deixe pra fumar em CASA.

Uma última notinha sobre o corpo docente: Liv levou cano DE NOVO nesse fim de semana. Dá pra acreditar? Não sou desse time, mas, se eu fosse, nunca daria cano em você, Livy. Está na hora de conhecer um tipo de homem melhor. Devia dar uma sacada em alguns dos pais. Vá por mim, todos eles sacam você.

facebook

30 DE SETEMBRO

Amelia Baron

está torcendo para não ser pega

Chloe Frankel e outras 2 pessoas curtiram isso.

Sylvia Golde fazendo o quê? Puxando o saco demais?

Amelia

30 DE SETEMBRO, 22H12

DYLAN
oi

AMELIA
e aí

Dylan
vc investigou o Zaritski?

AMELIA

já, acho que vai dar certo

DYLAN

vc parece tão tranquila

AMELIA

sério?

DYLAN

em geral as pessoas ficam surtadas

AMELIA

talvez eu devesse

DYLAN

não, prefiro vc tranquila. até mais

AMELIA

até

30 DE SETEMBRO, 22H14

AMELIA

tá acordado?

BEN

tô

AMELIA

Dylan acaba de me escrever

BEN

jura??? falando o quê?

AMELIA

nada de mais

BEN

nossa q incrível

AMELIA

tá, deixa pra lá

BEN

vai, ela deve ter dito alguma coisa

AMELIA

só tipo oi e tal

BEN

mais joguinhos?

AMELIA

por que o interrogatório?

BEN

não quero que a bruxa má machuque vc

AMELIA

fala serio

BEN

sério, vc só quer ser amiga dela pq nao sabe se ela quer ser sua amiga?

AMELIA

não fica me analisando hoje. estou estressada.

BEN

ah eh, amanhã é o projeto tá preso?

AMELIA

eh

BEN

não vá ser pega, moça boazinha q ficou má

AMELIA

poxa vlw. tenho q ir

1 DE OUTUBRO, 7H18

BEN

desculpa, não queria encher vc ontem sobre ser amiga da Dylan

AMELIA

tudo bem

BEN

não quero q vc se dê mal. aquela garota me preocupa

AMELIA

a mim tb

AMELIA

assim eu me sinto melhor. se cuida

1 DE OUTUBRO, 7H37

NÚMERO BLOQUEADO

para onde será que seu papaizinho foi?

Amelia

1º DE OUTUBRO

O Sr. Woodhouse continuava encarando o bilhete do Sr. Zaritski. Ele me fizera trazer o bilhete para a sala do diretor, como se fosse uma ressalva junto a um pacote não desejado. Ou talvez fosse o procedimento padrão. Como eu ia saber? Nunca tinha sido mandada para a sala do diretor antes. E estava meio nervosa por estar lá, mas também meio aliviada. Nunca fazer nada de errado às vezes pode ser uma pressão filha da mãe.

Woodhouse estava com o rosto apoiado em uma das mãos, as pálpebras baixas enquanto lia. Homens mais velhos não faziam meu tipo, mas ele era bonitinho. Mais bonitinho do que a média até, de óculos pretos de grife e cabelo grisalho-escuro ligeiramente desarrumando, como de alguém do centro da cidade. E tinha um jeito assim, meio reflexivo, intenso. Eu devia gostar disso nos homens. Gostava nos livros. E em poesia e fotografias. Eu até gostava da ideia disso nos garotos. Mas, na vida real, nada.

Nisso eu estava basicamente sozinha. A maioria das garotas de Grace Hall

tinha uma queda pelo Sr. Woodhouse. Havia até apostas em torno de quem dormiria com ele primeiro. Não *se*, mas *quando*. Dylan estava na lista. Ninguém conseguia descobrir com quem ela estava transando, então por que não Woodhouse? Zadie também era candidata e, se alguém ali teria coragem de ir até o fim com Woodhouse, seria ela. Eu até já tinha ouvido o nome de Sylvia, o que me fazia sentir meio mal por ela, pois a razão disso era só porque ela já tinha dormido com um monte de gente. E eu me sentia meio mal por Woodhouse também. Ele era um desastre iminente.

– É verdade isto que está escrito aqui? – perguntou ele, finalmente levantando os olhos do papel. Continuava com o rosto apoiado na mão.

– Como eu vou saber? – respondi. – O bilhete estava dirigido ao senhor. Não violei sua privacidade lendo-o, nem nada disso.

A resposta saíra mais arrogante do que eu planejara. Devia me ater aos fatos e falar o mínimo possível. Era a Fase I da estratégia das Magpies para evitar sermos punidas se fôssemos pegas. Sem dúvida, as Maggies só se importavam mesmo com que nós, novatas, não disséssemos nada sobre elas caso nos pegassem. Eu sabia disso. Não era idiota. Sua principal preocupação era que ninguém descobrisse quem elas eram. Nós não podíamos registrar os nomes e números delas nos nossos telefones, caso alguém tentasse identificá-las olhando as mensagens de texto. E usavam Maggie 1 (Zadie), Maggie 2 (Dylan) e assim por diante em vez dos nomes reais para se referirem umas às outras. Era tudo meio paranoico, mas dava certo. Até o momento, ninguém parecia saber quem elas eram. Mas é claro que eu já tinha violado um pouco as regras ao gravar o nome de Dylan na minha lista de contatos. Eu nem sabia direito por quê. Também não fazia Ben se referir às Maggies pelos números ao falar delas. Se eu pedisse isso, ele riria de mim.

– Ele diz que você prendeu a bolsa do Sr. Zaritski à mesa com abraçadeiras de nylon – declarou Woodhouse. – Você fez isso, Amelia?

– Eu o quê? – Responda a todas as perguntas com outra pergunta.

Woodhouse ficou muito tempo me encarando e então respirou fundo, cansado.

– Escute, Amelia, sei que a gente não se conhece muito bem, e há uma razão para isso. Olhei sua ficha antes de você entrar e ela é impecável. As notas são excelentes, você está em dois times titulares, é coordenadora do clube de francês, terminou quatro matérias com menções honrosas. Você nunca sequer chegou atrasada. E agora isso? Por quê?

Por um segundo, pensei naquela manhã, umas duas semanas antes, quando Sylvia estava me contando sobre Ian Greene e eu recebi o primeiro convite das Maggies. Naquele dia eu tinha chegado atrasada. Will anotara meu nome e tudo.

Mas alguém da coordenação devia ter decidido não registrar na minha ficha. Sylvia tinha razão. Quando se era uma aluna inteligente e disciplinada, Grace Hall nos dava uma mãozinha.

– Quer dizer que ganho clemência por ser ré primária? – perguntei.

Obriguei-me a sorrir, mas percebi que não iria colar. Aquela encenação não faria de mim uma menina do tipo que aprontava, era pega e então fazia piadas.

– Tenho prova de cálculo daqui a dez minutos e não quero me atrasar. Posso ir?

– Não – disse o Sr. Woodhouse. – Você não pode *ir*, Amelia. O problema não vai desaparecer. Não até você me explicar o que está acontecendo. O bilhete do Sr. Zaritski diz que ele deu um tranco nas costas ao puxar a bolsa. E, pelo jeito, ele já tem problemas em três discos vertebrais.

– Claro que tem – falei, revirando os olhos.

Quem eu estava imitando? Zadie, talvez? A enxurrada de palavrões que ela usava era meio contagiosa, e uma pequena parte de mim queria ser como ela, ou ao menos ser tratada como ela. Os professores, a administração, todos davam espaço para Zadie, faziam vista grossa, e não porque pensassem que ela nunca faria nada de errado. Tinham medo dela. Ninguém nunca tinha medo de mim.

– Amelia, o Sr. Zaritski pode não ser uma pessoa muito fácil. –Woodhouse não gostava de Zaritski. Tentava disfarçar, mas dava para perceber. – Mas ainda assim é uma pessoa, e você prendeu a bolsa dele à perna da cadeira. Por que agora e por que com ele? Você só fez uma avaliação na matéria dele até agora e foi excelente.

Dei de ombros. As abraçadeiras tinham sido ideia das Maggies, não minha. Aquele era o primeiro de três trotes de iniciação que eu teria que cumprir para me tornar oficialmente uma Magpie. Na última reunião, eu tinha sorteado minhas três tarefas de um chapéu. As reuniões aconteciam duas vezes por semana e uma vez no fim de semana, sempre em hora e local diferentes. Não era fácil inventar tantas desculpas para Sylvia e minha mãe a fim de poder comparecer, mas até que era divertido ter um segredo. E as reuniões não eram ruins; não chegavam a ser festas, mas quase. Em geral, alguém levava uma garrafa de vinho e as pessoas saíam constantemente para fumar. De vez em quando, um baseado passava de mão em mão, mas eu ainda não o havia pegado quando vinha na minha direção. Mas já tinha chegado perto. Eu continuava indecisa quanto a me tornar uma verdadeira Maggie, mas até então continuava comparecendo às reuniões e fazendo o que me mandassem. Em parte eu me preocupava com o que Zadie faria se eu parasse. Em parte, gostava de poder passar mais tempo com Dylan.

Nós estávamos nos tornando bem próximas. E eu gostava de ter uma nova

amiga, alguém diferente de Sylvia. Ela acharia ridículo que eu gostasse de Dylan, mas não era porque Dylan era bonita ou admirada. Ou pelo menos esse não era o único motivo. Talvez fosse uma partezinha – da qual eu não me orgulhava –, mas eu realmente gostava de passar tempo com ela. Dylan tinha uma energia misteriosa. Talvez fosse por ser atriz ou algo assim, mas num minuto você estava falando com ela e, de repente, era como se ela sumisse em seu mundo particular. Porém sempre reaparecia bem quando você pensava que a havia perdido para sempre. Isso fazia com que o tempo com ela fosse, sei lá, precioso ou algo assim.

Além disso, Dylan e eu tínhamos coisas em comum. Não tanto no que diz respeito aos assuntos de nosso interesse, mas sim ao modo como gostávamos das coisas. Eu era obcecada por livros e escrita. Dylan, por números. Certamente não era o que se esperaria, considerando quanto ela era bonita, mas Dylan era incrivelmente boa em matemática. Adorava a matéria. Sempre que eu afundava o nariz em um romance, ela resolvia aqueles livrinhos de desafios de matemática e sudoku nível expert. Éramos almas gêmeas *geek*, Dylan e eu. Ela só disfarçava esse seu lado muito melhor do que eu. Eu nunca tinha conhecido alguém igual a mim nesse sentido. E queria continuar conhecendo-a, algo que eu tinha certeza de que não aconteceria se eu fosse expulsa das Maggies por não seguir ordens.

E não havia nada de mais em prender a bolsa de um professor, muito menos em se tratando do meu professor de biologia, o Sr. Zaritski. Em tese ele era um gênio, então os pais o adoravam, mas, para mim e para os outros alunos, ele não passava de uma grande massa malévola que vivia de cara amarrada. Zaritski parecia detestar crianças, além de ser um chato resmungão – reclamava do clima, do pólen, de seus sinos nasais, dos joelhos, da vaga de estacionamento que tinha levado 45 minutos para encontrar. Nunca se cansava de falar de todas as coisas ruins de sua vida. Como se alguém se importasse com os sentimentos de um sujeito que passava os fins de semana retirando cartazes de vendas de itens usados das ruas e tentando banir os carrinhos de bebê duplos das calçadas. Eu tinha escolhido prender a bolsa do Sr. Zaritski à cadeira porque ele merecia ser ridicularizado.

O trote seguinte – uma maçaneta com vaselina – deveria ser aplicado em um administrador. Eu já tinha planejado quem e quando. E a Sra. Pearl merecia ficar com a mão besuntada tanto quanto Zaritski merecia ter a bolsa presa.

Mas o terceiro e último teste... eu não tinha tanta certeza de que seria capaz de ir até o fim. Minha tarefa seria encontrar um menino totalmente *nerd*, do tipo pálido por passar tanto tempo trancado em casa sozinho jogando Xbox, e fingir que eu era uma garota que gostava dele, trocando mensagens on-line. Havia todo um roteiro e eu deveria convencê-lo a me mandar fotos suas nu. Eu não sabia

como me safar dessa sem apanhar de Zadie, mas sentia que tinha demais em comum com esses garotos tímidos para fazer algo assim com eles.

Por outro lado, eu também havia jurado que nunca faria algo como o que fizera a Zaritski. E aquilo fora bem fácil, levando em conta tanto a execução da tarefa quanto minha consciência. Eu o vira se dirigir ao banheiro com as palavras cruzadas. Era seu ritual matinal, do qual todos caçoavam, religiosamente à mesma hora, todo dia, e sempre durante pelo menos dez minutos. Era o segundo intervalo para almoço, então os corredores estavam vazios. Mas alguém em algum lugar devia ter me visto. Não levara muito tempo até que Zaritski me acusasse.

Woodhouse continuava me encarando, esperando que eu dissesse alguma coisa. De acordo com as Magpies, eu só devia passar para a Fase II do Projeto Evitar Ser Punida Se For Pega – ou seja, chorar como uma histérica – se ficar de boca fechada se mostrasse totalmente inócuo. A julgar pelas sobrancelhas de Woodhouse, que estavam quase na linha do cabelo, a Fase I não parecia ser das mais vitoriosas. Mas eu tinha quase certeza de que um ataque histérico não colaria. Eu nem me sentia chateada, ainda que, poucos dias antes, eu tivesse jurado que abriria um berreiro se fosse parar na sala do diretor.

– Quais são as provas de que fui eu? – perguntei, incorporando minha mãe. – Não precisaria ter alguma evidência?

– Deixe-me fazer uma pergunta, Amelia – disse Woodhouse, dirigindo o olhar para a minha bolsa de livros. – Se eu olhar aí dentro, vou encontrar abraçadeiras de nylon?

Por que eu não tinha jogado as abraçadeiras fora? Achei que poderia precisar delas para outra coisa. Como eu era idiota! Agora, a minha carreira criminosa terminaria antes mesmo de começar.

– Não – respondi, agarrando a bolsa com mais força e tentando pensar no que eu faria quando ele tentasse pegá-la para olhar.

– Escute, Amelia, independentemente do que eu considere justo nestas circunstâncias, o Sr. Zaritski não vai deixar barato. – Woodhouse apoiou o queixo para a outra mão. Parecia estar certo de que eu lhe contaria tudo o que ele queria saber. Era apenas uma questão de tempo. – Vamos ter que descobrir uma forma de você se redimir com ele. E isso precisa começar com admitir o que fez.

Fase III: jogue a toalha, assuma a responsabilidade e aceite a punição. E nunca, em hipótese alguma, mencione as Magpies. Havíamos sido informadas de que fazer isso resultaria na expulsão do clube, o que parecia implicar algo muito pior do que apenas deixar de fazer parte dele.

– Tudo bem, eu peço desculpas para o Zaritski ou coisa do gênero – eu disse.

– É um começo – disse Woodhouse, como se nem tivesse me ouvido aceitar a culpa. – Mas, Amelia, essa não é você. Isso não foi ideia sua. Eu sei que não.

Eu não estava gostando do rumo da conversa.

– Ah, é?

– É. E não estou pedindo que você traia suas colegas. Sei como isso é difícil. Mas quero que pense se as meninas que a puseram nesta situação são mesmo suas amigas. Se elas pensam no que é melhor para você.

– Pode deixar – falei, poupando palavras. Eu não queria confirmar a existência das Maggies sem querer. – Certo.

Woodhouse me fitava como se de repente fosse um terapeuta. Como se eu fosse uma jovem em situação de risco. Assim é a vida de criança certinha. Primeiro ninguém acredita que você seja capaz de fazer algo errado; depois, quando descobrem que fez, acham que você está sofrendo um colapso nervoso.

– Olhe, entendo que você passa muito tempo sozinha, que sua mãe precisa trabalhar e que são só vocês duas. Esses grupos recrutam pessoas que estão à procura de alguma coisa, porque sabem que são mais fáceis de manipular.

– Eu não estou à procura de nada – respondi. E era verdade, embora, por alguma razão, eu me sentisse uma mentirosa.

Woodhouse franziu as sobrancelhas e assentiu, olhando para baixo.

– Certo, Amelia – disse por fim. Parecia até estar meio triste. – Mas eu já dei aula em muitas escolas, em muitos lugares, e é sempre igual. Tudo conspira para que uma aluna boa como você tenha dificuldade em continuar sendo boa. Isso vale até para um lugar como Grace Hall.

Agora eu estava me irritando. Não precisava que Woodhouse pusesse minhocas na minha cabeça. Eu queria lhe dizer para me deixar em paz, mas concordar era o jeito mais rápido de encerrar a conversa e sair daquela sala.

– É, sei lá, tudo bem. – Dei de ombros.

– Enfim, eu só queria dizer que as Magpies não são a solução. Algumas dessas meninas... – Woodhouse hesitou. Levantou as mãos como se estivesse se rendendo e, então, sua expressão se amenizou. – Todas elas são boas meninas, individualmente. Ou pelo menos a maioria. Mas, juntas, o juízo delas fica... – fez uma pausa como se tentasse encontrar a palavra adequada – ...enevoado. Quero me assegurar de que você perceba isso antes que seja tarde demais.

Woodhouse estivera se fazendo de bobo. No fim das contas, ele sabia tudo sobre as Magpies. Parecia até saber quem fazia parte do grupo. Pressenti que era uma armadilha.

– Eu realmente tenho que voltar para a aula, sério. Tipo, não é verdade? Posso pedir desculpas para o Sr. Zaritski, cumprir o castigo, a suspensão ou o que for, mas não sei o que mais eu poderia fazer.

– Está bem, Amelia, pode ir – disse Woodhouse, parecendo abatido. Era a minha deixa. Eu tinha que cair fora antes que ele mudasse de ideia. Fiquei de pé imediatamente. – Vou falar com Zaritski. Um pedido de desculpas pode não ser suficiente, mas com certeza é um bom começo. Desta vez, vamos manter sua ficha limpa. Da próxima, Amelia, será diferente.

– Obrigada, Sr. Woodhouse – agradeci, me dirigindo à porta antes que fosse tarde.

– E, Amelia... – ele me chamou. – Estou falando sério quanto a ter cuidado. Às vezes é difícil perceber a velocidade da corrente até você se ver no topo de uma cachoeira.

Depois da escola, eu estava sentada em uma mesa grudenta da Roma Pizza, que estava quase vazia, esperando que Sylvia voltasse com as nossas fatias. Ainda me sentia meio agitada com a história de Zaritski – ainda mais depois de sair da sala de Woodhouse –, com uma incrível sensação de missão cumprida. Todos os anos passados com o nariz enfiado em livros realmente tinham criado uma espécie de campo de força Grace Halliano em torno de mim.

Meu telefone vibrou com uma mensagem de texto quando Sylvia já estava a caminho da nossa mesa. Eu o puxei da bolsa às pressas e tentei ler antes que ela chegasse. Era de um número bloqueado, portanto de uma das Maggies.

> Festa na Maggie 2. Larga a pizza e se livra da vadia. Você está prestes a virar mulher.

Era de Zadie, dava para saber mesmo com o número bloqueado. Ela já tinha chamado Sylvia de vadia antes. Cacete, como ela sabia que eu era virgem? Mas espere aí: ela não tinha como saber. Provavelmente estaria se referindo à minha primeira festa mista. Eu precisava me acalmar. Ela nos dissera que iríamos a uma festa conjunta das Magpies com o Wolf’s Gate depois que nós, novatas, cumpríssemos nossa primeira tarefa. E Maggie 2 era Dylan. Uma festa na casa de Dylan não era algo que eu quisesse perder. Enfiei o telefone de novo na bolsa.

– Por que sempre tem que vir tão quente? – reclamou Sylvia, largando os dois pratos de papel engordurados sobre a mesa e sacudindo as mãos. – É a melhor pizza do bairro, mas você diz para não esquentarem demais e pronto, vem *extra*quente.

Por sorte, Sylvia não parecia ter percebido que eu estivera olhando o celular. E, após se sentar, ficou compenetrada em usar as unhas pintadas de azul elétrico para organizar os quadradinhos cobertos de queijo que ela ainda pedia

para cortarem, como se tivesse 3 anos. Eu olhei por cima de Sylvia, através das flores pintadas nas janelas da frente da pizzaria, na direção da Yogo Monster e da loja de bebidas do outro lado da Sétima Avenida. Esperava ver Zadie ali, me observando. Mas havia apenas um grande grupo de mães com carrinhos de bebês e crianças pequenas.

– Mas, então, sei que Ian falar que quer me ver não é a mesma coisa que, tipo, dizer que quer me *namorar* nem nada assim – Sylvia disse, retomando o monólogo sobre Ian exatamente de onde tinha interrompido quando foi pegar nossas pizzas. Pôs mais um pedaço na boca e então procurou mensagens de texto no telefone dela. Sua expressão decepcionada indicava que não recebera nenhuma. – Mas uma vez ele disse que nunca ficava mais de uma vez com as garotas da escola dele. Então o fato de ele ficar comigo um monte de vezes deve querer dizer *alguma coisa*, não é?

Desviei os olhos da janela quando senti que ela me olhou.

– Ah, é – respondi.

Ao ver o rosto de Sylvia se contrair, eu soube que faltara entusiasmo na minha resposta. E Ian Greene parecia mesmo estar a fim dela. Claro, aquele seu jeito selvagem que todos os garotos adoravam ainda não tinha evoluído para a maluquice desenfreada.

– Quer dizer, com certeza – emendei.

Ela relaxou um pouco o rosto.

– Você acha *mesmo*?

– Sem dúvida. Ninguém fica mais de uma vez com alguém da escola se não pensar que pode ser pra valer – falei, como se todos os meus conhecimentos desse tipo não viessem do *GrAcIoSaMENTE*. – Dá muita confusão. Ainda mais para alguém como o Ian. Por que ele se daria a esse trabalho? Ele pode ficar com garotas de qualquer lugar.

Sylvia assentiu, mas parecia estar meio preocupada. Meu telefone vibrou com mais uma mensagem. Tentei verificar de um jeito discreto, mas Sylvia estava me encarando.

Não chegue tarde, dizia.

– Quem é? Seu amiguinho Ben? – perguntou, revirando os olhos. – Estou falando, esse garoto tem tempo livre demais para ficar escrevendo para você. Será que poderíamos chamá-lo de *fracassado*?

– Eu tenho tempo de responder para ele – retruquei. – Também sou uma fracassada?

Sylvia deu de ombros.

– Se a carapuça serve... – Fechei a cara, mas ela continuou. – Olha, não é culpa minha. É você que está se conformando com sexo virtual.

Minha vontade era de enfiar o telefone na cara dela. Queria dizer que *ela* é que era a fracassada, não eu. Porque *eu* tinha sido convidada pelas Maggies, e elas não convidavam fracassadas. Só que, claro, eu não podia contar nada para Sylvia. Isso fazia eu me sentir mal. Eu me sentia mal até por me gabar mentalmente de andar com as Maggies. E Sylvia era Sylvia. Quando se sentia mal consigo mesma, ela implicava comigo. Era o jeito dela, o que me fez lembrar as mensagens de texto babacas sobre meu pai, que eu tinha certeza quase absoluta que ela havia me mandado como uma espécie de brincadeira.

– Por falar nisso, qual é o lance das mensagens sobre o meu pai? – perguntei. Fiquei ainda mais brava por tocar no assunto. Era uma piada de muito mau gosto. – Por que você acharia graça nisso?

– Do que você está falando? – Ela estava tentando bancar a inocente e se saindo muito bem.

– Ah, qual é, Sylvia? Sei que foi você.

– Deixa eu ver. – Ela estendeu a mão para que eu lhe desse o telefone. – Porque eu não mandei mensagem nenhuma sobre o seu pai.

No mesmo instante, deslizei o telefone de volta para a bolsa e então fingi que daria muito trabalho tirá-lo de lá. Em hipótese alguma eu deixaria que ela pusesse as mãos no meu celular. E se chegasse outra mensagem de Zadie?

– Eu não estou inventando – falei.

– Eu não disse que estava.

– A última mensagem dizia: “Seu pai não é quem você pensa.”

– E chegou do *meu* número?

– Não, era um número bloqueado.

– E aí você pensou que fui *eu* que mandei? – Sylvia pareceu ficar muito ofendida. – Valeu.

– Acho que eu estava torcendo para que fosse você. – Isso era mais verdade do que eu tinha percebido.

Mas definitivamente não era Sylvia. Estava claro agora. Ela mentia muito mal. Se não estivesse dizendo a verdade, sem dúvida eu perceberia. Poderia ter sido Zadie ou alguma outra das Maggies. Não era segredo que eu não morava com meu pai, mas o fato de que eu nem sequer o conhecia meio que era. Sylvia era a única que sabia disso.

– O que a sua mãe achou?

– Do quê?

– Ué, da *mensagem*. – Sylvia me olhou como se eu estivesse me fazendo de boba de propósito.

– Eu não contei para ela – respondi, me sentindo um pouco culpada.

– Por que não?

Eu tinha pensado nisso, é óbvio, mas primeiro queria descobrir de onde vinham as mensagens. Se fossem de Sylvia, minha mãe provavelmente teria uma conversa humilhante com a mãe dela. E, se *não* fossem, minha mãe ligaria para a escola e diria que alguém estava me assediando. Não demoraria para ela falar com Woodhouse e ficar sabendo de tudo a respeito das Maggies.

– Eu não contei para a minha mãe porque pensei que fosse *você*.

– Ah, é. Tinha esquecido. Muito legal.

– Mas, enfim, aquela última mensagem era do meu técnico – falei. – Eu esqueci as chuteiras no campo. Tenho que ir buscar.

Sylvia pareceu ficar um pouco sentida.

– Mas você volta, né?

Olhei as horas.

– Provavelmente não. Tenho teste de biologia amanhã.

– Tá bom, então – Sylvia disse. – Mas, antes de ir, podia só, assim, para concluir... você acha que eu tenho que ligar para o Ian de novo ou não? Ou é melhor eu esperar ele me escrever?

Dylan morava na rua 2, perto do parque, em uma casa de pedra parecida com a nossa, só que de pedras brancas em vez de vermelhas, e havia uma escultura em parte legal e em parte assombrosa na frente, representando uma árvore baixa com mãos na ponta dos galhos em vez de folhas. Eu estava na base dos degraus olhando para ela quando a porta se abriu. Lá em cima estava Dylan, descalça, usando um vestido solto e um monte de colares. Tinha um cigarro na mão, que segurava de um jeito estranho. Como se fosse um objeto cenográfico.

– Venha, venha – chamou, gesticulando para que eu subisse. – Você é uma das convidadas de honra.

Quando cheguei ao último degrau, ela amassou o cigarro na entrada da casa, entrelaçou seu braço ao meu e me levou para dentro. A sala estava apinhada de móveis, bibelôs e corpos – meninos e meninas empilhados em sofás e jogados pelo chão. Também estava cheia de fumaça. Maconha, cigarro. A maioria das pessoas tinha uma cerveja na mão. Eu devo ter parado de andar, pois Dylan me puxou de leve para a frente, em direção à cozinha.

– Parece até que você nunca viu uma festa antes! – Ela riu, abrindo a geladeira e pegando uma cerveja Brooklyn Lager.

Eu tinha participado de festas antes – festas do pijama, festinhas para ver filmes, festas de aniversário e até algumas festas com meninos e meninas. Mas nunca uma como aquela.

Dylan tirou a tampinha e me deu a cerveja como quem me daria um

chiclete. Eu a peguei. Ou devo ter pegado, pois a garrafa estava ali, na minha mão. Era fria e escorregadia e mais pesada do que eu teria imaginado. Eu a segurei com força para não deixá-la cair sem querer. Já tinha bebido vinho no Natal, e certa vez Sylvia e eu tomamos uma dose do uísque horrível do pai dela. Mas eu nunca tomara cerveja e, definitivamente, não uma só para mim em uma festa cheia de gente descolada. Estava olhando para a garrafa quando Zadie entrou na cozinha. Parecia já estar bêbada, ou talvez só mais brava do que o normal.

– Ah – ela disse, protegendo os olhos ao me ver, como se eu os fizesse doer. – Se não é a Olhos Doidos. Maravilha!

– Seja legal, Zadie – Dylan pediu, sem se dar ao trabalho de olhar para ela. – Você disse que ia ser.

Zadie tirou duas cervejas da geladeira e a fechou com o quadril, batendo a porta com força. Dylan se contraiu com o barulho, mas não se voltou para olhar.

– Legal? – Zadie grunhiu, ainda me olhando feio.

Tomei um longo gole de cerveja e tentei não engasgar.

– É, legal – disse Dylan. – Você prometeu.

– A gente nunca disse "legal". A gente disse "não pegar pesado". – Zadie se aproximou de Dylan e se inclinou para sussurrar em seu ouvido, mas Dylan afastou a cabeça. – E, considerando o que eu *realmente* penso da Olhos Doidos, acho até que estou sendo simpática pra cacete.

Olhos Doidos? Zadie me detestava de verdade, mas por quê? Nós nem sequer nos conhecíamos. Mas, a cada reunião das Magpies, o desprezo dela por mim ficava mais óbvio. Só quando Dylan começou a ser especialmente simpática comigo para compensar foi que decidi ficar. Ela até me disse que eu lembrava ela própria quando estava no segundo ano. Pode ter sido apenas uma gentileza, mas pensar que Dylan notara algo em comum entre nós duas fez com que eu me sentisse bem.

Dei outro gole de cerveja, prendendo a respiração para não ter que sentir o gosto.

– Eu não morro de amores pela sua bailarina valentona, sabia? – Dylan murmurou, cruzando os braços. Parecia ter ficado chateada. – Mas não fico descontando nela.

Sua bailarina valentona. Será que isso queria dizer que eu era a Olhos Doidos *dela*? Bem que eu me perguntava quem teria me escolhido para entrar nas Maggies.

Zadie ainda estava de pé perto de Dylan. Estendeu a mão devagar e, delicadamente, prendeu uma mecha de cabelo de Dylan atrás da orelha.

– Não me toque! – disparou Dylan, dando um tapa na mão de Zadie.

– Olha o mau humor... – disse Zadie, com um sorriso malévolo. Então ergueu as mãos, com uma cerveja em cada, antes de se dirigir para a porta, um pouco hesitante. – Cuidado, Olhos Doidos, que ela morde.

Carter surgiu na porta da cozinha, parecendo estar desorientado e nervoso. Foi um alívio ver um rosto amigável, mas ele nem tinha olhado na minha direção quando Zadie avançou nele.

– Achei você! – exclamou, pressionando os lábios nos dele e, em seguida, apertando toda a boca sobre a dele.

Carter parecia estar ligeiramente tonto quando Zadie parou para recuperar o fôlego. Ela pegou a mão dele e o puxou com força na direção da sala, virando o rosto por sobre o ombro e sorrindo para nós.

– Até mais, meninas.

– Ela não é tão má quanto parece – disse Dylan quando ela saiu, mas não parecia muito convencida. – Você tem que conhecê-la de verdade. É minha melhor amiga. Boa parte do tempo, parece ser a única.

– Como assim? – Dei uma risadinha, embora ela não parecesse estar tentando fazer graça. – Você tem um milhão de amigos.

– Não do tipo que me conhece de verdade – declarou Dylan, com os olhos brilhando. – Não como a Zadie me conhece.

– Eu gostaria de conhecer você de verdade – falei, sentindo o rosto corar, mas mesmo assim contente por ter falado.

– Venha comigo – chamou Dylan, sorrindo ao entrelaçar seu braço ao meu. – Quero lhe mostrar uma coisa lá em cima.

Eu a segui através da sala esfumaçada e repleta de antiguidades, até a escada escura, que rangia. A casa, de disposição tão parecida com a minha, não poderia ser mais diferente. Era pomposa e sufocante, mas não de um jeito totalmente ruim. Como o cenário de um filme de Jane Austen. Quando comecei a subir a escada, olhei para trás. Foi quando vi, de relance, Ian Greene sentado no sofá. Mas quem estava ao lado dele? Uma menina, sem dúvida. E eu poderia jurar que era Zadie. Pensei ter reconhecido as botas pontudas e a minissaia pregueada. Era a mão de Ian que estava sobre a perna de Zadie? Mas ela havia acabado de agarrar Carter na cozinha; não seria possível trocar um pelo outro tão depressa. Era tarde demais para conferir de novo, pois Dylan me puxou escada acima, tirando-os do meu campo de visão.

– Venha – Dylan disse, meio de brincadeira e meio perdendo a paciência. – Ande logo.

Quando olhei para trás, Ian tinha sumido com o restante da sala.

– Todos os garotos daqui são do Wolf’s Gate? – perguntei quando chegamos ao topo da escada, tentando parecer casual.

– É. A maioria deles é legal. Alguns são uns babacas – ela disse em tom entediado, apontando então para uma porta no meio do corredor. – Vamos entrar ali.

Entramos em um pequeno escritório, com uma imponente mesa de mogno e uma cadeira de couro. As paredes estavam cobertas de livros antigos, com capa de couro, páginas quebradiças e as laterais douradas. E não eram livros novos feitos para parecerem velhos. Eram livros muito antigos mesmo.

– Uau! – exclamei, me aproximando. Todos os clássicos estavam lá: *Odisseia*, *Moby Dick*, *A divina comédia*. – Que incrível!

– Ninguém os lê – contou Dylan, como se não quisesse que eu tivesse a ideia errada. – O meu pai só os coleciona. Originais também. – Ela retirou um livro que estava exposto sozinho, em uma prateleira pequena. – Como este.

Relutei em pegar o livro, com medo de derramar nele o que restava da minha cerveja. Era uma primeira edição de *O sol também se levanta*.

– Uau! – exclamei de novo.

Percebi que eu parecia uma completa idiota, mas não tinha como evitar. O livro era formidável.

– Enfim, achei que era o tipo de coisa de que você iria gostar – disse Dylan, retirando o livro das minhas mãos e devolvendo-o à prateleira.

Ela havia esfriado de repente. Aquele sorriso agradável que tinha me conduzido escada acima desaparecera. Eu parecia tê-la ofendido, mas não fazia ideia de em que momento.

– Aliás, tenho que ir – continuou ela, voltando-se depressa para a porta. – Se você quiser, pode ficar aqui olhando, mas preciso fazer uma coisa. A gente se vê lá embaixo daqui a pouco.

Então saiu. Fiquei ali, sozinha na biblioteca de Dylan, com uma cerveja quase vazia na mão e um monte de perguntas na cabeça. Não tinha ideia do que acabara de acontecer, muito menos de como consertar a situação. Não era fácil quando, para começar, eu nem sequer entendia o que estava rolando entre mim e Dylan.

Mandei uma mensagem para Ben assim que cheguei em casa:

AMELIA

fui na minha primeira festa mista hoje

BEN

de arromba?

AMELIA
basicamente

BEN
sexo, drogas

AMELIA
basicamente

BEN
mas imagino q não pra vc

AMELIA
pois eh, mas a Dylan foi bem legal comigo

BEN
legal

AMELIA
aí de repente ela desconectou

BEN

isso não eh legal. Pq?

AMELIA

nao sei, eu q pergunto

BEN

como eh q vou entender de meninas? Acho vcs todas loucas. Por isso prefiro os meninos

AMELIA

seu inútil

BEN

:)

Larguei o telefone, rolei na cama e peguei *Rumo ao farol*. Não que eu precisasse reler para escrever o trabalho de inglês. Eu conhecia o livro praticamente de cor. Virginia Woolf era tipo minha heroína. Não por ter entrado num rio com pedras nos bolsos – embora, em se tratando de formas de se matar, ela até que tivesse estilo –, mas porque era loucamente talentosa e fora quem ela quisera ser, por mais que o mundo lhe dissesse para ser diferente.

> Como se sentia insignificante ao lado de Paul! Ele brilhava, era ardente; ela, isolada e satírica; ele, atraído pela aventura; ela, ancorada na margem...

Baixei o livro e olhei para o relógio. Eram quase dez horas. Eu havia recebido uma mensagem da minha mãe um pouco depois das oito, dizendo que viria para casa logo, mas para eu não esperá-la para jantar. Pedi comida japonesa o bastante para que também desse para ela. Se eu não encomendasse seu jantar,

ela dormia sem comer nada.

Sem Leelah por aqui, eu muitas vezes comia sozinha, em geral três ou quatro vezes por semana. Comida japonesa, chinesa, tailandesa. Nunca indiana. Isso me daria saudade demais dos pratos de Leelah. Na maior parte do tempo, não era ruim. Os atendentes dos restaurantes sabiam meu endereço de cor e diziam coisas como "Você pode tudo".

Eu não culpava minha mãe por ter que trabalhar. Ela construíra uma carreira e precisava se sair bem. Em geral eu me orgulhava dela por isso. Ainda assim, às vezes eu me sentia só. Mas isso não queria dizer que eu estava "à procura de algo", como Woodhouse dissera. Eu estava bem assim.

Além do mais, tínhamos o compromisso de jantar juntas às sextas-feiras, e nenhuma das duas podia cancelar, em hipótese alguma. E tentávamos fazer um *brunch* aos sábados e sempre nos aconchegávamos juntas no sofá para ver um filme nos domingos à noite. E também fazíamos outras coisas nos fins de semana, dependendo das minhas tarefas para casa e dos compromissos do time de hóquei e de quanto trabalho minha mãe tivesse. E, agora, das minhas reuniões com as Maggies também. Íamos a museus ou ao salão fazer as unhas. Uma vez, percorremos um circuito de cupcakes em Manhattan. No verão, sempre passávamos uma semana juntas em algum lugar de praia – Fire Island, Block Island, Nantucket. E eu sabia que minha mãe passaria ainda mais tempo comigo, se pudesse.

Ouvi a porta de entrada lá embaixo alguns minutos depois. Em seguida, minha mãe subiu a escada devagar, provavelmente com medo de me acordar. Quando enfim empurrou a porta do meu quarto e vi sua cabeça aparecer, estava com o cabelo loiro escuro preso em um rabo de cavalo baixo e os óculos de armação de tartaruga que eu achava maneiros, para uma mãe. Parecia cansada, com grandes sombras escuras sob os olhos azuis, mas continuava bonita. Minha mãe estava sempre bonita. Não que fosse do tipo que meus amigos achassem gostosa, o que seria humilhante. Era uma mãe normal, mas bonita.

Acenei brevemente, a cabeça ainda apoiada no travesseiro, para que ela soubesse que eu estava acordada.

– Ah, oi. – Ela sorriu, parecendo feliz com a surpresa. – Eu não acordei você, acordei?

– Não. – Eu me sentei na cama e pus o livro na mesa de cabeceira. – Eu só estava lendo.

– Você já não leu *Rumo ao farol* um monte de vezes?

Essa era minha mãe. Ela poderia passar muito mais tempo perto de mim e prestar muito menos atenção. Talvez não fôssemos a família mais tradicional do mundo, mas o que tínhamos dava certo para nós.

– É, tipo umas dez vezes. Mas tenho que fazer um trabalho sobre ele para a aula de inglês. Eu só estava dando outra olhada para decidir o que abordar.

– Você não devia estar numa turma de inglês diferente? Eu sei que é ótimo ter outra matéria com mérito, mas ficar entediada também não é bom. – Parecia estar preocupada. – A gente paga caro por aquela escola. Ela devia ser capaz de atender às suas necessidades.

– Mãe, a aula é boa, sério. A Liv é, tipo, minha professora favorita.

Dei de ombros. Minha mãe ficava assim, toda aflita por causa de coisas sem muita importância. Era porque se sentia culpada por passar tanto tempo longe. Vivia esperando a hora de sair em minha defesa em tudo. Mesmo quando eu não precisava de ajuda.

– Além do mais, tenho umas ideias para deixar o meu trabalho mais interessante.

– Promete que você me conta se acabar *não* sendo legal? – perguntou ela, em tom sério. – Quero dizer, com as aulas e com tudo.

Pensei em meu pai. Eu não acreditava que quem estivesse mandando aquelas porcarias de mensagens realmente soubesse algo sobre ele ou sobre mim. Mas elas tinham me feito pensar em quem seria meu pai e onde ele estaria de verdade.

Em tese, era um cara que minha mãe conhecera uma noite, quinze anos atrás. “Um rapaz num bar”, como ela dizia. Um jovem que queria fazer o bem e estava a caminho da África quando seus caminhos se cruzaram. Tudo aquilo era fantástico e demais, pensar em meu pai como uma pessoa assim, só que isso não tinha *nada* a ver com o tipo de homem pelo qual minha mãe se sentiria atraída. O tipo da minha mãe era como Seth: superlegal, inteligente e bem-vestido. Porém, não gay como Seth se descobrira. Na verdade, toda aquela situação não fazia sentido algum. Minha mãe não frequentava bares. Quase nunca bebia. Eu não sei quando foi que deixei de acreditar nessa história. Foi meio gradual, ao longo do tempo, e eu nunca tinha me importado em querer saber a verdade. Minha teoria era que, se valesse tanto a pena encontrar meu pai, ele teria me achado havia muito tempo.

E aí vieram as mensagens de texto.

Por mais que eu tentasse não ligar, elas me incomodavam. *Aquilo* me incomodava. Eu queria dizer à minha mãe que ela não tinha que continuar me protegendo, que eu saberia lidar com a verdade. Porém, vendo seus olhos cansados, aquele sorriso que tentava fazer com que eu me sentisse amada, eu não era capaz. Não podia escancarar tudo. Não queria que minha mãe pensasse que ela não era suficiente para mim. Além disso, eu tinha um pouquinho de medo de que o que ela me contasse pudesse me deixar com raiva. Dela.

Havia ainda outras coisas, mais importantes, sobre as quais eu tinha que falar com ela. Eu precisava de alguns conselhos. Não podia abordar a questão dos clubes secretos, obviamente. Minha mãe investiria contra Grace Hall no meio da noite e a demoliria tijolo a tijolo. E sem dúvida recontrataria Leelah na mesma hora. E esse seria o fim das Magpies e de Dylan. Eu teria que fazer as perguntas de maneira indireta.

– Você pertenceu a alguma fraternidade na faculdade? – perguntei.

Fraternidade, clube secreto. Era um jeito seguro de apresentar a maioria das minhas perguntas.

– Fraternidade? – Minha mãe pareceu ficar confusa por um instante e, em seguida, um pouco constrangida. – Bom, infelizmente, tenho que admitir que sim. Em minha defesa, quase todo mundo de Duke pertencia a uma. Eu senti que não tinha escolha.

– Foi divertido? – perguntei. – Quero dizer, você ficou feliz de participar?

– Feliz? – Ela franziu a testa e passou o dedo pelos lábios. – Acho que *feliz* não é o termo que eu usaria. Eu sobrevivi, digamos assim.

Achei engraçado imaginar minha mãe em algo como uma reunião das Maggies. Se eu era certinha, minha mãe era uma santa.

– Que tipo de trote aplicaram em vocês? – perguntei, sentindo um estranho vínculo secreto com ela.

– Espere aí. Por que todas essas perguntas sobre fraternidades, Amelia? – Minha mãe me fitou e estreitou os olhos. – Você não está planejando fugir para a faculdade mais cedo, está?

– Não – respondi, procurando uma desculpa. – Estou escrevendo um trabalho sobre fraternidades para a aula de Controvérsia Moral nos Estados Unidos.

Nossa! De onde eu tinha tirado isso? Estava ficando cada vez melhor nesse negócio de mentir.

– Controvérsia Moral nos Estados Unidos? Eu já ouvi você falar dessa matéria?

– Já, você estava junto quando escolhi.

– Estava? – Ela parecia confusa. – Você ainda tem matérias comuns também, tipo matemática?

Revirei os olhos.

– Poxa, mãe...

– Bom, se é para um trabalho, a minha resposta sincera é que acho que as fraternidades são ruins. Horríveis, aliás. Acho que fazem as mulheres se sentirem péssimas consigo mesmas por trás de uma máscara de irmandade.

Não parecia nada bom. E ela nem estava exagerando para tentar me

convencer. Aquela era sua opinião sincera e neutra. Mas, pensando bem, um clube secreto não era *exatamente* o mesmo que uma fraternidade. De forma alguma. Na verdade, eram muito, muito diferentes. O ensino médio e a faculdade não tinham nada em comum.

– Mas quero dizer que, caso você acabe em uma fraternidade, eu não vou usar isso contra você. – Ela pôs uma mão na minha testa. – Tem certeza de que você está bem? Parece pálida.

– Estou bem – respondi, afastando a cabeça. – E quantos anos você tinha quando começou a sair com meninos?

Minha mãe respirou fundo.

– Quando quis sair? – perguntou. – Ou quando saí de fato? Porque eu sempre passava mais tempo pensando nos meninos do que realmente com eles. Como você sabe, romance nunca foi meu forte.

– Quando você começou a *gostar* de meninos?

Eu andava me perguntando se o meu desabrochar tardio seria genético.

– Antes de eu responder, você já está namorando alguém? Porque a gente combinou que não poderia antes dos 15 anos, e só *depois* de conversarmos sobre isso. Mas eu não vou ficar brava, prometo. Você sempre pode me contar a verdade, seja qual for.

– Não estou namorando ninguém, mãe – respondi, tomando o cuidado de olhá-la bem nos olhos. – Eu contaria para você, juro. É só pesquisa para o mesmo trabalho.

– O mesmo trabalho? – ela perguntou, arqueando as sobrancelhas.

Era uma péssima mentira. Nem fazia sentido.

– É, tem duas partes.

Ela pareceu ficar ainda mais cética.

– Sei. Certo. Bom, vamos ver, acho que eu tinha uns 13 anos, talvez – falou, fazendo um gesto com a mão, como se talvez fosse ainda menos. – É difícil lembrar com exatidão. Mas eu tenho certeza de que não beijei ninguém até ter uns 15 anos, *pelo menos*. Talvez até 20.

Ela me olhou como se estivesse tentando me fazer entender algo, mas então sorriu. Uma das coisas ótimas da minha mãe, como mãe, era que ela sempre sabia quando estava se comportando de um jeito meio ridículo.

– Está bem – concordei, me sentindo meio isolada de repente.

Treze eram menos do que 15. Somente por dois anos, mas eu sentia que eram dois longos anos. Talvez houvesse algo de errado comigo. Não que eu pudesse esperar que minha mãe me ajudasse a me sentir melhor quando eu nem lhe dizia do quê estávamos falando realmente.

– Valeu. Era só o que eu precisava saber.

Ela se inclinou para a frente e me deu um abraço, me deixando sem ar.

– Desculpe por não ter chegado para o jantar, Amelia. Eu estava tentando sair, mas fiquei presa num telefonema e aí...

– Tudo bem, mãe. Eu sei que você não queria ficar no trabalho.

E sabia de verdade, ainda que às vezes fosse chato mesmo assim. Minha mãe tinha os olhos úmidos quando se afastou e sorriu para mim. Quando estava muito cansada, ela chorava por qualquer coisa. Passou a mão pelo meu rosto.

– Você é um doce, Amelia.

Ela me deu um beijo na testa e então se levantou da cama e se dirigiu para a porta. Estava quase lá quando me dei conta de que eu *realmente* não queria que ela saísse. Precisava conversar mais com ela. Tinha que lhe contar tudo.

– Mãe – chamei.

Ela parou e se virou, já na porta.

– O que foi, querida?

– É que eu fui convidada...

Então seu celular tocou e ela apalpou os bolsos do casaco à procura dele. Quando o achou, pareceu ficar injuriada ao ver quem estava ligando.

– Ai, desculpa – ela disse antes de atender. – Alô, sim, espere só um segundo. – Então olhou para mim, cobrindo o telefone com a mão. – O Victor está em Tóquio e, pelo jeito, acha que o mundo gira em torno do fuso horário dele. Mas é melhor eu atender. Ele já me ligou quatro vezes hoje. O assunto pode esperar, Amelia?

Olhei para o telefone na mão dela e para sua expressão de quem está se esforçando ao máximo. Se eu pedisse para minha mãe desligar o telefone naquele instante, ela o faria. Eu sabia disso. Também sabia que ela faria de tudo para evitar que as Maggies ou Dylan me magoassem. E sabia que eu podia lhe contar qualquer coisa. Mas talvez eu não estivesse preparada, no fim das contas. Ainda não. Não até eu entender o que tinha para lhe contar.

– Pode esperar – respondi.

– Tem certeza? – ela perguntou. – Este tempo é seu, não deles.

– Eu sei, mãe – falei, e significava muito para mim que ela dissesse aquilo. Significava tudo. – Tenho certeza.

Kate

30 DE ABRIL DE 1998

Três semanas, quatro dias e cinco horas. É o tempo que passou desde que Amelia nasceu.

Sinto que deveria ir ficando mais fácil. Mas não é o que acontece.

Mas os primeiros dias foram os piores. No hospital, sozinha, tentando descobrir como amamentar no meio da noite. Senti dificuldade até para sair da cama. Tudo doía. E ainda tive que tirá-la do bercinho.

Ela é tão pequena e molinha, como se os ossos fossem feitos de esponja. É uma piada de mau gosto da natureza que os bebês sejam tão frágeis.

Ainda bem que a enfermeira especializada pela qual Gretchen está pagando vem hoje. Vou agradecer quando ela chegar, mesmo que minha mãe só a tenha contratado para poder cair fora da cidade depois de três breves noites no hotel Essex House. E Gretchen ainda teve a desfaçatez de lacrimejar ao ir embora. Lágrimas de decepção, com certeza.

Mães. Agora sou uma delas. Essa é a parte mais louca. Eu: mãe. De uma pessoa de verdade, viva.

As enfermeiras do hospital ficavam dizendo que eu devia pedir para levarem Amelia para o berçário, para eu descansar um pouco. Prometeram que a trariam de volta na hora de amamentar. Eu sei que ofereciam isso porque eu estava sozinha. Minha companheira de quarto, que tinha o marido para ajudar com o bebê o dia todo, não mandou o filho para o berçário.

Então também não mandei. Amelia não vai ter menos só porque sou sozinha. Não agora. Nem nunca.

Kate

30 DE JUNHO DE 1997

Ele me chamou na sala dele hoje para me dizer que o memorando de preclusão que fiz foi o melhor que ele já leu escrito por um associado temporário. É como se o presidente saísse do Salão Oval para me dar um tapinha nas costas: algo que não acontece nunca.

Já percebi que o melhor jeito de superar Seth não vai ser arranjando outro namorado, mas me tornando a melhor associada de verão que a Slone & Thayer já teve.

Kate

27 DE NOVEMBRO

Kate estava de pé na cozinha, com o dedo pronto para ligar a cafeteira, quando ouviu uma batida na porta. Mal tinha amanhecido – passava pouco das sete. Apertou o botão e foi até a janela. Quando Kate olhou para fora, viu a vizinha da casa ao lado, Kelsey, saltitando de um pé para o outro, vestindo calça de corrida e um casaco esportivo amarelo brilhante da Nike, com um gorro de lã sobre o cabelo curto.

Kelsey tinha gêmeos de 6 anos, com quem ela ficava em tempo integral, e um marido brasileiro lindo, visivelmente dedicado a ela tanto quanto ela era aos filhos. Essa imagem idealizada da maternidade sempre fizera Kate se sentir inadequada. Não por algo que Kelsey fizesse, mas por ela parecer ser tão bem resolvida. Queria ser mãe em tempo integral, e era. Não havia forças em sentidos opostos nem malabarismos desajeitados nos quais alguém sempre saía perdendo – Amelia, Kate, seu emprego.

Nas semanas depois que os amigos de Kate haviam voltado para suas casas, Kelsey fora uma bênção. Passava por lá deixando comida pronta, comprava alimentos e lavava as roupas para Kate, tudo sem que fosse necessário lhe pedir e sem esperar um agradecimento. Parecera quase ficar desapontada quando Kate lhe dissera que iria voltar a trabalhar e não precisaria mais de sua ajuda.

– Ficou trancada fora de casa? – Kate perguntou ao abrir a porta.

– Não, não, tudo certo – Kelsey respondeu, acenando. Continuava saltitando de uma perna esbelta para outra. – Só queria dar um alô e ver como foi seu primeiro dia de volta ao trabalho.

– Ah, é, foi... – Kate hesitou, de repente incapaz de se lembrar de algo que acontecera no escritório.

Desde que recebera aquela mensagem sobre Amelia não ter pulado, tudo ficara enevoado e difícil de acompanhar. E ela ter passado metade da noite lendo as mensagens de texto da filha não ajudava. Começara pelas conversas entre Amelia e Sylvia, pois lhe pareceu que essas teriam menor probabilidade de chateá-la. Ficara maravilhada com os intricados detalhes de seus diálogos. Uma espinha rebelde, a infelicidade de alguém na escolha de um sapato, um esbarrão acidental em um determinado garoto no corredor, as minúcias de um sonho estranho que uma delas tivera na noite anterior – eram todos assuntos dignos de serem dissecados no fluxo aparentemente incessante de mensagens trocadas entre elas. Eram tantas mensagens que mal dava para acreditar que as duas chegavam a estar juntas em um mesmo ambiente. Mas tinham estado, quase até o fim.

Fuja, eu dou cobertura, havia sido a última mensagem que Sylvia mandara para Amelia quando esta fora mandada para a sala do Sr. Woodhouse.

Sylvia admitira para Molina que tinha ajudado Amelia a sair da sala do diretor minutos antes de morrer. Mas, quando Sylvia entrara escondida no banheiro logo depois, Amelia tinha desaparecido. Assim como todos os outros, Sylvia não fazia ideia do que teria levado Amelia ao telhado, nem a pular de lá.

– Você está bem, Kate? – Kelsey perguntou. Tinha parado de saltitar e estava olhando para ela, preocupada.

– Sim, me desculpe. Só estou distraída. – Kate balançou a cabeça com força. – Eu estava preparando café. Quer entrar e tomar uma xícara?

O convite foi impulsivo e inusitado. Mesmo com toda a ajuda de Kelsey recentemente, as duas nunca tinham se encontrado para um café. Mas agora Kate queria isso. Queria passar um tempo com Kelsey e fingir que eram amigas íntimas.

– Claro – Kelsey respondeu, surpresa. Olhou para o relógio. – Mas não posso demorar. O Gabriel está com os meninos e precisa sair para o trabalho

daqui a alguns minutos.

Kate foi pegar o café enquanto Kelsey se sentava à mesa da cozinha. Quando voltou, pôs uma caneca na frente de cada uma delas, dizendo-se o tempo todo que era assim que se fazia esse tipo de coisa. Um convite espontâneo, uma conversa casual. Era assim que as pessoas solteiras e sem filhos sobreviviam à solidão total. Talvez ela devesse oferecer um bolinho ou biscoitos também, mas não tinha. Kate sentia o olhar de Kelsey nela.

– Desculpe, eu sei que estou meio estranha...

– Não, não, imagine – Kelsey disse rapidamente e sem convicção. – Fui eu que bati na sua porta às sete da manhã.

Kate olhou para a caneca de café e deu um sorriso, tentando não chorar. Kelsey era sempre gentil e generosa. Era o tipo de pessoa feita para ser mãe, não alguém como Kate, que se deixara distrair demais pela própria ambição. Se Kate fosse menos ocupada, se prestasse mais atenção, talvez tivesse sido capaz de evitar o que acontecera com Amelia.

– Ontem, eu recebi uma mensagem de texto anônima, dizendo que a Amelia não pulou. Isso me deixou, não sei, abalada.

– Meu Deus! – Kelsey exclamou, cobrindo a boca com a mão. – Que horrível! Quem faria algo assim?

– Não sei. – Kate balançou a cabeça. – Mas acho que, seja quem for, é possível que esteja dizendo a verdade.

– É mesmo? Eu pensei que a polícia... – Kelsey se interrompeu. – Bom, eu nem conheço os detalhes. Mas eu não sabia que havia alguma dúvida.

– Não havia. – Kate tomou um gole do café. – Pelo menos segundo a polícia. Mas nunca senti muita confiança no detetive que conduziu a investigação. Ele parecia ter pressa demais para passar a um caso melhor ou algo do tipo. – Kate detestava seu tom de voz defensivo, acusador, desesperado. – No fundo, eu também nunca acreditei que a Amelia pudesse se matar. E agora, essa mensagem. Além disso, ontem à noite achei alguns bilhetes suspeitos no quarto dela. – Kate deu de ombros. – Juntando tudo isso... parece que talvez houvesse algo acontecendo na vida dela que eu não sabia. Que provavelmente eu deveria saber. Algo de ruim.

– Ah – Kelsey disse. Baixou a vista para o tampo da mesa e se ajeitou no banco, parecendo desconfortável. – Escute, eu não falei nada antes porque não parecia ter importância. Mas agora já não sei.

Kate sentiu o estômago contrair.

– O quê?

Kelsey respirou fundo e então entrelaçou as mãos em torno da caneca.

– Eu vi a Amelia entrando em casa com um menino, mais ou menos uma

semana antes de morrer.

– Sério? – O coração de Kate acelerou. – Um menino, aqui?

Entrando em casa com segundas intenções, certamente. Não que fosse obrigatoriamente isso, mas Kate não iria mais tapar o sol com a peneira. Quanto tempo se permitiria acreditar que ter boas notas e ser uma atleta exemplar significava *não* fazer sexo? Amelia tinha perguntado abertamente a Kate, semanas antes de morrer, quando ela começara a gostar de meninos. Kate aceitara passivamente a desculpa de que era "pesquisa acadêmica". Mas ela nem sequer acreditara *mesmo* na desculpa naquela hora, e a pergunta disparara alguns alarmes. Talvez ela tivesse se deixado acreditar naquilo porque era o mais fácil.

– Podia ser só um amigo, não sei – Kelsey disse, mas era óbvio que não era isso o que pensava. Fez uma pausa, olhou para baixo, inspirou fundo mais uma vez. – Eu só os vi na porta da casa ao entrar e depois, quando saíram.

– A Amelia passando um tempo na casa vazia com um menino depois da aula não parece exatamente amizade – disse Kate. – Estou constrangida com a minha ingenuidade. Mas a Amelia era uma menina tão boazinha... Eu me deixei enganar por uma falsa sensação de...

– Não foi depois da aula, Kate.

– O quê? Como assim?

– Foi no meio do horário escolar – Kelsey disse em tom baixo. – Sinto muito. Não quero dar muita ênfase ao assunto. Pode nem ter importância, mas talvez tenha.

– No meio do dia? – Kate perguntou em um tom mais bravo do que pretendia.

Amelia, matando aula? Ela não acreditaria nisso, assim como não acreditava que Amelia houvesse plagiado um trabalho, se Kelsey não tivesse visto com os próprios olhos.

– Me desculpe por não comentar isso antes... É que eu... – A voz de Kelsey estava vacilante. Parecia transtornada de preocupação. – Eu não queria chatear você com isso se não fosse relevante. Mas agora que está dizendo que talvez a Amelia não tenha se matado... Tinha algo de estranho naquele menino. Não sei, ele me deixou incomodada.

– Ele a deixou *incomodada*?

– Não tanto ele, foi mais o jeito da Amelia com ele. Parecia estar nervosa ou triste ou algo assim. Eu só os vi juntos por alguns segundos, então é difícil dizer. Mas a linguagem corporal dela estava estranha.

– Você viu a Amelia matar aula e entrar na nossa casa vazia com um menino que deixou a ela e a você incomodadas e não pensou em me contar?

– Eu tinha pensado em perguntar à Amelia sobre isso da próxima vez que

ela viesse cuidar dos meninos e incentivá-la a falar com você. Só que não houve uma próxima vez. Fiquei com medo de que, se eu lhe dissesse algo diretamente, você pensasse que eu a estivesse julgando como mãe. Sinto muito, Kate. – A voz de Kelsey falhou, e então ela arregalou os olhos. – Meu Deus, e se aquele menino teve algo a ver com o que aconteceu com a Amelia?

Quando Kate saiu do trem F em Bryant Park, estava escuro e enevoado, como se o sol nunca tivesse saído. Enquanto atravessava a rua e seguia na direção oeste pela Rua 42, a chuva apertou, passando de névoa a garoa. Kate ouviu o telefone avisar o recebimento de uma nova mensagem quando chegou à calçada do outro lado. Parou protegida da chuva, preparando-se para ler outra mensagem sobre Amelia.

Eu sei do seu segredinho. Logo todo mundo vai saber também.

As mãos de Kate ainda tremiam quando ela chegou à empresa e se dirigiu para o Departamento de TI. Nunca estivera lá. Quando tinha um problema com o computador, o Departamento de TI ia até ela. Porém, de fato, todas as importantes funções de TI da Slone & Thayer ficavam restritas a um modesto cubículo no segundo andar, perto da central de copiadoras.

Kate bateu à porta, que estava parcialmente aberta, mas ninguém respondeu. Esperou mais um minuto antes de bater de novo e, então, terminou de abri-la. Como esperava, lá estava Duncan, com fones de ouvido enormes, olhando para a janela enquanto tocava uma bateria imaginária, completamente distraído. Kate o observou um segundo, mas ele não a notou. Ela não teve escolha senão dar um passo à frente e tocá-lo no ombro.

– Mas que p...! – gritou, pulando tão depressa que bateu com as coxas na mesa. – Ai!

– Ai, me desculpe – Kate sussurrou. – Não quis assustá-lo.

– Sem grilo – disse Duncan no habitual tom de voz alto e elétrico, como de drogado. – Mas não faz mais isso, tipo, sério. Vai estragar o meu *chi* para sempre. A gente não recebe muitas visitas aqui. Não pode entrar aqui de surpresa, tipo, nunca.

Ele fechou os olhos e respirou fundo algumas vezes. Por fim, abriu os olhos

e exalou longamente. E pronto, voltara ao seu jeito de surfista descontraído com o qual Kate estava habituada.

Ela lhe mostrou o celular.

– Recebi outra mensagem de texto como aquela que a Beatrice pediu que você rastreasse para mim. Não tem mesmo como me dizer quem é que está mandando?

Duncan pegou o telefone e leu a mensagem.

– A *vibe* disso aqui é péssima – disse.

– É, valeu – disse Kate. – Sei disso. Minha esperança era que você me ajudasse a descobrir de quem é.

– Ah, é, pode crer. – Ele apertou alguns botões no telefone e franziu as sobrancelhas. – A pessoa usou o site da companhia telefônica de novo para enviar a mensagem.

– Então não tem jeito? Você acha que a polícia conseguiria mais alguma coisa?

Ele deu de ombros.

– De modo geral, eu tento ficar longe da polícia. Não sei o que ela tem na manga, tipo, do ponto de vista da autoridade. Mas a companhia telefônica pode ter um registro de quem fez log-in no site, e de onde, para mandar esta mensagem, então talvez a polícia possa intimar a companhia. Acho que vai precisar de um motivo ou algo assim. Do ponto de vista da tecnologia, eu posso dizer que, só com este telefone, a polícia não vai conseguir fazer nada diferente do que já fiz. – Ele devolveu o aparelho para Kate. – Foi mal.

– Obrigada, mesmo assim.Você acha que poderia me ajudar com outras coisas, como copiar tudo o que estiver no laptop da minha filha e imprimir as mensagens do celular dela?

– Claro – respondeu Duncan, em voz mais baixa. Sua expressão ficou tristonha quando Kate pôs na mesa dele o celular e o computador de Amelia, assim como diversos cabos e carregadores. – Mas tem certeza de que quer *tudo*, tipo até a página do Facebook, Twitter e tudo mais? Tem algumas dessas coisas que é mais fácil ver online.

Facebook. Kate havia tomado a decisão de nunca olhar o perfil da filha, que continuaria viva demais ali. Ela sabia que os amigos de Amelia usavam seu mural como um memorial improvisado, passando por lá para deixar mensagens expressando as saudades que sentiam dela. A ideia de ver essas mensagens era insuportável.

– Acho que a Amelia não tinha uma conta no Twitter. Ela nunca mencionou.

– Tem certeza? – Duncan perguntou. – A maioria da garotada na escola usa

o Twitter pelo menos às vezes e manda mensagens o tempo todo. E ainda tem o Facebook. O e-mail é o novo correio tradicional. Nem sei se ela precisaria mencionar o Twitter. Para eles, é instintivo. Tipo, é claro que todo mundo tem.

Kate o encarou. Aquilo era demais. Eram muitos os lugares onde coisas terríveis a respeito da vida da filha poderiam estar escondidas. Kate voltou a pensar na mensagem que ela vira de um garoto chamado Ben. "Como sou sortuda", Amelia escrevera em tom sarcástico sobre Kate ser sua mãe. Ler aquilo tinha sido péssimo. E as coisas poderia ficar muito piores.

– O que você acha de a gente fazer assim? – Duncan resgatou Kate do silêncio que a asfixiava. – Eu imprimo todos os documentos em Word e tudo o que tiver no HD do computador e também o histórico do navegador. Nas outras contas, como Facebook, eu crio uma senha para você. Assim você pode, tipo, dar uma espiadinha – propôs, apoiando uma mão no computador de Amelia. – Porque não é legal ir muito fundo nos detalhes da página de Facebook da sua filha. Quero dizer, eu tenho 24 anos e sou limpinho e tals, mas os meus velhos teriam um treco se vissem a minha página toda. Para a mãe e o pai, a gente tem que filtrar. Quem é que quer ver a filhinha, tipo, fazendo *body shot* de tequila?

– *Body shot?*

– Cara, você não é tão velha assim. – Duncan revirou os olhos. – Só não tinha Facebook quando você estava curtindo os bons tempos.

– Quanto tempo isso leva?

Duncan olhou para o relógio.

– Só umas horinhas. Eu mando uma mensagem quando estiver tudo pronto.

Kate estava a caminho de sua sala quando o celular tocou. Era um número não identificado. Ela parou em um trecho sossegado do corredor, após o recuo do elevador, e atendeu sentindo um leve enjoo.

– Alô?

– Aqui é o tenente Lewis Thompson, da 78ª delegacia. – A voz tinha a mesma cadência carregada que a de Molina, típica do Brooklyn, mas falava com um tom extremamente cauteloso e educado. – Falo com a Sra. Kate Baron?

– Sim?

– Eu fui encarregado do caso da sua filha e...

– O que aconteceu com o detetive Molina? – Kate perguntou, mas logo se arrependeu. Não queria dar a entender que preferiria falar com Molina. Esse tal tenente Thompson, fosse quem fosse, seria melhor. Preferiria qualquer pessoa a Molina.

– Ele não está mais no departamento.

– Ele foi demitido?

Uma coisa era desconfiar que Molina era incompetente, mas ter *tanta* razão seria quase assustador.

– Saída voluntária. Aceitou uma proposta na área de segurança particular. Ontem foi seu último dia.

– Entendo – disse Kate, embora não fosse verdade. Não entendia nada. Ele telefonara para ela na véspera.

– Nós recebemos o resultado da análise de caligrafia...

– Espere: vocês fizerem uma análise?

– O caso foi encaminhado para nós com base nesse resultado.

– Como testaram a caligrafia se nem tinham uma amostra da letra da Amelia?

Kate já estava se preparando para ouvir que aquele *perdão* escrito na parede era mesmo de sua filha. E estava farta de aceitar de bom grado a explicação de que a polícia estava trabalhando com a diligência adequada.

– Os peritos tinham, sim, uma amostra da caligrafia da sua filha. Pelo menos acho que sim. Eu a tenho aqui na mão. É um bilhete endereçado a Jeremy, agradecendo pela referência que ele forneceu. Está assinado: “Amelia”. Faz sentido?

Jeremy, claro. Amelia lhe mandara um bilhete de agradecimento por escrever uma carta de recomendação para ela para o programa de férias em jornalismo de Princeton. Jeremy havia se formado lá e, ao saber que Amelia estava se candidatando a uma vaga, oferecera-se generosamente para recomendá-la junto ao concorrido programa para alunos do ensino médio, sem que Kate pedisse. Pelo visto, Jeremy não apenas ligara para o comissário de polícia como fizera a análise de caligrafia avançar.

– Se a senhora pensa que há alguma chance de o bilhete não ser da sua filha – prosseguiu o tenente –, faremos o teste de novo com uma amostra que a senhora fornecer. Quero ter certeza de que não reste dúvida desta vez.

– Então a letra é dela? – Kate perguntou, ainda se preparando para receber a má notícia. – Foi a Amelia que escreveu “perdão” naquela parede?

– Poderia responder a minha pergunta primeiro? – o tenente Thompson insistiu, não de forma impaciente, mas com firmeza. – O bilhete foi escrito pela sua filha?

– Foi. É da Amelia.

– Então, tudo indica que quem escreveu naquela parede não foi a sua filha.

– A letra não é dela?

– Nem de longe.

Kate foi correndo para sua sala, para pegar suas coisas e informar Beatrice que passaria o resto do dia fora. Dissera ao tenente Thompson que o encontraria em Park Slope, no Dizzy's, dentro de uma hora. E ainda precisava fazer algo antes de sair.

Desceu correndo os dois lances da escada interna e fez a curva para entrar na imensa sala de Jeremy. Quando parou na porta de repente, ele estava sentado na cadeira, virado na direção oposta, provavelmente para ocultar o fato de estar lendo a seção de esportes do *New York Post.*

Kate bateu à porta e Jeremy se sobressaltou.

– Eu só queria agradecer – ela disse quando ele virou a cadeira. – Por falar com o comissário de polícia e providenciar a análise da caligrafia. É incrível que você tenha guardado aquele bilhete.

– Gostei do bilhete – ele disse. – Confirmaram a caligrafia dela?

Kate balançou a cabeça.

– Não.

– É mesmo? – Jeremy pareceu ficar chocado. – Nossa.

– Pois é. Eu não achava que a Amelia tivesse escrito aquilo, mas ter a confirmação... ainda assim é assombroso. Enfim, também transferiram o caso para outra pessoa. Estou saindo para conversar com ele.

– Que bom saber que estão levando o caso a sério – Jeremy disse. – Talvez agora você obtenha algumas respostas de verdade.

– Espero que sim – falou Kate, olhando para ele. Por um momento, pensou em dizer mais alguma coisa, mas já sabia que não diria. – Enfim, obrigada pela ajuda.

– Imagine. Se eu puder fazer algo mais, não deixe de me dizer. Você me mantém informado? Pode me contar o que descobrirem?

– Sem dúvida – respondeu Kate ao se virar para sair.

– Ah, uma última coisa – Jeremy a chamou. – Sei que você não está pensando nisso agora, e nem deve, mas eu queria lhe dizer que tirei o Daniel do caso do Banco Associado. Quando voltar, você vai ser a única sócia nesse caso. Mas não há pressa alguma. De verdade. Os sócios seniores e eu damos conta de tudo enquanto for preciso. Mas era uma decisão que eu tinha que tomar. O Daniel deu sorte com a intimação e escreveu uma boa arguição para a segunda instância, o que vai ficar registrado como uma vitória para ele. Mas você dedicou seis anos a esse caso. Ele é seu. Posso matar vocês de tanto trabalhar,

mas acredito que a fidelidade deve servir de alguma coisa. É um recado que os outros sócios juniores precisam ouvir. Quando você voltar, eu também me retiro.

Jeremy era o sócio sênior em praticamente todas as grandes questões litigiosas da firma. Direta ou indiretamente, ele atraíra a maioria daqueles clientes, que continuavam sendo dele, mesmo que não se envolvesse no trabalho. Era algo cerimonial, além de contarem como horas faturáveis.

– O que quer dizer?

– Quero dizer que o caso é seu. As faturas, o lucro, o cliente. – Jeremy tinha uma expressão entusiasmada, como se estivesse dando a Kate um presente precioso que ele tivesse feito com as próprias mãos. – Vai ser como se você tivesse trazido o cliente. O Victor também está totalmente de acordo. Aliás, pareceu ficar muito feliz ao saber que não lidaria mais comigo.

Kate ouvira boatos sobre Jeremy "dar casos" aos sócios ao longo dos anos, casos que acabavam definindo o futuro de suas carreiras. Ter um cliente do peso do Banco Mútuo Associado faria isso por Kate. Era o tipo de oportunidade que ela teria festejado antes de Amelia morrer. Agora, a fazia sentir-se ligeiramente nauseada. Mas não queria desapontar Jeremy. Ele estava tentando ajudá-la da única forma que sabia: dando um impulso em sua carreira.

– Obrigada – Kate disse, pois era o que se esperava, e era sincero. – Por tudo o que tem feito.

Havia pouca gente no Dizzy's quando Kate entrou. Passou a vista pelos bancos vermelhos desgastados e as paredes repletas de fotografias ecléticas até identificar um homem esguio, de 60 e poucos anos e cabelos cacheados grisalhos, que estava sentado lá no fundo. Usava blazer e gravata e conversava com uma garçonete charmosa, de *piercing* no nariz e uma bandana vermelha na cabeça. Ele disse algo e a garçonete inclinou a cabeça para trás numa gargalhada. Então, Kate se dirigiu à mesa. Era o único homem sentado sozinho. Embora a aparência não tivesse nada a ver com o que Kate esperava, imaginou que devia ser o tenente Lewis Thompson.

– Tenente Thompson? – perguntou ela, em tom incerto, ao chegar à mesa.

– Pode me chamar de Lew, de Lewis. – Ele estendeu a mão. De perto, era ainda menor, com olhos azuis pálidos atrás de óculos metálicos finos. – Sente-se.

– Desculpe-me pelo atraso – disse Kate, tentando não se deixar desanimar pela aparência dele. Ainda assim, era difícil imaginá-lo perseguindo bandidos, quanto mais pegando algum.

O tenente desviou o olhar de Kate e fez um gesto para chamar a garçonete.

– Já sabe o que quer comer? Me desculpe, mas não pude esperar.

Ele indicou seu prato: frutas, uma omelete de legumes e torrada integral. Nem sua refeição era típica de um policial. Por outro lado, Molina, o estereótipo em pessoa, não chegara a lugar algum.

– Mais alguma coisa, querido? – a garçonete perguntou a Lew, que apontou para Kate.

– Só um café – respondeu ela, embora estivesse com fome.

– Tem certeza? – Lew perguntou após a garçonete sair. – Nada é mais importante do que comer bem.

– De que departamento disse que era? – Kate perguntou, temendo que ele dissesse algo como controle de tráfego. – Acho que você falou ao telefone, mas não gravei.

– Septuagésima oitava delegacia, Homicídio – ele respondeu, comendo outra garfada pequena.

– Homicídio?

– Sim, homicídio. Corpos sem vida, sabe? – falou, lendo os pensamentos de Kate. – Ainda não tenho nenhuma prova nova sobre o caso da sua filha, fora a análise da caligrafia. Estou aqui para ouvir, não para falar. Então por que não me diz por que acha que a sua filha não se matou?

No tempo que levou para tomar duas xícaras de café, Kate falou. Contou que tipo de aluna e de filha Amelia havia sido. Disse que não acreditava que ela fosse colar num trabalho. Nem se matar. Durante todo o tempo, Kate dizia a si mesma que não era só sua negação falando, não era só o fato de ela não ser capaz de viver pensando que a filha houvesse tirado a própria vida. Mas uma pequena parte dela receava que sua negação fosse a razão para ela estar sentada ali, na frente daquele tenente baixinho. Ainda assim, ela insistiu, relatando sobre o menino misterioso que Kelsey tinha visto e todos aqueles bilhetes de “eu te odeio”. E informou ao tenente Thompson sobre as mensagens que recebera, que já somavam três.

– E qual é o segredo que essa pessoa acredita que você tenha?

– Não faço ideia – disse Kate, encobrindo aquela voz dentro dela que gritava *Talvez eu saiba! Talvez eu saiba!* – Francamente, não sei.

– E não tem ideia de quem pode estar mandando essas mensagens.

Kate balançou a cabeça.

– Pedi para o Departamento de TI da minha empresa verificar. As mensagens vieram do mesmo site da companhia telefônica, mas isso é tudo o que souberam me dizer. Também vão imprimir todas as mensagens de texto e os e-mails, do celular e do laptop, da Amelia. Não sei ao certo se Molina olhou tudo

isso da primeira vez. – Kate resistiu ao impulso de dizer que Molina havia mentido descaradamente, mas não parecia haver perigo em apenas insinuar. – Ele disse que sim, mas não tinha a senha do celular dela, então não sei como pode ter visto. Ele também não viu aqueles bilhetinhos no quarto.

– Hum. Certo, vou mandar a nossa equipe verificar as mensagens. O pessoal não é dos mais rápidos, mas pode conseguir mais detalhes. Também podemos intimar a companhia telefônica, mas isso também não é assim, imediato – disse Lew. – Mas eu revi a ficha da sua filha.

– E?

– Talvez esteja um pouco superficial.

– Talvez?

– Olhe, um policial decente fazendo um trabalho decente pode olhar para muitos ângulos possíveis. Há uma gama. – Ele mediu a distância com as mãos. – Mas, num caso como este, seria de se esperar que houvesse mais entrevistas com testemunhas, anotações mais detalhadas. Havia um pouco de cada coisa, provavelmente não o suficiente. E tem a questão do laudo da autópsia.

Kate nunca vira o laudo. Não tinha pedido, nem lhe tinha sido oferecido.

– O que tem ele?

– Primeiro, não estava na ficha da investigação – ele disse. – Eu fui até Manhattan buscar uma cópia, e tudo o que havia na central do Instituto Médico Legal eram as fotografias. Não sou especialista em análise de fotos de autópsia, mas tem pelo menos uma coisa que não condiz com alguém que se joga de propósito.

Ali estava o que Kate queria: uma prova real de que Amelia não tinha se matado. Porém, de repente, sentiu pânico.

– O que quer dizer?

– Havia arranhões nos antebraços de Amelia, compridos. Como se tivessem sido feitos pelas unhas de alguém. – Ele parou quando Kate se encolheu. – Tem certeza de que quer ouvir isso? Este nível de detalhe provavelmente não é necessário.

– Eu quero saber – ela disse, tentando se forçar a respirar. – Preciso saber. Continue.

– E a posição do corpo também. Não chega a descartar o suicídio tanto quanto, digamos, cair longe do edifício. Mas dá margem a perguntas que alguém deveria ter respondido.

– Podemos ligar para Molina e perguntar?

– Já liguei. – Lew arrumou a faca e o garfo para que ficassem bem alinhados dos lados do prato. – No momento, parece que ele não está disponível, pois está num barco de pesca em algum lugar de Florida Keys. Só volta em uma

semana.

– Você disse que ele vai ser *segurança*? – Kate perguntou, pois parecia se tratar de alguém que fora rebaixado, não alguém com dinheiro para fazer uma longa viagem de pesca.

– Não um segurança do tipo que ganha dois salários mínimos na Best Buy ou algo assim. Ele foi contratado pela Carmon Industries, segurança corporativa. A empresa contrata policiais, gente do FBI, essas coisas. Pelo que ouvi, é uma proposta excelente, para quem gosta disso.

– Tudo isso não parece incrivelmente conveniente? A falta do laudo de autópsia, Molina deixar a polícia justo quando eu começo a fazer perguntas?

– Foi uma infeliz coincidência, sem dúvida.

– Infeliz? – Kate perguntou. Agora estava ficando irritada. Ele ia mesmo ser tão indolente quanto Molina? – É isso? É só isso que vai dizer, que é uma infeliz coincidência?

Lew tomou um último gole de café e assentiu com a cabeça.

– No momento, sim.

– Então vamos ficar aqui sentados e esperar Molina voltar das férias? – Sua voz saiu mais alta e brava do que pretendia.

Kate sentiu que a garçonete e um assistente se voltaram na direção dela. Não se importou. Ela estava farta. Já fora afastada, calada e ignorada uma vez. Já fora forçada a aceitar algo em que não acreditava. Não iria ficar ali parada e deixar que aquilo se repetisse.

– Não – Lew disse com calma. Ficou de pé e esticou na mesa várias cédulas de dólar, alinhando-as com cuidado e prendendo-as sob o saleiro e o pimenteiro. – Vamos recomeçar do zero e refazer os passos de Molina. E vamos abrir novas trilhas onde for preciso. Sua filha morreu e temos a palavra “perdão” em uma parede próxima de onde ela caiu, escrita por alguém que não é ela. Temos algumas constatações médicas questionáveis e uma mensagem anônima que diz que ela não se matou. Isso é mais do que o suficiente para que eu reabra a investigação.

– Ah – disse Kate, sentindo-se aliviada e um pouco surpresa por terem atravessado uma espécie de barreira sem que ela sequer percebesse que havia uma. – Está bem. Que bom.

– Certo. Nós temos perguntas. Quem você acha que tem as respostas?

– Não sei – Kate disse, com a voz falhando. – Sinceramente, não sei.

– É claro que sabe – disse Lew, gesticulando para que ela saísse do restaurante com ele. – Você sabe muito mais do que pensa.

Foi ideia de Kate ir falar primeiro com Sylvia. Molina a tinha entrevistado, mas Kate sempre ficara com a impressão de que Sylvia devia saber mais alguma coisa. E Lew concordou que seria um bom ponto de partida.

A mãe de Sylvia, Julia, abriu a porta usando uma calça saruel, blusa justa e sem mangas e sapatilhas vermelhas. Era o tipo de roupa desfavorável à silhueta que Kate jamais usaria, mas em Julia ficava realmente adorável. Ajudava que ela fosse naturalmente bonita, de corpo esguio e atlético e estrutura óssea exótica. Com o cabelo preso em um rabo de cavalo desajeitado, parecia muito mais jovem do que poderia ser, levando em conta a idade de seus filhos. O mais velho estava cursando o segundo ano na Universidade de Stanford.

– Ah, oi – disse Julia, com o leve sotaque holandês mais proeminente do que o habitual.

Parecia estar surpresa e confusa, olhando de Kate para Lew e de volta para ela. Antes que Kate explicasse o motivo de estarem ali, um pequeno *terrier* disparou pelo canto da porta, latindo descontroladamente.

– Beeper, não! – Julia gritou para o cachorro, usando o pé com cuidado para fazê-lo deslizar sobre o piso de madeira encerado. – Desculpem, vou levá-lo para os fundos.

Voltou em poucos segundos, depois de deixar o cão na varanda da cozinha.

– Venham, venham – Julia disse, acenando para que entrassem. – Que boa surpresa.

Tentava parecer contente por ver Kate, mas era óbvio que não estava. Kate a compreendia. Julia era a mãe de uma menina cuja melhor amiga acabara de cometer suicídio. Queria esquecer aquela história, não passar tempo com a mãe da menina morta.

– Este é o tenente Thompson – disse Kate. – Ele está me ajudando a descobrir o que aconteceu com a Amelia.

Julia estendeu a mão, que Lew apertou com firmeza. Ele agora parecia maior do que antes, embora não muito.

– É um prazer conhecê-lo, tenente – Julia disse, parecendo tensa. – O fato de a polícia se envolver de novo significa que houve algum novo desdobramento?

– Só estamos fazendo um acompanhamento das entrevistas iniciais – Lew disse, indiferente. – É para confirmar que não tenha faltado nada.

– Acho uma boa ideia. Pessoalmente, nunca acreditei que fosse suicídio – disse Julia.

– Por que não? – Lew perguntou.

– A Amelia era como uma filha para mim – Julia disse com firmeza. – E sempre foi muito centrada, de um jeito que eu gostaria que meus filhos fossem.

Não era fácil para Kate ouvir Julia falar de Amelia desse jeito, como se a filha fosse um pouco dela também. E o pior é que era, considerando o tempo que Amelia passara naquela casa e o fato de Julia não trabalhar.

– Digamos que seja o instinto maternal. Pode não ser muito científico, mas nem por isso é menos preciso – completou Julia.

– Obrigada por dizer isso – falou Kate, sentindo um misto de alívio e ciúmes. – E por tratar a Amelia tão bem. Ela considerava esta a sua segunda casa.

Julia olhou para Kate e seus olhos ficaram brilhantes. Por um instante pareceu que iria dizer mais alguma coisa, mas depois mudou de ideia.

– Temos algumas perguntas para a sua filha – Lew disse, atrás delas. – Não vai demorar.

– Ah, certo – Julia disse em tom surpreso, embora não fizesse sentido ela pensar que estavam lá só para falar com ela. – Está bem. Venham por aqui.

Ela se virou e os conduziu, relutante, para o interior da casa, que era uma feliz combinação de aparelhos de última geração e bagunça de adolescentes. De alguma forma, aquela bagunça era agradável, reconfortante.

– Sentem-se – disse Julia ao chegarem à sala de estar, um ambiente claro, de pé-direito alto e sofás brancos macios. Havia um arranjo de tulipas laranja sobre a pesada mesa de centro de madeira. – Eu só... Vou subir e chamar a Sylvia – falou, olhando para a escada com certo desconforto. – Mas preciso avisar que ela não é a mesma depois do que aconteceu com a Amelia. Acho que ela se sente responsável. Talvez em parte seja por isso que eu não acredite que tenha sido suicídio. Não quero que ela continue se sentindo culpada.

Lew e Kate ficaram sentados em silêncio durante o que pareceu ser muito tempo, esperando que Julia voltasse a descer. Finalmente, a escada rangeu ao som de passos fortes e, instantes depois, Julia apareceu, com um sorriso engessado. Atrás dela vinha Sylvia, pálida e abatida, de calça jeans justa e uma camiseta preta deformada, tão grande que poderia muito bem ser um vestido. O cabelo escuro estava preso em um rabo de cavalo, como o da mãe, porém muito mais desarrumado. Sylvia sempre cuidara demais da aparência, era parte daquilo que a definia. Agora estava horrível. Era de partir o coração.

– Venha, querida – Julia disse, com a voz esganiçada. – Venha se sentar no sofá. Kate e o policial precisam fazer algumas perguntas.

Julia se sentou e deu umas palmadinhas no espaço ao lado dela, e então olhou para a filha.

Sylvia não se mexeu.

– Mãe, pare de falar comigo como se eu tivesse um problema mental.

Julia sorriu para Kate, em parte constrangida e em parte, ao que parecia, triste por todos os envolvidos.

– Sylvia, só temos algumas perguntas sobre a Amelia e aí largamos do seu pé – Lew disse, calmo. – Mas precisa ter um pouco de paciência com a gente, porque são perguntas que você provavelmente já respondeu antes.

– Tá, tanto faz, sei lá. – Sylvia revirou os olhos. – Tipo, eu não tenho escolha, tenho?

– Não, acho que não – disse Lew. – Você e a Amelia eram melhores amigas?

– Sim. Em tese desde o jardim de infância.

– A Amelia estava deprimida ou chateada com alguma coisa? – Lew perguntou.

– A gente é adolescente – Sylvia disse. – *Todo mundo* vive deprimido.

Kate sorriu. Era o tipo de coisa que Amelia diria.

– Mas nada fora do comum? – Lew insistiu, ignorando o sarcasmo.

– Acho que ela meio que estava querendo saber quem era o pai dela – Sylvia disse. – Tinha recebido umas mensagens de texto esquisitas sobre isso, do tipo “quem é seu papai?”. Essas coisas. Eu não sei direito, porque ela não quis me mostrar. E acho que o número era bloqueado. Mas ela não estava tão chateada assim a ponto de querer se matar. – Os olhos de Sylvia se voltaram na direção de Kate e, em seguida, para o chão. – Mas ela disse que não acreditava mais no que você tinha contado pra ela sobre o pai. Ela falou que ia descobrir a verdade por conta própria, se fosse preciso.

Mensagens de texto sobre o pai? Agora aquelas perguntas repentinas de Amelia faziam sentido. Mas por que ela não contara para Kate? E quem as teria mandado?

– E sabe se ela fez algum progresso na tentativa de encontrá-lo? – Lew perguntou.

Sylvia balançou a cabeça.

– Ela disse que sabia onde estavam os diários da mãe, e que iria ler.

– E ela leu? – Kate se preparou para o pior.

– Não sei – disse Sylvia. – Ela nunca mais falou nisso. Eu ia perguntar, mas aí, sabe, tudo aquilo aconteceu.

– E algum relacionamento íntimo? – Lew perguntou. – Com algum garoto, talvez?

– *Definitivamente* não tinha nenhum garoto – disse Sylvia.

– Minha vizinha viu a Amelia entrar em casa no meio do dia com um menino, poucos dias antes de morrer – disse Kate. – Você não sabia de nada?

– Talvez fosse aquele tal de Ben – respondeu Sylvia. De repente, pareceu ficar nervosa. – Todo o lance entre eles era muito estranho. A Amelia também mentiu pra mim sobre isso, então vai saber...

– É, eu vi uma mensagem de um Ben – concordou Kate, sentindo o estômago se contrair ao relembrar: como sou sortuda. – Ele estuda com vocês?

– Não, ele se candidatou ao mesmo programa de verão para *nerds* lá de Princeton – falou Sylvia. Seu tom era de desprezo, ou talvez fosse ciúmes. Era difícil diferenciar. – Eles viviam trocando mensagens e a Amelia sempre dizia, tipo, “Ele é gay, mora em Albany e está sempre sozinho”. Só que eu achava toda essa história medonha.

Lew ia tomando notas.

– A Amelia escreveu para ele?

– Ela contou que ele conseguiu o e-mail dela com alguém de Princeton. – Deu de ombros. – Como eu disse, é tudo muito esquisito. Ele ia até vir pra cá no dia em que ela morreu. Vocês sabem disso, né? A Amelia sempre disfarçava para não dar detalhes sobre ele. Acho que tinha vergonha, e era pra ter mesmo.

– E você não faz ideia de onde a gente pode encontrar o Ben? Um telefone, o sobrenome, o e-mail? – Lew perguntou. – Talvez o nome da escola?

Sylvia negou com a cabeça.

– Mas tem que estar no celular dela. Ela escrevia pra ele, tipo, o tempo todo.

– Está – Kate disse. – Eu vi.

– Muito bem. Algum desentendimento, problemas com outra pessoa? – Lew perguntou. – Talvez meninas com quem ela não se desse bem?

– Não.

– Sylvia, eu encontrei vários bilhetinhos no quarto dela – contou Kate, ainda sentindo que Sylvia estava escondendo o jogo. – Todos diziam “Eu te odeio”. Parecem ter sido escritos por pessoas diferentes. Você saberia do que se trata?

Sylvia fez uma careta e negou com a cabeça.

– Tipo, ninguém mais escreve bilhetes de verdade. Tem certeza que não eram da Amelia? Ela estava sempre envolvida em algum projeto maluco.

– É verdade. – Kate sorriu pensando em Amelia com 7 anos, quando recortara uma de suas duas edições de *A árvore generosa* para fazer um móbile

com as frases.

Porém, era inusitado que Sylvia demonstrasse tão pouca surpresa ao saber dos bilhetes. Kate ficara chocada e imaginara que Sylvia também ficaria. Ou que ao menos se mostrasse muito mais curiosa. A não ser, é claro, que ela já soubesse de que se tratavam.

– E aquele boletim da escola? – Lew perguntou.

– É, acho que se chama *GrAcIoSaMENTE* – Kate completou. – Você sabe quem o escreve, Sylvia?

Sylvia baixou o rosto e ficou olhando para as mãos, balançando a cabeça.

– Do que estão falando? – Julia perguntou, inclinando-se na direção de Sylvia e tentando fazer contato visual com a filha. – Por que você ficou tão incomodada de repente?

– Eu não tô *incomodada*, mãe.

– É um blog, um jornalzinho, algo assim. Publica fofocas – explicou Kate. – É assim... Publica umas coisas bem pesadas.

– Pesadas? – Julia perguntou. – Por que eu nunca ouvi falar nisso antes?

– Porque é idiota – Sylvia disse. – E só existe há tipo uns dois anos.

Kate se arrependeu de ter tocado no assunto. Provavelmente não tinha tanta importância, e ela não queria que Julia fosse atrás do boletim e visse o que saíra sobre Sylvia. Não desejaria aquilo para ninguém.

– Quem publica esse tal de *GrAcIoSaMENTE*? – Lew perguntou.

Sylvia deu de ombros.

– Algum idiota que não tem mais o que fazer.

– A Amelia ficou chateada com o que escreveram sobre ela lá? – Lew perguntou. – Algumas coisas eram bem pessoais.

– Só um segundo – pediu Julia. – Desculpem-me por interromper, mas tem um blob de fofocas maldosas sendo publicado dentro da escola?

– É *blog*, mãe. Não *blob*. É feito num *computador* – Sylvia bufou. – E eu não entendo por que estamos falando disso. A Amelia se matou. Fim de papo.

– Sylvia! – Julia a repreendeu. – Eu sei que não é fácil para você, mas pense nos sentimentos da Kate, pelo amor de Deus! Ela só quer entender exatamente o que aconteceu com a Amelia.

– Ela pulou de um telhado. – Sylvia enfatizou cada palavra com maldade. – O que mais tem pra saber?

– Por quê? – Kate disse, tentando não deixar que Sylvia a aborrecesse. Entendia que Sylvia também estava chateada. – Eu quero saber *por quê*. Quero saber o que aconteceu na vida da Amelia que a pusesse naquela situação. Porque eu não acredito. Não acho que ela teria feito aquilo.

– E o trabalho que a escola diz que ela plagiou? – Lew perguntou. – Dizem

que foi por isso que ela pulou. Estaria aflita por ter sido pega. A Amelia falou com você sobre esse trabalho, Sylvia?

– Pff! – Sylvia bufou. – A Amelia era inteligente demais para precisar plagiar ou colar no que quer que fosse. E *se* ela fosse fazer isso, *certamente* não seria num trabalho de *inglês*. Ela devia era dar aula daquela matéria. Ela ficou chateada quando falaram que era plágio e tal, mas sabia que não tinha feito nada de errado. A verdade acabaria aparecendo.

– Mas se não tem a ver com garotos nem drogas nem com o plágio – disse Lew –, por que você acha que ela faria aquilo?

– Porque ela era uma imbecil – Sylvia respondeu com raiva. Cruzou os braços finos sobre a enorme camiseta preta, repuxando-a sobre a estrutura diminuta escondida dentro dela. Virou-se na direção da escada. – E egoísta, e eu preferiria que a gente nunca tivesse se conhecido.

GrAcIoSaMENTE

3 DE OUTUBRO

Há muitas definições para a palavra *idiota* no dicionário. Não seja mais uma.

E aí, galera?!

Ah, esses meninos tolinhos! Dizem as más línguas que vários garotos do primeiro ano caíram na conversa de mandar fotos dos "documentos" deles para candidatas a Maggies que fingiam ser admiradoras secretas. Essas fotos foram enviadas para todas as meninas da turma. Aqui vai um conselho, rapazes: se receberem uma mensagem de texto de uma menina que diz que quer ver as suas partes, É MENTIRA! Nenhuma menina nunca vai querer receber uma foto do seu piu-piu.

Parece que a nossa querida Jessica DEALER – mas que infeliz ter um sobrenome que dignifica "traficante" em inglês, não é? – está prestes a ser

posta pra fora por vender comprimidos para as belezuras entediadas de Grace Hall. Três escolas particulares em três meses, Jessica? Sabe, o seu sobrenome infeliz não precisa ser o seu destino.

Andam dizendo que o padrasto podre de rico (e de baixa reputação) de uma veterana... como posso dizer?... com dificuldades acadêmicas está em campanha para que ela entre em uma faculdade top. E, quando digo campanha, quero dizer que nada é páreo para um integrante do conselho com um talão de cheque bem gordo e muitas conexões. Dizem que ele tem planos para pôr um grampo no setor de registro ou, como alternativa, quebrar alguns joelhos.

O time inteiro de lacrosse foi expulso do Kale's Tavern no último fim de semana, não por serem menores de idade e estarem bêbados, mas porque um daqueles idiotas MIJOU NO CHÃO! Escutem, seus debiloides, se alguém é trouxa a ponto de servir bebidas para vocês, o mínimo que podem fazer é terem a decência de localizar o banheiro.

Amelia

5 DE OUTUBRO, 23H34

AMELIA
mais esquisitice

BEN
ih, o q aconteceu?

AMELIA
ela eh tão estranha, fica indo e vindo. às vezes parece q não quer ser minha amiga

BEN

foi mal, mas as mulheres são todas loucas. vc acabou as tarefas das Maggies?

AMELIA

acabei

BEN

até...

AMELIA

sim

BEN

imaginei

AMELIA

eu sei que eu disse que não ia fazer, mas na vdd não tinha escolha

BEN

ã-hã, sei

AMELIA

nao me julgue, é cruel

BEN

enfim, o garoto já sabe que era armação?

AMELIA

amanhã

BEN

caramba

AMELIA

eu sei. eu sou horrível, tenho q ir até+

5 DE OUTUBRO, 23H41

SYLVIA

minha bunda fica mais bonita no jeans preto da James ou naquele vestido vintage que eu comprei na West Village?

AMELIA

eh pegadinha?

SYLVIA

hahaha

AMELIA

vestido

SYLVIA

eu sabia! vlw!!! bjs

5 DE OUTUBRO, 23H47

DYLAN

eu estava pensando em vc

AMELIA

eu tb

DYLAN

pensando coisas boas?

AMELIA

com certeza

DYLAN

ótimo, até amanha

AMELIA

tchau

5 DE OUTUBRO, 23H52

CARTER

qual era o dever de biologia?

AMELIA

127-47, mais laboratorio

CARTER

merda, vlw. vc vai na festa da Chloe sexta?

AMELIA

nao sei

CARTER

vai sim, vai ser legal

AMELIA

talvez. até+

6 DE OUTUBRO, 1H02

NÚMERO BLOQUEADO

sua mãe está mentindo pra você. vai deixar ela fazer isso?

facebook

6 DE OUTUBRO

Amelia Baron

está pronta para se deixar surpreender

Carter Rose moro na Garfield 322, venha quando quiser

Sylvia Golde eca, vocês dois

Amelia

6 DE OUTUBRO

Sylvia e eu estávamos em uma mesa qualquer do Tea Lounge, fazendo o dever de casa. Os atendentes tatuados estavam com o rádio no volume máximo, tocando alguma banda *indie*, e o café estava lotado – escritores, estudantes universitários e mães conversando com amigas e ignorando seus pirralhos barulhentos. O Tea Lounge vivia cheio, e os móveis descombinado, como de uma venda de usados, estavam meio surrados, mas o lugar ainda era sensacional. Sempre que podíamos, Sylvia e eu íamos lá depois da aula para fazer o dever. Ela pedia um *espresso* que mal conseguia beber, e eu, um *chai latte*, e fingíamos estar na faculdade.

– "O que se faz por amor sempre ocorre além do bem e do mal" – Sylvia recitou do livro que estava lendo.

– Ah, é? – perguntei, sem prestar muita atenção. – Que bobagem.

Eu tinha os olhos no meu laptop. Estava terminando o trabalho sobre *Rumo*

ao farol. De início, eu tinha ficado meio irritada com os temas que Liv nos passara. Não que eu fosse uma supergênia nem nada disso, mas eram todos fáceis demais. Ridiculamente fáceis. Mas, depois da aula, ela me chamou e disse que eu poderia escrever sobre qualquer coisa que quisesse, e um tempo depois eu tive uma ideia muito interessante. E pensei que Liv ficaria impressionada. Eu queria que ficasse.

Eu gostava de Liv, e não só porque ela era jovem e bonita, usava bijuterias diferentes e tinha uma tatuagem misteriosa que aparecia um pouquinho quando ela prendia o cabelo num rabo de cavalo. Ela também era a professora mais dedicada que eu já tivera. Além de ser escritora, como eu. Tinha até me mostrado alguns dos contos que ela publicara em revistas literárias de pequena circulação, e eram muito bons. Digo, não chegavam a se comparar aos da *New Yorker*, mas não eram nada maus.

Liv também apoiava a ficção que eu escrevia. Sempre tentava me convencer a fazer algo com os textos, como apresentar contos para concorrer a uma bolsa. Mas era diferente de fazer aquele programa de verão em jornalismo de Princeton – escrever artigos sobre *coisas* não era o mesmo que as histórias que eu criava. Eu não estava preparada para entregar essas histórias de bandeja ao mundo, não por enquanto.

– Quem diria que o bom e velho Nietzsche era romântico assim? – Sylvia perguntou. Eu sentia seus olhos em mim, esperando que eu mostrasse interesse. Mas eu não tinha interesse algum. – Você não tem como saber disso, Amelia, mas, quando se está apaixonada, é assim mesmo: *além do bem e do mal*.

Toda essa encenação shakespeariana só em parte era brincadeira. Tudo o que envolvia meninos era assim para Sylvia, questão de vida ou morte, ascensão e queda e uma overdose de poção da Bela Adormecida.

– Eu sei que já *gostei* de outros caras antes – Sylvia agora estava seriíssima –, mas, com o Ian, é pra valer. Eu gostava dele no começo só porque ele era bonito e tinha aquele sotaquezinho charmoso e tal, e também porque eu pensei que talvez um dia eu virasse duquesa, mas agora é tipo... sei lá, ele é uma pessoa incrível. Ele realmente me fez abrir os olhos.

Ela me encarava como se eu tivesse um monte de perguntas sobre esse amor dela. Não tinha. Seria mais fácil pensar em algo se Sylvia não tivesse falado basicamente o mesmo a respeito de outros três garotos antes. E o mais louco era que ela não estava mentindo. Acreditava no que dizia. Porém, em parte era isso que fazia de Sylvia uma pessoa tão especial: tinha um coração gigantesco e descontrolado que engolia tudo o que passasse na sua frente. Era bom estar perto dele, sobretudo porque às vezes eu mal sentia o coração bater sob o peso do meu cérebro hiperativo.

Além do mais, quem sabe, talvez desta vez, com Ian, fosse mesmo para valer. Era improvável, mas não totalmente impossível.

– Merda – falei, lembrando a hora. – Estou atrasada. Vou ficar com os filhos da Kelsey esta tarde.

Eu só tinha dez minutos para sair do Tea Lounge e chegar à reunião das Maggies na casa de Zadie, que ficava na Rua 8. Não podia chegar tarde. Zadie iria fazer algum anúncio importante para nós três sobre a última tarefa que teríamos que cumprir para nos tornarmos Magpies plenas. O que, aliás, eu ainda não sabia muito bem se queria. Mas certamente faria o que fosse necessário para continuar sendo amiga de Dylan.

– Você nem está ouvindo, né? – Sylvia indagou, virando, distraída, as páginas do livro de *Introdução à filosofia*. Então parou e me olhou com desconfiança, estreitando os olhos. – O que é que você tem ultimamente, aliás? Nunca tem tempo pra nada e, quando tem, fica agindo de um jeito esquisito. E todas aquelas mensagens vagas e bregas no Facebook? "Amelia Baron está pronta para se deixar surpreender." Você sabe que eu tenho implicância com as pessoas que tentam ser poéticas e artísticas nas redes sociais. Parece até que você está apaixonada, sei lá.

Eu tirei os olhos do computador. Foi inevitável.

– Caraca, você *está*! – ela gritou, batendo o livro na mesa com tanta força que o roteirista descabelado atrás de nós nos olhou como se estivéssemos prestes a lhe dar um tapa.

– Cale a boca – sussurrei. – Vão nos botar pra fora daqui.

– Minha nossa, quem é ele? – Sylvia sorria de orelha a orelha, os olhos reluzentes. – Amelia Baron, você enfim se apaixona por um garoto e *nem* se dá ao trabalho de me contar? Eu sou sua *melhor* amiga. Você tem a obrigação moral de me contar essas coisas. – Mas ela parecia estar mais empolgada do que brava. – Eu exijo que você comece do início e me conte absolutamente *tudo*. Aí talvez eu a perdoe. Ele é mais velho, não é? Ai, meu Deus, ele não é careca, é?

Era por isso que Sylvia ainda era minha melhor amiga. Ela parecia não desejar nada além de me ver apaixonada. Passava 90% do tempo olhando para o próprio umbigo, mas nos 10% restantes era uma amiga incrível.

– Aí está você, gata! – Ouvi uma voz com sotaque britânico atrás de nós antes que eu precisasse responder.

O rosto de Sylvia se iluminou quando ela se virou e viu Ian Greene vindo em nossa direção, passando por entre o mar de cadeiras fora de lugar no café. Vestia calça jeans e uma camiseta preta, ambas justas, e tinha os cabelos cor de areia arrepiados em uma espécie de penteado moicano desconstruído. Usava ainda uns tênis europeus esquisitos, que lembravam sapatos de boliche. Era todo

um visual de astro de rock inglês que não liga a mínima para a aparência, ou de alguém totalmente sem noção. Podia ser qualquer um dos dois. Em Ian, causava boa impressão. Observei sua beleza óbvia e esperei sentir uma pontadinha de atração. Nada. Eu percebia que ele era gostoso; qualquer um percebia isso. Mas eu não *sentia* o mesmo.

Ian e eu tínhamos nos visto em outra festa mista no fim de semana anterior. Desta vez, fora na casa de um dos garotos e muito mais insana. Eu só voltara para casa por volta das duas da manhã, e por sorte minha mãe estava dormindo profundamente. Havia várias drogas bem mais pesadas e gente praticamente transando pelos corredores. Ian e eu também não nos falamos naquela festa. Em um dado momento, eu o vi com Zadie, mas, pelo que captei, parecia que ele estava tentando se livrar dela. Também não falamos sobre a festa depois. Aliás, nem tínhamos mencionado nossas respectivas filiações aos clubes. Era um segredo que, sem dizer nada, havíamos concordado em manter entre nós, sem que Sylvia soubesse. Então ali estava ela, aquela estranha bolha de tensão. Eu detestava saber algo sobre o namorado de Sylvia que ela ignorava. Provavelmente era melhor para ela que eu ficasse de olho nele, ainda mais com Zadie por perto, mas mesmo assim eu me sentia uma traidora. E tinha certeza de que Sylvia jamais me perdoaria por isso.

Ian passou um braço por trás do pescoço de Sylvia e a beijou. Até mesmo os gestos casuais dele pareciam tensos. Quando se separaram, Sylvia o olhou com uma expressão tão radiante que parecia prestes a se incendiar.

– Procurei você por toda parte – Ian disse para Sylvia. Deu um aceno com a cabeça para o roteirista ao nosso lado, pegou uma cadeira livre da mesa dele sem perguntar e se sentou com a cadeira virada para atrás. – Eu pensei que a gente ia pro parque fazer umas fotos hoje.

Sylvia abriu um sorriso para mim.

– Ele gosta de tirar fotos de mim – falou com falsa modéstia. – Não é adorável? – Voltou-se para Ian. – Você não tinha treino até as quatro? Eu ia escrever para você daqui a alguns minutos. A Amelia tem que sair, mesmo.

– Tem certeza? – Ian me perguntou em um tom de voz respeitoso. – Eu só estava brincando com a Sylvia. Não quero atrapalhar os planos de vocês. Podemos marcar para mais tarde.

Ele estava tentando me agradar. Esperei, pelo bem de Sylvia, que isso não fosse por ele pensar que eu poderia delatá-lo.

– Não, ela está certa – concordei, olhando para o relógio. Fiquei de pé e recolhi minhas coisas e então indiquei minha cadeira para Ian. – Eu tenho um compromisso às quatro.

Sylvia inclinou a cabeça com ternura quando Ian se sentou ao lado dela. Ela

estava de pernas cruzadas, balançando a de cima. Todo o resto do corpo parecia ser elástico. Ian também não desgrudava os olhos dela. Observando os dois, eu me senti melhor com toda a história. Nunca tinha visto Ian olhar para Zadie ou nenhuma outra garota daquele jeito. Sylvia ficaria numa boa. O afeto era totalmente mútuo.

– Bom, a gente se vê depois – falei, embora nenhum deles estivesse prestando atenção.

Esperei mais um segundo e então me virei para sair. Estava quase na porta quando Sylvia enfim me chamou.

– Ei, amiga! – Quando me voltei, ela e Ian estavam de mãos entrelaçadas. – Só pra constar, você não me escapa. Eu sei que está guardando um segredinho. Mais cedo ou mais tarde, vai ter que falar.

Ao sair do Tea Lounge, subi a Union Street, em direção à Sétima Avenida. Havia esfriado enquanto estávamos no café, e o sol agora estava encoberto por uma grossa camada de nuvens cor de chumbo. O vento também tinha aumentado. Era a primeira semana de outubro e finalmente o clima parecia de outono. Fechei o zíper do casaco de moletom e pus o capuz sobre a cabeça. Porém, ao entrar na Sétima Avenida, o vento ficou ainda mais forte, cortante, e eu encolhi os ombros e virei o rosto para baixo, torcendo para que o mar de gente na avenida ali se abrisse por magia.

Nada feito. Era horário de saída de escolas em Park Slope e as calçadas estavam sempre repletas de alunos, mães e várias outras figuras aleatórias do tipo escritor/artista – não totalmente *cool*, não totalmente mendigo – que viviam vagando pelo bairro enquanto os adultos de verdade trabalhavam.

Passei pelo supermercado Ace, onde os alunos de Grace Hall furtavam chocolates, e a Bagel Delight, que servia pães tipo *bagel* recém-saídos do forno. Passei em frente à PS 321, aquela escola primária em miniatura. Olhando para o playground lotado, nunca entendi como cabiam tantas crianças ali.

Passei pelo Pino’s, dentro do qual ainda havia vários alunos de ensino médio de Grace Hall, e, dois quarteirões adiante, avistei mais alguns sentados na frente do Cocoa Bar – lá dentro era bonito e silencioso demais para a garotada se encontrar após a aula. Em frente ao Cocoa Bar ficava a escola de ensino médio John Jay, mas àquela hora os policiais já haviam mandado a maioria daqueles alunos voltarem para casa.

Nos dez ou doze quarteirões seguintes, mantive o rosto baixo, protegido do vento. Assim não precisava me preocupar com dar de cara com alguém, como nossa vizinha Kelsey ou a mãe de Sylvia, Julia. Eu gostava das duas, que eram

sempre legais comigo, mas fariam perguntas que eu não queria responder.

Pensei em Sylvia deduzindo que eu estava apaixonada e me perguntei qual seria o significado de eu meio que sentir que era verdade.

Quando finalmente cheguei à Rua 8, estava batendo o queixo de frio. Virei à esquerda depressa, na direção da casa de Zadie, na esperança de que o vento diminuísse ao mudar o sentido. Mas só piorou. Cravei o queixo no peito e apertei os braços em volta do corpo.

Tinha dado poucos passos quando me choquei com força com alguém e perdi o equilíbrio. Em seguida, a mão da pessoa agarrou meu braço. Olhei e a vi ali, me tocando. Uma mão grande, de homem. *Merda, merda, merda, vou ser assaltada. Ou estuprada.* Eu precisava me mexer, correr, fugir. Gritar.

– Me larga, seu babaca! – gritei o mais alto que consegui, tentando retorcer meu braço para livrá-lo daquela mão. – Me larga!

– Amelia, sou eu! – Ele sabia meu nome. Como é que ele sabia o meu nome? – Desculpe, me desculpe. Eu não pensei. Não queria assustar você.

Sacudi meu braço de novo com força, mas a mão dele já não estava mais em mim. Quando retrocedi uns passos e levantei a vista, lá estava o Sr. Woodhouse, vestindo calça de corrida, tênis e jaqueta. Estava com um capuz preto de lã que o fazia parecer um skatista. E tinha uma expressão incrivelmente assustada.

– Mil perdões, Amelia. – Ele levantou as mãos e olhou para a calçada à nossa volta com os olhos arregalados. Deu outro passo para trás, provavelmente para o caso de alguém pensar em ligar para a polícia. – Eu chamei você algumas vezes. Acho que você não me ouviu com o capuz. Eu não devia ter tocado em você desse jeito. Peço mil desculpas.

Meu coração batia com tanta força que eu sentia as pontas dos dedos latejarem.

– É, não devia – falei, tentando recuperar o fôlego. – Eu não lido muito bem com homens que, tipo, me agarram do nada.

– Nossa, acho que passei muitos anos dando aulas no interior de Connecticut – ele disse. – A gente esquece que, numa cidade grande, as pessoas vivem em alerta.

– Eu diria para não sair agarrando meninas em lugar nenhum.

– Tem razão – ele concordou, sorrindo. Então olhou em volta, confuso. – Você não mora por aqui, mora?

Woodhouse estava começando a me deixar nervosa. Ele tinha memorizado a minha ficha, por acaso? Sem falar que eu não curtia nem que ele soubesse a

área a que eu me dirigia. Já bastava a minha ansiedade por ter me arriscado a gravar o nome de Dylan no meu celular. Passar ao diretor uma pista do endereço de uma reunião das Maggies provavelmente me faria perder um dedo.

– Vou visitar a minha tia. Ela mora aqui perto.

Por que eu não disse amiga? Eu nem tinha uma tia. Woodhouse devia saber disso também.

– Deve ser bom ter uma tia tão perto – falou. Eu não sabería dizer se era uma indireta à minha mentira ou não.

Ele passou um bom tempo em um silêncio desconfortável, mexendo a cabeça como se estivesse pensando no que dizer. Por fim, olhou para o sol poente e estreitou os olhos.

– Daqui a pouco vai escurecer. Tenha cuidado ao voltar para casa. Nunca se sabe quando algum paspalhão pode aparecer na sua frente e agarrar você. – Ele sorriu e então apontou com o queixo na direção em que eu ia. – E diga à Zadie e às outras meninas que é melhor se comportarem.

Zadie abriu a grande porta de aço bruscamente, antes que eu tocasse a campainha. Rezei para que ela não tivesse me visto conversando com Woodhouse.

– Você está atrasada – ela reclamou, observando a calçada por sobre a minha cabeça, como se verificasse se eu não tinha sido seguida. Então agarrou meu moletom e me arrastou para dentro. – Droga, não fique aí parada feito uma idiota.

Eu pensava que estava entrando no prédio de Zadie, não na casa. Mas por dentro era um grande espaço aberto, com janelas do chão ao teto de um lado e tijolo aparente do outro. O piso era como o de uma calçada, mas encerado, e os poucos móveis eram muito baixos, frios e modernos. Com exceção de uma prateleira cheia de fotografias e alguns vasos que pareciam caros, o lugar parecia mais uma loja de móveis do que uma casa habitada.

– Anda, pô! – Zadie esbarrou em mim e se dirigiu para uma escada de aço suspensa. – Todo mundo já está lá embaixo.

Eu a segui até um porão reformado. Na frente havia uma saleta com prateleiras vazias e um conjunto de poltronas de leitura. Depois vinha um corredor coberto por um carpete em padrão moderno – azuis, vermelhos e verdes que faziam espirais ao longo do caminho comprido.

Zadie tinha dito que estava todo mundo aqui, não tinha? Só que tudo estava estranhamente quieto. Silencioso, na verdade. E se não houvesse mais ninguém? E se a reunião fosse uma espécie de armadilha? Zadie me odiava *mesmo*. Não

restava dúvida quanto a isso, mesmo que eu não soubesse por quê. E agora eu estava aqui, presa no porão silencioso da casa dela, trancada em um lugar de onde ninguém lá fora ouviria meus gritos.

– O que você está esperando? – Zadie perguntou, gesticulando para que eu andasse.

– Está tão silencioso aqui... – falei, feito uma idiota.

– É porque tem isolamento acústico, sua lesada – Zadie rebateu, como se a casa de todo mundo tivesse isolamento acústico. Ficou me olhando de cara feia. – A sala de multimídia do meu padrasto fica aqui embaixo e ele gosta de silêncio. Bom, você vai querer saber todas as especificações da casa antes de mexer esses pezinhos?

– Por que você me odeia tanto? – eu me ouvi perguntar. Uma parte de mim ficou aliviada com a pergunta. A outra parte, mais esperta, queria socar a primeira. – Diga-me o que eu estou fazendo que eu juro que tento parar.

Os olhos de Zadie se estreitaram, virando apenas rasgos azuis, e ela aproximou o rosto do meu. Senti o cheiro de cigarro em seu cabelo. E vi aquela mecha branca. O cabelo era completamente incolor naquele ponto, como se ela tivesse aplicado água oxigenada com uma régua.

– Você consegue parar de ser *você*? – Zadie perguntou em voz baixa. Seu rosto agora estava tão perto que daria para nos beijarmos. – Quero dizer, se você *conseguir*, seria sensacional. Senão, acho que você vai ter que conviver com o meu ódio.

Então, Dylan veio pelo corredor e entrou na saleta.

– Aí está você! – Ela sorriu. Meu coração deu um salto ao pensar que ela estava falando comigo. Mas então se voltou para Zadie: – Todo mundo está cansado de esperar, Zad. Algumas garotas disseram para os pais que iam para casa.

– Tá bom – Zadie falou, sem tirar os olhos de mim. – Estou indo. Mas mantenha a Olhos Doidos longe de mim. O fedor da perfeição dela me deixa enjoada.

Zadie deu meia-volta e saiu pelo corredor a passos fortes. Comecei a segui-la, olhando para o chão. Fiquei com medo de começar a chorar se olhasse para Dylan. Eu não suportava mais aquilo. Não aguentava mais lidar com o ódio de Zadie só para poder estar com ela.

– Desculpe pelo atraso – murmurei para Dylan ao passar por ela. – Eu não queria deixar todo mundo esperando. É que encontrei alguém lá fora e...

– Shhh – Dylan sussurrou, encostando um dedo nos lábios. Inclinou-se como se conferisse se Zadie tinha saído mesmo.

– Por que ela me deixou entrar no clube se me detesta tanto? – perguntei. –

Juro que não entendo.

– Deixou entrar? – Dylan perguntou em voz baixa. Parecia confusa. – A Zadie escolheu você.

– Escolheu? Do que você está falando?

– Dylan! – Zadie gritou do fim do corredor. – Vem logo, porra!

Dylan olhou para mim e sorriu. Um sorriso calmo e meigo.

– A gente podia deixar ela pra lá. – O sorriso ficou mais maldoso. – Mas acho que hoje ela é capaz de matar alguém.

– É melhor não arriscar. – Balancei a cabeça e olhei para o fim do longo corredor, que dava a impressão de conduzir a uma cadeira elétrica. Eu não acreditava na ideia de ter sido Zadie quem me escolhera, mas agora não era o momento de tentar descobrir mais detalhes. – Aposto que eu seria a primeira da fila.

Dylan abriu um sorriso.

– Provavelmente.

E então ficou ali parada mais um bom tempo, sorrindo para mim. Com aquela pele macia, as maçãs do rosto altas e cachos castanhos claros, Dylan era a pessoa mais perfeita que eu já tinha visto. Impecável. Sem defeitos. Era difícil olhar para ela, como se ela – ou eu – fosse despedaçar se eu a olhasse demais.

Dylan sorriu para mim mais uma vez e então se virou e saiu andando na direção em que Zadie tinha ido. Eu a vi se afastar e senti que ficava sem ar. Mas, após uns poucos passos, Dylan deu meia-volta e entrelaçou os dedos firmemente nos meus.

Eu não conseguia tirar os olhos das nossas mãos entrelaçadas enquanto Dylan me puxava pelo corredor comprido e escuro. Agora eu ouvia vozes no outro extremo. Também via uma luminosidade e percebia o movimento distante de corpos reunidos. Queria que aquele corredor se estendesse para sempre. Queria continuar sentindo os dedos de Dylan entre os meus. Não queria soltá-la nunca.

Dylan parou à beira do retângulo de luz refletido no carpete do corredor, vindo daquele ambiente distante. Soltou a minha mão. Estava de costas para mim, com os braços esticados e cruzados embaixo, quando me choquei contra ela.

– Então, o jogo... – ouvi Zadie dizer.

– O que você está esperando? – sussurrei no ouvido de Dylan.

Zadie iria surtar quando se desse conta de que eu *ainda* não estava lá dentro.

Dylan não respondeu. Apenas se virou devagar. Seu rosto ficou a centímetros do meu. Eu sentia sua respiração no meu rosto. Ouvia as batidas do

meu coração e tinha certeza de que Dylan também as ouvia. Mas o único som era o da voz de Zadie, que flutuava ao longe:

– Este jogo não é para gente recatada nem careta ou coisa desse tipo. Então falem agora ou já pra sarjeta!

De repente, a boca de Dylan estava na minha. Seus lábios eram pequenos, macios e delicados quando comecei a retribuir o beijo. Não tinham nada da textura áspera e salgada daquele salva-vidas de Chatham que eu tinha beijado dois verões atrás.

Enquanto nossas bocas se comprimiam, Dylan levou uma das mãos ao meu rosto. E, naquele segundo, eu tive certeza. Não queria apenas ser amiga dela. Tampouco queria ser como ela. Queria beijá-la.

Então, subitamente, com um suspiro e um puxão, Dylan desapareceu. E eu fiquei ali, sozinha no escuro, de pé à beira daquele pequeno retângulo de luz.

Precisei de uns instantes para recuperar o fôlego. Meu coração ainda retumbava quando entrei de fininho na sala onde todas estavam reunidas. Mantive os olhos baixos, torcendo para que minhas bochechas não estivessem tão vermelhas quanto eu temia. Pressionei as costas da mão contra os lábios, mas não os limpei. Apenas deixei os dedos apertados contra a boca, tentando guardar o beijo lá dentro.

Ergui o olhar para ver se alguém me observava. Mas as garotas – algumas reclinadas nas poltronas de couro que pareciam de cinema, outras apoiadas nas paredes ou sentadas no chão, de pernas cruzadas – tinham todas os olhos cravados em Zadie, que estava de pé na frente da sala, diante de alguns equipamentos eletrônicos modernos e uma imensa TV de tela plana.

Olhei ao redor em busca de Dylan enquanto me abaixava contra a parede mais próxima. Senti pavor de pensar que ela teria sumido, que de alguma forma houvesse saído escondida e desaparecido. Mas, quando enfim olhei para Zadie, lá estava Dylan, sentada em uma poltrona à sua direita. E me encarava, não exatamente de cara amarrada, mas também sem sorrir. Parecia estar surpresa, talvez confusa.

Mas ela me beijou, lembrei a mim mesma, pensando em como tinha parecido absurdo quando Sylvia não tivera certeza se isso tinha acontecido com Ian. *Ela me beijou, não foi? Por que ela está surpresa?*

– A gente tem um blog, chamado Aves do Bando – Zadie parecia estar orgulhosa. – O nome foi ideia minha. Mas, enfim, todo mundo tem uma página com fotos próprias. O objetivo do jogo é conseguir o maior número de pessoas para, sabe, “curtir” as suas fotos.

Ela continuou falando a respeito das fotos e de como despertar o interesse de mais gente. Eu nem estava prestando atenção. Só conseguia pensar no beijo,

na sensação de bem-estar que ele me deu. Um segundo depois, senti uma dor no pé. Levei um tempo para perceber que Zadie estava pisando nos meus dedos.

– Tá ouvindo, piranha?

– Hum, ah, tô. – Minha boca emitiu um gaguejo confuso. Senti que as outras garotas também me olhavam. – Estou ouvindo.

Zadie cruzou os braços e deu um sorriso assustador. Estava mais perto, bem acima de mim.

– Você tá dentro?

Eu ainda tinha que estar *dentro*? Após o que acabara de acontecer com Dylan, talvez não. Eu não prestara muita atenção, mas do pouco que tinha ouvido a respeito desse jogo – blog, fotos, estranhos – eu não gostava. Não queria ter nada a ver com aquilo.

Tentei avistar Dylan por trás de Zadie, para ver se ela me dava algum tipo de sinal. Mas ela estava inclinada para a frente, conversando com Bethany. Não parecia notar, muito menos se importar, com o fato de Zadie estar em cima de mim. Havia desaparecido completamente, de novo.

Se Dylan se cansava de mim tão depressa, como é que eu conseguiria manter sua atenção se nem fosse mais uma Maggie e não nos víssemos o tempo todo em reuniões e festas? Talvez ela fosse fingir não me conhecer mais. Talvez interpretasse a minha saída como um insulto, por eu não ficar no clube por causa dela. Talvez ela ficasse brava. Se ela ao menos me olhasse, eu saberia. Pensei mais uma vez no beijo, na sua mão macia segurando meu rosto.

– E aí? – Zadie cutucou minha perna com o pé. – O que vai ser, Olhos Doidos? Pronta pra fazer as malas?

Olhei para Dylan uma última vez. Ela não estava mais falando com Bethany. Estava olhando para o chão e não parecia muito feliz. E se Dylan intimamente quisesse que eu saísse? Não, não era possível. Não fazia sentido algum. Ela havia acabado de me beijar, não?

– Quero ficar – falei com a voz esganiçada e então pigarreei. Eu me obriguei a sustentar o olhar malévolo de Zadie. – Estou dentro.

Zadie me olhou feio mais um minuto, como se tentasse me fazer mudar de ideia.

– Eu fico – repeti, mas a voz saiu trêmula.

– Zadie, chega! – Dylan enfim gritou do outro lado da sala. Tinha ficado de pé e estava de braços cruzados, com o quadril deslocado para o lado e uma atitude de “vai encarar?” que eu nunca vira. – Falando sério, larga do pé dela, porra!

Era a primeira vez que eu vira Dylan desse jeito, furiosa e meio que disposta a brigar. E tudo para me defender. Meu coração parecia prestes a

explodir. O beijo tinha significado alguma coisa, afinal. Agora eu tinha certeza.

Ao sair de lá, vinte minutos depois – após a apresentação de vários “detalhes” vagos demais sobre o tal “jogo” – topamos com o padrasto de Zadie na cozinha. Era grande e atlético, com uma cabeleira escura. Usava um terno europeu chamativo e um anel grande e cafona em um dedo. Dava para notar que havia gastado muito dinheiro naquelas roupas. Mas ainda assim era muito brega, não como os outros pais de Park Slope, que de vez em quando ficavam charmosos, mas em geral eram almofadinhas e meio caretas. Nunca faziam o estilo “lixo europeu”. Nem mesmo os que de fato tinham vindo da Europa.

Havia uma garrafa de uísque escocês aberta na bancada e um copo quase vazio ao lado dela. O padrasto de Zadie estava ali, de pé, mexendo no iPhone. Tinha um BlackBerry na outra mão. Havia uma mulher no canto, mais velha, de cabelos louros e um pouco grisalhos presos em um coque frouxo, vestindo calça jeans desbotada sob um avental. Estava afofando as almofadas do sofá. Durante um segundo, pensei que fosse a mãe de Zadie, até perceber que ela fazia aquela tarefa como se sua vida dependesse daquilo. Nós tínhamos uma faxineira, assim como a maioria das pessoas do bairro, mas ela parecia ser uma empregada em tempo integral, talvez até uma semiescrava.

– Ei! – o padrasto de Zadie chamou com um vozeirão grave. – O que temos aqui? São as Maggies saindo do esconderijo secreto.

Ele sorriu de um jeito meio alcoolizado, que tinha seu charme, mas também era um pouco nojento.

– Cale a boca, Frank – disse Zadie em tom de brincadeira, indo até o lado dele e pegando o copo. Ela tomou um gole, depois outro. – Humm... – disse. – Você sempre abre o que tem de melhor quando acha que não tem ninguém em casa.

O padrasto pegou o copo de volta quando ela tentou tomar outro gole.

– Sua mãe me mata se sentir cheiro de uísque em você quando chegar. Agora, vamos, me apresente suas amigas.

Eu estava bem na frente do grupo. Minha ideia era sair daquela casa o mais depressa possível, então agora estava ali, bem à mostra. Zadie revirou os olhos e se inclinou para a frente, apoiando os cotovelos na bancada de granito.

– Qual é? – ela disse, retirando o iPhone da mão dele e passando as telas. – Não são minhas amigas.

– Ora, vamos – disse o padrasto, passando um braço pelos ombros dela e se voltando para nós. – Espero que a Zadie tenha sido uma boa anfitriã com vocês todas. De minha parte, são sempre bem-vindas em nossa casa. Eu gosto desse

negócio de clube. Já participei de algo desse tipo. Foi a melhor coisa que já fiz. Os caras ainda são meus melhores amigos. Os clubes ajudam a, digamos, organizar melhor a vida.

– Eu acho que uma gangue não conta como clube, Frank – Zadie retrucou, sorrindo para nós. Estava se exibindo. – O Frank cresceu do lado errado do Brooklyn. Ele acha que a sociedade secreta Skull and Bones, de Yale, é para matar pessoas.

Frank olhou para ela de relance, mas em seguida voltou a adotar o sorriso fácil. Deu de ombros.

– Pode ser – falou. – Mas irmandade é irmandade. E também já fui policial, lembra? Vai por mim: é um clube que põe todos os outros no chinelo.

– Ah, é. Parece tão impossível alguém deixar você ter porte de arma que eu quase nunca lembro. – Zadie indicou a porta. – Mas enfim, elas já estavam de saída.

– Que bom, assim você pode se dedicar às cartas para as faculdades – ele disse. – Porque finalmente fiz a aposta com aquele babaca do Teddy: você entra em duas das grandes e aquele merdinha me deve cinco mil dólares.

– E quem fica com o dinheiro, se eu entrar?

– Por mim, você pode pegar a grana e jogar na privada. Eu só quero poder mandar aquele filho da mãe metido a besta se foder. Desculpem o linguajar.

– Observem, senhoritas – Zadie disse, fazendo uma mesura dramática com a mão. – Um pai que faz apostas com a entrada da filha na faculdade. É isso que a gente ganha quando a nossa mãe se casa com um cara do lado errado do Brooklyn.

– Pois é, isso mesmo – disse o padrasto dela, jogando algumas das almofadas recém-afofadas no chão para se sentar no sofá e apoiando os pés na mesa de centro, que parecia ser cara. – Ganha uma montanha de dinheiro fácil e diversão garantida.

Kate

27 DE NOVEMBRO

Kate e Lew estavam sentados no sofá da casa dela diante das duas caixas, agora abertas, que um portador entregara pouco após chegarem da casa de Sylvia. Cada caixa estava repleta de páginas e mais páginas de documentos. Duncan os havia prendido com elásticos, em pilhas de três ou quatro centímetros cada, e indicado com etiquetas: e-mails, mensagens de texto, documentos de Word.

– É tanta coisa... – Kate murmurou enquanto Lew pegava o bilhete que Duncan enviara com as caixas.

– E parece que tem mais. Ele listou algumas senhas aqui: Facebook, Twitter... – disse Lew. – Também parece que ela escrevia num blog. Vamos ter que dar uma olhada nisso. É difícil saber qual é o principal modo de comunicação dessa garotada. Hangouts, Facebook, mensagens de texto... varia de escola para escola, sabe?

Aos 60 e poucos anos, Lew parecia ser muito mais versado nas formas de

comunicação dos adolescentes do que Kate. Ela mal compreendia o sentido do Twitter, quanto mais fazia ideia de como seguir alguém.

– Então você já lidou com esse tipo de histórico eletrônico em outros casos?

– Em casos, não. – Lew sorriu e balançou a cabeça. – Mas tenho seis netos. Eles me obrigam a entrar no Facebook mais de uma vez por dia, me mandando fotos, mensagens e todo tipo de coisa.

– Seis netos? – Kate repetiu em voz baixa, tentando não pensar nos netos que jamais teria.

– E isso porque só metade dos nossos filhos já tem família própria. Deus me acuda quando todos engrenarem – ele disse, tentando fingir uma irritação que obviamente não sentia. Apontou para as caixas. – Acho melhor a gente se dividir para conquistar.

– Você poderia ver as contas de Facebook e Twitter e aquele blog? – Kate pediu. – Tem um computador no segundo andar, no meu escritório.

Lew indicou as pilhas de folhas com a cabeça.

– Você vai ficar numa boa com tudo isso?

– Não – disse Kate, respirando fundo. – Provavelmente não.

Após Lew subir a escada e desaparecer, Kate pegou a primeira pilha de papéis: os documentos em Word de Amelia. Pareciam apresentar o menor risco de levá-la à histeria, embora ela soubesse que o conteúdo mais pesado e, portanto, útil, provavelmente estaria nas mensagens de celular. Mas ela ainda não estava preparada para mergulhar nelas. Por sorte, além dos artigos do *GrAcIoSaMENTE* que Kate já vira, todos os documentos eram trabalhos escolares ou contos escritos por Amelia. Kate tinha quase terminado de passar os olhos naquela pilha quando encontrou um trabalho intitulado *Rumo ao farol: amizade e feminismo*, de Amelia Baron. Era o trabalho que ela teria plagiado. Só que o título não parecia ser o mesmo do texto que caíra do caderno de Amelia.

Kate levou o texto até a cozinha e foi à gaveta onde guardara todos aqueles bilhetes detestáveis quando Adele batera à porta. Tinha guardado o trabalho na mesma gaveta. Agora pegou-o e olhou para a capa: *Representações do tempo: Rumo ao farol*, de Amelia Baron. Não era o mesmo, definitivamente.

Kate foi até a mesa da cozinha e pôs os textos lado a lado. Foi virando as páginas e passando os olhos. À primeira vista, os trabalhos não tinham nada em comum. Por que Amelia teria dois trabalhos diferentes sobre o mesmo livro? Kate olhou para os textos e correu os dedos sobre os títulos. Aquilo provava que Amelia não tinha cometido plágio. Kate tinha certeza disso, embora não soubesse explicar.

Deixou os trabalhos sobre a mesa e voltou para a sala, onde estavam as pilhas de folhas que pareciam não ter fim. Primeiro pegou os e-mails. Um bilhete adesivo dizia: “Só imprimi os últimos quatro meses. Diga se quiser mais.” Todas aquelas mensagens em quatro meses?

O primeiro e-mail era de George McDonnell. Vc vai na festa da Chloe no fim de semana? Ouvi dizer q vão levar E. E? De ecstasy? Esse George McDonnell seria o garoto misterioso com quem Amelia tinha entrado em casa? Kate ainda estava tentando aceitar toda a questão do sexo, mas agora também havia drogas no meio?

Desmembrou a pilha de e-mails, rezando para que Duncan tivesse se lembrado de incluir as mensagens enviadas por Amelia. E sim, lá pelos três quartos da pilha, havia uma marcação com um bilhete: “Enviados”. Kate folheou correndo as mensagens de Amelia até encontrar a resposta da filha.

E? Qual é, vc virou um viciado de repente, é? Amelia escrevera. Isso não é legal. E também não posso ir, tenho treino cedo no domingo.

Kate fechou os olhos e apertou o e-mail contra o peito. Graças a Deus! Talvez ela estivesse certa em relação a algumas coisas, pelo menos. Leu a mensagem seguinte enviada por Amelia, que era para a técnica de lacrosse, a Sra. Bing. A viagem de treino vai ser no feriadão da primavera de novo este ano?

Talvez nem tudo fossem mentiras e surpresas desagradáveis. Contudo, várias páginas depois, Kate chegou a um e-mail que a deixou paralisada.

> Peço desculpas, Amelia. Eu passei do limite. Podemos conversar? Por favor.
> Phillip

Quem quer que fosse esse Phillip, acontecera algo entre Amelia e ele. Algum desentendimento. Kate olhou o endereço de e-mail: p_woodhouse@gracehall.edu.

Phillip Woodhouse, o diretor de Grace Hall? Kate olhou para o e-mail e piscou, e então olhou de novo para o endereço. Por que Phillip Woodhouse enviaria um e-mail para Amelia nesse tom de *Peço desculpas*. *Eu passei do limite*? Desde quando um diretor pedia desculpas a uma aluna? E que espécie de limite, exatamente, ele teria ultrapassado?

Kate se sobressaltou quando ouviu Lew na escada. Voltou-se para ele, que estava pálido.

– O que aconteceu? – perguntou. Primeiro o e-mail de Woodhouse e agora a expressão horrível no rosto de Lew. Era demais. A adrenalina fez suas mãos começarem a tremer. – O que você encontrou?

Esperou que a expressão de Lew mudasse, mas ele só ficou parado a

alguma distância e apertou as costas da poltrona.

– Eu acho que você deveria subir e ver pessoalmente – ele disse, por fim.

– O que... não. Por quê? Lá em cima? – Kate sentiu tontura ao olhar para a escada. – É só me dizer o que você achou. Alguma coisa no Facebook dela?

Ele negou com a cabeça.

– Como eu disse, você precisa ver.

Kate olhou para os e-mails em seu colo e sentiu a cabeça rodar.

– É que eu achei outro trabalho – disse, tentando ganhar tempo. – Dois trabalhos diferentes para a mesma matéria. Aquela em que disseram que a Amelia plagiou.

– Ah – disse Lew, não parecendo estar muito interessado. – Vale a pena dar uma olhada nisso.

– E achei isto. – Ficou de pé e entregou o e-mail a ele.

Ele o leu.

– Quem é Phillip Woodhouse? – perguntou. – Será o namorado misterioso?

– É o diretor de Grace Hall.

Lew franziu as sobrancelhas e voltou a olhar para o e-mail.

– Não vamos entrar em pânico ainda – disse. – Vamos investigar isso, ver do que se trata. Pode haver uma explicação razoável. Nada aqui é especificamente impróprio.

Kate encarou Lew em silêncio até que ele olhasse para ela. Ele assentiu com a cabeça.

– Está bem – ele disse. – Concordo, isto exige uma explicação.

Em cima, no pequeno escritório, Kate se sentou na poltrona diante da tela do computador, que estava em modo de espera.

– Certo – disse, acenando para que Lew fosse em frente. Sentia-se nauseada. – Vamos acabar logo com isto.

Lew mexeu o mouse até que o monitor voltasse a ligar. E ali estava Amelia, vestindo apenas um conjunto de lingerie de renda cor-de-rosa. Apoiava-se sugestivamente na mesa de estudo de seu quarto, com o traseiro virado para a câmera.

– Meu Deus do céu! – Kate exclamou, protegendo os olhos com uma das mãos.

Por um instante pensou em olhar de novo para ter certeza do que tinha visto, mas não teve coragem. Aquela moça sexy, em uma pose insinuante para a câmera, era Amelia. Não havia dúvida. Kate estremeceu com força, tentando apagar a imagem da mente.

– Desligue isso! Por favor, desligue!

Lew estendeu a mão e desligou o monitor.

– O que era aquilo? – Kate gritou.

– O blog do qual ela participava – Lew disse, com um jeito abatido. Parecia estar mortificado.

– A Amelia tirou uma foto daquele jeito e a publicou num lugar a que qualquer um tem acesso?! – Kate gritou, como se fosse Lew quem tivesse mandado Amelia fazer isso.

– Não qualquer um – Lew disse, em tom calmo. – É preciso saber o apelido que a Amelia usava para achá-la.

Kate ia vomitar ali mesmo, sobre o teclado. Será que a filha se prostituía em segredo? Seria exibicionista? O que teria dado nela para que tirasse fotos de si própria quase nua e, além do mais, as publicasse *na internet*? Era o tipo de coisa que só uma... Não, não era o tipo de coisa que ninguém fazia.

– Quantas pessoas viram isso? Você sabe dizer?

Podia não ser tão terrível quanto parecia. Dez, quinze... eram os números que passavam pela cabeça de Kate. Não que isso fosse perfeito, mas não era o mesmo que trabalhar para um serviço de acompanhantes. Talvez fosse o que a garotada de hoje fazia, ficar vendo uns aos outros de roupa íntima. Quem sabe esse fosse o novo sexo seguro: ficar nu na internet para não ter que fazer isso na vida real. Não que Kate realmente acreditasse nisso. Não havia nada de saudável nas imagens que agora estavam gravadas em sua memória.

– Há 1.288 notificações.

– O quê? – Kate se esquecera do que estavam falando.

– Você perguntou quantas pessoas viram isso – Lew disse, relutante. – Esse é o número de pessoas que “curtiram” a foto dela. Algumas deixaram comentários.

– Mais de mil pessoas viram essas fotos? – Kate perguntou, com os olhos tão arregalados que ardiam.

– Isto aqui, seja o que for, é maior do que a Amelia – Lew disse, ignorando a pergunta, provavelmente porque a resposta fosse que muito mais pessoas tivessem visto. – Há mais de vinte garotas neste grupo.

– Grupo?

– “Aves do Bando”. Pelo que entendi, há uma espécie de classificação, quase como um jogo.

– Jogo? Com fotos desse tipo? Deus do céu, é doentio. – De repente, Kate ficou furiosa. – Precisamos localizar essas garotas. Temos que contar para os pais delas o que andam fazendo. Isto não é certo. Não foi ideia da Amelia. Alguém a convenceu a fazer isso.

– Eu concordo, mas imagino que todos os nomes aqui sejam falsos. Você tem algo como um anuário, no qual a gente possa procurar os nomes verdadeiros delas?

– Tem um livro de alunos, com fotos de todos os estudantes. É on-line.

Quando Kate foi para o quarto pegar o laptop para comparar as fotos, só conseguia pensar na possibilidade de Amelia realmente ter se matado, afinal. Se ela acabara envolvida em algo desse tipo, publicando fotos seminuas, talvez tenha se sentido tão culpada e constrangida que não suportasse viver com esses sentimentos.

Kate retornou para o escritório e encontrou Lew falando ao celular.

– Está bem – ele disse em voz baixa, esfregando a testa. – Vou para aí assim que puder.

Quando desligou, tinha o maxilar tenso.

– O que houve? – Kate perguntou.

Ela se preparou para ouvir que ele recebera uma ligação tirando-o daquele caso, pois seu tempo seria mais bem gasto em outro lugar. Mas não agora. Não após ver aquelas fotos. Lew respirou fundo, com a mão ainda na testa.

– Se você me der o site e a senha do livro de alunos, eu posso procurar as meninas hoje à noite – ele disse. – Deve ser melhor mesmo você não ver o restante das fotos.

– Aonde você vai?

– Para casa. No verão passado, minha mulher teve um derrame – Lew disse em voz baixa. Balançou a cabeça, olhando para o chão. Quando olhou para Kate, tinha os olhos úmidos. – Quando ela está num dia ruim, eu sou o único a quem ela escuta. Na metade do tempo eu nem sei dizer se ela me reconhece, mas mesmo assim me dá ouvidos. Quem ligou foi a enfermeira que cuida dela. Parece que hoje foi um dia muito ruim.

Kate olhou para ele, piscando. Desejava ser o tipo de pessoa capaz de pôr uma vítima de derrame à frente da sua própria ansiedade. Porém, só sentia vontade de se agarrar à perna de Lew e implorar para que ele ficasse, para que não saísse do lado dela até que soubesse tudo de terrível sobre Amelia que ainda faltava descobrir.

– Está bem – conseguiu dizer. – Sim, é claro. Você saberia dizer quando volta?

– Amanhã cedo – Lew respondeu. Parou diante de Kate na porta e a olhou bem nos olhos. Seu rosto assumiu uma expressão terna que Kate nunca vira antes. Ela imaginou que ele olharia daquele jeito para os filhos adultos, com uma firmeza coberta de afeição, e sentiu vontade de chorar. – Tente não se preocupar. Vamos descobrir o que aconteceu com ela.

Depois que Lew foi embora, Kate resistiu à tentação de voltar ao blog Aves do Bando. Não foi difícil. Ela não teria estômago para ver aquelas fotos de Amelia mais uma vez. Nunca.

Voltou a atenção para as caixas. Precisava terminar de verificar os e-mails de Amelia. Especificamente, queria ver se havia outros de Woodhouse. Poderia haver uma explicação inocente para um e-mail daquele tipo. Talvez. Mas não para mais de um.

Quando Kate terminou de olhar todas as mensagens, o sol tinha se posto. A sala estava escura, exceto pelo pálido círculo de luz do abajur ao lado do sofá, que projetava um halo difuso sobre a mesa de centro onde Kate pusera todos os e-mails enviados por Woodhouse que encontrara.

No total, eram 17.

Kate os espalhara sobre a mesa como uma espécie de colcha de retalhos terrível, e então cruzou os braços e olhou para eles. A maioria das mensagens era breve, com uma ou duas sentenças, pedindo que Amelia se reunisse com ele, pensasse no que ele lhe dissera ou no que ela estava fazendo. Mas, em uma delas, parecia quase ameaçá-la: Pense no seu futuro, Amelia. Isso pode custar caro.

Amelia havia respondido, por e-mail, apenas duas vezes, com um mínimo de palavras: Ok e Que horas?

Teria havido algo entre Amelia e Woodhouse? Um caso, assédio sexual, algo assim? Kate o conhecera no dia em que a filha morreu. Aparentemente, eles haviam tido uma conversa da qual Kate não lembrava absolutamente nada. Ele também estivera no enterro. Disso Kate se lembrava, mas tudo o que acontecera naquele dia era um borrão. Fechou os olhos e tentou visualizar Woodhouse. Era

jovem, não era? Até mesmo atraente? Kate se lembrou de um par de óculos de *hipster* e cabelos artisticamente desarrumados. Isso *se* ela estivesse imaginando a pessoa certa. Sem dúvida, Woodhouse tinha um currículo impressionante: bolsa da Fulbright e mestrado em políticas públicas e educação por Harvard, que ele terminara mais ou menos ao mesmo tempo em que Kate se formara em direito. Ela se lembrava de ler a respeito dele no boletim que a escola enviara quando ele se tornara diretor. Mas quem disse que um homem com um currículo excelente também não podia ser pedófilo?

Então houve uma batida na porta da frente; primeiro uma vez, depois três vezes, com mais força. Eram batidas impacientes, quase agressivas. Kate se levantou do sofá e, com os braços envolvendo o próprio corpo, caminhou pela escuridão, hesitante, até a porta. Não acendeu a luz. Ainda não se sentia preparada para assumir que estava em casa.

Tinha o estômago contraído ao se inclinar para espiar pelo olho mágico. Do outro lado estava Seth, de braços cruzados e maxilar trincado. Quando Kate abriu a porta, a mão dele estava erguida, como se ele estivesse prestes a bater de novo. Pareceu ficar aliviado durante um segundo, e depois bravo.

– Não. Isso não é permitido, não nesses dias – ele ralhou, entrando na casa a passos largos. – Sabe quantas vezes já liguei para você hoje?

– Não, eu...

– Doze – Seth interrompeu, furioso. – Deixei *doze* mensagens. Mas você se dá ao trabalho de retornar? Não, claro que não. Eu tive que fazer o Thomas sair do trabalho às seis e meia para ir encontrar a babá, para que eu pudesse vir *aqui* ver se você estava bem. Você sabe o que significa sair às seis e meia na McCann Erikson? É como se ele tirasse metade do dia. Agora o Thomas está puto comigo por interferir na rotina de *workaholic* dele e, por extensão, também está puto com você. Agora, qual é a explicação para não me ligar de volta? – Seth olhou ao redor. – E por que está aqui no escuro? Eu já falei que isso vai deprimir você. Tem até estudos que dizem...

Seth se calou ao ver a expressão no rosto de Kate. Um segundo depois, ela estava aos prantos.

– Ai, ai, ai... – disse Seth, dando um passo à frente e envolvendo-a nos braços. – Tá bom, tá bom. Você pode ficar aqui no escuro se quiser, meu amor. E o Thomas que se dane. A Lola é filha dele também. Ele que desça uma vez na vida da torre de marfim para ir buscar a filha. Agora venha, você precisa é de alguma coisa para beber.

Vinte minutos depois, com taças de vinho na mão e Seth já inteirado de tudo, estavam olhando para as folhas que cobriam a mesa de centro de Kate.

– É ligeiramente *Lolita* – disse Seth. – O que você vai fazer?

Kate balançou a cabeça.

– Descobrir por que ele mandou essas mensagens, eu acho.

– Tem certeza de que tem importância? – Seth perguntou.

– Como assim? É claro que tem importância.

– Escute, Kate, você sabe que eu te amo, não sabe?

Kate o olhou séria um segundo, sabendo que ele iria dizer algo que ela não queria ouvir.

– Acho que sim.

– E você sabe que eu amava a Amelia.

Ela fez que sim.

– Eu fico torcendo para saber que a morte dela não foi suicídio – ele disse. – Mas, se você já sabe disso, por que precisa provar? Para quem?

Kate percebeu que Seth ainda pensava que tinha sido suicídio. Que ele pensava que toda aquela busca era apenas parte do processo de cura de Kate. Necessário, talvez, mas, no fim das contas, fútil.

– Ela era a minha *filha*. A única que vou ter na vida e...

– Olha, eu sei o que isso significa, ainda mais agora com a Lola. Só que...

– Você acha que eu devia deixar por isso mesmo. Que, se alguém *matou* a Amelia, eu deveria deixar barato?

Seth balançou a cabeça e franziu as sobrancelhas. Seu jeito geralmente vivaz ficou quase apático.

– Estou dizendo que você deve pegar leve consigo mesma – ele disse em voz baixa. – Nada disso vai trazer a Amelia de volta, mas pode fazer você despencar no abismo. E se você ficar sabendo de algo que rolou entre ela e esse tal de Woodhouse que seja assombroso e terrível, mas que não tenha nada a ver com a morte dela? O que acontece? Só estou dizendo que a Amelia também gostaria que você se cuidasse. *Eu* quero que você se cuide.

Ele tinha razão, claro, quanto a ela ficar sabendo de coisas horríveis. Já tinha visto coisas que desejaria poder apagar da memória. Então, o celular de Kate vibrou na mesa de centro, emitindo um som oco alto contra a madeira. Ela e Seth se voltaram para olhá-lo ao mesmo tempo, e depois se entreolharam. Kate não se moveu.

Sem que ela lhe pedisse, Seth se levantou para verificar o telefone dela.

– É só uma mensagem de voz – ele disse, entregando o aparelho a ela.

Era de Daniel.

“Eu só queira ter certeza de que você não ficou preocupada com todo o lance do Banco Associado”, disse a voz gravada de Daniel. Estava se esforçando para parecer entusiasmado, sem sucesso. O tom era de tensão, se não exatamente de irritação. “Essa pedra já estava cantada havia muito tempo. Eu nunca ia

conquistar a simpatia do Jeremy. Por isso estou me transferindo para a Meyers & Jenkins daqui a algumas semanas. Eles me fizeram uma oferta irrecusável de sociedade. Então eu estou bem, acredite. Nesse meio-tempo, vou para a Escócia jogar golfe, imagine! Não tiro férias há dois anos. Enfim, com certeza a gente se vê por aí. Se cuide, Kate. E parabéns. Você merece."

Kate continuou com o telefone na orelha durante um minuto após a mensagem terminar. Então Daniel ia para outra firma, depois de todos os anos que passara lutando para subir na Slone & Thayer? Saía da vida dela, simplesmente. Ela se sentiu aliviada, mas não era só isso. Deslocada. *Você merece.* Essa era a parte do recado de Daniel de que ela não gostara. Ele não pensava que ninguém merecia nada de bom, exceto ele.

– Quem era? – Seth perguntou, não caindo no truque do telefone na orelha. – O Jeremy precisa que você vá para a empresa para descolar chiclete do sapato dele? – Ergueu as mãos e as agitou no ar. – Oh, Kate! Me ajude! Me ajude! Eu não posso tocar no meu sapato com as minhas mãozinhas alvas!

– Acabou? – Kate perguntou.

Seth tomou um gole de vinho e suspirou.

– Acho que sim.

– Enfim, era o Daniel, não o Jeremy.

– Nossa... – disse Seth. – Melhor ainda. O que o Capitão Cruzado Corporativo conta hoje? Ele pisoteou um grupo de velhinhas para pegar um saco de dinheiro? Ou será que jogou cachorrinhos no rio em troca de uma chance de coordenar um processo?

– Achei que tivesse acabado.

Seth deu de ombros.

– O Daniel merece. Sabe, eu o encontrei num evento de ex-alunos no ano passado e ele disse que estava considerando abrir uma ação coletiva para impedir que a Human Rights Watch solicitasse doações no quarteirão dele.

– Aposto que ele estava brincando – disse Kate.

Seth arqueou a sobrancelha.

– Só uma pessoa aqui acha isso. Eu ouvi boatos de que a ex-mulher dele, a Gail, teve que procurar tratamento psiquiátrico depois do divórcio.

– Agora você está inventando.

– Talvez, mas fala sério. O Daniel definitivamente explora as pessoas. Você sabe disso melhor do que ninguém. Ele toma liberdades com você desde que vocês dois...

– Pode fazer o favor de não me lembrar?

– Foi mal – disse Seth, parecendo arrependido.

O celular de Kate vibrou novamente, na mão dela.

– Daniel não está telefonando *de novo*, está?

– Não é uma mensagem de voz, é texto – ela disse, embora mal tivesse olhado para o telefone. – Você poderia ler?

Passou o telefone de volta para Seth. Ele o tirou da mão dela e olhou logo para a tela, como se fosse resolver aquela bobagem de uma vez por todas. Mas, ao ler, seu rosto murchou lentamente.

– Leia – Kate pediu.

– Kate, eu não acho que... São só duas palavras. Quem sabe o que isso...

– Seth, por favor.

Ele respirou fundo e se acomodou na cadeira, como se tentasse ganhar tempo.

– Certo, está bem – disse em voz baixa, erguendo o telefone para ler. Deu outra respiração, curta e alta. – *"Sua piranha."*

GrAcIoSaMENTE

10 DE OUTUBRO

Há muitas definições para a palavra *idiota* no dicionário. Não seja mais uma.

Bom, há atritos nas fileiras do clube de xadrez, pessoal...

Pois é, pois é, quem é que quer ouvir falar daqueles bananas, né? Mas esperem, porque esta é boa mesmo. Parece que certa jovem do time, famosa pelo estilo agressivo nas competições (tá bom, é a Ainsley Brown), chegou atrasada para o jogo dela na Horace Mann no sábado passado porque estava ocupada no banheiro com certo oponente do sexo masculino, de Stuyvesant. Dizem por aí que o oponente ficou mais do que satisfeito em trocar o jogo pelos serviços prestados.

Funcionários da administração da escola afirmam que estão próximos de identificar o responsável pelo furto de dois dos iPads novos da escola. Ou é um

dos folgados do Wolf's Gate ou é aquele membro dos Jogadores Anônimos, o professor de química, Sr. Hale. Se esse for o caso, espero que ele seja demitido já, de preferência antes de corrigir minha última prova.

E as Maggies atacam novamente. Desta vez há fotos e um blog envolvidos. Não tenho os detalhes, mas aposto que são fenomenais.

Além disso, parece que Ian Greene e Dylan Crosby andam de olho em alguém. Pobre Sylvia, a gente sabia que seus dias estavam contados. E Dylan FINALMENTE parece demonstrar interesse em alguém. Mais detalhes em breve.

Passem por aqui mais tarde. Vou ter mais furos incríveis.

Amelia

13 DE OUTUBRO, 20H47

DYLAN
tá livre amanha?

AMELIA
tô. q horas?

DYLAN
depois da aula

AMELIA

o q vc quer fazer?

DYLAN

dar uma volta, talvez parque, cinema

AMELIA

tipo um encontro

DYLAN

eh acho q sim

AMELIA

legal. a gente se vê

13 DE OUTUBRO, 21H03

BEN

e aí?

AMELIA

nada e vc?

BEN

legal. falou c/ sua mãe?

AMELIA

ainda não, tô em cima do muro

BEN

pq?

AMELIA

vc contou logo p/ seus pais?

BEN

contei

AMELIA

e levaram numa boa?

BEN

meu pai se acostumou mais rapido q minha mae

AMELIA

minha mae vai entender, mas eh esquisito, tipo uma conversa complicada sobre sexo

BEN

eh, mas vc vai se sentir melhor depois, acredite

AMELIA

talvez. tenho q ir. ate+

13 DE OUTUBRO, 21H11

SYLVIA

Vc viu o último Graciosamente?

AMELIA

Ainda não, pq?

SYLVIA

acabei de ver e diz q o Ian ta de olho em alguém COMO ASSIM???

AMELIA

Aquelas merdas são todas mentiras...

SYLVIA

espero q vc tenha razão

facebook

14 DE OUTUBRO

Amelia Baron

“Tornaram-se parte desse universo irreal, mas penetrante e animador que é o mundo visto pelos olhos do amor.” Virginia Woolf, Rumo ao farol

Sylvia Golde Eca chega de referências literárias arrogantes

George McDonnell fala sério

Chloe Frankel Eu achei lindo, Amelia. Amo esse livro.

Amelia

14 DE OUTUBRO

Acordei com o sol batendo no rosto. Ele estava baixo no céu, logo acima dos telhados das casas do outro lado da rua. Estreitei os olhos e bloqueei a luz com a mão enquanto via a hora no relógio da mesa de cabeceira. Já eram quase cinco da tarde e eu tinha que ficar com os filhos de Kelsey às seis e meia. Lá se ia o cinema com Dylan. Não que eu me importasse. Digo, supondo que Dylan não estivesse evitando sair em público de propósito.

– Você leu mesmo tudo isso? – Dylan perguntou.

Quando eu me virei na cama, ela estava no canto do meu quarto, olhando para todos os livros das minhas estantes lotadas. Estava só de camiseta sem mangas e calcinha, e tinha o cabelo preso em um nó grosso na nuca, com algumas mechas caindo ao lado do rosto. Parecia uma princesa.

– Porque isso aqui é uma biblioteca completa. – O tom de voz era uma mistura de admiração e espanto. – Nunca vi tantos livros na casa de alguém.

– E a biblioteca da sua casa?

– O meu pai coleciona livros – Dylan disse. – Ele não *lê* aquilo. Poderiam ser, tipo, placas de carros ou armas. Mas estes você leu, não leu?

Observei de alto a baixo as estantes compridas e repletas de livros. Parecia mesmo um pouco estranho, agora que eu as via como Dylan devia percebê-las. Embora o fato de ela carregar os livros de *sudoku* faixa preta para todo canto como se fossem um cobertorzinho de estimação não fosse exatamente muito normal.

– Não *todos* – menti. – Aí seria loucura. Alguns são da minha mãe, eu acho.

Mentir me entristeceu um pouco. Depois de tantas desculpas, escapadas e armações para que eu pudesse continuar com as Maggies e ficar perto de Dylan, seria bom poder ser cem por cento eu mesma quando nós duas estivéssemos a sós. Mas eu meio que sentia que estava sempre a um fio de perdê-la e não sabia qual dos meus traços de personalidade a incomodava. E o fato de que Dylan era paranoica com relação às pessoas nos descobrirem não ajudava. Como se esse destino fosse pior do que a morte. Eu não queria sair correndo pelo Brooklyn declarando nosso amor ou desfilar na parada gay nem nada disso, ao menos por enquanto. Mas também não me importava se outros descobrissem. A única coisa que me importava era Dylan. A única vez em que perguntei se ela sentia vergonha por estarmos juntas não tinha ido bem.

– Não – Dylan dissera, claramente irritada. Estávamos no meu quarto, como de costume. – Só que eu não gosto que ninguém na escola saiba da minha vida pessoal, tá bom?

Vida pessoal. As palavras saíram de sua boca como se fosse algo importantíssimo que ela sempre escondesse. A resposta me fez pensar em quantos garotos teriam guardado segredos de Dylan antes de mim. Poderia haver outras garotas também. Era uma pergunta que havia semanas eu me segurava para não fazer. Tinha medo da resposta. Qualquer que fosse teria pontos negativos. Mas eu mantinha a esperança de que Dylan mudasse de ideia quanto a manter em segredo o que havia entre nós. Eu não sabia se estava apaixonada por ela, mas não conseguia pensar em outra coisa. E, quando estávamos juntas, eu me sentia ligada a algo maior e melhor do que eu. Para mim, isso parecia amor.

Eu queria que Dylan ficasse, para pedirmos o jantar e fingirmos que éramos um casal de adultos. Eu até poderia ligar para Kelsey e dizer que estava doente. Nunca tinha feito isso. Era irresponsável, mas eu o faria, por Dylan. Contudo, eu já sabia que ela nunca ficava. Dylan só passava umas horinhas comigo após a escola e depois sempre dizia que tinha que ir para casa jantar e fazer o dever, porque a mãe precisava falar com ela. Talvez fosse tudo verdade, mas eu sempre sentia que eram desculpas.

Dylan continuava olhando para as estantes.

– Não tem problema se todos esses livros forem seus, sei lá – ela disse. Eu nunca soube mentir. – Acho legal que você adore ler. – Ela andou para trás e se sentou na beirada da cama, ao meu lado. – Eu acho que as outras pessoas enxergam tudo na cabeça quando estão lendo. Imaginam mundos inteiros. Pra mim, são só palavras numa página.

– Verdade que você não imagina *nada*? – perguntei. – Que estranho.

Vi a boca de Dylan se curvar para baixo. *Estranho.* Por que eu tinha falado desse jeito, como se houvesse algo errado com ela?

– É legal, foi isso que eu quis dizer – acrescentei, mas era tarde demais.

– Ah, sei lá, não tem nada de legal. Eu não sou que nem você, Amelia. Eu não sou que nem ninguém. – Dylan se levantou depressa da cama e pegou a calça jeans. Quando a vestiu, tinha a expressão vazia. Sempre que ficava desse jeito, distante, eu sabia que o nosso encontro chegara ao fim. – Eu tenho que ir. O grande episódio da minha mãe vai passar hoje. Ela convidou amigos para assistir. Eu tenho que ajudar a arrumar tudo.

Sua voz soava robótica.

– Tudo bem. – Eu me sentei na cama e vesti a camiseta. E ali estavam, pressionando outra vez a parte interna dos meus lábios. As perguntas que não tinham boas respostas. Mas desta vez eu não me contive. – Eu sou a primeira menina com quem você já ficou?

– Que diferença faz? – Pelo menos ela não pareceu se espantar com a pergunta. Eu tinha imaginado que a faria sair em disparada. – Estou com você agora, não estou?

Dylan vestiu o casaco e pegou a bolsa, e então desfez o nó que prendia os cabelos. Ela me disse uma vez que a mãe detestava quando ela prendia o cabelo, pois fazia o queixo de Dylan parecer largo demais.

– Acho que não faz diferença. Mas você está *comigo* mesmo? – Senti meu estômago embrulhar. Era um erro tentar fazê-la falar nessas coisas. Eu devia ficar feliz com o que recebia dela, mas não consegui manter a boca fechada. – Porque às vezes dá a impressão de que você preferiria não estar.

Então Dylan sorriu e seu rosto voltou a brilhar. Ela se aproximou e se sentou ao meu lado na cama. Com o quadril pressionado contra a minha perna, ela afastou uma mecha de cabelo da frente do meu rosto e a prendeu atrás da minha orelha.

– Eu gosto de você, Amelia – disse. – Mas quero que o que a gente tem seja para nós, não para provar algo para todo mundo de Grace Hall ou as Maggies.

Não é assunto de ninguém, só nosso.

Ela não tinha respondido minha pergunta, eu sabia disso. Mas expressar seus sentimentos daquele jeito era romântico. Como se fôssemos nós contra o mundo. Eu era uma imbecil de estragar o que tínhamos de bom. Por que eu precisava tanto que as pessoas soubessem de nós? Porque eu era anormal, por isso. Eu não conseguia deixar as coisas para lá. Era nisso que dava passar tanto tempo sozinha. Você acabava ficando estranha e insistente.

Concordei com a cabeça.

– Foi mal. Eu só...

– Tudo bem, eu entendo – Dylan sorriu ao se inclinar para me dar um beijo. – Você é meio carente. Na maior parte do tempo, é bonitinho.

Dylan tinha saído havia menos de dez minutos quando ouvi um barulho estranho no andar de baixo. Eu estava na minha escrivaninha, terminando o dever de biologia. Fiquei imóvel e prestei atenção. Só podia ser minha imaginação. Eu devia ter acendido algumas luzes lá embaixo, pois já estava quase escuro lá fora. E agora eu estava presa no meu quarto, numa casa cada vez mais na penumbra. Tinha sido um erro de principiante, do tipo que normalmente eu não faria, pois sou especialista em ficar em casa sozinha.

Prendi a respiração e esperei escutar o mesmo ruído. Durante um segundo, não ouvi nada. Estava prestes a inspirar fundo quando ouvi de novo. Um tum, tum baixo e depois um pof mais alto. Como se alguém se chocasse contra as coisas no escuro por não saber bem por onde andar. Essa não, seria possível que tinha alguém na minha casa?

Peguei meu celular e digitei o número da emergência, mas não apertei Enviar. E se o barulho acabasse não sendo nada – o que eu tinha certeza de que seria o caso – e minha mãe soubesse que eu havia ligado para a polícia? Ela surtaria, e aí *eu* surtaria. Aí ela se sentiria toda culpada por me deixar em casa sozinha e assustada. De um jeito ou de outro, eu acabaria com Leelah em casa de novo. E Leelah significaria o fim das Maggies. E de Dylan.

Deixei o dedo sobre o botão Enviar do celular e fui pé ante pé até a porta. Espiei para fora do quarto e olhei para a escada. Estava escuro lá embaixo, com exceção de um brilho tênue que vinha do térreo. Alguém podia ter acendido uma luz na cozinha, pequena, talvez sobre o fogão, ou no banheiro. Era possível que eu tivesse deixado uma luz acesa, ou talvez minha mãe, antes de sair para o trabalho. Mas eu achava improvável.

Eu não podia ficar ali parada e esperar para ver se havia alguém lá embaixo aguardando a oportunidade de, sei lá, me assassinar ou algo assim. Seria melhor

descer para verificar. Se eu ficasse encurralada no meu quarto, não haveria escapatória. Comecei a descer a escada, deslizando as costas pela parede. Meu dedo continuava sobre o Enviar. Agora eu ouvia os armários da cozinha se abrindo e fechando. Gavetas que deslizavam. Definitivamente havia alguém ali, procurando alguma coisa. Alguém que não sabia onde olhar.

Eu não podia correr o risco de esperar muito mais antes de ligar para a polícia. Uma vez que eu visse quem era – e a pessoa me visse –, seria tarde demais. Eu estava na metade do segundo lance da escada, nos degraus que davam para a cozinha, quando apertei Enviar e prendi a respiração.

– Polícia; qual é sua emergência? – perguntou uma atendente. Mas quem estivesse na cozinha iria me ouvir se eu respondesse. – *Alô?* Aqui é da polícia. É uma emergência?

– É – sussurrei, finalmente. – Tem alguém na minha casa e... – Então, com o canto do olho, vi uma pessoa ali, no pé da escada. – Merda!

Eu me virei para voltar a subir. Ao fazer isso, o telefone escorregou da minha mão e caiu escada abaixo, fora do meu alcance.

– Amelia! Deus do céu, o que você está fazendo?

Eu já estava no topo da escada quando percebi que a voz era da minha mãe. Quando me voltei para olhar, ela estava segurando meu telefone, assustada. Levou o aparelho à orelha.

– Alô? É. Não – disse para a atendente da polícia, que devia ter pensado que eu estava sendo espancada. – Era a minha filha. Ela pensou que eu fosse um ladrão. É. Não. Claro, um minuto. – Ela aparentava estar preocupada de verdade ao estender o telefone na minha direção. – Ela quer falar com você, para ter certeza de que está bem. Você está bem, Amelia?

Foi necessário muito esforço até a atendente da polícia se convencer de que eu estava bem e quem tinha falado com ela era mesmo minha mãe.

– Mãe, por que você não avisou que estava vindo para casa?! – gritei após desligar o telefone. – Você não pode aparecer do nada, *dez* horas antes do normal!

Levando em conta o lance da Zadie e as mensagens angustiantes sobre meu pai e tudo mais, eu andava meio assustada ultimamente.

– Desculpa, Amelia. Não quis assustá-la – minha mãe disse, pondo a mão nas minhas costas. – Eu devia ter mandado uma mensagem, tem razão. É que fiquei tão empolgada por conseguir fugir mais cedo que quis fazer uma surpresa para você.

– Missão cumprida – falei.

Eu estava sendo cruel, mas não tinha como evitar. Toda a minha vida parecia muito ridícula de repente. Ora, eu passava o tempo *todo* sozinha em casa. Que se dane se fora decisão minha pedir para Leelah não vir mais. Não era muito justo que a minha escolha fosse ou ser tratada feito um bebê ou viver em confinamento solitário. Eu certamente seria mais normal com Dylan se minha mãe passasse mais tempo comigo. Talvez até tivesse lhe contado sobre Dylan e as Maggies e tudo mais, o que seria muito legal, pois eu queria *mesmo* que alguém soubesse. Minha mãe passou um tempo olhando para os sapatos e depois para o teto. Fechou os olhos e balançou a cabeça.

– Você está certa, Amelia. Eu nunca devia surpreender você quando está sozinha – falou. – Não sei o que dizer. Não pensei.

Ela parecia estar cansada. Totalmente exausta. De repente, minha garganta começou a apertar. Eu passava um dia após o outro fingindo que não importava que ela não estivesse por perto. Na maior parte do tempo, não fazia diferença. Mas agora fazia.

– Tudo bem, mãe. Deixa pra lá – falei, pois seria mais fácil para nós duas fazer de conta que era verdade.

– Olha, a gente pode pelo menos tentar salvar a noite? – ela perguntou sorrindo, embora ainda parecesse triste. – E se a gente fizesse a nossa saída de sexta-feira numa terça? Podíamos ir comer *teppanyaki* no Ginza, o seu preferido.

– Tá bom – respondi, me sentindo mal por ela. E parecia uma boa ideia. Além do mais, talvez essa fosse a minha chance. Talvez eu pudesse enfim conversar com ela durante o jantar, sobre Dylan, as Maggies, até mesmo as mensagens sobre meu pai. Tudo. – É, o Ginza seria legal.

– Ótimo – disse minha mãe, passando um braço pelos meus ombros e me apertando meio forte demais. – Vamos agora mesmo, porque estou morrendo de fome.

Fui pegar meu casaco me sentindo agitada. Esta situação estava se desenrolando muito bem. Eu detestava guardar segredos da minha mãe. Seria bom lhe contar tudo, finalmente. E, se ela guardava algum segredo de mim – a respeito do meu pai, por exemplo –, esta seria sua chance de abrir o jogo também. Nos últimos dias, eu tinha começado a me perguntar se haveria alguma chance do tio Seth ser meu pai. Ele e a minha mãe, por mais louco que isso fosse, namoraram mais ou menos na época em que eu nasci. E, se houvesse um componente genético na minha atração por Dylan e na minha demora em me desenvolver nessa frente, Seth também fora assim. Faria sentido. Na verdade, eu até que gostava da ideia. Seth era engraçado, interessante e inteligentíssimo. Eu adoraria que ele fosse

meu pai. E, como bônus, ganharia uma meia-irmã, ou irmã adotiva, ou o que fosse.

Então houve uma batida na porta.

– Quem é? – minha mãe me perguntou.

– Não sei – respondi, com um pouquinho de medo de que fosse Dylan.

Contar sobre ela para a minha mãe seria uma coisa, mas eu não estava pronta para que elas se conhecessem.

– Ah, oi – minha mãe disse naquele tom de voz de quem tenta ser social. – Tudo bem?

Quando ela abriu totalmente a porta, Kelsey estava na entrada de casa, usando um charmoso vestido vermelho e bem maquiada.

– Oi – ela disse, parecendo confusa. – Amelia, eu pensei que você fosse ficar com os meninos hoje. Será que me confundi?

Recebi uma mensagem de texto de Heather no dia seguinte, no meio do horário de aula. Sessão de fotos. 13h na sua casa. Eu tinha esquecido completamente que concordara em participar do jogo idiota de Zadie.

– De quem é? – Sylvia perguntou, tentando ver a mensagem por sobre meu ombro.

Estávamos sentadas no pátio da escola, comendo o Yogo Monster que havíamos comprado na Sétima Avenida para almoçar. Fazia sol e estávamos de óculos escuros e agasalhos leves, tentando fingir que ainda estava quente o bastante para ficarmos do lado de fora, tomando *frozen yogurt*. Deixei o celular cair na minha bolsa para que ela não lesse a mensagem.

– Minha mãe.

– No meio do horário de trabalho? – Sylvia perguntou, chocada e com os olhos arregalados. – Nossa, estou impressionada. Se ela continuar assim, vai ganhar o prêmio de mãe do ano.

– Pare, Sylvia. Não estou no clima.

E pensar na minha mãe me irritava após nós não termos tido a oportunidade de conversar na noite anterior. Quando cheguei em casa, ela estava dormindo, ainda de óculos, com uma revista *New Yorker* nas mãos. Tive pena de acordá-la.

Após deixar passar a noite, na manhã seguinte eu decidira que não estava disposta a contar sobre Dylan para a minha mãe, afinal. Eu ia contar. Só que não ainda. Eu amava minha mãe e éramos próximas, mas só de pensar no dia em que ela me contou de onde vêm os bebês eu ainda tinha arrepios. Ela fizera o melhor possível para que a conversa fosse casual e normal, mas tinha sido um pavor em todos os sentidos. E agora era *eu* fazendo sexo. Mesmo se eu omitisse a parte

sexual, ainda seria eu com uma *menina*. Talvez devesse ser a mesma coisa se eu lhe contasse que estava namorando um garoto, mas parecia bem mais complicado.

Sylvia deu de ombros.

– Tá bom, só estava tentando ajudar.

Eu olhei ao redor, pelo pátio.

– Por onde anda o Ian hoje?

Eu não tinha mais vontade de conversar com ela, e Ian era uma distração garantida.

– Por *onde* será que ele anda? – Sylvia grunhiu. – Essa é uma ótima pergunta. Pergunta para a qual *eu* não tenho a resposta, porque não tive notícias daquele babaca o dia *todo*.

– Babaca? – perguntei. Sylvia nunca falava de Ian daquele jeito, nem de brincadeira. – Por que isso?

– *Acorda!* Eu mandei uma mensagem pra você ontem falando nisso. Você nem lê mais as minhas mensagens?

– Ah, é, o lance do *GrAcIoSaMENTE*? Esquece isso, Sylvia. Você vai acreditar naquela bobagem? É tudo inventado.

– Nem tudo – ela disse. – Já saiu muita coisa lá sobre mim que bem que eu gostaria que não fosse verdade, mas era.

– Tanto faz. Eu não acredito – falei. – O Ian é louco por você.

Eu realmente não acreditava. Tinha visto Ian muitas vezes nas festas das Maggies. Ele tivera várias oportunidades de trair Sylvia, sobretudo com Zadie, que se pendurava nele sempre que podia. Mas, que eu soubesse, ele nunca aceitara a oferta. Eu não o vira ficar com ninguém. Sylvia ficou olhando para o Yogo Monster puro desnatado, misturado com cookies de chocolate, e mexeu nele com a colher. Balançou a cabeça.

– Bom, ele tem sumido *um monte* de vezes ultimamente e sempre vem com desculpas esfarrapadas, como o pai dele ter uma exposição em cima da hora numa galeria ou ter que levar a irmã ao médico. Ou que a mãe dele marcou uma entrevista para ele com um agente de arte. Tipo, agente de arte existe?

– Se existir – respondi –, acho que o Ian teria um.

Sylvia revirou os olhos e então desviou o olhar. Vi seu rosto esmaecer lentamente. Quando Sylvia ficava brava, era ruim. Mas Sylvia triste era terrível. Ela ficava murcha, como um balão enrugado.

– Eu conheço a sensação de ser chifrada – Sylvia disse em voz baixa. Quando olhou para mim, tinha os olhos úmidos. – É esta sensação. E é uma bela de uma merda.

– Talvez ele só precise de um espaço, sei lá.

Mas Sylvia estava certa. Ela geralmente tinha um bom instinto para essas coisas. Voltei a pensar em Zadie. Com alguém como ela, talvez fosse só questão de tempo.

– Espaço, sei. – Sylvia riu, mas não como se achasse graça. – Pra achar outra piranha.

– Eu não quis dizer isso.

– Valeu pela força, Amelia. Mas não leva a mal, só que, falando sério, como é que você vai saber? Você beijou um cara na vida. E nem sei se um salva-vidas bêbado conta. – Ela passou um tempo me encarando. Esperei que ela se lembrasse da nossa conversa no Tea Lounge, sobre o relacionamento que ela adivinhou que eu tinha, mas era como se nunca tivesse acontecido. Era um alívio e uma decepção que Sylvia nunca mais tocasse no assunto. – É meio difícil receber conselhos sobre relacionamentos de alguém que nunca teve um. E trocar mensagens com um cara bizarro de Albany não vale.

– O Ben não é bizarro – rebati, sem muita convicção.

Nos últimos tempos, ele andava agindo de um jeito meio diferente. No início, me apoiara muito em relação a Dylan e tudo mais, só que depois passara a me criticar de repente. Começara a falar como se fosse meu irmão mais velho ou algo do gênero, dizendo para eu ficar esperta porque Dylan não era o tipo de garota em quem eu podia confiar. Como se ele a conhecesse. Comecei a pensar que estivesse com um pouco de ciúmes, ou talvez apenas cansado de me ouvir falar nela.

– Eu te adoro, então vou falar abertamente – Sylvia disse. – O Ben *definitivamente* é bizarro. Qualquer cara que só queira *conversar* com uma garota o tempo todo é bizarro.

– O Ben é gay, Sylvia – retruquei. – Já falei isso tipo um milhão de vezes. E eu sou amiga dele. Não entendo por que você não acredita.

– Sei, tá bom. Porque a gente deve acreditar em tudo o que um cara que a gente nunca viu diz. Você nem tem como saber se ele é homem. E, mesmo que tudo o que ele disser seja verdade, alguém que passa mais tempo no computador do que com gente é bizarro, ponto final.

– Que seja. – Dei de ombros.

Mas talvez Sylvia estivesse certa. Talvez eu devesse deixar a poeira baixar um pouco com Ben. Entre Sylvia e Dylan eu já tinha bastante coisa para conciliar sem me preocupar com ele. Além disso, eu andava pensando seriamente em contar para Sylvia sobre Dylan. Era pressão demais manter esse segredo, além das Magpies. Eu não pensava que Sylvia fosse ficar horrorizada por ser com uma menina. Ficaria surpresa, claro. Até eu ainda estava surpresa. Às vezes, nem tinha certeza de que era verdade. Havia um risco de ela ficar

brava por eu não ter contado sobre Dylan antes – embora nem houvesse como, já que eu mesma ainda estava procurando entender –, mas certamente se zangaria muito mais ao saber das Maggies.

Mas e se eu estivesse enganada? E se Sylvia levasse a mal eu gostar de uma menina? Afinal, nós tínhamos estado nuas juntas centenas de vezes. E compartilhado uma cama quase com a mesma frequência. Sylvia havia me mostrado como usar um absorvente interno. E me explicado, com desenhos, como era quando um cara fazia sexo oral em você. Havíamos dividido todos os nossos segredos, até agora. E se nada mais fosse como antes depois eu contasse para ela?

– Srta. Golde? – alguém chamou do outro lado do pátio antes que eu me decidisse a abrir a boca para falar de Dylan. Quando erguemos o olhar, avistamos a assustadora Dra. Lipton, psicóloga da escola. De pele pálida e vestido preto de gola alta, parecia, como de costume, uma vampira. – Nós tínhamos um horário marcado, Srta. Golde.

– Ah, que merdavilha – Sylvia disse, alto o suficiente para que a Dra. Lipton escutasse.

– Aconteceu alguma coisa? – perguntei.

Sylvia tivera alguns problemas no fim do ano anterior. Sua mãe a flagrara se cortando algumas vezes. Não era nada tão terrível quanto parecia, pelo menos de acordo com Sylvia, mas a mãe dela havia surtado. Mandara Sylvia para uns dez terapeutas ao mesmo tempo e implantara a Dra. Lipton permanentemente no seu pé. Este ano, até o momento, Sylvia estivera muito bem. Ou ao menos até onde eu sabia.

– Não aconteceu nada – disse Sylvia. – É só a minha mãe torrando o saco. Nada de novo.

– Sylvia, falando sério. Tem certeza de que está tudo bem? – Eu me sentia mal por ter perdido completamente o bonde da primeira vez com a história dos cortes. Não queria deixar acontecer de novo. – Tipo, com o lance do Ian e tal.

– Minha nossa, vocês! Estou bem, sim – Sylvia respondeu irritada e então começou a caminhar na direção da Dra. Lipton. – Para quem tem um caso com um garoto que finge ser gay, acho que você devia se preocupar um pouco mais com você e menos comigo.

Para mim, foi ótimo que a Dra. Lipton aparecesse, pois eu não tinha ideia de como despistaria Sylvia a tempo de voltar para a minha casa para a “sessão de fotos”. Ainda queria me safar daquele jogo idiota, mas não encontrara um jeito de fazer isso sem correr o risco de ofender Dylan. E tudo ia tão bem com ela que

eu não queria estragar as coisas.

Entrei na escola com os grupos de pessoas que retornavam do almoço, e então fiz uma curva à direita e passei pelo átrio, para sair pela porta lateral. Eu aprendera com as Maggies que a escada de incêndio era a melhor forma de escapulir da escola. Daquele lado não havia salas administrativas nem de aula. Eu já saíra no meio do dia por esse caminho pelo menos cinco vezes, sem problemas. Era só virar à esquerda, depois à esquerda de novo e passar pelas portas até a escada, e então...

– Ah, oi – disse Liv, fechando o laptop com força.

Estava debruçada sobre o computador, sentada na escada. A julgar pela sua cara, parecia que eu a flagrara vendo pornografia. Eu também me sentia pega no flagra. Durante um segundo, cheguei a pensar em voltar por onde eu tinha vindo, mas era tarde demais. E não conseguia pensar em nada que eu pudesse estar fazendo que me pusesse naquela escada, exceto matar aula.

– Oi – respondi, ainda com a esperança de que me ocorresse uma boa desculpa para estar ali.

– Quer dizer que nós duas fomos pegas no flagra, hein? – Liv disse, lendo meus pensamentos. Estava bonita, como sempre, com uma blusa esvoaçante e um colar grande e rústico. – Eu devia estar em uma reunião de professores e você me pegou aqui escondida, escrevendo um conto.

– Sobre o que é? – perguntei. Falar do conto de Liv era uma opção melhor do que explicar o que eu estava fazendo ali.

– Sobre o que é o quê? – Agora era Liv que agia esquisito.

– Bom, o conto.

– Ah, enfim, um rapaz, uma moça, uma tragédia. É um trabalho em desenvolvimento – ela respondeu, sorrindo. – E, por falar em contos, Amelia, foi bom eu encontrar você. Preciso lhe contar uma coisa.

– O quê?

– Você parece nervosa. Não se preocupe, não é nada ruim, é só... Eu acabei mandando o seu conto para a candidatura à bolsa.

– O quê? – Eu tinha lhe dito que não queria me candidatar. Que espécie de professora fazia isso?

– Eu sei, assumi o risco e fiz o que achei melhor e, desde então, me sinto culpada. – Ela balançou a cabeça. – Acho que você é uma escritora muito talentosa e quis dar apoio. Mas, só porque eu gostaria de receber uma bolsa de escrita criativa, não quer dizer que você também fosse querer. Tenho a impressão de que foi por causa das minhas próprias frustrações ao tentar publicar que... Enfim, não cabia a mim tomar essa decisão por você e peço desculpas. É tudo o que posso dizer.

Fiquei olhando para meus pés, me sentindo estranhamente exposta e um pouco brava, até que me ocorreu que eu estava encarando tudo aquilo do jeito errado. Era irritante que Liv tivesse feito isso, mas, se ela se sentia mal por causa da bolsa, talvez eu pudesse tirar vantagem da situação para sair pela tangente e chegar em casa a tempo.

– Bom, tudo bem – falei. – Mas preciso ir. Eu tenho... é... uma consulta no dentista e a minha mãe esqueceu de escrever um bilhete, então...

– Ah – Liv disse em voz baixa. Eu não sabia dizer se ela havia acreditado. Na verdade, eu suspeitava que não. – Dentista, é?

– Estou com uma cárie.

Ela assentiu devagar, mordendo o lábio inferior.

– Então vamos deixar empatado por enquanto. – Ela sorriu. – Você pode ir ao dentista e eu não falo nada, se você prometer que me perdoa por mandar o seu conto. E não diz para ninguém que eu matei uma reunião de professores para escrever um conto.

– Fechado – falei, abrindo a porta. Quando me voltei, me senti bem, a salvo, protegida. – Valeu, Liv.

Atravessei o jardim lateral correndo e me afastei da escola sem olhar para trás. Dali, desci correndo a Prospect Park West em direção à Rua 1, certa de que a qualquer segundo a Sra. Pearl ou alguém gritaria meu nome. Ao virar a esquina, olhei por sobre o ombro para ter certeza de que ninguém me vira. Estava virando quando algo se chocou contra a minha testa e me jogou para trás.

– Ai! – gritei.

– Nossa, foi mal – uma voz disse. – Você está bem?

Minha cabeça vibrava quando ergui a vista.

– Eu sou *tão* patético – Ian Greene disse. – Não devia andar escrevendo no celular. Desculpe.

– Tudo bem – falei, embora sentisse uma forte dor no olho. Eu devia ter batido bem no seu ombro ou algo assim. – Não se preocupe. Aliás, estou meio atrasada, então...

Comecei a contorná-lo, tentando me orientar só com um olho.

– É, bem... – ele disse. – Tenho a impressão de que você está atrasada para se encontrar comigo.

Ian ergueu a câmera com certa timidez.

– Parece que é uma das minhas responsabilidades de calouro. – Encolheu os ombros, com um jeito inocente. – Para falar a verdade, essa história toda fez eu me arrepender de me envolver com essa bobagem de clube. Talvez a Sylvia

tivesse razão. São todos doidos.

O fato de Ian ser um excelente fotógrafo obviamente não era o motivo para Zadie mandá-lo tirar as fotos. Ela queria criar problemas entre mim e Sylvia. Ou, quem sabe, talvez entre Sylvia e Ian.

– É, o lance com os clubes pode ficar meio doido – concordei. Meu tom de voz era deslocado, nervoso e culpado.

Uma coisa era esconder de Sylvia o que eu fazia com as Maggies, mas que algum desses segredos incluísse Ian? Porém, até o momento, minha culpa não me levara a cancelar o plano. Eu ainda me preocupava mais com Dylan e comigo.

– Você sabe que tipo de fotos tem que tirar? – perguntei. – A gente não recebeu nenhuma informação.

– Bom, para aumentar o mistério dessa bobagem toda – disse Ian –, me mandaram aqui com um envelope lacrado, que aparentemente contém as instruções para a sessão de fotos. Eu não posso abrir até você e eu estarmos a sós, dentro de casa.

– Sério?

– Receio que sim.

Agora a história estava oficialmente ficando imbecil. E, quanto mais eu a deixasse avançar, mais deslizaria para dentro da armadilha de Zadie. Mas que escolha eu tinha? Zadie provavelmente apostava que eu cancelaria a sessão de fotos. Era possível que esse fosse o objetivo. Eu enfim lhe daria o motivo para me expulsar das Maggies e me afastar de Dylan. Respirei fundo.

– Bom, então acho melhor a gente ir para a minha casa – falei. – Antes que alguém nos veja aqui, sei lá.

Ian sorriu. Parecia aliviado por seguir com o plano também. Estendeu um braço e curvou a cabeça, como se fosse um nobre.

– Primeiro as damas.

Quando entramos, larguei minhas bolsas no sofá da sala.

– Pode ficar aqui embaixo se quiser – falei. – Vou subir e me trocar rapidinho.

Achei melhor fazer ao menos um esforço para ficar decente. Dylan veria as fotos.

– Não é melhor vermos as instruções primeiro?

– Ah, é. Faça as honras.

Ian rasgou o envelope.

– “Vejam o blog Aves do Bando” – ele leu. – “Tirem o mesmo tipo de foto.”

– Ele olhou para mim e franziu a sobrancelha. – Que lindo, uma caça ao tesouro. Tem um computador?

Conduzi Ian até o andar de cima e entramos no meu quarto, que estava muito mais bagunçado do que eu me lembrava de tê-lo deixado. Esperava que não estivesse tão ruim assim quando Dylan tinha ido até lá, na noite anterior. Passei sobre uma pilha de roupas e me sentei na frente do computador e comecei a examinar os muitos resultados da pesquisa por um blog chamado Aves do Bando. Finalmente, cliquei em um e surgiu uma foto de Heather, ao lado do home Honey Baxter. Era só uma foto do rosto. Havia um parágrafo breve ao lado da foto, que incluía sua cidade natal (Nova York), a idade (uma mentira, 18 anos) e uma frase sobre o que ela "curte" (chocolate) e "não curte" (retardados).

Então cliquei na foto, que me levou a várias outras. Na primeira, Heather vestia um sutiã meia-taça de renda e calcinha combinando, e estava abaixada, com as pernas abertas. Na seguinte, estava inclinada para a frente, com uma mão nos seios e outra com um dedo na boca, em gancho. Eram 12 fotos, todas elas no mesmo estilo: pornografia.

– Que merda é essa?! – exclamei.

– Uma merda – Ian disse, de olhos arregalados.

Quando cheguei à página inicial do blog, vi que havia uma página de fotos para cada integrante das Maggies, com basicamente o mesmo tipo de imagem. Cada uma tinha sido "curtida" por centenas, às vezes milhares de pessoas. Zadie era a mais "curtida". Cliquei em uma foto dela e várias outras se abriram na tela. Todas valorizavam sua beleza, isso eu tinha que admitir. Em preto e branco, com uma iluminação de contrastes e sombras, eram quase artísticas. E Zadie parecia estar totalmente nua em todas, coberta apenas pelas mãos, uma echarpe, uma sombra.

– Qual é o objetivo de tudo isso? – Ian perguntou.

Pelo menos ele não parecia estar particularmente interessado nas fotos de Zadie. Interpretei isso como um sinal, ou até uma prova, de que nada acontecera entre eles.

– Não faço ideia – respondi. – Eu nem sabia que elas faziam... bom, nada desse tipo.

– O que fazem com você?

– Como assim?

– Quando você diz não – ele indagou, franzindo a testa ainda mais. – Você não pode estar sequer considerando participar desse absurdo.

– Não. Quero dizer, acho que não.

– *Acha* que não? Eu imaginaria que você ficaria desconfortável com esse tipo de coisa. Digo, por causa da sua situação.

– Situação?

– Por você ser... – Ele parecia incomodado. – Sei lá, mais *modesta* do que algumas dessas garotas. Com toda sinceridade, isso é um elogio.

Sylvia contara para Ian Greene que eu era virgem. Nossa, era muito mais que humilhante. Sem contar que nem era mais verdade.

Desviei o olhar de Ian e voltei a atenção para a tela do computador. Prendi a respiração ao clicar no perfil de Dylan. Ela estava linda nas fotos, é claro. Mas havia algo que as diferenciava. Uma tristeza que as tornava difíceis de olhar e impossíveis de não olhar. Ela não queria participar daquele jogo, tanto quanto eu. Zadie a tinha convencido.

– Você vai voltar para a escola? – Ian perguntou. Estava pegando suas coisas. – Eu ainda não descobri um jeito de entrar de novo sem ninguém ver. Talvez você possa me dar uma ajuda.

Quando ele se dirigiu para a porta com a câmera grande na mão, senti que algo escapava por entre meus dedos. *Recatadinha, a Olhos Doidos.* Mesmo se Zadie não me expulsasse das Maggies – um grande *se* –, Dylan poderia se sentir julgada por eu não publicar as minhas fotos também. E se ela não quisesse mais ficar comigo por causa disso?

– Espere – pedi quando Ian estava quase na porta do quarto. Ele parou, mas não se virou. – Eu quero fazer.

Ele girou devagar.

– Você não precisa dessas garotas, Amelia – falou em voz baixa. Parecia estar desapontado. – A Sylvia tem razão. É tudo uma grande bobagem, essa idiotice dos clubes.

Dei de ombros.

– Não estou fazendo isso por elas.

– E a Sylvia? – ele perguntou. – Suponho que ela não vá ficar feliz por eu ver a melhor amiga dela de calcinha.

– Pois é... – eu disse, pensativa. Ele estava certo, claro. – Aliás, ela já pensa que você a trai. Você sabe disso, não sabe?

– É – Ian Greene concordou, me encarando. – Eu sei.

Não disse: *De jeito nenhum!* ou *Mas que absurdo!*. Apenas: *Eu sei.* Só faltava ter me dito com quem estava transando. Mas não era Zadie. Tive certeza disso ao ver seu desinteresse pelas fotos dela, a menos que isso fosse porque ele já tinha visto o produto original. Mas Ian Greene devia ter bom gosto. Zadie era óbvia demais.

Mas por que, por que eu tinha dito isso para ele? Já era ruim eu saber que

Ian estava no Wolf's Gate. Agora eu sabia de algo sobre ele – ao menos uma possibilidade – que eu *realmente* não queria saber. Só que eu tinha tanta certeza de que ele não estaria traindo Sylvia que parecia algo inofensivo de se dizer. Eu imaginara que ele e eu daríamos uma boa risada comentando o jeito de Sylvia e ficaria por isso mesmo. Jamais imaginara que ele basicamente iria confirmar a suspeita.

Era mais uma razão para cancelar toda aquela bobagem das fotos. Só que, a cada minuto que passava, mais eu sentia que não podia. Nenhum dos motivos que eu precisava para isso havia mudado.

– A Sylvia não vai se importar de você tirar as fotos – falei. A maior mentira que eu já contara. Ela certamente se importaria se descobrisse. Eu apenas contava com o fato de que ela nunca fosse saber. – Eu sou lésbica, Ian. Eu nem gosto de homem.

Lésbica. Senti uma leve tontura. Era a primeira vez que eu dizia isso em voz alta para qualquer pessoa. Incluindo Dylan e eu mesma – nós fazíamos o que fazíamos, mas não falávamos no assunto. Não nesses termos.

– Ah – Ian jogou a cabeça ligeiramente para trás e então deu um sorriso meio sem jeito. – Certo. Quero dizer, que bom. Que bom pra você.

E ali estava, a verdade exposta ao mundo. Eu havia contado para alguém – ninguém menos que Ian Greene – e o mundo não havia desmoronado. Minha cabeça não explodira e Ian não desaparecera numa nuvem de fumaça. A sensação era incrível. Eu me sentia capaz de voar.

– A Sylvia ainda não sabe, então, por favor, não conte. – Quem sabe, talvez ela realmente não se importasse com as fotos depois de saber que eu era homossexual. Era possível. – Estou planejando contar para ela assim que surgir o momento certo.

– Certo – ele disse. – Sim, claro.

– Por favor, Ian, eu preciso fazer isto – falei, tentando afastar Sylvia da minha cabeça o máximo possível.

Eu não estava apenas envolvendo o namorado dela como ainda pedia a ele que mentisse para Sylvia. Mas, se a situação fosse a inversa, ela provavelmente teria feito o mesmo comigo. Faria o que fosse necessário para continuar com um menino do qual gostasse muito. Isso não justificava tudo, mas me fazia sentir que não era tão ruim assim.

– Mas preciso da sua ajuda.

Ian respirou fundo e exalou enchendo as bochechas, então balançou a cabeça olhando para o carpete. Pelo visto, até mesmo Ian, o mulherengo, tinha certos limites que não gostava de ultrapassar.

– Está bem – ele disse por fim, embora não parecesse estar feliz com a

decisão. – Mas você me deve uma.

Amelia

18 DE OUTUBRO, 0H02

AMELIA
oi! tudo bem?

BEN
esse eh o seu joguinho?

AMELIA
vc ta bravo. o q eu fiz?

BEN

nada

AMELIA

vai me dar gelo?

BEN

olha, vc esta sem tempo. eu entendo. vc tem uma namorada. mas ninguém gosta de ser deixado de lado

AMELIA

vc tem razão. desculpa. eu nao quis magoar vc. amigos de novo?

BEN

tá. amigos sempre

18 DE OUTUBRO, 0H16

AMELIA

esqueci de perguntar. e o garoto do time de futebol?

BEN

vlw por perguntar. ele diz q tem uma namorada numa escola em “internato”

AMELIA

enrustido?

BEN

pode crer. vc já contou pra Sylvia?

AMELIA

eu disse q tinha q falar com ela, mas aí ela me trocou pelo Ian

BEN

contou pra sua mãe?

AMELIA

ainda não, ela chegou tarde de novo

BEN

vc precisa contar pra alguem, vai se sentir melhor

AMELIA

qdo a gente vai se ver? vc nao vinha pra NY? eu preciso muito muito ver vc logo! a gente tem q se encontrar! senão, vou comecar a pensar q vc ta me evitando de propósito :(

BEN

ainda estou tentando, vc vai ser a 1a a saber. bjs

AMELIA

bjs

Kate

19 DE JULHO DE 1997

Hoje, quando acordei, me convenci de que tinha sonhado tudo. De que eu tinha inventado. Pois não tem como eu ter feito algo assim. Não eu.

Mas fui eu. Odeio essa versão de mim. Liguei para o escritório, falei que estava doente e passei o dia todo na cama. Talvez eu nunca volte a trabalhar. Eles podem me fazer uma proposta ruim ou nem fazer proposta alguma. Não ligo mais.

Mereço ficar desempregada pelo resto da vida.

22 DE JULHO DE 1997

Para: Kate Baron
De: Daniel Moore
Assunto: ?

Por onde você anda? Você perdeu um evento sensacional dos associados de verão ontem, e você sabe que eu acho a maioria desses eventos um saco. Foi uma visita guiada noturna na Bolsa de Nova York. Irado. Depois jantar no Cipriani. Estou dizendo, Kate, esse você não podia perder.

Melhoras.
D.

Kate

28 DE NOVEMBRO

Pelas janelas da sala, Kate viu o sol nascer e deixar o mundo todo cinzento e depois rosa esmaecido. Ela passara a noite toda acordada. Após Seth ir embora, passara um longo tempo encolhida no sofá olhando para o celular, que ficara alojado na almofada da poltrona para onde ela o tinha arremessado depois de ele ler em voz alta aquela última mensagem de texto pavorosa.

Ao amanhecer, Kate enfim terminara de olhar quase todos os arquivos que Duncan lhe enviara, com exceção das mensagens de texto de Amelia, que deixara para o final. Kate planejara ler essas mensagens quando se sentisse preparada, até que se deu conta de que isso nunca aconteceria.

Primeiro quis ver as mensagens que Amelia recebera sobre o pai. Não parecia ser coincidência que ambas recebessem mensagens anônimas cujo assunto era com quem Kate dormira. Contudo, localizar essas mensagens em particular era mais difícil do que parecia. As seções de números desconhecidos e

bloqueados nas mensagens de Amelia eram enormes. Kate levou vinte minutos vasculhando até finalmente encontrar o que procurava.

Sua mamãe era uma destruidora de lares. Seu papai é um galinha.

Meu Deus. Sylvia não tinha dito nada que a preparasse para algo tão horrível. Kate podia apenas imaginar o que Amelia teria sentido ao ler aquilo. Vergonha, sem dúvida. Uma vergonha que não era dela por direito.

Kate passou por mais mensagens com números bloqueados e desconhecidos, tentando não pensar no frio que sentia na barriga. Era uma mistura de propagandas, lembretes da escola, mensagens comuns de amigos que tinham números bloqueados. Havia algumas referências estranhas a Maggie, em geral com um número, mas não havia nenhuma Maggie na lista de contatos de Amelia, nem Kate se lembrava de a filha mencionar ninguém com esse nome. Após ler tantas mensagens sem importância, Kate começou a passar a vista por elas rapidamente. Ainda faltava uma infinidade de mensagens com números bloqueados, mas ela precisava de um descanso.

Então, passou para as conversas com Ben. Mas também havia muitas, e Kate logo começou a escolher mensagens ao acaso, lendo algumas, passando a vista em outras e pulando várias. Esse jeito não muito metódico de examinar as mensagens de Amelia estava fadado a fazê-la perder algo. Talvez, bem no fundo, Kate quisesse isso. Ainda tinha medo de saber tudo, ou pelo menos tudo de uma vez. Além do mais, eram tantas mensagens que ela levaria dias para ler cada uma delas, então não tinha escolha a não ser ler por amostragem.

Pelo menos as mensagens entre Amelia e Ben eram amistosas, íntimas e simpáticas. Ao lê-las, Kate acabou se apaixonando um pouquinho por esse menino chamado Ben, fosse quem fosse. As estranhas circunstâncias como Amelia o conhecera logo passaram a importar muito menos do que o fato de que havia sido um amigo bom e sincero. Até mesmo comparado com Sylvia. Pois, embora fosse óbvio que as meninas se amassem, o relacionamento entre elas sempre pendera bem mais em favor de Sylvia. Com Ben, parecia que Amelia havia compartilhado mais segredos, sobretudo sobre um menino chamado Dylan, de quem Amelia aparentemente gostava. E também era um alívio ver a forma como Amelia falava de Dylan, em um tom nervoso e um pouco constrangido. Inquieto. Jovem. Não como uma moça calejada que se vendia na internet.

Kate deixou de lado as mensagens de Ben para ler algumas das trocadas entre Amelia e o tal de Dylan, buscando seguir a trilha tortuosa da vida da filha. Mas, claro, nada daquilo era tão fácil de identificar quanto Kate desejaria. Aliás,

era tudo muito confuso, incluindo as muitas referências nas mensagens de Dylan a Maggie 1 e Maggie 2 e assim por diante. Eram nomes em código, Kate deduzira, embora não soubesse a quem se referiam nem por que eram usados. O que Kate sabia com certeza era que algo romântico acontecera entre Dylan e Amelia, mas o grau de seriedade não era claro. Os dois haviam planejado se encontrar pelo menos uma vez no meio do horário de aulas, então talvez fosse ele o menino que Kelsey vira. Era possível – isso era tudo o que Kate podia dizer com certeza. Se bem que, quanto mais investigava a vida de Amelia, mais começava a sentir que tudo era possível.

– Não quero que isto vire o nosso foco – Kate disse, entregando seu celular para Lew, quando ele chegou à casa dela poucas horas depois. – Mas você poderia juntar esta mensagem às outras que a sua equipe está tentando rastrear? Elas parecem estar ficando mais hostis. Além disso, achei uma das mensagens que a Amelia recebeu sobre o pai. Seria bom saber também quem a mandou.

Lew olhou para o celular de Kate, assentindo devagar. Ali de pé na sala, ao lado do tenente, que estava de banho recém-tomado, Kate de repente se deu conta da aparência que devia ter, exausta e ainda com a mesma roupa. Não havia sequer escovado os dentes.

– Vou pedir para o pessoal de TI dar uma olhada – disse Lew. – Também vou perguntar se houve algum progresso com relação às mensagens anteriores. Está sendo muito mais lento do que eu gostaria. Mas, enfim, nosso Departamento de TI é basicamente um cara com um computador velho que faz este tipo de coisa para todas as delegacias do Brooklyn. Vou tentar agilizar a intimação da companhia telefônica também. – Respirou fundo. – Agora, levando em conta esta nova mensagem, acho que é hora de você me contar sobre o pai da Amelia.

Lew, com seis netos e a esposa doente da qual cuidava com tanto zelo, era uma pessoa de respeito. Provavelmente nunca dormira com a pessoa errada. Sem dúvida jamais mentiria para seus filhos. Kate o encarou um momento, tentando descobrir se teria como se safar mais um tempo antes de revelar seu segredinho. Mas já sabia que a resposta era não. Deveria ter sido assim muito tempo atrás.

– Está bem – ela disse por fim, sentando-se no sofá e olhando para suas mãos. Seth era a única pessoa além dela que sabia. Kate já tinha ciência de que possivelmente teria que revelar aquilo a Lew, mas isso não facilitava a tarefa. – O nome dele é Daniel Moore – conseguiu dizer. – Fomos colegas na faculdade de direito e ele trabalha, ou trabalhava, na mesma firma que eu. Não é uma pessoa muito legal.

– Ele sabe sobre a Amelia?

– Não – respondeu Kate. Sua voz saiu alta e tensa. Voz de mentirosa. – Digo, sabe. Sabe sobre a Amelia, mas não que é filha dele.

– Ele nunca suspeitou?

– Deve ter suspeitado, imagino. Mas não perguntou. Para ser sincera, eu teria mentido se ele perguntasse. – Kate não conseguia sequer olhar para Lew. – Já tínhamos terminado o que quer que houvesse entre nós antes mesmo de eu saber que estava grávida. Ele manteve distância durante um bom tempo quando a Amelia nasceu. Talvez tivesse medo de que eu mudasse de ideia e lhe pedisse alguma coisa.

– E você nunca contou à Amelia sobre ele? – Lew perguntou.

Kate negou com a cabeça.

– Eu sei o que deve parecer. Mas o Daniel não era um bom... Não éramos... Ele não é o tipo de pessoa que eu queria que fosse o pai da Amelia. Acho que eu decidi que não seria. Não sinto orgulho do que eu fiz, mas nós nunca namoramos. Foi só sexo entre duas pessoas que nem se gostavam de verdade. Não podíamos criar uma filha juntos. Mas *eu* quis ter a Amelia. E não queria que ele tentasse me convencer a não tê-la, o que ele certamente teria feito, pois o conheço bem. Dois ou três anos depois de a Amelia nascer, ele se casou e não seria justo contar. Agora ele está divorciado, mas não posso contar que a Amelia era filha dele após ela ter morrido.

– Bom, por enquanto, acho que podemos deixar como está. Mas, se começar a parecer que a Amelia entrou em contato com ele, vamos ter que procurá-lo.

– Ai, meu Deus, você não acha que...

Lew fez que não com a cabeça.

– Eu acho que é muito mais provável que a morte de Amelia esteja relacionada com isto – ele disse, estendendo a pasta vermelha. – Cruzei as fotos das meninas do grupo Aves do Bando com o livro de alunos da escola. – Lew abriu a pasta e puxou uma única folha, onde havia uma tabela impecável com os nomes das meninas, os endereços e os nomes dos pais. – São todas alunas de Grace Hall, a maioria do último ano. São 22 no total.

– O mesmo número de bilhetes – disse Kate. – Acho que talvez a Amelia se refira a todas essas meninas como “Maggie” nas mensagens de texto. Esse nome, com vários números diferentes, é mencionado muitas vezes.

– Pode ser – disse Lew. – De todo modo, acho que é hora de perguntar à escola.

Dentro do frio vestíbulo de pedra de Grace Hall, havia um guarda sentado diante de um computador, em uma grande mesa de madeira. Era mais velho, de olhos caídos. O rosto grande e rechonchudo tinha um reflexo azulado da tela do computador. Seu nome estava no crachá: WILL FINKLE.

– Posso ajudar? – ele perguntou em tom preguiçoso, sem tirar os olhos do computador.

– Gostaríamos de falar com o diretor. – Lew mostrou o distintivo, adotando uma postura de policial que Kate não vira ainda. – É a respeito da aluna que morreu há algumas semanas.

– Não diga... – o guarda disse em tom seco, como se já estivesse cansado de esperar que alguém aparecesse fazendo perguntas sobre ela. Seus olhos encontraram os de Kate. Ele a reconheceu, ela tinha certeza. Mas ele não teve problema algum em fingir que não a conhecia. – Vou precisar ver alguma identidade. – Kate pegou a carteira de motorista e Lew entregou o distintivo. O guarda os examinou, procurando e inserindo as informações no computador. – Assinem aqui – pediu ao terminar, apontando para uma pequena tela de assinatura eletrônica. Segundos depois, uma impressora emitiu dois passes de visitantes.

– É muita segurança de ponta para uma escola – Lew comentou, indicando o computador com a cabeça.

– Quando se tem mais dinheiro do que o que fazer com ele – disse o guarda –, sempre se encontra alguma coisa.

– É novo?

– O computador tem umas três semanas... Na semana passada, adicionaram isto. – O guarda apontou para um leitor de cartões magnéticos. – Tem ideia de quantas crianças esquecem a droga do cartão? Eu devo sair desta cadeira umas cinquenta ou sessenta vezes toda manhã para destrancar a droga do portão.

– O que motivou isso?

– Vocês é que deviam me dizer – disse o guarda. – Estão aqui por causa da menina morta.

O pesado aroma floral do saguão principal fez Kate sentir náusea quando se encaminharam para as salas da diretoria. Duas escadas imponentes subiam em curva diante de uma linda arca com gavetas – de aparência antiga, mas não preciosa –, sobre a qual havia um enorme arranjo de flores. Acima dela havia um quadro que bem poderia ser um Picasso. Na parede oposta, uma imensa fotografia em preto e branco de uma dançarina voluptuosa, esparsamente vestida, sentada em um camarim imundo.

Lew e Kate pararam, ombro contra ombro, na frente da fotografia e olharam para ela e a plaquinha ao seu lado, que dizia DIANE ARBUS, CÔMICA BURLESCA NO CAMARIM, ATLANTIC CITY, NJ, 1963. PRESENTE DA FAMÍLIA GREENE. Era nova. Kate não ia à escola com frequência, mas uma fotografia como aquela era o tipo de coisa de que ela se lembraria. Por um lado, o local ousado em que a imagem provocadora fora posta fazia uma interessante interseção com a veia progressista de Grace Hall; por outro, parecia totalmente inadequado. Ainda mais agora.

– Você acha que a segurança reforçada significa alguma coisa? – Kate perguntou.

Lew franziu as sobrancelhas.

– É difícil dizer. – Continuava observando a fotografia. Também não lhe parecia adequada. – Dá a impressão de estarem escondendo alguma coisa. Pode ser só consciência pesada.

– Sra. Baron! – alguém chamou do fundo do corredor com uma voz alta e esganiçada.

Quando Kate e Lew se voltaram, uma mulher mais velha vinha marchando rapidamente pelo corredor; tinha os cabelos grisalhos presos em um penteado alto e vestia um tailleur de tweed. A Sra. Pearl. Se Kate não se lembrava de Woodhouse com muita clareza, por outro lado a Sra. Pearl deixara uma impressão indelével, e não particularmente boa.

– Se soubéssemos que viria, teríamos mandado alguém para recebê-la – disse a Sra. Pearl, olhando fixamente para Kate antes de estender uma mão enrugada para Lew. – Eu sou a Sra. Pearl, coordenadora de Grace Hall.

– Tenente Lew Thompson – ele disse, apertando sua mão com firmeza.

A Sra. Pearl olhou para eles por mais alguns instantes, como se esperasse uma explicação para a visita inesperada. Como isso não aconteceu, ela sorriu, mas não de um jeito muito agradável.

– Infelizmente, o Sr. Woodhouse não se encontra. Ele foi para uma conferência de escolas independentes em Boston. Volta amanhã. Se quiserem, posso marcar uma hora para que venham...

– Não dá para esperar – disse Kate, segurando a pasta que Lew trazia na mão.

Ele a soltou, mas com relutância. Havia deixado claro que era ele quem devia falar. Porém, ao ver a Sra. Pearl de novo, Kate sentira raiva demais para conseguir ficar calada. Estendeu a pasta para ela.

– Desculpe, mas o que é isso? – a Sra. Pearl perguntou olhando para a pasta e piscando, mas sem fazer menção de segurá-la.

– É uma lista de meninas que estavam na mesma espécie de clube que a Amelia – disse Kate, aproximando a pasta da Sra. Pearl a ponto de o canto quase

tocar suas costelas. Seu tom era de raiva. Aliás, Kate estava muito mais brava com a administração da escola do que tinha percebido. O que a escola havia feito para evitar que as crianças formassem uma espécie de círculo de pornografia? Estava claro que não era por falta de recursos. – Publicaram fotos de si próprias, seminuas, num blog.

A Sra. Pearl deu um passo para trás e ergueu as mãos na frente do peito, que, pelo visto, Kate começara a pressionar com a pasta.

– Realmente, são informações perturbadoras – falou a Sra. Pearl em tom contido. – Porém, como pode imaginar, Grace Hall não tem como controlar, nem em termos práticos nem legais, o que os alunos fazem fora da nossa propriedade.

– Fora da propriedade? Isso é algo que estão fazendo *on-line* – Kate rebateu. – Não está *acontecendo* em algum lugar. E eu acho que essas meninas também estavam assediando a Amelia. Encontrei bilhetes expressando ódio no quarto dela e mal comecei a ler as mensagens de texto. Só Deus sabe o que mais eu vou encontrar. O *bullying* tem que ser contra as normas, não importa onde aconteça.

Kate tinha consciência de que usar o termo *bullying* transformava imediatamente a conversa em um tema explosivo. Queria que a escola ouvisse. Desta vez, tornaria impossível que não dessem ouvidos.

– *Bullying*? – a Sra. Pearl perguntou, parecendo um pouco surpresa e um tanto cética. – Essa é uma alegação muito séria, Sra. Baron. Suponho que tenha provas?

– A Amelia morreu – disse Kate. – A meu ver, é uma prova bem contundente.

– Tenente... – A Sra. Pearl piscou repetidamente ao voltar a atenção de Kate para Lew, como se estivesse em busca da voz da razão. – Segundo eu havia entendido, a polícia tinha determinado que a morte de Amelia fora suicídio. Aliás, estamos planejando um enorme evento beneficente de conscientização sobre o suicídio daqui a uma semana, homenageando Amelia. Ele visa angariar verba para uma linha de atendimento nacional. Agora estão me dizendo que ela não se matou?

– Há dúvidas – disse Lew. – Substanciais.

– Evento de conscientização sobre suicídio? – Kate perguntou. – Eu pedi a alguém da associação de pais que esperasse antes de fazer isso.

A Sra. Pearl franziu a testa.

– Bom, não posso responder por isso, mas o evento está marcado para a próxima sexta. Se tiver alguma dúvida, sugiro que converse com a associação. Em termos de discutir esse suposto assédio, receio que tenha que esperar o Sr. Woodhouse voltar.

Kate estava a ponto de perder a compostura quando a mão de Lew desceu com força em seu braço, interrompendo-a antes que começasse.

– Está bem – ele disse para a Sra. Pearl. – Podemos esperar. Enquanto isso, também gostaríamos de falar com a professora de inglês de Amelia.

A Sra. Pearl cruzou os braços e cerrou os olhos, como se calculasse quanto lhe custaria recusar mais esse pedido.

– Acredito que seja possível – disse por fim. – *Se* ela estiver disponível.

Dez minutos depois, os três pares de pés ecoavam pelo corredor de pedra. A Sra. Pearl os conduzia para uma área de espera próxima à sala de Liv.

– Aguardem aqui – disse, apontando para o pequeno apanhado de móveis, entre eles duas poltronas e algumas mesas pequenas. – Liv deve recebê-los em breve. Agora, se não houver mais nada, eu realmente preciso voltar ao trabalho.

Ela se virou na direção da sua sala sem esperar uma resposta.

– Na verdade, há mais uma coisa, Sra. Pearl – Lew a chamou.

Ela virou-se, os lábios apertados.

– Sim, tenente.

– Essa segurança nova na entrada é em resposta à morte de Amelia?

– Não, tenente. Não em *resposta* – a Sra. Pearl disse com frieza. Sabia aonde Lew queria chegar. – Mas, como imagina, a morte de qualquer criança, mesmo um suicídio, lembra a todos os pais da vulnerabilidade de seus filhos. Já se há ou não alguma relação causal mais forte, o senhor mesmo teria que perguntar ao conselho administrativo da escola, tenente. Foi ele que decidiu pelas novas medidas de segurança.

– Vai ser um prazer falar com o conselho – disse Lew. – Preciso apenas dos nomes.

A Sra. Pearl voltou e pegou um catálogo da escola da pilha que estava em uma mesa próxima, e o entregou a Lew.

– Os nomes estão bem aqui, no final – disse. – A secretaria também pode lhe passar os telefones. Agora, se tiverem mais perguntas, peço que as encaminhem ao Sr. Woodhouse. E que marquem uma hora.

Enquanto a Sra. Pearl se afastava a passos largos, Lew se sentou e abriu o catálogo da escola sobre as pernas, além da sua tabela de meninas do Aves do Bando. Com o dedo, ia acompanhando a lista de nomes, movendo a cabeça de um lado para o outro. Parou mais ou menos na metade e ergueu a vista.

– O que foi? – Kate perguntou.

– Uma das meninas, Zadie Goodwin. – Lew lhe entregou a lista. – Veja o sobrenome do pai dela, ou melhor, do padrasto, acho.

Kate pegou a folha e passou os olhos pelos nomes. Zadie. Amelia a tinha mencionado? Ela havia lido esse nome nas mensagens de Amelia? Kate achava que não, porém já ouvira esse nome antes. Finalmente, ali estava, no fim da lista: Zadie Goodwin. Pai: *Frank S. Carmon.*

– Esse é o nome do lugar onde Molina foi trabalhar, não é? – Kate perguntou. – Você acha que esse Frank Carmon é *aquele* Carmon? Da Carmon Industries?

– Eu sei que é.

– Está falando sério?

– Frank Carmon era policial – disse Lew. – Tinha certa fama, e não era das melhores. Mas, enfim, deixou a corporação para abrir a Carmon Industries há mais de uma década.

– Você acha que é coincidência que Molina tenha ido para lá?

– Não – Lew respondeu, olhando Kate nos olhos. – Acho que não.

Kate voltou a olhar para a planilha e seus olhos buscaram o nome da mãe de Zadie: Adele Goodwin.

– Meu Deus – murmurou. Agora sabia onde ouvira o nome de Zadie antes. – A mãe dela apareceu na minha casa. Era ela que queria fazer esse evento de conscientização do suicídio.

Então houve um clique seguido de um bipe, e a porta para a ala oeste da escola se abriu. Apareceu uma mulher bonita, com menos de 30 anos, de estrutura esbelta e cabelos louros longos e retos. Vestia botas de couro altas e um vestido tubinho curto, estilo anos 1960. Ela se apoiou na porta para mantê-la aberta, segurando o cartão magnético em uma das mãos.

– Sra. Baron? – perguntou, dando um sorriso inseguro.

– Eu. – Kate se levantou de um salto, como se tivesse sido pega colando.

– Eu sou a Liv – disse a jovem, estendendo a mão livre. – Desculpe por fazê-la esperar aqui. Ainda estamos tentando nos acostumar com todas essas portas trancadas.

– Tudo bem. Este é o tenente Lew Thompson – disse Kate. – Ele está ajudando a investigar a morte da Amelia.

– Ah, eu não sabia que a polícia estava envolvida de novo – disse Liv, aparentando surpresa. – A Sra. Pearl não mencionou isso.

– Tem problema? – Kate perguntou sem saber o que faria se Liv dissesse que sim. – Você se incomoda se Lew nos acompanhar?

– Não, claro que não – Liv disse, parecendo constrangida ao estender a mão para apertar a de Lew. – Fiquei surpresa, só isso. É um prazer conhecê-lo, tenente. Por aqui, por favor.

A sala de Liv era minúscula, apenas com espaço para uma mesa, uma cadeira estreita para um convidado e quatro pilhas de livros. Duas prateleiras estavam apoiadas em uma parede. Outra estava coberta de fotografias em porta-retratos, dispostas com cuidado em um padrão ligeiramente desigual. Liv aparecia na maioria delas, fazendo trilhas, pedalando, viajando, com amigos, alguns talvez namorados, rapazes jovens com costeletas bem-humoradas e tecidos xadrez em abundância.

– Eu sei, é um pouco demais – disse Liv, apontando para as fotos. – Os garotos implicam comigo. Sempre dizem que tento agir como se também fosse da idade deles. – Deu de ombros, olhando para as fotografias. – Pode ser. Mas não podemos fugir de quem somos.

Estava óbvio por que Amelia gostava tanto de Liv.

– É – disse Kate –, não podemos.

– E lamento pelas acomodações. – Ela dirigiu o olhar para Lew, que, sem ter onde se sentar, tinha se apoiado na parede. – As salas são dadas de acordo com a senioridade. Como veem pelo depósito no qual eu passei os últimos quatro anos, em Grace Hall não há muita rotatividade de professores.

– Imagine, tudo bem – disse Kate. – Obrigada por concordar em nos receber.

– No que eu puder ajudar – Liv disse. – A Amelia foi umas das melhores alunas que já tive. Criativa, bem-humorada e sempre brilhante. Às vezes era difícil acompanhar o ritmo dela. – Ela riu durante um segundo e então balançou a cabeça e franziu o cenho, como se acabasse de se lembrar de que Amelia tinha morrido. Quando olhou para Kate, tinha os olhos úmidos. – Desculpem. – Enxugou-os. – Com certeza vocês não vieram para me ver triste.

Era verdade. Liv não tinha o direito de *chorar*. Não quando era tão jovem, bonita e destinada a algum dia ter muitos bebês. Não quando a única filha que Kate teria na vida estava morta. Enquanto Liv fungava alto e secava os olhos com um lenço de papel, tudo o que Kate conseguia fazer era encará-la. Fechou a boca com medo de deixar escapar algum comentário infeliz. Algo como: *Se você não tivesse denunciado a minha filha por plágio, nada disso teria acontecido.* Kate não acreditava nessa história, ao menos não por completo. Ainda assim, lhe faria bem dizer isso.

– Talvez pudéssemos começar pelo trabalho que Amelia foi acusada de plagiar – disse Lew. Abriu a pasta vermelha e retirou os dois trabalhos que Kate encontrara. – Um destes trabalhos, o que tem as suas anotações, foi encontrado na bolsa de Amelia. O outro estava no computador dela.

Liv pegou os dois trabalhos e os pôs lado a lado em sua mesa. Franziu as

sobrancelhas ao passar os olhos neles. Quando enfim levantou a cabeça, tinha os olhos arregalados.

– O que está com os meus comentários é o trabalho que recebi da Amelia, e é o que tinha trechos copiados – disse Liv, falando rápido e em um tom um pouco desesperado. Como se antes tivesse certeza de ter razão, porém agora entrasse em pânico por não estar. – E, para deixar claro, não foi um caso de excesso de paráfrases ou uma frase ou outra copiada. Eu jamais denunciaria uma aluna como a Amelia por algo assim. A maior parte do trabalho foi inteiramente retirada de um tratado acadêmico sobre Virginia Woolf. Eu não tive escolha.

– E este outro trabalho? – Lew perguntou. – Nunca o viu?

– Não – Liv respondeu enfaticamente, folheando-o. – Quem me dera. Parece um bom trabalho. Digo, não tenho como saber se foi copiado só olhando para ele, pois há milhares de fontes sobre Virginia Woolf. Mas sem dúvida parece ser original e criativo, exatamente do tipo que a Amelia escreveria.

– Você viu a Amelia entregar esse outro trabalho? – Kate perguntou. – Há alguma chance de terem sido trocados?

– Os alunos entregam todos os trabalhos da escola on-line – Liv explicou. – Usam um sistema de e-mail seguro, então não vejo como teria havido um erro.

– E depois você os imprime? – Lew indagou.

– É. Bom, na verdade, minha aluna assistente os abre e imprime para mim. Eu passo o programa de plágio depois de ler a cópia física. Hoje em dia, sou obrigada a fazer essa verificação, mas sempre considerei ser uma mera formalidade. Jamais me ocorreu que o programa realmente pudesse acusar alguma coisa – disse Liv. – E por que a Amelia não me diria que esse não era o trabalho dela? Ela se recusou a me dar qualquer explicação quando perguntei sobre os trechos plagiados. Acreditem, eu perguntei várias vezes. Praticamente implorei por uma explicação.

– Não sei por que a Amelia não explicou – disse Lew. – Mas acho que pelo menos precisamos falar com a sua assistente.

– Está bem – Liv disse, aparentando nervosismo. – O nome dela é Bethany... Aliás, antes de eu dar o nome completo, posso pedir autorização a Delia, a Sra. Pearl? Ultimamente, Grace Hall está impondo umas restrições doidas contra dar informações sobre os alunos e punições draconianas por desrespeitá-las.

– Ultimamente? – Lew perguntou.

– Digamos que reiteraram várias vezes o que dizem sempre ter sido as políticas de confidencialidade com relação aos alunos – disse Liv. – De qualquer forma, não posso fazer nada que me custe o emprego. Eu posso reclamar desta sala e de algumas das normas da escola, mas nem por isso estou disposta a ser

uma escritora que passa fome.

– Sem problema – disse Lew, entregando seu cartão a ela. Ao mesmo tempo, deu a Kate a lista das Aves do Bando, indicando com o dedo o nome de Bethany Kane. – Meu contato está aqui, para quando falar com a Sra. Pearl. Precisamos fazer isso depressa, por motivos óbvios.

Bethany Kane estava no grupo. Ela poderia ter trocado os trabalhos de Amelia on-line e imprimido o novo antes de entregá-lo para Liv. As Aves do Bando tinham armado tudo para que Amelia fosse acusada de plágio. Agora por acaso importava o que teria acontecido no telhado? Ainda que se concluísse que Amelia havia mesmo pulado – embora Kate ainda não acreditasse nisso –, agora ela sabia que fora o *bullying* que levara a filha à morte. A única coisa que Kate ainda não sabia era o motivo. *Por que* aquelas meninas odiavam tanto Amelia, e tão de repente?

– Certo – disse Liv, olhando para o cartão. – Claro, vou falar com ela o mais rápido possível.

– Posso perguntar outra coisa? – A voz de Kate estava rouca.

– Claro – disse Liv.

– Encontramos um monte de bilhetes na gaveta da Amelia, em casa, que diziam “Eu te odeio”. Foram escritos por 22 pessoas diferentes – disse Kate, não querendo revelar mais, mas sabendo que precisaria. – E parece que ela se envolveu com um grupo de meninas que publicou fotos reveladoras de si mesmas na internet.

– Fotos reveladoras? – Liv parecia estar tão horrorizada quanto Kate havia ficado, o que por um lado era reconfortante, mas por outro era perturbador. – A *Amelia*? Acho difícil de acreditar. Veja bem, há vários alunos aqui em Grace Hall que não têm a cabeça no lugar, mas a Amelia nunca foi assim.

– Então não faz ideia do que se trata? – Kate perguntou. – O grupo online se chama Aves do Bando. Parece que elas se reuniam após as aulas e coisas desse tipo. Como uma espécie de clube.

Liv cruzou os braços e baixou o olhar. Balançou a cabeça, fitando a mesa. Kate esperou que ela dissesse que não tinha ideia do que era aquilo.

– Desculpem, mas não posso – falou, como se estivesse sofrendo.

– Não pode? – Lew perguntou, em um tom zangado que Kate nunca tinha ouvido.

– Como eu já disse, Grace Hall realmente restringe...

– Espere um pouco – Kate disse, perdendo a compostura. – A Amelia morreu e esse grupo, o que quer que seja, pode estar envolvido, e você me diz que sabe de algo, mas não pode falar?

– Lamento, mas vou perder o emprego – Liv disse em voz baixa. Mais uma

vez pareceu estar a ponto de chorar. – Mas vocês estão fazendo as perguntas certas. Isso eu posso dizer. Continuem perguntando. Falem com Phillip Woodhouse. Eu sei que ele vai... Bom, que ele gostaria de ajudar. Há toda uma questão entre ele, o conselho administrativo e os advogados. – Ela balançou a cabeça e olhou para baixo. – Eu sinto muito, mas já falei mais do que devia.

– Minha nossa... – Kate encarou Liv, de olhos arregalados. – Você está falando sério mesmo.

Lew pôs a mão no antebraço de Kate mais uma vez. Era uma ordem. Por mais que detestasse aquilo, Kate sabia que ele estava certo. Ficarem bravos com Liv não os levaria a lugar algum.

– Nós compreendemos – disse Lew. – Não estamos tentando fazer ninguém perder o emprego. Vamos falar com a administração, mas depois vamos voltar para lhe fazer mais perguntas.

– Sim, claro – disse Liv, parecendo estar desolada. – Eu quero ajudar de verdade, juro.

– E esse tal blog de fofocas da escola? – Lew perguntou.

– É, o *GrAcIoSaMENTE*. – Liv revirou os olhos e balançou a cabeça. – Felizmente foi suspenso, pelo menos por enquanto.

– Por que a administração não o tirou do ar antes? – Lew indagou.

– Nunca conseguiram descobrir quem estava por trás dele. Tentaram rastrear de onde saíam as postagens, mas acho que o responsável sabia esconder os rastros muito bem. Cheguei a ouvir que estavam contratando um especialista em segurança computacional para ajudar. Mas, agora que já está fora do ar, não sei em que pé ficou. – O celular de Liv emitiu um sinal que parecia ser uma notificação de mensagem. Ela o pegou e leu. Então emitiu um som exasperado. – Ai, meu Deus, eu sinto muito, mas há uma reunião do departamento que, pelo jeito, eu esqueci por completo. Posso dar mais alguma informação antes de sair correndo? Fico à disposição para marcarmos outra reunião, se ajudar.

Liv começou a pegar suas coisas – um bloco de papel e o celular.

– A Amelia chegou a comentar com você sobre um menino chamado Dylan? – Kate perguntou. Parecia uma pergunta segura, que ela, como mãe, tinha o direito de fazer. – Parece que talvez ele e Amelia estivessem saindo juntos.

Liv congelou, olhando de Kate para Lew e de volta para Kate. Parecia estar desconfortável.

– Ouvi dizer que Amelia e Dylan estavam namorando. Não foi ela que me contou, então não sei se é verdade, nem se namorar seria a palavra adequada. Talvez fosse melhor dizer que tinham um envolvimento – Liv disse em voz baixa. – Mas Dylan Crosby não é menino. É uma menina.

Amelia

19 DE OUTUBRO, 21H52

DYLAN
e aí?

AMELIA
nada de mais, e vc?

DYLAN
mau humor

AMELIA

pq?

DYLAN

sei lá

AMELIA

vamos fazer algo legal amanhã

DYLAN

legal parece bom, alguma ideia?

AMELIA

qq coisa c/ vc é boa

DYLAN

:) até amanhã

AMELIA

até bjs

19 DE OUTUBRO, 21H59

SYLVIA

ela eh uma das Maggies

AMELIA

quem?

SYLVIA

quem o Ian tá pegando

AMELIA

fala sério

SYLVIA

eh, uma daquelas vadias das Maggies deu em cima dele

AMELIA

quem?

SYLVIA

nao sei, mas vou descobrir

19 DE OUTUBRO, 22H05

CHLOE

festa na minha casa, sexta à noite. 21h

19 DE OUTUBRO, 22H12

AMELIA

quando eu vou te ver??? se continuar me evitando, vou começar a pensar q vc é um psicopata ou algo assim

BEN

poxa, vlw

AMELIA

tô brincando - mais ou menos. mas sério, qdo vc vem?

BEN

talvez quinta, estou tentando

AMELIA

oba! então não preciso começar a bloquear as suas ligações ;)

19 DE OUTUBRO, 22H25

TÉCNICA BING

Correção: o ônibus sai às 7h30 para o jogo de sábado, NÃO às 8h30. Não se atrasem!

19 DE OUTUBRO, 22H32

DYLAN

as vezes eu odeio este lugar. quer fugir comigo?

AMELIA

eu topo. quando?

facebook

20 DE OUTUBRO

Amelia Baron

“Pensei em como é ruim ficar trancada do lado de fora; então pensei em como talvez seja pior ficar trancada do lado de dentro.” Virginia Woolf, Um teto todo seu

> Sylvia Golde Digo isto do jeito mais amável possível, mas você realmente está começando a ficar bizarra
>
> George McDonnell Começando???
>
> Carter Rose Cara acho que é tarde demais

Amelia

20 DE OUTUBRO

– “Um conhecimento nunca é verdadeiro ou falso, apenas menos ou mais biológica e evolutivamente útil. Todos os credos dogmáticos são aproximações: essas aproximações formam um húmus a partir do qual crescem aproximações melhores” – Sylvia leu do livro de filosofia, em tom dramático. – Caso você estivesse se perguntando quem disse isso...

– Não estava – falei sem erguer os olhos.

Era nosso tempo livre e estávamos na novíssima biblioteca de ponta de Grace Hall, com paredes de vidro, equipamentos eletrônicos de alta tecnologia e toques clássicos – luminárias antigas, vitrais e mesas rústicas restauradas. Havia sido rebatizada para Biblioteca Rose, em homenagem à família Rose (incluindo Carter, Bennett e Cole), que financiara a reforma. Eu estava com os olhos no meu trabalho de laboratório de biologia, mas tinha dificuldade em me concentrar, mesmo sem Sylvia falando.

Eu ia me encontrar com Dylan após a escola. Ela falara que tinha algo para me dizer. Depois da mensagem da noite anterior, a respeito de fugirmos juntas, eu tinha certeza de que seria algo bom. Talvez até que ela estava preparada para que aparecêssemos em público.

– Ernst Mach, foi ele que disse isso – Sylvia prosseguiu, pois, como de costume, não estava nem aí se eu queria ouvir ou não. – E quer saber o que eu digo? Digo: vá à merda, Ernst. Acho que isso nem é língua de gente. E que diabo de nome é Ernst? Parece que tem, tipo, umas vogais a menos.

– Por que você pegou Introdução à Filosofia, pra começo de conversa? – perguntei, olhando para ela. Estava irritada. Às vezes Sylvia fazia coisas totalmente idiotas e nunca assumia a responsabilidade. – Todo mundo sabe que é uma das matérias mais difíceis da escola. Ninguém mandou você se inscrever.

– Eu gosto de desafios, assim como todo mundo – Sylvia retrucou, fazendo cara de inocente. – Você não é a única pessoa com curiosidade intelectual por aqui, sabia?

Eu a encarei e estreitei os olhos.

– Calma aí. Agora eu lembro. O Brian Porter está nessa turma, não é?

Sylvia se remexeu na cadeira. Brian era o garoto que ela andara perseguindo na primavera anterior, na época das inscrições. Seu paquera pré-Ian. Por fim ela ficara com ele, mas ele se livrou dela no verão, seguindo o padrão habitual.

– O pior é que ele trancou, tipo, no segundo dia – ela admitiu por fim. Balançou a cabeça.

– Você também podia ter trancado, sabia?

– E deixar o Brian saber que eu só estava na aula por causa dele? Poxa, eu ainda tenho um *pouquinho* de orgulho.

– Para o seu próprio bem, espero que o Ian não se inscreva em Literatura Comparada ou algo assim no próximo semestre – falei. – Essa é de matar.

– Grande coisa. Eu nem ligo mais pro *que* o Ian faz. – Sylvia estava tentando parecer firme, mas seu rosto ficou trêmulo quando ela observou a biblioteca lotada. – Você nem finge ler as minhas mensagens, né? Eu acho que ele está me traindo, lembra?

– Ah, é, tinha esquecido. – Detestava que falássemos sobre Ian. Desde que ele basicamente admitira que *estava* traindo a Sylvia, eu tentava evitar discussões sobre o relacionamento deles. Mas, se eles não terminassem logo, eu teria que contar para ela. E eu definitivamente não queria fazer isso. – Sei lá, mas, se for, ele é um babaca.

– Está vendo? Você já nem diz mais que estou louca. Também acha que ele está aprontando alguma. – Sylvia voltou a vasculhar a biblioteca com o olhar,

provavelmente em busca de Ian, com uma expressão triste. – Que se dane. Os garotos são uns babacas.

Eu tinha que mudar de assunto antes que Sylvia perdesse o controle. E havia tempos queria lhe contar sobre Dylan, principalmente agora que Ian sabia. O momento perfeito não viria nunca.

– Eu estou saindo com alguém – soltei enquanto Sylvia continuava olhando em volta. – Quero dizer, acho que estou. Você estava certa quando pensou isso, outro dia.

– Caraca, eu sabia! – Sylvia me deu um tapa de brincadeira. – Há quanto tempo? Quem é? Você tem que me contar *tudo*. Nossa, estou empolgadíssima!

Sylvia às vezes ainda conseguia me surpreender. Eu não imaginara que conseguiria fazê-la pensar em mim em vez de em Ian, nem por um segundo.

– Acho que faz tipo umas duas semanas.

– Duas semanas! – Sylvia gritou.

Em sua mesa, a bibliotecária fez um *shh!* bem alto. Sylvia fez um gesto de "sai pra lá" com a mão na direção dela.

– Eu achava que você ia dizer um dia ou dois. Duas semanas e você não me contou? Espere aí. Por favor, por favor me diga que você *não* está namorando com aquele bizarro do Ben?

– Eu não estou namorando o Ben – falei. – Além disso, ele não é bizarro.

– Gay, não; bizarro, demais – Sylvia disse. – Mas tudo bem, a gente pode concordar em discordar nesse ponto. Aliás, nem quero falar nesse idiota do Ben agora. Quero falar do gostosão que enfim levou Amelia Baron para a cama. *Quem* é? Carter, George McDonnell... Posso garantir que eles estavam *morrendo* de vontade de levantar a sua saia havia *anos*.

Respirei fundo e olhei para Sylvia. Era agora. Eu estava prestes a contar para a minha melhor amiga que estava saindo com uma menina.

– Eu devia ter contado isto antes – comecei. Ia dar tudo certo. Sylvia aceitaria numa boa. Eu sabia disso. Tinha que ser assim. – Não é que faça diferença, tipo, entre a gente e tal, mas...

– Caraca! – Sylvia disse de repente, abaixando a cabeça. Inclinou-se um segundo para espiar algo atrás de mim e em seguida se encolheu de novo. – Aquele ali é o Ian? Com uma *garota*?

– Do que você está falando? – perguntei, me virando para trás.

Sim, Ian estava do outro lado da biblioteca, perto da seção de referência e do grande globo de madeira. Estava ao lado de uma garota, mas ela estava abaixada atrás de algo e eu não tinha como ver quem era.

– Não é a Susan Dolan? – Sylvia sussurrou. – Caraca, ela é a maior piranha.

Eu só a vira por um segundo, mas poderia ser Susan Dolan. E, se Ian estava

mesmo flertando com ela na frente de todos, isso não era nada bom. Susan dormia com todo mundo. Fiquei aliviada, de um jeito bem egoísta, por não ser Zadie. Pelo menos Susan Dolan não era uma Maggie. O segredo que eu havia compartilhado com Ian não tinha nada a ver com eles dois.

– Eu sou homossexual, Sylvia – declarei, continuando a conversa apesar da cena dramática ao fundo.

Porque era verdade e era hora de começar a abrir o jogo a respeito de tudo. E, de repente, senti que era agora ou nunca.

Sylvia ainda estava totalmente concentrada em tentar espiar sutilmente, me usando como escudo. Era como se nem tivesse escutado o que eu dissera. Então, subitamente, seus olhos se voltaram para mim.

– Espere aí. O que foi que você disse?

– Eu acho que talvez eu seja homossexual.

– É nada – Sylvia disse com desdém, voltando à espionagem. – Ser homossexual não tem essa de talvez.

Eu imaginara que Sylvia ficaria surpresa, ou triste, ou talvez até um pouco assustada. Mas jamais considerara a hipótese de ela não acreditar em mim.

– Eu não quis dizer talvez – expliquei. – Quis dizer que eu *sei*. Eu sei que sou homossexual.

Sylvia bufou de um jeito dramático.

– Então tá. Você sabe que os gays fazem sexo, não é? Ser homossexual não é uma saída honrosa para ser abstinente, porque... Ai, meu Deus! – Sylvia abaixou a cabeça de novo. – Ele está com a *mão* na *bunda* dela? Eu não posso olhar. Olhe você. Olhe você. Dê um jeito de se virar para trás.

Eu estava tentando não ficar brava. Ian em público com outra garota, ainda mais alguém como Susan Dolan, era um acontecimento e tanto. Mas mesmo após a bomba que eu acabara de lançar? Poxa, alguns minutos dedicados a mim e a meu drama pessoal não fariam mal algum. Por outro lado, eu também me sentia mal por Sylvia. Ser trocada assim, na frente de todo mundo, era horrível.

Joguei meu lápis no chão para ter uma desculpa de me virar e olhar na direção de Ian. No começo, enquanto tateava o chão atrás do lápis, não o vi. Mas então ele se ergueu de onde estava abaixado, atrás de uma estante. Um segundo depois, Susan Dolan apareceu ao lado dele. Fiquei parada um instante, vendo-os sorrirem um para o outro e baterem ombro contra ombro de brincadeira. Nossa, a coisa era feia. *Muito* feia.

– Procurando isto? – alguém perguntou.

Ao lado da minha mão estava um par de sapatos masculinos, de couro com cadarços. Quando me endireitei, lá estava o Sr. Woodhouse, com meu lápis na mão.

– Sim, obrigada – respondi, estendendo a mão para pegá-lo.

– É, valeu – disse Sylvia, fazendo um gesto para que Woodhouse se afastasse. – Mas a gente está tentando, tipo, *estudar.*

Sylvia não gostava de Woodhouse porque ele vivia ameaçando deixá-la de recuperação. Woodhouse era obcecado por notas. A maioria das alunas ou o odiava ou queria dormir com ele. Não havia muito meio-termo. Woodhouse olhou para Sylvia por um segundo, como se estivesse se esforçando para não retribuir a raiva, o que até que me fez gostar ainda mais dele.

– Você pode passar na minha sala hoje depois das aulas, Amelia? – ele perguntou, voltando-se para mim. – Precisamos conversar sobre uma coisa.

– O quê? Por quê? – Minha voz saiu em um tom nervoso demais. Eu andava com a consciência muito pesada ultimamente. – Quero dizer, eu tenho hóquei na grama depois da aula.

– Eu já falei com a Sra. Bing – disse Woodhouse. – Não vai demorar. – Então ele se voltou para Sylvia. – E, Srta. Golde, fico feliz de ver que está estudando. Hoje recebi uma ligação da professora de espanhol. Seja no que for que você ficou pensando nas últimas semanas, é hora de voltar a atenção para as tarefas escolares. Você não pode mais ficar de recuperação.

Enquanto ele falava, Sylvia fingiu ignorá-lo, rabiscando no caderno.

– Pode deixar, *ilustre* senhor diretor – falou por fim, sem erguer os olhos.

– Fantástico, Srta. Golde – ele disse, parecendo irritado. – Fantástico. Enfim, Amelia, nos vemos mais tarde.

Quando Woodhouse começou a se afastar, Sylvia abanou a mão como se tentasse tirá-lo de seu campo de visão. Então começou a olhar em todas as direções possíveis, mas Ian e Susan Dolan já haviam saído.

– Valeu mesmo, Woodhouse maldito.

Recebi uma mensagem de Dylan no meio da aula de biologia avançada. Sua casa no tempo livre?

Não teríamos muito tempo, uns vinte minutos descontando o trajeto, o que tornava tudo meio arriscado. Mas também meio excitante.

Assim que a aula terminou, saí da escola em disparada. Quando virei a última esquina, vi Dylan sentada na porta da minha casa. Estava com o rosto apoiado na mão e a cabeça virada para o outro lado, como se tentasse proteger o rosto do vento. Fazia um pouco de frio, mesmo com o brilhante sol de outono que fazia seu cabelo parecer em chamas.

Eu estava a poucas casas de distância quando Dylan se virou na minha direção. Seu rosto se iluminou em um sorriso. Vendo-a me olhar desse jeito, eu

soube que ela sentia por mim o mesmo que eu sentia por ela. Finalmente tive certeza disso. E tive certeza de outra coisa também. Eu não só gostava de Dylan. Não tinha uma queda por ela. Estava apaixonada. Completa e irremediavelmente.

De certo modo, foi um alívio, pois significava que agora não havia mais volta. Não havia mais cuidado a tomar. E, após ela ser tão estranha e fugidia por tanto tempo, finalmente parecia que algo havia mudado também para Dylan. Eu percebia isso no modo como me olhava agora. Sorri de volta, apertando o passo.

– Vamos entrar – falei, pegando-a pela mão e subindo os degraus às pressas. Tudo o que eu queria era beijá-la ali mesmo, na rua. Só que duas adolescentes se beijando na calçada no meio do horário escolar era algo que as pessoas notariam. Talvez até algo que julgassem necessário mencionar para a minha mãe. – Preciso lhe contar uma coisa.

Ainda estávamos no hall, após mal encostar a porta, quando Dylan começou a me beijar, me apalpando com as mãos para tirar as camadas de roupas. Na ansiedade de mãos, pele e bocas, senti que as palavras que eu estava prestes a dizer, todas as importantes, já haviam sido ditas. Dylan sabia o que eu sentia. E eu sabia também o que ela sentia.

Depois, estávamos deitadas juntas no sofá da sala, nuas, as pernas entrelaçadas.

– Eu adoro que a sua mãe nunca esteja em casa – Dylan disse, se reclinando sobre mim e descansando a cabeça no meu peito. Contornou meu braço com um dedo. – Deve ser ótimo ser deixada em paz.

– Às vezes – concordei. – Mas eu gosto de estar com a minha mãe. Seria legal se ela passasse mais um *pouquinho* de tempo aqui.

Lembrei-me do quanto eu tinha ficado brava no fim de semana anterior, quando eu acordara supercedo para questioná-la sobre meu pai. Tinha recebido mais uma daquelas mensagens sobre ele na véspera e, de repente, sentira uma raiva imensa daquilo, tanto que não me importava mais se magoasse minha mãe. Eu até fora buscar os diários antigos dela no porão, planejando ler tudo para descobrir, eu mesma, o que havia acontecido.

Tinha até começado a ler os diários – algumas páginas aqui, outras ali –, mas não chegara muito longe. Havia lido umas poucas entradas da época em que minha mãe descobriu que estava grávida e de logo após eu nascer. Não diziam quem era meu pai. A maior parte do que eu tinha lido só me fazia sentir mal por ela. Ela passara períodos muito sozinha e assustada. Eu nem tinha ficado brava com ela por não se sentir tão bem comigo quando eu era bebê, mas nem por isso quis continuar lendo. Além do mais, aquilo era errado. Minha mãe não saía

lendo minhas coisas particulares, pelo menos não que eu soubesse.

E se ela estivesse me protegendo do meu pai, por alguma razão? Ela me amava. Seria capaz disso, de me deixar realmente brava com ela para me manter em segurança. E minha mãe era tudo o que eu tinha – tudo o que tivera na vida – e eu a amava. Não queria descobrir algo que mudasse isso. Poderia passar a vida toda com um buraco onde meu pai deveria estar, desde que minha mãe estivesse por perto para preenchê-lo.

– A minha mãe está *sempre* atrás de mim – disse Dylan. – É um saco.

Eu havia encontrado a mãe de Dylan uma vez, mas fora isso não sabia muito sobre ela, exceto que era atriz e chegara a pensar que seria a próxima Marilyn Monroe – e sem dúvida era glamorosa, como Dylan –, mas tivera que se conformar com vários papéis como convidada em diversas versões de *Law & Order*. Também era intensa com Dylan, forçando-a a ser atriz embora Dylan detestasse essa ideia, mandando-a pentear o cabelo assim ou assado, sempre lhe dizendo para perder peso mesmo que ela já fosse um palito. Como se Dylan fosse sua boneca, não uma pessoa de verdade. Dylan não parecia se incomodar, mas boa parte do que ela me contava sobre a mãe me afligia. E me deixava feliz por ter a minha mãe, por mais que eu não pudesse contar com ela tanto quanto gostaria.

– Eu pensava que você e a sua mãe fossem muito unidas – falei.

– E somos. Minha mãe e eu somos melhores amigas – disse Dylan, como se declamasse um texto decorado. – Ela, a Zadie e o meu pai são as únicas pessoas que me conhecem de verdade. – Tentei não me ofender por não entrar na lista. Eu não conhecia Dylan havia tanto tempo. – Mas, enfim, acho bom que a sua mãe não fique em casa. Assim a gente tem um lugar para ficar a sós.

– Eu também – concordei, sentindo o coração acelerar. – Sabe, eu quase contei sobre a gente para a Sylvia.

– Quase? – Dylan parecia estar surpresa e um pouco nervosa.

– Não se preocupe. Eu só cheguei a dizer que gostava de uma menina – expliquei. – Não de qual menina.

– Mas essa é a parte mais importante – Dylan falou, sorrindo com bom humor, os olhos azuis reluzentes.

Soltei a respiração que eu nem sabia que estivera prendendo. Tinha medo de que Dylan ficasse brava comigo só por contar apenas isso para Sylvia.

– Você é *sem dúvida* a parte mais importante – falei, abrindo um sorriso de volta. – O engraçado é que a Sylvia nem acreditou em mim. Ela acha que eu estou confusa quanto a ser lésbica.

Dylan se reclinou para trás e olhou para o teto.

– Você está confusa? – perguntou.

– Não – respondi, preferindo que ela olhasse para mim. – E você?

– Eu não confio nas pessoas – ela falou, como se isso respondesse à pergunta. Também não parecia pensar que isso fosse ruim, apenas um fato que eu precisasse saber. – Elas só querem rotular os outros. Chamar disso ou daquilo. A partir daí é isso que você vira, para sempre.

Tive a sensação de que ela se referia a algo mais do que nós duas. Como se tivesse passado a vida tentando evitar que as pessoas a rotulassem.

– Ninguém decide quem eu sou, só eu – falei com convicção. Até me impressionei comigo mesma. Olhei para Dylan esperando que ela se voltasse para mim, orgulhosa também. Mas ela manteve o olhar no teto. – Eu não ligo para o que os outros pensam. Só ligo para você.

Dylan passou um bom tempo calada, tanto que comecei a sentir dificuldade em respirar. Por fim, ela olhou para mim.

– Tá – ela disse em voz baixa, mais como se estivesse tentando concordar comigo do que como se realmente concordasse. Mas era um começo. – Eu também.

– Posso perguntar outra coisa? – Eu sabia que era uma pergunta perigosa, mas precisava fazê-la. Ainda mais agora. – Você e a Zadie já estiveram, assim, juntas?

– A Zadie? Está falando sério? – Dylan deu uma gargalhada. – Credo! A gente é como irmã. A gente se conhece desde os 5 anos. A Zadie é a única pessoa fora os meus pais que sabe tudo sobre mim. E ela sempre esteve do meu lado, sobretudo quando eu *realmente* precisava de alguém, e às vezes parece que é assim o tempo todo.

– Ah – falei, não me sentindo tão aliviada quanto esperava. Queria perguntar a Dylan o que ela queria dizer com precisar de alguém o tempo todo. Eu até que entendia uma amizade assim, por causa da minha amizade com Sylvia, porém sentia que Dylan se referia a algo diferente. – Legal.

– E, além disso, a Zadie gosta de homem – Dylan prosseguiu. – Ela e eu somos só melhores amigas, tá bom? Ela cuida de mim, mas é só.

– Tá bom – concordei, sorrindo. Pois, mesmo que ainda não acreditasse totalmente nela, eu queria acreditar. – Legal.

Então nós nos abraçamos, e eu fechei os olhos e inspirei o aroma adocicado dos cabelos selvagens de Dylan. Foi quando me lembrei daquilo em que havia dias evitava pensar.

– Ah... – comecei.

– O que foi?

– Acabo de lembrar que aquelas fotos minhas vão entrar naquela porcaria de blog amanhã – contei. Estava seriamente indecisa quanto àquilo desde que

Ian tirara as fotos. E, se agora eu tinha Dylan de verdade, para que precisava das Maggies? – Não curto pensar em gordos nojentos de cueca, com dedos gosmentos, curtindo as minhas fotos.

– Nham. – Dylan riu. – Você faz parecer delicioso.

– Estou falando sério – insisti, mas também dei risada, fazendo a cabeça de Dylan subir e descer sobre meu peito. – Você não fica desconfortável com essas fotos na internet?

Quando olhei para o rosto dela, de lado, vi que o sorriso estava se esvaindo.

– Talvez – ela disse. Deu de ombros. – Mas praticamente tudo me deixa desconfortável.

– E deveria ficar mesmo, com fotos de você seminua na internet.

Dylan ficou quieta. As fotos dela já estavam lá. Eu provavelmente a insultara.

– Bom, enfim – falei em uma tentativa patética de mudar de assunto, mas sem de fato mudar. – Vou falar para a Zadie que não quero mais brincar. Que mudei de ideia.

– Mas ela vai expulsar você das Maggies – disse Dylan, se levantando de repente para me encarar. Tinha os olhos agitados e assustados. – Tipo, ela vai *mesmo*.

– A única parte das Maggies que vale alguma coisa para mim é você.

Dylan voltou a se reclinar e ficou calada mais tempo ainda. Não achei legal. No fundo, eu esperava que ela dissesse algo como "É, a Zadie que se dane, a gente não precisa dela!". Mas não disse. Não disse nada. Ainda estávamos deitadas, nossos corpos entrelaçados, quando ouvi a porta da frente se abrir.

– Merda! – sussurrei. – É a minha mãe.

Estávamos nuas. Nossas roupas estavam espalhadas por todo o vestíbulo. Uma coisa era contar sobre Dylan para a minha mãe, mas ela nos flagrar assim era totalmente diferente. Peguei a manta que estava nas costas do sofá e a joguei sobre Dylan. Então, cruzei os braços sobre meus seios nus e me inclinei para a frente, tentando me esconder o máximo possível. Fechei os olhos com força, como uma criança tentando desaparecer.

– Ora, ora... – alguém disse. Não era a voz da minha mãe. – Não é romântico?

Quando abri os olhos, Zadie estava de pé na minha sala. Em uma das mãos, segurava nossas roupas. Na outra, o iPhone. Estava nos filmando.

– Como foi que você entrou aqui? – gritei. – Não pode ir entrando assim na minha casa!

– A porta estava *destrancada* – Zadie disse, satisfeita consigo mesma e caminhando como se tentasse captar um ângulo melhor com o celular. Dylan

ergueu a manta até cobrir os seios e virou o rosto para o lado contrário. – Vocês deviam estar com pressa, porque acho que a porta nem estava bem fechada.

Eu queria me levantar e pegar minhas roupas da mão de Zadie, mas não queria que ela me filmasse andando nua pela sala.

– Você é maníaca ou o quê? Como sabia que a gente estava aqui? – gritei para ela. – Você não pode entrar aqui. É a minha casa!

– Maníaca? Um pouco exagerado, não acha? – Zadie disse em tom sarcástico. – Mas, se quer saber, segui vocês, sim. E fiquei esperando lá fora, tipo, uma *vida*. – Ela desviou o olhar do celular um segundo e encarou Dylan, que se recusava a olhar para ela. – Preciso dar crédito a vocês pela resistência. Por outro lado, acho que para as meninas é diferente.

Esperei que Dylan gritasse com ela. Que se transformasse novamente na garota que eu vira na casa de Zadie no outro dia. Mas ela continuou imóvel, se fundindo com o sofá.

– Fora! – gritei ainda mais alto. – Saia da minha casa!

Zadie deu um suspiro entediado e virou a câmera na minha direção.

– Sabe, esse filme não vai ficar muito bom a menos que vocês façam alguma coisa, assim, interessante. – Ela se aproximou até que a câmera estivesse a menos de um metro do meu rosto. – Duas meninas seminuas não rendem dois milhões de acessos no YouTube. Isso é manjado. Tem que ter ação. Que tal um beijo? Alguém podia pegar num peitinho, pelo menos?

Perdi todo o controle. Dei um salto e me atirei para pegar as roupas de sob o braço de Zadie. Ela as deixou cair instantaneamente, afastando-se para que ela e o celular ficassem a uma distância segura. Continuou filmando o tempo todo enquanto eu catava as roupas do chão e vestia a camiseta e a calça jeans. Após me vestir, dei meia-volta e avancei até quase encostar meu rosto no dela.

– Saia já da minha casa, ou vou chamar a polícia.

– Olha só que bonitinho – ela disse, se aproximando de mim. – Você está defendendo a honra dela. – Então balançou a cabeça em tom de decepção. – Tsc, tsc, tsc, Olhos Doidos, achei que você fosse *mais* inteligente do que a média. Você pensa que a Dylan liga a mínima pra você? Pensa que você significa *alguma coisa* pra ela? Você nem a conhece. Você não é *nada*. Amanhã você já vai ter sido esquecida, sua vadiazinha de meia-tigela.

– Se você não sair – falei, com os punhos tão apertados que minhas unhas se cravavam nas palmas das mãos –, eu mesma vou pôr você pra fora.

– Nossa, que atitude máscula! – Zadie deu um assovio e se inclinou para a frente, segurando a câmera bem diante do meu rosto. – É isso que você curte? Você é o homem da relação? Gostei. É excitante.

– Sua filha da puta...

– Chega! – Dylan gritou de repente, do outro extremo da sala.

Quando me voltei para ela, estava totalmente vestida e calçando as botas. Parecia a ponto de chorar.

– Por favor, parem.

– O que você está fazendo, Dylan? – indaguei com a voz esganiçada, como uma criancinha em pânico. – Aonde você vai? Não precisa ir embora. A Zadie está saindo neste instante.

– Não tenha dúvida, lindinha – Zadie disse, dando um sorriso malévolo. Dylan já estava andando em direção à porta, arrastando os pés. – Estou saindo. E a sua namoradinha vem comigo.

De alguma forma, voltei para a escola. Queria encontrar Dylan antes que ela se esquecesse do que havia entre nós. Não me lembrava de sair de casa, mas, quando dei por mim, estava sentada na carteira, na aula de Liv. Ela estava de pé na frente da sala, falando. Eu via sua boca se mexer, mas as palavras estavam todas confusas e distantes.

Só percebi que ela estava falando comigo quando vi que todos me olhavam.

– Amelia? Eu sei que *você* sabe a resposta – disse Liv. – Por favor, ilumine o resto da turma.

Quando me voltei na direção da voz, minha cabeça parecia estar cheia de areia, como se fosse se soltar do pescoço e cair no chão feito um peso morto.

– Amelia? Você está bem? – Liv parecia preocupada. – Sua aparência não está das melhores.

Finalmente, meus olhos se focaram nela. Quando isso aconteceu, se encheram de lágrimas. Liv continuava olhando para mim quando o sinal tocou e todos os outros alunos se levantaram de uma vez e a sala virou um turbilhão de cores, corpos e sons. Menos eu. Não conseguia me mexer.

Fiquei ali sentada, repetindo a cena na minha cabeça: Dylan saindo da minha casa, se arrastando feito um zumbi. Nem sequer se virara para dizer tchau. E aquela expressão no rosto de Zadie, maquiavelicamente satisfeita. Tudo acontecera exatamente como ela planejara.

– Quer ir para a enfermaria, Amelia? – A sala tinha se esvaziado, mas Liv agora estava ao lado da minha mesa e parecia apavorada. – Você está pálida feito papel. Posso acompanhá-la até lá.

Tentei negar com a cabeça, mas não conseguia me mover.

– Está bem – Liv disse sem convicção. – Mas algo está errado. Dá para notar. Você quer conversar?

Se eu queria conversar? Se queria contar para a minha professora de inglês

que a primeira menina que eu amara acabava de rasgar meu peito e arrancar meu coração?

– Estou naqueles dias – respondi. – Com cólica.

– Ah – disse Liv, constrangida por pressionar para saber detalhes. – E está em condições de passar na sala do Sr. Woodhouse? Ele me pediu para encaminhar você para lá depois da aula. Mas, se não estiver se sentindo bem...

– Não tem problema – falei, pois era algo para fazer, um lugar para estar. Uma direção na qual me mover. E talvez uma pequena parte de mim tivesse a esperança de que Woodhouse fizesse algo que sumisse com Zadie. – Eu posso ir.

Eu estava sentada na sala de Woodhouse, esperando que ele desligasse o telefone. Via minhas pernas contra a cadeira, via os braços da cadeira sob minhas mãos, mas não os sentia. Não sentia nada.

– Desculpe – ele disse após desligar. Balançou a cabeça. – Os ex-alunos às vezes são insistentes. Não fique assim daqui a vários anos. É... Bom, enfim, acho que você nunca seria desse jeito.

Eu apenas o encarei. Nem conseguia fingir mais nada.

– Você está bem, Amelia?

Dê um jeito, gritei em silêncio. *Expulse-a da escola. Mande prendê-la.*

– Estou com dor de cabeça. Enxaqueca.

– Ah, entendo. Não vou demorar. – Ele pegou um envelope que estava sobre a mesa e o estendeu para mim. Eu o observei. – É seu – ele disse em voz baixa. – Abra.

Olhei para o envelope mais um pouco antes de enfim estender a mão para pegá-lo. Tudo parecia estar em câmera lenta. Senti o peso do envelope em minhas mãos e vi Woodhouse me observar como se acabasse de me dar um presente. Tive certeza de que dentro estaria uma foto apliada de Dylan e eu deitadas juntas.

– Ande, eu já sei o que é. Recebi um telefonema – disse Woodhouse. Agora parecia empolgado. – Abra.

Meus dedos pareciam grossos e descoordenados quando tentei rasgar o envelope. Dentro havia um papel comum, nada brilhante que lembrasse uma fotografia. Inspirei um pouco e puxei uma carta dirigida a mim, aos cuidados da escola. Meus olhos caíram no segundo parágrafo: “Esta bolsa cobrirá o custo integral da conferência, e um trecho de seu conto ‘Hoje, eu sou’ será publicado na antologia que acompanhará o evento.”

– Liv se sente mal por ter enviado o conto apesar da sua objeção – disse Woodhouse. – Ela não quer que você se sinta pressionada a aceitar, então

preferiu não vir.

– Ah – falei com os olhos baixos, tentando processar o fato de que eu recebera uma bolsa que nem sequer pedira.

Contudo, considerando a enorme montanha de merda que minha vida virara, até que a notícia me deixava um pouquinho feliz. Não *feliz* de verdade, mas menos morta, talvez. Era um bom lembrete de que existira uma versão de mim antes de tomar conhecimento das Maggies e de Dylan.

– Você devia comemorar – disse Woodhouse. – É a primeira aluna de Grace Hall a ganhar uma bolsa da Mittlebranch. É uma prova do seu talento, Amelia, de verdade. – Então ele respirou fundo, com um jeito cansado. – Mas, Amelia, essa bolsa depende de uma recomendação minha para você. E, para fazer isso com a consciência tranquila, eu preciso saber que você saiu do clube. Que não é mais uma Maggie. Também vou precisar que você me dê os nomes das outras meninas que são integrantes. Eu andei fazendo muita vista grossa, Amelia. Você saiu da escola sem autorização pelo menos cinco vezes nas últimas três semanas. Não posso escrever essa recomendação a menos que você me ajude agora.

– Está me *chantageando*?

– Amelia, você sabe que não é isso que eu quero dizer – Woodhouse disse, franzindo a testa. – Mas essas meninas vão acabar machucando alguém. Eu tenho certeza disso. Talvez não você, ou não ainda, mas alguma hora vai acontecer. Pedir que você faça a coisa certa não é chantagem. Se você me der os nomes, quem sabe eu possa protegê-las de si próprias.

– E o que acontece quando elas descobrirem que fui eu que as delatei? – Não que houvesse a menor chance de eu contar nada para Woodhouse, não quando Zadie tinha um vídeo de Dylan comigo. – E aí?

– Isso não vai acontecer, Amelia – disse Woodhouse. – Prometo.

– Claro. – Fiquei de pé. – Posso ir?

– Pode, Amelia. Pode ir – disse Woodhouse. Parecia estar mais do que desapontado. Quase triste. – Mas pense no que eu disse. Essas meninas não valem o seu futuro.

GrAcIoSaMENTE

17 DE OUTUBRO

Há muitas definições para a palavra *idiota* no dicionário. Não seja mais uma.

Ei, galera!

Dylan Crosby se apaixonou mesmo. É o que dizem por aí. Por quem ela está apaixonada é outra questão. Sei que todos torcemos para que seja o Sr. Woodhouse. Quero dizer, eu sinto que ele merece alguém jovem, atraente, quente. Mas não é Phillip, pelo que consta.

Um grupo de veteranos – membros do Devonkill, segundo minhas fontes – foi tirado da 78ª Delegacia pelos pais ontem à noite. Parece que confundiram a entrada de uma casa com uma boate no quarteirão errado. Vamos lá, pessoal, todo mundo sabe que vocês não fazem festas em Montgomery Place. Esse quarteirão é o mais bacana do bairro. E John Turturro não tem misericórdia

com quem faz bagunça na porta da sua casa.

Mas, para sorte daqueles idiotas, um dos pais é vereador. Então, antes de dar tempo de tirarem fotos, foram todos liberados. Uma das moças ficou sem a festa de 17 anos no Hotel Standard. Mas não se preocupe, querida. Eu soube que aquele lugar nem deixa você usar tiaras de princesa.

Ainda faltam alguns meses para as primeiras comunicações de aprovação, mas Zadie Goodwin parece estar bem confiante quanto às suas chances de ser admitida em alguma faculdade. Em parte, penso que isso se deve às medidas extremas do seu padrasto. Por outro lado, talvez ela mesma tome algumas medidas para ele. De joelhos.

Kate

23 DE JULHO DE 1997

Liguei para o trabalho para dizer que não estava me sentindo bem pelo terceiro dia consecutivo. Prometi a mim mesma que seria o último. Amanhã eu volto. Parece estúpido arruinar a minha vida inteira só porque eu fiz uma besteira.

Ontem à noite, decidi afogar as mágoas sozinha num bar. Bebi muita cerveja. Eu nem sequer bebo cerveja.

Mas era o que Rowan estava bebendo. E quer saber quem é Rowan? É o gatinho com quem acabei conversando a noite toda sobre a paixão dele por lecionar e a minha por ajudar as pessoas como advogada – e foi aí que me lembrei da razão pela qual fui estudar direito: para ajudar as pessoas. Eu queria ser defensora pública para ajudar moradores de rua. Em vez disso, acabei no fosso da ganância corporativa da Slone & Thayer.

A culpa é de Gretchen. O pior é que me encaixo perfeitamente lá. Eles me

adoram. Eu a culpo por isso também.

Rowan nunca se encaixaria. Ele é engraçado e inteligente e tem princípios, com aquela barba desajeitada e o olhar doce. Eu me senti como se o conhecesse a vida toda, e isso foi antes da terceira cerveja, quando fiquei bem alta.

Então, quando ele soltou a bomba de que estava a caminho da África, onde construiria escolas e ensinaria vilas inteiras a ler e provavelmente purificaria toda a água delas no tempo livre, eu já estava completamente na dele.

Trocamos endereços de e-mail. Mas, poxa, três anos? Uma noite? Aposto em duas mensagens trocadas.

A única escolha realmente acertada que fiz foi não dormir com ele. Assim pelo menos não conta como outro romance fracassado. Mas o beijo foi maravilhoso. E eu estava precisando. Já tinha praticamente me convencido de que eu nunca mais beijaria ninguém, pelo menos não sem me sentir uma vadia.

Kate

SLONE & THAYER

24 DE JULHO DE 1997

Jeremy: Você está bem?
Kate: Estou.
Jeremy: Tem certeza? Você faltou três dias.
Kate: Gripe. Estou bem.
Jeremy: Posso dar uma desculpa para você. Não precisa ir à reunião. Tenho seu memorando.
Kate: Não, eu vou. Estou bem, sério.

SLONE & THAYER

25 DE JULHO DE 1997

Daniel: Você vai hoje?
Kate: Não.
Daniel: Por quê? Você está fazendo o oposto do que deveria fazer como associada temporária. Devia NÃO trabalhar e só ir a todas as festas bancadas por eles.
Kate: Você sabe que os sistemas de chat da empresa são monitorados, não sabe?
Daniel: A Slone & Thayer sabe como as coisas são tanto quanto eu. Venha com a gente. É um piquenique no parque para a filarmônica. Champanhe grátis. Um grupo grande vai sair depois também.
Kate: Ok, eu vou.
Daniel: Sério?
Kate: Sério.

Kate

15 DE AGOSTO DE 1997, 4H18

Para: Kate Baron
De: rowan627@aol.com
Assunto: Desculpe!

Katie! Acabo de ver seu e-mail! Eu sei que você mandou há umas duas semanas. Fiquei muito feliz por você ter escrito. Como está sendo seu verão? Pensei muito em você desde que cheguei aqui. Realmente senti uma conexão com você, Katie. Eu não falei por falar. Espero que você tenha me escrito porque sentiu o mesmo.

O que estou falando parece loucura? Provavelmente. Esse é o problema com o e-mail. Nada me impede de sair falando sem me conter...

Enfim, Gana é legal. Estranha, assustadora e linda. E parecem gostar do que eu toco no violão, o que é um bônus. Gostaria que você estivesse aqui para ver tudo

isso comigo. E eu sei que a gente nem se conhece, mas é verdade.

Bom, me mande notícias dos Estados Unidos e, mais importante, de você. Chegou a pensar melhor em chutar o trabalho corporativo? Se isso acontecer, mais um par de mãos seria muito útil por aqui. Vou ter acesso à internet mais algumas semanas, mas depois vou passar seis meses fora de contato. Eu sei, seis meses. Seis meses e a gente só passou umas seis horas juntos.

Mas, enfim, quando as coisas têm que acontecer, geralmente acontecem.

Todo mundo tem faróis que conduzem para casa.

Paz,
Rowan

Kate

28 DE NOVEMBRO

Uma menina. Amelia estava apaixonada por uma menina. Após Lew deixar Kate em casa, ela se sentara no sofá da sala, ainda de casaco, e ficara repetindo essas palavras inúmeras vezes. Minha filha estava apaixonada por uma *menina*. Minha filha estava apaixonada por uma *menina*. Seu interesse em meninos não demorara em desabrochar; simplesmente não brotara.

Kate não estava chateada por Amelia ser homossexual, mas estava abalada e sentida por não fazer a mais remota ideia. *Você certamente pressentiu alguma coisa lá no fundo*, seus amigos diriam se soubessem. Isso porque de alguma forma mágica, cósmica, as mães deviam saber tudo de importante em relação a seus filhos. Desde o início, Kate receara que ela talvez não tivesse essa intuição materna especial, mas sempre acreditara que sua proximidade genuína com Amelia compensasse qualquer deficiência de sua parte. Tinha se enganado redondamente. Isso era óbvio agora.

Além disso, de repente todos aqueles bilhetes de “eu te odeio” adquiriram um significado ainda mais sinistro. Seria por isso a raiva do grupo Aves do Bando? Por Amelia ser homossexual? Parecia exagero que a homossexualidade fosse algo tão ofensivo para adolescentes de um bairro progressivo como Park Slope. Mas talvez fosse o relacionamento entre duas integrantes que tivesse se tornado o problema real. Pois Dylan também estava naquela lista. Lew mostrara seu nome após saírem da sala de Liv. Kate precisara de cada gota de autocontrole para não correr direto para o computador ao chegar em casa e procurar as fotos de Dylan no blog do grupo. Porém, ver a namorada da filha posando seminua para a câmera era, Kate bem sabia, muito mais do que ela suportaria.

Tirou o celular da bolsa e escreveu uma mensagem para Seth.

Amelia era lésbica.

Como esperado, em menos de um minuto, ele telefonou.

– Como assim, ela era lésbica? – Foram as primeiras palavras que ele disse.

– Acabei de descobrir que ela tinha uma namorada.

– Hum. – Seguiu-se um longo silêncio enquanto Kate esperava que Seth dissesse mais alguma coisa.

– “Hum”? Só isso? – perguntou ela, impaciente. – É tudo o que você tem a dizer? Quer dizer, você *sabia*?

– Como é que eu ia saber? – Seth perguntou em tom defensivo. – A gente não emite uma frequência secreta que só os outros homossexuais detectam.

– Mas você não parece estar surpreso.

Seth inspirou fazendo barulho.

– Eu cheguei a pensar que a Amelia pudesse estar se descobrindo. Ora, ela era linda e adolescente e nunca havia um garoto no horizonte. Era um pouco suspeito. Mas sei que nada disso passou despercebido para você.

Só que passara. Completamente.

– Por que ela não me contou? – Kate perguntou. Sua voz estava fraca, dura. – Nós éramos próximas. Por que ela não pensou que podia me contar?

– Escute, meus pais são pessoas adoráveis. Eles me amam incondicionalmente e também sempre fomos muito próximos. Eu sabia que o fato de eu gostar de outros meninos nunca mudaria isso. E veja de quanto tempo precisei para assumir, até para mim mesmo. *Eu* não estava preparado. Essa é a questão. Não teve nada a ver com os meus pais.

– Então por que eu me sinto tão horrível?

– Olha, a Lola só tem 5 anos e até eu sei que ser pai é horrível 95% do tempo – Seth disse. – Pelo que me consta, são esses últimos 5% que evitam que

a raça humana se extinga. São quatro partes de terror paralisante para uma parte de perfeição. É como injetar heroína. Basta sentir um gostinho da vida naquele limite e você fica dependente.

– Que ótimo – disse Kate. – Você não está exatamente fazendo com que eu me sinta melhor.

– Você foi uma boa mãe, Kate – Seth disse, ficando sério. – Você amava a Amelia e ela amava você. Você fez o melhor que pôde. Se esforçou ao máximo. O resultado final é pura sorte. Tudo o que se pode fazer é agradecer por cada minuto em que tudo não acaba na merda total.

– E quando acaba?

– Você acha um bom amigo com um ombro bem grande para chorar. Eu posso ir aí agora, se quiser. Talvez seja melhor você não ficar sozinha.

– Não, não – Kate disse, preferindo não ter a pressão de ter que fingir que estava bem. – Obrigada, mas acho que vou tomar um banho.

– É uma excelente ideia – Seth disse, embora fosse o meio da manhã. – Mas nada de música melancólica nem velas nem nada disso, está bem? Também não quero que você ponha fogo na casa.

– Sem fogo, com trilha sonora animada. Pode deixar.

Enquanto Kate subia a escada para ir ao banheiro, o telefone da casa tocou. Ela deu meia-volta e desceu para atendê-lo, só porque pensou que pudesse ser Lew. Ele precisara voltar à delegacia para registrar uma atualização. Queria que desta vez a investigação tivesse todos os pingos nos is. Porém, o número no identificador de chamadas não era o de Lew. Era um celular de Nova York, com código de área 917, que Kate não reconheceu.

– Alô? – atendeu. Tinha a voz rouca, como se tivesse acabado de acordar ou de chorar, ou ambos.

– Sra. Baron? – o homem do outro lado perguntou em tom inseguro. – Estou ligando em má hora?

– Depende. Quem está falando?

– Ah, claro, ajudaria se eu me identificasse. – Ele parecia estar nervoso. – Aqui é Phillip Woodhouse, o diretor de Grace Hall. Sinto muito por não estar na escola quando a senhora esteve lá. Estou em uma conferência de escolas particulares em Boston.

– Sim, foi o que a Sra. Pearl nos informou. Está se divertindo?

Kate ouviu seu próprio tom ríspido e sarcástico. Porém, juntando os e-mails impróprios e o papel dele para acobertar aquele clube doentio do qual Amelia participara, Phillip Woodhouse não merecia ser tratado com cordialidade. Devia

se considerar sortudo por Kate não gritar com ele.

– É, bem, eu diria que não – balbuciou, confuso. – De qualquer forma, eu queria saber se conseguiu tudo o que precisava.

– Bom, vejamos. Minha filha fez parte de um clube da escola que a obrigou a tirar fotos seminua e publicá-las num site. Esse mesmo grupo acabou se voltando contra ela e mandando mensagens agressivas. E tudo indica que Grace Hall estava ciente de tudo isso, mas não consigo fazer com que ninguém me explique nada por causa das normas que a escola impôs. A *sua* escola, Sr. Woodhouse. – A voz de Kate estremeceu ao ficar mais alta. – Então não, eu não consegui tudo que precisava. Mas o senhor já deve saber disso. Conseguiu fechar o cerco muito bem, Sr. Woodhouse.

Seguiu-se um longo silêncio e, depois, o som de Woodhouse expirando.

– Eu imagino a sua frustração, Sra. Baron, mas...

– A minha *frustração*?! – Kate gritou. – Minha filha morreu, Sr. Woodhouse. O senhor é capaz de entender isso, não é? Uma pessoa não se sente *frustrada* quando sua única filha é assassinada.

– Assassinada?

– É, assassinada – Kate repetiu. – Porque a Amelia não pulou. Nós, quer dizer, a polícia e eu, sabemos disso. Agora é só questão de descobrir qual dos seus alunos, ou professores, a empurrou.

– Puxa, isso é... eu não sabia que havia novas informações. – Parecia estar genuinamente triste, arrependido ou preocupado. Ou talvez apenas fingisse bem. – Quem me dera que isso mudasse o que tenho a liberdade de discutir com a senhora. Independentemente do que eu sinta, não estou autorizado a lhe dizer nada sobre o blog nem questões relacionadas a ele. Estou proibido de fazer isso por questões contratuais. Mas eu lhe asseguro que ninguém está mais chateado com isso do que eu.

– *Que tal eu?!* – Kate gritou tão alto que sua garganta ardeu. Ela precisava se acalmar. Tinha que manter um mínimo de compostura, pelo menos para obter algumas respostas. – Mas imagino que não esteja proibido por contrato de buscar um relacionamento com uma aluna?

– Um relacionamento? – Woodhouse perguntou. – Não sei do que a senhora está falando.

– Eu vi os e-mails que enviou para a Amelia, Sr. Woodhouse. Todos eles – Kate disse. – Não sei o que pensa que estava fazendo, mas eu sei de tudo. E, se não me contar o que eu quero saber sobre aquele grupo de meninas, vou divulgar os e-mails que enviou para a minha filha, como prova de que a estava assediando sexualmente.

– Assediando? – Woodhouse perguntou, embasbacado. – Do que a senhora

está falando? Eu jamais assediei Amelia. Talvez tenha sido um pouco insistente demais nos últimos dias e me arrependo disso, mas estava tentando ajudá-la.

– É assim que andam chamando ultimamente? Faz parte daquela orientação especial após as aulas, do tipo que é preciso dizer a uma menina como Amelia para manter em segredo?

Kate nem sabia ao certo se acreditava no que dizia, mas não se importava. Usaria todo tipo de munição que tivesse para obter as respostas que buscava.

– Sra. Baron, tem todo direito de ficar brava, mas eu não tive nenhum comportamento impróprio para com Amelia. – Ele parecia estar arrasado. – Era uma estudante promissora, uma aluna extraordinária, e eu estava tentando mantê-la no rumo certo. Preferiria que a senhora não tirasse os meus e-mails de contexto. Sei que tem razão quanto a como serão vistos se os divulgar. Posso lhe assegurar de que nós estamos do mesmo lado. Peço apenas que tenha paciência. Estou me esforçando para conseguir...

– Já cansei de ter paciência, Sr. Woodhouse – Kate disse em tom calmo. – O senhor tem 24 horas para me contar tudo sobre esse clube em que a Amelia estava envolvida, ou vou enviar seus e-mails para todos os pais da escola. E, se isso não der resultado, vou entrar com um processo civil. Talvez até criminal. Sou sócia de uma firma de advocacia muito grande, com recursos substanciais, e tenho muito tempo disponível. Portanto, isto não é uma ameaça, Sr. Woodhouse. É uma promessa.

Kate desligou antes que Woodhouse pudesse dizer mais alguma coisa e ficou encarando o telefone em sua mão, sem fôlego. Jamais ameaçara alguém desse jeito na vida. E certamente nunca se aproveitara de seu cargo na Slone & Thayer dessa forma. De fato, não tinha provas de que Woodhouse tivesse assediado Amelia. Os e-mails eram sugestivos, mas não claramente impróprios. Além disso, Kate não localizara nenhuma menção a Woodhouse nas outras mensagens que lera, nem mesmo nas conversas de Amelia com Ben. Lew também verificara o histórico de Woodhouse, que era impecável.

Mas é claro que isso não provava que ele *não* tivesse feito algo desta vez. E ainda faltavam muitas mensagens de texto para ela ler. Nem mesmo tinha acabado de ver as trocadas entre Amelia e Ben. Ainda assim, Kate tinha suas dúvidas. Precisava torcer para que Woodhouse lhe desse o que ela queria antes de ter que cumprir a ameaça.

Kate ainda estava com o telefone da casa na mão quando o celular tocou. Agora tinha que ser Lew, ela pensou ao correr para atender. Mas era Jeremy. Ele nunca ligava para o celular dela a menos que houvesse alguma emergência no trabalho.

– Está tudo bem? – ela perguntou ao atender, sem nem dizer alô.

– Está sim, sem dúvida – Jeremy disse, tentando manter a tranquilidade habitual. Mas havia certa tensão em sua voz.

– É o Victor? – Kate perguntou. – Não precisa me proteger. Eu posso cuidar disso. – O que não queria dizer que tinha a intenção de correr para o escritório para ajudar. Seus dias de dar mais prioridade ao emprego do que a Amelia haviam chegado ao fim. – Ele está bravo porque eu não estou disponível? Isso não me surpreende. Talvez você devesse mesmo ter dado o caso ao Daniel. Com toda sinceridade, acho que...

– Não, eu não devia – Jeremy disse em tom casual. – E não estou ligando por causa do Banco Associado. Aconteceu uma coisa. Pessoal.

– Pessoal para quem? – Kate indagou.

– Para nós – disse Jeremy.

– O que quer dizer com... – À medida que as palavras saíram de sua boca, Kate sentiu um vazio se abrir no fundo do estômago. – Ah.

Ela afastara tanto aquela lembrança que às vezes ela deixava de existir. Quase. Ela e Jeremy nunca mais haviam tocado no assunto e, durante anos, isso bastara para apagar o ocorrido. Até agora.

– O momento é terrível, eu sei – disse Jeremy, em um tom estranhamente incomodado. Perturbador. – Mas eu não podia... acho que você precisa saber.

– Saber o quê? – Kate se sentiu enjoada.

– Acho que precisamos conversar pessoalmente – ele disse. – Talvez pudéssemos nos encontrar para tomar algo no seu bairro, por volta das seis.

– Jeremy, eu preferiria que você me contasse agora – disse Kate. – Não sei se aguento esperar para receber mais notícias ruins.

– Eu sei, Kate, e sinto muito. – A voz estava grave, quase irreconhecível. Foi o tom de voz, mais do que tudo, que fez Kate parar de insistir. – Mas eu realmente acho melhor assim.

– Está bem – ela disse. – Vamos nos encontrar às seis da tarde no Thistle Tavern.

– Certo. A gente se vê lá – ele disse. – E, Kate, me desculpe.

– Por quê?

– Por tudo.

Lew voltou de tarde, e passavam das três horas quando ele e Kate subiram os degraus na frente da casa de Dylan.

– Tem certeza de que você vai estar bem aqui? – Lew perguntou, parando no meio da subida. – Quanto mais nos aproximarmos das pessoas que de fato estavam envolvidas no que aconteceu com a Amelia, mais elas vão se preocupar

em se proteger. Ninguém vai ter cuidado com os seus sentimentos.

Kate tentou manter a expressão neutra.

– Eu sei – falou. – Vou ficar bem. Prometo.

É claro que a resposta verdadeira era não. Kate não ficaria bem. Não estava bem. Pois já lera todas as mensagens trocadas entre Dylan e Amelia e sabia que a filha havia amado aquela menina e se desesperara para continuar com ela. E que Dylan partira o coração de Amelia, embora os vestígios que ela encontrara não explicassem a razão.

Lew olhou sério para Kate, esperando que ela cedesse. Como isso não aconteceu, ele inspirou com exasperação e foi tocar a campainha.

Uma mulher atraente, com as maçãs do rosto protuberantes e longos cabelos castanhos claros, abriu a porta. Era mais velha do que Kate, com talvez pouco menos de 50 anos, porém imponente e meticulosamente bem cuidada. Seu rosto parecia familiar, embora Kate não se lembrasse onde a teria visto.

– Posso ajudar? – ela perguntou, com um sorriso largo e rígido.

Lew mostrou o distintivo, o que só a deixou mais dura.

– Sou o tenente Lew Thompson e esta é Kate Baron. Viemos fazer algumas perguntas à sua filha sobre a aluna que morreu em Grace Hall há algumas semanas, Amelia Baron. Kate é a mãe dela.

– Ah, minha Nossa – ela disse, dando um suspiro dramático e em seguida estendendo as duas mãos e agarrando os antebraços de Kate, puxando-a para perto. – Que tragédia *horrível*. Indescritível, realmente. Entrem, entrem. Eu sou Celeste, a mãe de Dylan.

Dentro, o apartamento de tijolos tinha piso escuro, com muitos móveis vitorianos ornamentados e brocados pesados. Todos os detalhes originais da construção estavam intactos, incluindo portas corrediças, janelas com vitrais e telhado de zinco. Havia ainda uma grande quantidade de objetos decorativos – uma coleção de caixinhas de rapé em uma cristaleira, vasos pequenos, fotografias antigas com molduras pesadas – cobrindo todas as superfícies disponíveis. Tudo estava muito bem arranjado, mas o volume era impressionante.

Ainda estavam de pé no vestíbulo, um tanto quanto claustrofóbico, com um cabide para casacos sobrecarregado e uma penteadeira com um espelho alto. Mas Celeste, que soltara os braços de Kate tão subitamente quanto os agarrara, não parecia ter a menor intenção de convidá-los a entrar mais.

– Então, como estavam dizendo, vieram falar com Dylan a respeito de Amelia? – A voz de Celeste era estranha. Não se tratava de sotaque, era mais uma dicção exageradamente precisa. – Permita-me dizer: que primor de menina. Tão inteligente e tão linda. E aqueles olhos incríveis que tinha? Eram

extraordinários, de verdade. Eu falei para ela que devia ser atriz. A câmera a adoraria. Sei do que estou falando, eu sou atriz – ela disse, com uma modéstia forçada. – Talvez tenham me visto em *Law & Order SVU*. Sou uma personagem regular. Interpreto uma advogada.

– Não sou muito de ver TV – disse Kate, tentando processar aquela estranha que falava da filha dela como se tivessem sido amigas íntimas.

– Ah, entendo. Que inusitado – disse Celeste, como se Kate tivesse acabado de confessar que participava de algum culto estranho. Deu outro sorriso forçado. – Bem, então imagino que não tenha me visto.

– Como conhecia a Amelia? – Kate perguntou, preparando-se para ouvir que sua filha compartilhara detalhes sobre sua descoberta sexual com a mãe da namorada.

– Ela era amiga de Dylan, claro. É por isso que vocês estão aqui, não é? Mas eu não diria que a conhecia – Celeste disse, afastando a ideia com a mão. – Eu só a vi uma vez.

– Achamos que sua filha possa ter informações relevantes sobre a morte de Amelia – disse Lew, tentando conduzir a conversa de volta ao motivo daquela visita.

Celeste levou a mão à nuca.

– Eu pensei que... Não sabia que restava algo para ser investigado.

– Sempre há mais fatos que precisamos confirmar – Lew disse, sem abrir o jogo. Estava sendo cauteloso, talvez porque suspeitasse que Dylan estivesse mais envolvida no que acontecera do que admitira, até mesmo para Kate. – Sua filha está em casa, senhora? Prometo que não vamos demorar.

Celeste olhou de Lew para Kate e de novo para Lew, como se estivesse calculando o caminho de menor resistência.

– Claro – ela disse por fim, com outro sorriso falso. – Vou chamá-la.

Quando desceu a escada um minuto depois, Dylan estava atrás dela. Era uma menina linda, com uma cabeleira de cachos meio ruivos parecida com a da mãe e um tipo de estrutura óssea marcante, geralmente reservada aos adultos. Também era alta e graciosa, mesmo vestindo uma calça jeans unissex rasgada e uma camiseta branca simples. E lá estava: a menina que partira o coração de Amelia. *Quem lhe deu esse direito?,* Kate pensou. *Claramente você não a merecia.* Kate ficou contente por ter concordado em não dizer nada. Nem imaginava as coisas que seria capaz de falar.

– Oi, Dylan. Eu sou o tenente Lew Thompson – ele disse, dirigindo-se então a Celeste e indicando a sala repleta de móveis. – Podemos nos sentar?

– Por favor – Celeste respondeu com um gesto grandioso. – Sintam-se em casa.

Dylan os seguiu, arrastando os pés, e se sentou rígida ao lado da mãe, na beirada de um sofá duro. Não fizera contato visual com ninguém e sua linguagem corporal era fechada e contida. Nervosismo, talvez, mas Kate sentia que havia algo mais.

– Dylan, algumas coisas que precisamos perguntar a você podem ser delicadas – disse Lew. Falava com a voz leve, como se conversasse com uma menina muito mais jovem. – Você gostaria de atualizar a sua mãe com relação ao grupo Aves do Bando primeiro?

Kate esperou que a preocupação se estampasse no rosto de Celeste. Entretanto, ela sorriu.

– Ah, não se preocupe. Minha filha e eu não temos segredos, tenente – disse Celeste.

– Como pais, todos gostaríamos de pensar assim – Lew disse com amabilidade. – Mas, nesta situação em particular...

– Eu sei a respeito das fotos, se é essa a questão – Celeste disse.

– Sabia daquilo? – Kate perguntou, incrédula.

Celeste devia ter informado a escola, outros pais, alguém. Pelo bem das outras meninas, se não pelo de sua filha. Que espécie de mãe ela era?

– Não posso dizer que tenha ficado feliz com a participação de Dylan, mas não acredito que seja capaz de controlar tudo. Ela tem o direito de tomar decisões, mesmo as ruins.

Nesse instante, Dylan apoiou a cabeça no ombro da mãe e Celeste a envolveu com um braço. Seria uma expressão meiga do afeto entre mãe e filha se não fosse tão constrangedoramente infantil. Celeste passou a mão pelos cabelos da filha como se consolasse uma criancinha cansada.

– Nesse caso, vamos direto ao ponto – disse Lew, inexpressivo. – Você pertence a esse grupo, Aves do Bando, Dylan?

Dylan olhou para a mãe, que assentiu com a cabeça para que ela prosseguisse.

– É – ela disse, sem emoção na voz. – As Magpies. Esse é o nome.

Magpies. Maggie 1, Maggie 2. Sem dúvida eram codinomes para as meninas do grupo Aves do Bando.

– É algum tipo de clube? – Lew perguntou.

Dylan assentiu. Olhava para o chão e ficava escondendo as mãos dentro das mangas e tirando-as de novo, repetidamente.

– Um clube secreto – disse sem levantar o olhar. Agora entrelaçava os dedos e os soltava, várias vezes seguidas. – Com convites secretos, regras

secretas e segredos secretos.

– Os clubes têm uma longa história em Grace Hall, desde muito antes dos meus dias como aluna lá – Celeste disse em tom ameno. – Eu sou filha de Grace Hall, assim como Dylan. Na verdade, a ideia dos clubes é encantadora. Sabem, o coleguismo, a irmandade e tudo mais. Foram abolidos por causa de um incidente logo antes de eu entrar no ensino médio. Uma tragédia, sem dúvida, mas foi um evento isolado. Foi uma pena para todos os estudantes que chegaram depois, eu inclusive, que tenham decretado uma proibição geral.

Kate viu o rosto de Lew se contrair visivelmente. Celeste estava irritando-o. Devia ser seu jeito exibido, ou talvez o fato de ignorar tão completamente os riscos que as meninas corriam. Era difícil dizer o que o incomodaria mais. Eram muitas as opções.

– E Amelia também estava no clube das Magpies? – Lew perguntou, se forçando a prestar atenção em Dylan.

– Só um tempo.

– Tempo suficiente para publicar as fotos dela.

Dylan deu de ombros.

– É.

– E qual foi o propósito daquelas fotos?

– Foi um jogo – disse Dylan, com uma voz mecânica. – A pessoa com mais curtidas ganha.

– Um *jogo*? – Kate perguntou, incrédula. Era incapaz de continuar calada. – O que vocês tinham na cabeça quando...

Mas perder o controle certamente não ganharia a cooperação de Dylan. E ofenderia Celeste, que já deixara claro que achava tudo aquilo muito divertido.

– Esse jogo foi ideia de quem? – Lew perguntou.

Dylan agarrou o sofá dos dois lados e começou a batucar os dedos em um ritmo rápido, quase brincalhão, que destoava completamente da conversa grave que estavam tendo.

Finalmente, Dylan negou com a cabeça e deu de ombros.

– Não me lembro.

Mas era óbvio que estava mentindo, protegendo alguém.

– O que aconteceria se alguém se recusasse a entrar no jogo?

– Não sei – Dylan murmurou, olhando para os tênis. De repente, seus dedos ficaram imóveis. – Ninguém nunca se recusou.

– Nem Amelia? – Lew perguntou.

Dylan negou com a cabeça, mudando de posição no sofá e parecendo estar desconfortável.

– Você e a Amelia eram próximas, não eram? – Kate perguntou.

Ela não devia perguntar sobre o relacionamento das duas. Isso cabia a Lew. Haviam discutido isso especificamente. Mas ter Dylan ali sentada, guardando todas as respostas, era demais.

Dylan fitou a mãe como se tentasse lhe comunicar algo com o olhar. Celeste pôs uma mão sobre a mão da filha e a apertou.

– Dylan e Amelia foram amigas íntimas, se é o que está perguntando, Kate – Celeste disse em tom calmo.

– Foi mais do que amizade – disse Kate, esforçando-se para se manter calma também.

Celeste ondulou a mão no ar de um jeito teatral.

– São adolescentes. Essas coisas entre elas são efêmeras, e os limites são muitos mais tênues do que na nossa época. Não concorda? – Celeste esperou que Kate assentisse. Kate não se moveu. – Pessoalmente, acho que boa parte do tempo os adolescentes não entendem os próprios relacionamentos, muito menos por que terminam.

Os olhos de Celeste também emitiram um alerta. Não gostava do rumo que a conversa tomava e estava plenamente disposta a se defender e revidar, se necessário.

– Eu li as mensagens da Amelia – disse Kate, obrigando-se a continuar sentada, embora tudo o que quisesse fosse se atirar na direção de Dylan, agarrá-la e sacudi-la até fazê-la admitir o que aquelas meninas tinham feito com Amelia e por quê. – Com toda sinceridade, não parece haver nada de tênue ali. A Amelia estava apaixonada pela Dylan.

Celeste deu um sorriso seco e cruzou os braços.

– Talvez devêssemos dar um passo atrás – disse. – Por que exatamente estão aqui agora, tantas semanas depois? Fomos informados de que Amelia tinha plagiado um trabalho e que isso a levou a cometer suicídio. Suicídio impulsivo, foi como chamaram. Até recebemos instruções quanto a que sintomas observar em nossos próprios filhos.

– Quem disse isso? – Kate perguntou.

– Foi na assembleia de pais – disse Celeste.

– Assembleia?

– Logo depois da Amelia... logo depois. Os pais tinham perguntas. Queriam entender. A psicóloga da escola estava lá, além de um especialista externo, acho. – Celeste se voltou para Dylan, que estava ainda mais afundada no sofá e voltara a batucar com as mãos, agora mais depressa. – Desculpem, mas a minha filha tem... Este tipo de situação a deixa tensa. – Olhou de Lew para Kate, parecendo ultrajada porque o que ela lhes dera não fora suficiente. – Se precisam mesmo saber, Dylan às vezes tem dificuldade em processar situações sociais. – Apertou

a mão da filha. – É uma condição extremamente leve. *Extremamente*. Para ser franca, acho que esta discussão seria estressante para qualquer um. Enfim, precisam encerrar as perguntas, *agora*.

Uma condição? Havia os tiques com as mãos, a falta de contato visual de Dylan com eles, o distanciamento que dominara sua expressão. Kate não sabia exatamente a que condição Celeste se referia, mas essa dificuldade em processar situações sociais poderia explicar por que Amelia achara o comportamento de Dylan confuso.

– A Amelia sabia? – Kate perguntou, olhando para Dylan. – Sobre essa sua condição?

– Nem Grace Hall sabe – disse Celeste, apressando-se em responder em nome de Dylan. – Apenas um grupo muito seleto de parentes e amigos de confiança sabe. Nunca quisemos que Dylan fosse rotulada sem necessidade.

– A Zadie sabe – Dylan disse roboticamente. – A Zadie sabe de tudo.

A forma como ela disse isso fez os pelos dos braços de Kate se arrepiarem.

– Como falei, consideramos a situação de Dylan uma questão particular da família – Celeste disse, levantando-se abruptamente. Ficou claro que *particular* significava *secreta*. Também estava claro que ela se arrependera de mencionar a questão. – Tentamos ajudar da melhor forma possível. Peço que respeitem nossa privacidade e não mencionem a situação de Dylan para ninguém de Grace Hall. Temos vagas em faculdades no horizonte. Não queremos causar mal-entendidos.

– Claro, sem dúvida – Kate disse em voz baixa.

Continuava encarando Dylan. Não conseguia tirar os olhos da menina. Kate tivera certeza de que Dylan era a vilã. Agora era difícil não sentir pena dela também. Não sabia como era para Dylan ser funcional com suas limitações, muito menos como seria fingir, a pedido da mãe, que não as tinha. Kate sentira o terrível peso dos segredos da própria filha, e tinham bastado para partir seu coração.

– Agora, se não se incomodam – disse Celeste, sinalizando a porta.

– Uma última coisa – Lew disse ao se levantar. – Dylan, a Amelia foi convidada a sair do clube, não foi? – Ele retirou um dos bilhetes de “Eu te odeio” do bolso traseiro e o pôs na mesa.

Dylan assentiu ao olhar para o papel, mas não o pegou.

– Por que ela foi expulsa?

Seguiu-se um longo silêncio que encheu a sala, pressionando as janelas com força.

– Porque ela gostava de mim, e eu também gostava dela – ela murmurou por fim, ainda encarando o bilhete. Quando ergueu a vista e olhou para Kate, tinha lágrimas nos olhos. – Mas a Zadie convidou a Amelia para entrar no clube

por sua causa.

Caminharam alguns quarteirões em silêncio após saírem da casa de Dylan. Kate estava em choque. O fato de que agora tinha ainda mais perguntas não ajudava. Celeste tirara Dylan da sala antes que ela pudesse explicar como era possível que Kate fosse a razão por trás do convite para Amelia entrar nas Magpies.

– Antes que eu vá embora – Lew disse ao chegarem à casa de Kate, com as mãos enterradas nos bolsos e o olhar voltado para o chão –, você vai ter que me contar.

– Contar o quê? – Kate perguntou.

– O que Dylan quis dizer quando falou que Zadie convidou a Amelia por sua causa. – Seu tom de voz era calmo, porém sério.

– Sinceramente, não faço ideia. – Kate se sentia culpada, mesmo sem ter nada a esconder. Mas sabia a impressão que causava. Se ela fosse Lew, teria ficado desconfiada também. – Nunca vi essa garota na vida. Nem sei como é a cara dela.

– Mas conheceu a mãe dela – disse Lew. – Ela veio na sua casa, não veio?

– Para me consultar sobre o evento beneficente de conscientização sobre suicídio que a associação de pais quer fazer em homenagem à Amelia. Eu pedi a ela que não o fizessem, mas pelo jeito decidiram me ignorar, pois vão realizar o evento. Só que eu mencionei, sim, que havia novos desdobramentos. – Kate pressionou a mão aberta sobre a barriga vazia. Por Deus, por que tinha dito aquilo a Adele? – Mas isso não pode ter nada a ver com o clube. A Amelia foi convidada a entrar meses antes de eu conhecer a mãe de Zadie.

– Então é alguma outra coisa – disse Lew. – Mas a Dylan não estava inventando. Foi inusitado demais, sem falar que era desnecessário.

Kate ficou olhando para o chão enquanto pensava.

– Eu... realmente não sei o que pode ser.

Lew a olhou bem nos olhos durante um minuto e depois consentiu, como se tivesse chegado a alguma conclusão.

– Então vamos ter que perguntar à Zadie – ele disse, começando a se afastar. – Mas amanhã. Você precisa relaxar um pouco.

– Não preciso. Eu poderia...

– Precisa – insistiu Lew, firme. – E nem tente discutir. Eu tenho cinco filhos, lembra? Tenho muita prática em dizer não.

Tudo doía quando Kate se deixou cair na cadeira do escritório e estendeu o braço

para acender a luminária. Ao fazer isso, viu a foto de Amelia na prateleira. Aos 7 anos, estava na ponta dos pés no limite das ondas, em uma das muitas viagens para Coney Island. Com os braços estendidos, beijava o ar. Sempre fora sua foto predileta de Amelia. Para ela, era a prova de que haviam tido uma vida feliz juntas. De que foram uma família, com sua própria história e tradições. Uma família minúscula, mas que dera certo. Kate cometera muitos erros na vida, até demais. Certamente também não fora a mãe perfeita, mas havia construído algo de relevante para a filha.

– Por que você teve que escolher *aquela* menina, Amelia? – Kate se ouviu dizer em voz alta.

O pior era quanto a escolha da filha fora familiar, tão parecida às suas próprias escolhas.

– Ela é linda, eu entendo. Mas ela é tão, não sei, perturbada... Não é culpa dela; basta ver a mãe. Mas você não percebeu? Eu pensava que você perceberia aquilo.

Kate não se permitira fazer isso desde a morte de Amelia, falar em voz alta com a filha morta. Essa ideia sempre a fizera se sentir descontrolada. Por alguma razão, agora era reconfortante. Talvez porque já estivesse mesmo fora de si.

– Seja quem for que tiver terminado com quem, ou por quê, ela teve sorte de ter você – disse. – Seria assim com qualquer pessoa. Espero que você saiba disso.

Kate se calou e voltou a observar a fotografia. Não esperava uma resposta, ao menos não exatamente.

– Mas também você podia ter me contado sobre ela. O seu amor por ela nunca me faria amar você menos.

Kate continuava encarando a foto quando seu celular tocou. O identificador de chamadas mostrava PAI CELULAR. O pai ligando para ela? Se fosse a mãe, deixaria cair na caixa postal. Mas o pai nunca telefonava, muito menos do celular, que quase nunca usava.

– Pai, o que houve? – Kate perguntou.

Os pais eram razoavelmente saudáveis, mas já não eram mais jovens. Havia um ruído como de estática do outro lado, e mais nada. Kate ficou se perguntando se o pai teria discado seu número sem querer.

– Pai, você está aí?

– Ah, estou – ele respondeu por fim, pigarreando. – Eu me distraí um momento, perdão. Estava andando à beira do lago e podia jurar que vi uma guaracava-de-crista-branca. É claro que não seria possível, porque é uma ave sul-americana, mas... – Sua voz transbordava de um fascínio quase infantil, e Kate ouvia sua respiração acelerar, como se caminhasse mais depressa. – Quero

só voltar um pouco e verificar. Tenha só um pouquinho de paciência.

– Pai? – Kate chamou, embora o som indicasse que ele afastara o telefone da orelha outra vez. – Pai?

– Ah, sim, perdão – ele disse, voltando ao telefone. Sua voz já não transmitia mais aquele fascínio. – Eu devo ter imaginado. Receio que a observação de aves seja uma atividade para jovens, embora ninguém suspeitaria disso vendo a demografia do cruzeiro em Galápagos que acabo de fazer. – Pigarreou de novo. – De qualquer forma, sua mãe me pediu para ligar e ver como você está.

– A mamãe pediu para o senhor me ligar? – Kate desconfiou que o pai estivesse inventando aquilo para manter certa distância emocional. – Acho difícil de acreditar.

– Geralmente é assim com a verdade – ele falou. – Mas, sim, ela me pediu para ver se estava tudo bem com você. Ela parece ter ficado chateada com a última conversa que vocês tiveram. Eu não fiquei pedindo detalhes. Você sabe que não gosto de me intrometer. Mas eu falei que telefonaria. Você está bem, Kate?

– Não – ela respondeu, resistindo à tentação de lhe dizer o que ele queria ouvir, mas sem ter interesse real em revelar detalhes. Ela sabia que ele nem queria mesmo os detalhes. – Eu não diria que estou.

– É, bem... – ele disse em voz baixa. – Imagino que certas coisas nunca melhorem.

Era a primeira vez que ele simplesmente a deixara em paz ao expressar sentimentos ruins. Teve certeza de que ela havia escutado mal.

– É, não melhoram – Kate disse, com a voz trêmula.

– Sabe, a sua mãe quer o melhor para você – o pai disse em um tom mais seco. Estava se aventurando em águas emocionais nunca exploradas e seu desconforto era evidente. – Mas ela nem sempre sabe o que fazer. Você se lembra de quando fomos para Nova York conhecer a Amelia, assim que ela nasceu? Sabia que sua mãe chorou durante todo o trajeto para o aeroporto, de tão preocupada que estava com você?

– Não acho que tenha sido por isso...

– Foi, sim – ele disse. – Ela não voltou a chorar, pois é o jeito dela. Mas, naquele dia... – Ele respirou fundo. – Então você vai ficar bem? Posso dizer isso à sua mãe?

Seu pai podia ser várias coisas, mas não era mentiroso. Kate não sabia se acreditava naquela história de Gretchen morrer de preocupação maternal, mas passara tanto tempo que ela também não achava que tivesse tanta importância.

– Para falar a verdade, não sei se vou ficar bem, pai – disse Kate, os olhos

se enchendo de lágrimas. De repente, sentia-se tomada pela tristeza e o arrependimento que vinham de infinitas direções. – Mas pode... deve dizer à mamãe que vou.

O Thistle Tavern estava muito mais cheio às seis da tarde de um dia de semana do que Kate esperava. Por outro lado, ela nunca havia entrado ali. Era um dos vários pontos de encontro de adultos do bairro que ela sempre quisera conhecer mas nunca tivera tempo.

Por dentro, o lugar não desapontou. Era decorado com madeiras escuras e cobre fosco, com o cardápio escrito em um grande quadro-negro em cima do bar e atendentes que, com aquelas tatuagens em locais ousados e barbas malcuidadas, pareciam ter acabado de sair do cenário de um filme independente. Kate viu Jeremy sentado no curto balcão do bar lotado, de costas para a porta. Tinha pedido uma cerveja e conversava com um atendente de costeletas como se fossem velhos amigos de faculdade – como de costume, havia, sem esforço, assumido outra personalidade.

– Oi – disse Kate, interrompendo-os.

Jeremy se voltou para ela e abriu um sorriso largo. Desceu do banco e gentilmente o ofereceu para Kate, que só o aceitou pois seria mais estranho não aceitar. O barman parecia desapontado, não tanto pela interrupção, mas por ser Kate que os interrompera. Como se ele tivesse expectativas melhores com relação à pessoa que Jeremy aguardava. Kate olhou para as próprias roupas: casaco velho, calça jeans e tamancos de plástico claramente práticos. Além disso, tinha o cabelo preso e estava sem maquiagem. Alguém como Jeremy merecia mesmo algo melhor, mas não se tratava de um encontro romântico. E, considerando como Kate se sentia no momento, era o melhor que ela podia fazer.

– O que gostaria de tomar? – o barman perguntou não muito animado.

– Uma taça de vinho branco – Kate respondeu, embora não sentisse vontade de beber.

– Vou trazer a carta.

– Ah, não precisa de carta – Kate disse. – Pode escolher.

– Saindo o vinho mais caro – o barman disse, piscando para Jeremy.

O banco ao lado de Kate vagou e Jeremy se sentou quando o barman voltava com a taça de vinho. Ficaram em silêncio até ele voltar a se afastar.

– Você não foi trabalhar hoje? – Kate perguntou, apontando para a calça jeans e a charmosa camisa casual de Jeremy.

– Acabei saindo cedo. – Balançou a cabeça e tomou um longo gole de cerveja. – Precisava de espaço. Um tempo para pensar.

– Sobre o quê?

– Ah, muitas coisas – ele disse, olhando para a bebida enquanto procurava a melhor forma de dizer aquilo. – Ouça, eu sei que já passou muito da hora, mas eu queria me desculpar pelo que aconteceu entre nós, sabe, naquela época. Foi totalmente inapropriado eu me relacionar com você daquele jeito.

Kate sentiu uma onda de raiva. Mal acreditava que Jeremy estivesse fazendo isso agora.

– Não pode estar falando sério.

Jeremy pareceu ficar confuso.

– Como assim?

– Você me pede para vir aqui, no meio de tudo o que está acontecendo, para dizer que se arrepende de *uma* noite, não, uma *hora* que passamos juntos há mais de uma *década*?

Jeremy ficou sentido. Ele realmente acreditava ser sempre o centro das atenções.

– Eu só queria que você soubesse que eu assumo a total responsabilidade – ele disse. – Principalmente agora, eu sinto que... É importante para mim que você saiba que não foi culpa sua.

– Minha *culpa*? – Kate deu uma risada um pouco louca, mas aquela situação era louca. – Ok, eu sei. Agora posso ir?

Jeremy franziu as sobrancelhas e então tirou uma folha de papel dobrada do bolso da camisa. Ofereceu-a a Kate, que não a pegou.

– O que é isso?

– Estava no dentro-da-lei.com hoje – ele respondeu enquanto Kate pegava o papel, relutante. – Mandei alguém tentar descobrir quem é o responsável, mas não é tão fácil quanto parece.

Kate olhou para o papel e leu: “Jeremy Firth, da Slone & Thayer, as promove depois de levá-las para a cama.” Fechou os olhos sem ler mais nada.

– Seu nome não é mencionado – ele continuou. – Felizmente, não cita o nome de ninguém, exceto o meu. E vários detalhes nem são verdade. Há todo tipo de bobagem sobre sexo em salas de reunião e elevadores e sobre a coisa se estender durante anos. Mas acho que pode haver pistas suficientes ali para as pessoas adivinharem que parte disso se refere a você.

– Ai, meu Deus – disse Kate, com os olhos se enchendo de lágrimas. – E a Vera?

– Ela não leu. – Jeremy balançou a cabeça. – Pelo menos por enquanto. É provável que alguém acabe contando a ela, embora eu não saiba quem iria querer fazer o papel de mensageiro.

Ele se virou para Kate e depois voltou a beber a cerveja.

– Eu me sinto tão... – Kate cobriu a boca com a mão. – Coitada da Vera. Ela vai me odiar.

– Não faz o estilo da Vera. Ela certamente vai odiar a mim, mas não a você – ele disse em voz baixa e então respirou fundo. – Você também precisa saber que o texto menciona outras mulheres. Os detalhes estão errados, mas o fato de que houve outras, não. Bem que eu gostaria de dizer o contrário.

– Eu sabia que havia outras mulheres – Kate falou, sentindo vergonha de se ouvir admitir aquilo e irritada por Jeremy pensar que ela seria ingênua a ponto de acreditar que fosse a única. – Desde aquela época.

De fato, saber que Jeremy levara para a cama – e fazia isso frequentemente – outras associadas na época em que eles dormiram juntos fizera Kate se sentir melhor. De alguma forma, aquilo diminuíra sua responsabilidade.

– Eu não tenho orgulho da pessoa que eu era – disse Jeremy. – Mas hoje sou diferente. Eu mudei há muito tempo. Fui cem por cento fiel à Vera na última década. Nem sempre foi assim, mas agora sou um bom marido.

Kate o encarou, com o corpo balançando ligeiramente devido à intensidade das batidas de seu coração. O que ele esperava dela? Absolvição? Não cabia a ela lhe dar. E Kate tinha coisas mais importantes com que se preocupar do que a consciência pesada de Jeremy. Tinha que sair daquele bar e ir para longe dele.

– Preciso ir – conseguiu dizer por fim, deslizando para fora do banco.

– Espere, aonde você vai? – Jeremy perguntou, ficando de pé. – Precisamos discutir outro assunto, Kate.

– Não precisamos, não – disse ela, esquivando-se dele e se dirigindo para a porta. – E eu não estou brava, Jeremy, nem chateada, ou o que quer que você ache que eu esteja sentindo. Mas nunca mais quero tocar nesse assunto.

Kate tentou respirar ao sair andando a passos rápidos na direção de casa, mas o ardor nos pulmões só aumentou a vontade de chorar. Olhou por sobre o ombro uma vez para se certificar de que Jeremy não a seguira. Quando se virou de novo para a frente, a calçada estava borrada por causa das lágrimas. Desceu a Sétima Avenida repleta de gente chorando intensamente, cobrindo a boca contorcida com uma das mãos, o rosto molhado de lágrimas enquanto abria caminho por entre todas as pessoas que a observavam. Então, o celular vibrou no bolso. Jeremy enviara uma mensagem em vez de segui-la. Não podia deixar de ser. *Sinto muito. Volte. Você precisa entender*, era o que Kate esperava ler. Não que o conteúdo fizesse diferença. A conversa com ele estava encerrada, ao menos por ora.

Tirou o telefone do bolso e leu a mensagem:

O que ele vai te dar desta vez, piranha?

Amelia

21 DE OUTUBRO, 20H56

BEN
alguma notícia?

AMELIA
nada

BEN
espere um tempo, ela vai ceder

AMELIA

vc não acredita nisso

BEN

se não for assim ela eh uma idiota

AMELIA

vlw

BEN

falando sério

AMELIA

eu sei. tenho q ir, não tô a fim de conversar

BEN

ok bjs

21 DE OUTUBRO, 21H18

SYLVIA

cara, o q aconteceu?

AMELIA

nada

SYLVIA

vc estava muito esquisita na escola

AMELIA

estou naqueles dias

SYLVIA

q saco. hoje eu segui a Susan Dolan

AMELIA

ih

SYLVIA

sabia q ela compra um SACO gigante de balas de goma na lojinha depois da aula e come INTEIRO indo pra casa?

AMELIA

q nojo

SYLVIA

aposto q vomita tudo, aquela cachorra esqueletica

AMELIA

tenho q ir, nao tô legal

SYLVIA

tá, até+. toma um ponstan ou um treco assim

22 DE OUTUBRO, 2H01

NÚMERO BLOQUEADO

vadia

22 DE OUTUBRO, 2H02

NÚMERO BLOQUEADO

puta

22 DE OUTUBRO, 2H03

NÚMERO BLOQUEADO

piranha

22 DE OUTUBRO, 2H04

NÚMERO BLOQUEADO

sapatão

22 DE OUTUBRO, 2H05

NÚMERO BLOQUEADO

puta puta puta puta

22 DE OUTUBRO, 2H10

NÚMERO BLOQUEADO

morra vadia

22 DE OUTUBRO, 2H11

NÚMERO BLOQUEADO

cachorra idiota

22 DE OUTUBRO, 2H12

NÚMERO BLOQUEADO

vagabunda nojenta

22 DE OUTUBRO, 2H13

NÚMERO BLOQUEADO

piranha

22 DE OUTUBRO, 2H14

NÚMERO BLOQUEADO

come xereca

22 DE OUTUBRO, 2H15

NÚMERO BLOQUEADO

sapata sapata sapata

22 DE OUTUBRO, 2H20

NÚMERO BLOQUEADO

pervertida

22 DE OUTUBRO, 2H21

NÚMERO BLOQUEADO

lésbica cachorra sapatona

22 DE OUTUBRO, 2H22

NÚMERO BLOQUEADO

homo

22 DE OUTUBRO, 2H23

NÚMERO BLOQUEADO

morra lésbica lésbica lésbica

22 DE OUTUBRO, 2H24

NÚMERO BLOQUEADO

piranha

22 DE OUTUBRO, 2H25

NÚMERO BLOQUEADO

vadia vagabunda imunda

22 DE OUTUBRO, 2H30

NÚMERO BLOQUEADO

espero que vc morra sua vaca

22 DE OUTUBRO, 2H31

NÚMERO BLOQUEADO

comedora de buceta

22 DE OUTUBRO, 2H32

NÚMERO BLOQUEADO

puta mentirosa

22 DE OUTUBRO, 2H33

NÚMERO BLOQUEADO

nós

22 DE OUTUBRO, 2H34

NÚMERO BLOQUEADO

sabemos

22 DE OUTUBRO, 2H35

NÚMERO BLOQUEADO

onde

22 DE OUTUBRO, 2H36

NÚMERO BLOQUEADO

você

22 DE OUTUBRO, 2H37

NÚMERO BLOQUEADO

mora

22 DE OUTUBRO, 2H38

NÚMERO BLOQUEADO

e

22 DE OUTUBRO, 2H39

NÚMERO BLOQUEADO

estamos

22 DE OUTUBRO, 2H40

NÚMERO BLOQUEADO

indo

22 DE OUTUBRO, 2H41

NÚMERO BLOQUEADO

pegar

22 DE OUTUBRO, 2H42

NÚMERO BLOQUEADO

você

facebook

22 DE OUTUBRO

Amelia Baron

“Os olhos dos outros são nossas prisões; seus pensamentos, nossas celas.” Virginia Woolf, “Segunda ou terça-feira”

Carter Rose essa aí é uma garota deprimida

Ainsley Brown Eu acho lindo

Carter Rose então talvez você seja deprimida também

Amelia

22 DE OUTUBRO

As mensagens começaram a chegar no meio da noite. Anexada a cada uma, havia uma foto minha de lingerie. Li cada uma delas e vi cada fotografia. Provavelmente seria melhor não olhar, mas não pude evitar. Era como se eu não acreditasse que aquilo estivesse mesmo acontecendo. Depois de olhar, apaguei todas imediatamente. Uma coisa era eu me obrigar a vê-las uma vez, mas, depois disso, precisavam desaparecer.

A última mensagem que recebi era diferente das outras. Era sobre Sylvia. Fale com Woodhouse ou qualquer outra pessoa e Sylvia vai pagar. Aquela puta não vai sobreviver ao que vamos divulgar sobre ela.

Era esperto. Pois, mesmo se eu decidisse aguentar as humilhações das Maggies, sabia que Sylvia jamais sobreviveria. Se os problemas com Ian não a tinham feito ir atrás de objetos cortantes de novo, virar alvo das Maggies faria. E ela era a única pessoa totalmente inocente naquela situação.

Na manhã seguinte, ao chegar à escola, vi Dylan no corredor. Só que ela nem me olhou e saiu andando depressa em sentido contrário quando fui na direção dela. Não teria sido tão ruim se eu não estivesse contando os minutos para desculpá-la, mas é muito mais difícil perdoar alguém que não quer perdão.

E não foi só Dylan que me ignorou. Todas as Maggies ficavam cochichando e rindo, deixando bem claro que estavam falando de mim sempre que eu passava. Depois do almoço, alguém escreveu a palavra *sapata* no meu armário com batom vermelho. Ao menos foi o que eu pensei, até tentar apagar aquilo na esperança de que os outros alunos não tivessem notado durante todo o tempo que ficaram em grupinhos no corredor. Foi só quando o produto se espalhou em toda a palma da minha mão e no armário que percebi que era esmalte, não batom.

Quando voltei ao meu armário após a aula de francês, ele tinha sido esvaziado – os livros, cadernos, meu equipamento de hóquei na grama, tudo havia sumido. No lugar encontrei 22 bilhetinhos, todos dizendo “Eu te odeio” – um de cada Maggie – e seis grilos vivos. Cobri a boca com a mão e tentei não gritar quando um dos grilos pulou para cima de mim. Encontrei os livros e cadernos em uma lixeira próxima. Mas foi só lá pela metade do treino que finalmente achei meu equipamento de hóquei: estava espalhado em um banco do ginásio, sob um monte de absorventes femininos vindos diretamente da lixeira.

Naquela noite, voltei a receber as mensagens que vinham e paravam como antes, mas desta vez com um intervalo suficiente para que eu pegasse no sono e acordasse de sobressalto minutos depois, com outra mensagem. Como na noite anterior, todas consistiam de insultos, ameaças ou algo assim, com uma foto em anexo. A última, que chegou às 3h53, na certa era de Zadie. Em anexo estava o vídeo que havia feito quando me flagrou com Dylan. Eu estava tão brava no vídeo que era meio assustador, até para mim.

Zadie conseguira ocultar o rosto de Dylan de todas as cenas. Havia protegido a melhor amiga. O vídeo só mostrava as pernas e o corpo de uma garota nua, mas não qual garota. Agora eu percebia que Zadie esperara o momento ideal para decidir nos separar. Desde o início ela soubera que Dylan iria embora com ela quando mandasse. Eu devia ter imaginado isso também. Eu mesma tinha uma dessas amizades antigas e íntimas demais. Sylvia me convencia a fazer coisas que eu jamais faria por conta própria. No meu caso eram coisas pequenas, mas eu entendia a lógica. E, pelo modo como Dylan se referia a Zadie, a amizade delas estava em outro patamar. Desde o começo eu

deveria saber que não tinha como competir com isso.

Quando enfim desci a escada na manhã seguinte, minha mãe estava arrumada, com a bolsa pendurada do ombro e o BlackBerry na mão.

– Oi – ela disse enquanto se movimentava às pressas pela cozinha para preparar suas coisas. Parecia estressada. – Bom dia.

Eu a observei um segundo sem dizer nada. Queria lhe contar o que estava acontecendo. Precisava contar. Mas por onde começar? Pelas Maggies, Dylan ou o flagra de Zadie? Tudo era demais. E ninguém queria iniciar uma conversa sobre sexo com a mãe de propósito. Era o tipo de situação que se devia evitar. Então fiquei ali parada, tentando encontrar um jeito de lhe contar uma parte, mas não tudo. Não era tão fácil; as coisas estavam terrivelmente emaranhadas.

Vi minha mãe pegar uma banana da bancada e guardar os envelopes na pasta e em seguida pegar as chaves.

– Hoje eu vou chegar *realmente* tarde. Desculpe. Sei que é ridículo, mas vai acabar logo. E eu estava pensando em talvez a gente viajar no feriadão de Ação de Graças. Para algum lugar como as Bermudas, talvez – ela disse enquanto vinha me dar um beijo e um abraço apertado.

– O quê? – falei, brava. Estava mesmo. Como era possível que ela não percebesse que algo estava totalmente errado? – Está falando sério?

Eu passara a vida toda pensando que não havia problema se minha mãe não estava em casa o tempo todo, pois, quando eu *realmente* precisasse dela, ela saberia e estaria ao meu lado. Mas agora aqui estava eu, precisando dela, e ela nem sequer percebera.

– Bom, não é exatamente o “legal, mãe!” que eu estava esperando, mas a gente pode falar mais sobre isso no fim de semana.

Ela iria sair de casa a qualquer instante.

– Mãe, você não pode ficar e me ouvir só *um* minuto?

Minha mãe respirou fundo.

– Sim, Amelia, posso ouvir um minuto. Eu estou sempre aqui para ouvir.

– Eu quero passar o próximo semestre em Paris – falei.

Tinha sido ideia do Ben. Eu nem pensara em todos os detalhes, mas o plano consistia em me afastar da escola durante um semestre. Quando eu voltasse, no início do ano seguinte, Zadie, Heather, Rachel e muitas das Maggies já teriam se formado. Não Dylan, que ainda teria um ano. Eu omitira essa parte da conversa com Ben. Não queria lhe dar a ideia errada de que eu ainda pensava nela, mesmo que fosse verdade.

Em parte, eu estava mesmo pedindo para ir para Paris como uma solução

legítima para os meus problemas. Porém, em parte, eu também estava torcendo para que, ao pedir para mudar de *país* por um semestre, minha mãe, sei lá, pegasse a deixa de que havia algo muito errado acontecendo.

Se ela não concordasse com um semestre fora – e eu não esperava que concordasse –, o passo seguinte seria dizer que eu queria mudar de escola. Eu não queria sair de Grace Hall. Sentiria falta de Liv e Sylvia e meu time de hóquei na grama. Mas, se fosse preciso, eu sairia.

– Paris? – Minha mãe me olhou como se eu fosse louca.

Também parecia estar estressada. Dava para ver que estava preocupada porque se atrasaria para o trabalho. Se fosse preciso, eu tiraria proveito disso também. Ela já tinha concordado com muitas coisas quando estava atrasada para ir trabalhar.

– Um semestre *inteiro*? Paris fica tão longe...

– Que diferença isso faz? – rebati. *Pergunte qual é o problema. Pergunte qual é o problema.* – Você nunca está aqui mesmo.

– Poxa, Amelia, isso não é justo – minha mãe disse, parecendo um pouco sentida. – E um semestre fora é algo para se fazer na faculdade, não no ensino médio.

– Vai ser educativo.

Eu estava omitindo o fato de que o semestre no exterior não seria através de Grace Hall, pois isso não me ajudaria.

– Amelia, eu adoraria cancelar a reunião e ficar aqui para conversar sobre isso. Mas realmente não posso. Será que podemos continuar esta conversa hoje à noite, quando eu chegar? – ela perguntou.

Tentei conter as lágrimas e o nó que vinha subindo pela garganta. Por que ela não me perguntava o que havia de errado?

– Apenas diga sim, mãe! – gritei. Talvez gritar ajudasse. – É superfácil, olha: sim. É só dizer isso.

Ela piscou algumas vezes, parecendo magoada e meio chocada.

– Poxa, Amelia – ela disse em voz baixa. – Não estou dizendo necessariamente que não. Você sabe que vou ouvir, como sempre. – Já estava se encaminhando para a porta. – Mas não posso fazer isso neste momento. Quando conhecer o programa um pouco melhor, talvez eu mude de ideia. Isso quer dizer que precisamos de *tempo* para conversar sobre isso.

– Eu tenho que dar uma resposta hoje, mãe.

Ela parou na porta e se voltou para mim.

– Se a resposta precisa ser dada hoje, então vai ter que ser não.

– Maravilha, valeu – murmurei. – Isso ajuda muito.

Ela respirou fundo e olhou para o teto.

– Você está bem, Amelia? – ela perguntou, com a mão na maçaneta. – Eu estou estressada por causa de trabalho e seria bom se eu chegasse lá na hora. Mas posso ficar, se precisar de mim. Você sabe, não sabe?

Eu já nem tinha mais certeza do que eu sabia. Estava furiosa porque minha mãe não me perguntava o que eu tinha, mas, agora que perguntara, eu não queria lhe contar. Afinal, o que ela poderia fazer para resolver a situação? Nada. Qualquer coisa que fizesse só pioraria. Disso eu tinha certeza. Só sentia vontade de chorar. Sozinha.

– Não, tanto faz, deixa pra lá – respondi. – É que a escola anda muito estressante.

Minha mãe voltou a cruzar a cozinha e me envolveu nos braços, me apertando com tanta força que parecia querer me esmagar. Ou talvez fosse por causa do jeito como eu a segurei.

Finalmente, ela me soltou e se dirigiu para a porta. Ao abri-la, virou-se para mim:

– Tudo vai ficar mais fácil, prometo. Sempre fica.

A Dra. Lipton estava sentada em uma cadeira no canto da sala quando bati à porta. Estava com uma pasta aberta no colo e lia os papéis ali dentro. O sol entrava pela janela atrás dela, tornando sua pele translúcida. Ela se sobressaltou quando bati, o que também me fez dar um salto.

– Desculpe – falei, já começando a me arrepender. Nunca fora falar com uma psicóloga na vida, mas eu precisava conversar com alguém que mantivesse em segredo o que eu contasse. – Eu só... é... Quer que eu volte mais tarde?

– Não, não – ela disse. Porém, me olhava como se eu fosse uma estranha que tivesse pedido para dar uma mordida no sanduíche dela. – Entre. Sente-se.

Ela fechou a pasta e a pôs delicadamente sobre a mesa ao seu lado.

– Em que posso ajudar? –perguntou, voltando-se para trás para pegar a agenda. – Nós não tínhamos uma sessão marcada, tínhamos? – Ela passou o dedo pela página, de cima a baixo. – Amy, não é?

– Amelia. Não, eu não marquei hora. Preciso marcar? – Definitivamente tinha sido um erro.

A Dra. Lipton ficou muito tempo me olhando, completamente imóvel, como uma espécie de lagarto. Esperei que ela abrisse a boca e que sua língua saísse e grudasse no meu rosto.

– Bom, você está aqui agora – falou por fim. – E dá para perceber que está agitada.

– O que a gente falar aqui é confidencial? – perguntei ainda da porta.

– É – ela disse, ficando curiosa. – Por que não entra e me diz o que a traz aqui, Amelia?

Então entrei na sala, arrastando os pés. Era bonita e clara, com poltronas que pareciam ser confortáveis. Até demais. Como se fossem me sugar e lançar num vórtex encolhedor de cérebros no instante em que eu me sentasse.

– Feche a porta antes de se sentar – ela pediu e eu obedeci, embora detestasse a ideia de ficar trancada ali.

Finalmente, me obriguei a me sentar. Cruzei as mãos sobre o colo e senti que estavam geladas.

– Bom, o que está havendo?

Passei um tempo em silêncio, até ficar tão desconfortável ali que comecei a me sentir um pouco enjoada.

– Alguém meio que terminou comigo, eu acho.

– Meio?

– Bom, ela se afastou e agora nem fala comigo.

– A rejeição sempre é difícil – a Dra. Lipton disse em tom calmo.

Nem sequer piscara quando eu disse *ela* em vez de *ele*. Tinha sido uma espécie de teste.

– É – falei.

Fiquei olhando para ela e senti o fundo da garganta começar a arder. Eu realmente não queria chorar ali. O que será que acontecia quando alguém chorava?

– Você sabe *por que* ela terminou o relacionamento?

Neguei com a cabeça, engolindo o enorme nó que tinha preso na garganta.

– Ela tem uma melhor amiga que me odeia – consegui dizer por fim. – Mas nem sei se foi por isso. É complicado.

– Quase todo relacionamento é – ela falou. – E a incerteza nunca ajuda. Dá muita margem a... ruminação. Faz sentido para você?

Dei de ombros.

– Acho que sim.

– As perguntas sem resposta impedem o processo de cura.

Processo de cura. Dava a impressão de que realmente estava tudo acabado com Dylan e eu precisaria deixar aquilo para trás.

– E agora também tem um monte de gente que está me perturbando.

– Isso tem algo a ver com o relacionamento?

Pensei por um minuto. Era um saco que Dylan não me defendesse, que tivesse saído da minha casa enquanto eu gritava seu nome, que desde então não tivesse entrado em contato comigo. Mas Dylan não mandara nenhuma das mensagens – disso eu tinha bastante certeza. Não fora ela que pichara meu

armário ou jogara insetos dentro dele. De forma alguma. Zadie era a responsável por essas coisas. E eu sabia melhor do que ninguém que não era justo responsabilizar alguém pelo que a melhor amiga fazia.

– Sim e não. Algumas dessas pessoas são amigas dela, eu acho. Elas fazem parte de um clube.

– Ah, um clube – disse a Dra. Lipton. – Deixe-me adivinhar: as Magpies?

– É, eu estive nele por um tempo – admiti. Foi um alívio finalmente contar para alguém.

– Esse é um dos principais propósitos do clube: fazer quem é de fora se sentir mal e ameaçar constantemente os integrantes com a perda do status privilegiado. Essa dinâmica está sempre envolta em perigo. Não me surpreende saber que as coisas passaram do limite de novo.

Eu balancei a cabeça e meus olhos se encheram de lágrimas.

– Mas o que elas estão fazendo... é muito pior do que eu imaginava.

– O assédio é proibido pelo código de conduta, você sabe – a Dra. Lipton disse. – Se o que essas meninas estão fazendo chegar a esse nível e ocorrer dentro dos limites da escola, elas podem ser expulsas. Aliás, eu seria obrigada a informar à diretoria.

Pensei nas fotos, nas mensagens e no meu uniforme de hóquei na grama sob um monte de lixo ensanguentado. Pensei nos sussurros e nos grilos. Na palavra *sapatão* aparecendo em todo lugar. Mas será que eu queria que todas elas fossem expulsas da escola se “todas elas” incluísse Dylan? E Sylvia? Como ela sobreviveria ao que fariam com ela?

Olhei para a Dra. Lipton, o coração acelerado.

– Mas a senhora disse que era tudo confidencial.

Ela estreitou os olhos.

– E é. – Ela ergueu um dedo. – Desde que ninguém corra perigo.

Ficou me encarando, séria. Perigo. Ela temia que eu fosse me matar ou algo assim. Essa ideia jamais me passara pela cabeça.

– Eu não vou me matar, se é isso que quer dizer. Nem pensaria nisso. Não é o tipo de coisa que eu faria – eu disse. – Mas, se isso mudar, pode ter certeza de que eu aviso.

– Você contou para os seus pais?

– É só a minha mãe – falei. Era um reflexo. – Mas não, não contei.

Eu detestava ter me tornado uma adolescente tão clichê. Seis semanas antes, eu juraria que definitivamente contaria tudo à minha mãe. Que falaria com ela desde o início. Porém, seis semanas antes, minha vida era muito menos complicada.

– Você deveria contar – disse a Dra. Lipton com firmeza. – Sua mãe ama

você e quer ajudá-la.

– É disso que eu tenho medo. Da minha mãe tentar ajudar e aumentar ainda mais a confusão.

– No mínimo, você precisa ter alguém com quem conversar – ela disse. – Quem agride só tem a ganhar com a vergonha e a exclusão. Você deve procurar pelo menos um amigo ou amiga e lhe contar o que está havendo. Precisa de uma rede de apoio. Você tem como fazer isso?

Concordei com a cabeça, mesmo estando mais do que apavorada com a ideia. Sylvia era, claro, a amiga a quem eu teria que recorrer, e ela ficaria furiosa quando soubesse das Maggies. Sem contar que eu estava totalmente constrangida. Era exatamente por isso que ela e eu achávamos os clubes um lixo, para começo de conversa. Só serviam para infernizar a vida das pessoas.

– Depois, quero que você escreva uma carta, ou um e-mail, para essa menina, com todas as perguntas que você quer fazer a ela – a Dra. Lipton prosseguiu. – Tudo o que você quer saber sobre o que aconteceu. Tudo o que tem medo de saber. Mas *não* envie. Quero que você imagine as respostas.

– Imagine? – Aquilo parecia totalmente idiota.

– Isso, imagine. *Não* envie – ela repetiu com firmeza. – É um exercício feito para lhe dar controle sobre a situação e os seus sentimentos. Acho que você vai descobrir que já tem todas as respostas de que precisa.

– Está bem – falei, embora tudo aquilo ainda parecesse bobagem.

– Combinado? – a Dra. Lipton perguntou. Estava me encarando, esperando uma resposta.

– Ah, é. Claro.

– Muito bem. – Ela atravessou a sala e abriu a porta. – Então marque uma hora para voltar aqui na semana que vem e me manter informada. Aí podemos falar mais sobre você se abrir com sua mãe.

Quando enfim achei Sylvia, na hora do almoço, ela estava no pátio com Ian. Estavam sentados em uma mesa, conversando, os joelhos se tocando. Poucos dias antes, haviam praticamente terminado. Continuavam juntos, mas as coisas entre eles não estavam bem. Ian ficava olhando em volta e depois virando o rosto, como se procurasse ar para respirar ou um canto para se esconder.

Coitada da Sylvia. Estava com o coração prestes a ser partido de novo. Mas, no fundo, uma partezinha de mim estava contente porque ela logo precisaria de mim tanto quanto eu precisava dela. A Sylvia desiludida era muito mais generosa do que a Sylvia apaixonada. Entretanto, no momento ela estava tão concentrada em Ian que nem me notou até eu parar bem ao seu lado.

– Ah, oi – ela disse, finalmente erguendo a vista. Parecia um pouco irritada com a interrupção. – E aí?

Ian parecia empolgado com a minha chegada.

– Aqui – ele disse, se levantando depressa. – Pegue o meu lugar. Eu já tenho que ir, mesmo.

– Ir aonde? – Sylvia indagou. – A gente nem combinou o fim de semana. E o show?

– Ah, é, no Living Room. – Ian esfregou a mão na testa e inspirou por entre os dentes. – Bom, o show... eu não vou poder ir. Mas você devia ir e se divertir. Outra hora, no fim de semana, a gente se encontra.

Senti o estômago se contrair ao ver a expressão de Sylvia murchar. Eu teria que esperar para contar todos os meus problemas para ela. Precisava ajudar a manter a conversa entre eles. Ela precisava ir até o fim, para o bem ou para o mal. Eu até que queria um pouco que fosse para o mal, que ela pusesse mais pressão em Ian e ele acabasse terminado o namoro de uma vez por todas. Aquelas meias-medidas eram como ver um esquilo atropelado se arrastando no meio da estrada.

– Não, Ian, fique – falei, dando um passo para trás. – Só passei para dar um oi. A gente se vê depois, Sylvia.

Dei meia-volta antes que Ian pudesse me impedir e atravessei o pátio depressa. Quando olhei para trás, Ian e Sylvia continuavam juntos, ainda sem dizer nada. Ian chutava o chão com um tênis europeu de grife. Sylvia o observava, esperando.

Todo o resto do dia passou sem que nada de ruim acontecesse. Nada foi tirado do meu armário, nada foi escrito nele. Eu mal acreditei. Nem sequer recebi mais mensagens. Naquela noite, em casa, quando enviei a versão final do meu trabalho sobre Virginia Woolf para Liv, já estava quase relaxada. Pensei que Zadie não visse mais graça em transformar minha vida em um inferno.

Eu acabara de pegar no sono quando chegou a primeira mensagem de texto. Quando meu celular apitou anunciando aquela mensagem – vagabunda –, levei um susto enorme. Meu coração parecia que ia explodir quando me sentei na cama e olhei para o telefone. Tinha sido esperto da parte delas me deixarem em paz o dia todo. Pensar que aquilo acabara fez eu me sentir muito pior quando recomeçou.

Depois da primeira, as mensagens se sucederam, aos montes. Cada uma mais horrível que a outra e sempre com a mesma foto anexada, uma foto que eu nunca tinha visto: eu beijando Dylan. Só que não dava para reconhecê-la. Só a

mim – sem dúvida era eu, beijando uma menina.

– Vamos matar o primeiro tempo? – perguntei para Sylvia quando a encontrei na esquina na manhã seguinte.

Ainda estávamos a quatro quarteirões da escola, distância suficiente para sair do fluxo de gente sem que ninguém fizesse perguntas.

– A gente podia ir comer um *muffin* ou algo assim.

– Será possível que Amelia Baron tenha acabado de sugerir que a gente *mate* aula? – Sylvia piscou e pressionou a mão contra o peito, fingindo ficar sem ar. – O que falta agora, virar *stripper*?

– Estou falando sério, Sylvia. É que... – Eu me virei para olhar para a escola. – Não quero lidar com isso agora. Além do mais, só vou perder a aula de artes. Nem conta como matar aula.

– Eu perderia espanhol, mas considerando que não entendo absolutamente nada do que ninguém fala naquela aula idiota, acho que também não conta como matar aula. – Entrelaçou o braço dela ao meu. – Mas isto não é uma tática para a gente ficar a sós e você tentar ficar comigo, é? – perguntou, revirando os olhos, quando demos meia-volta de cabeça baixa para descer a rua, em direção à Sétima Avenida. – Levando em conta que você é *lésbica*.

– Sério que você ainda não acredita? – perguntei quando havíamos andado meio quarteirão.

Após eu lhe dizer que era homossexual, Sylvia havia me enviado umas mensagens de texto dizendo “como assim?!?!”. Eu evitara discutir o assunto com ela, o que não era difícil. Ela andava tão obcecada por Ian que vivia se esquecendo de me perguntar sobre o assunto quando estávamos juntas.

– Eu acredito que *você* acredite – Sylvia disse, olhando para trás para verificar se alguém estava nos seguindo.

Havia vigias de alunos pelo bairro, mas tendiam a ser um pouco racistas. Provavelmente não importunariam duas meninas brancas cujos pais poderiam ficar mais bravos com o incômodo causado aos filhos do que por eles matarem aula.

– Só porque você não consegue ser normal com os homens não quer dizer que não goste deles. Talvez você não seja lésbica, só bizarra.

– Nossa, valeu.

Sem combinar nada, nós duas fomos na mesma direção, para o Connecticut Muffin, em frente à escola PS 321. Sempre íamos lá quando as escolas públicas

estavam em aula e nós não. Gostávamos de ficar ali e observar as crianças passarem naquele mar louco de gente. Aquele imenso caos tinha algo de bom. Em contraste, fazia com que a insanidade matinal da nossa escola não fosse quase nada.

– A quantas anda o Ian? – perguntei após comprarmos um *muffin* cada uma, de limão com sementes de papoula para mim e de mirtilo para Sylvia.

Estávamos sentadas nos bancos altos, de frente para a janela. Eu já iria chegar em Dylan e as Maggies, mas precisava de um aquecimento.

– Sei lá – Sylvia disse, dando de ombros. – Finalmente aceitei que a Susan Dolan tem namorado. Vi os dois se beijando e ela parecia estar muito a fim dele. O Ian diz que tudo está bem entre a gente, mas continua agindo de um jeito estranho. Tem mais alguém. Não a Susan, mas alguém.

Eu não duvidava mais de que ela tivesse razão.

– Alguma ideia de quem?

– Estou começando a pensar que não tem importância. – Ela deu de ombros. Então, girou a cadeira na minha direção. – Mas e *você*? Em tese, jogar no outro time é *muito* mais interessante que o Ian.

Prendi a respiração um segundo. Esta era a minha chance. Eu tinha que abrir o jogo sobre tudo. Precisava de uma aliada, como a Dra. Lipton dissera, e Sylvia era minha melhor opção – a única opção, na realidade. Iria ficar louca da vida por causa das Maggies e das minhas mentiras, com certeza. O único jeito de descobrir quanto era lhe contar.

– Eu fiz uma coisa estúpida – comecei por fim. – Você vai ficar brava comigo.

– Eu não ligo se você for mesmo lésbica, sabia? – ela disse. – É menos concorrência para mim.

Dei uma gargalhada sincera. Só Sylvia para me fazer rir em um momento desses, pois só ela encararia o fato de eu gostar de meninas como uma chance para ela ficar com mais meninos. Ela era muitas coisas, mas nunca fora de julgar os outros. Tudo ia acabar bem. Respirei fundo de novo e me deixei afundar no banco, apoiada na bancada estreita ao longo da janela do Connecticut Muffin. Começar por tirar do caminho a pior parte era o único jeito.

– Eu fui convidada para entrar em um clube.

– O quê? – Sylvia me olhou e piscou.

– Eu fui convidada.

– O quê? – ela perguntou de novo, desta vez mais alto e arregalando mais os olhos. – Que clube?

– As Maggies.

– Puta m... E nem me *contou*? – perguntou, aparentando estar mais

abismada do que brava. – Aposto que ninguém nunca disse não. As Maggies, nossa, devem ter ficado furiosas. Você tem que me contar tudinho.

Respirei fundo e olhei para o meu *muffin* pela metade.

– Eu não disse não.

O rosto de Sylvia ficou um segundo congelado e depois se franziu numa expressão de fúria total.

– *Você* entrou para as *Maggies*? Quando?

Inspirei com força.

– No começo das aulas – falei em voz baixa.

– Você está inventando! – Sylvia gritou, ficando de pé. – Não tem como você ter passado esse tempo todo em um clube sem me dizer nada! – Senti que o homem atrás do balcão nos olhava, tentando decidir se nos expulsava ou não. – E o nosso pacto? Você decidiu esquecer tudo aquilo?

Sylvia estava certa. Eu tinha sido totalmente cretina.

– Não sei o que aconteceu. – Era uma desculpa péssima, mas desta vez era verdade. – Elas me convidaram e sei lá... você está sempre com um namorado e a minha mãe nunca está em casa e tal. Às vezes eu sinto que não tenho ninguém.

– Ah, me poupe. – Seu tom de voz era frio. – Coitadinha.

Quando olhei para ela, ainda estava com o rosto franzido, mas seus olhos tinham se enchido de lágrimas.

– Desculpa, Sylvia. – Ela estava certa; o que eu fizera fora totalmente egoísta, desleal e cruel. – Eu sei que pedir desculpas não basta, mas não sei mais o que dizer.

Sylvia movimentou o maxilar para a frente e para trás e, a cada movimento, parte da raiva parecia desaparecer. Por fim, levou uma das mãos ao rosto e cobriu parcialmente a boca.

– Meu Deus, eu sou tão imbecil – ela disse, com a voz um pouco abafada. – E eu aqui me sentindo mal por passar tempo demais com o Ian, mas o tempo todo você estava com as suas novas amigas do clube secreto. Eu preciso admitir: você mente bem pra cacete, Baron.

Ela estava certa. Eu havia contado muitas mentiras. Um monte delas, que me sufocava.

– Meio que aconteceu, e aí eu não sabia como sair – expliquei. Quando dei uma olhada na direção dela, Sylvia continuava me olhando feio. Pelo menos não saíra correndo, o que devia significar alguma coisa. – E aí, tipo, eu me apaixonei por alguém do clube e fiquei com medo de perdê-la se eu saísse. Você sabe como é fazer algo por causa de alguém que você gosta. A gente nem sempre pensa direito.

– Isso é tipo uma reação de pânico gay ao contrário? – ela rebateu. – Você

mente para a melhor amiga e age feito uma babaca só *porque* é lésbica?

Dito assim, realmente parecia imbecil. Baixei a cabeça e dei de ombros.

– Eu faço um monte de coisas idiotas, Amelia. Talvez às vezes eu só pense em mim mesma e seja meio vadia e faça escolhas erradas quando eu gosto de alguém. Mas eu nunca menti, não pra você.

Era verdade. Sylvia era sempre sincera, mesmo quando seria mais fácil para nós duas se não fosse.

Minhas justificativas tinham acabado. Eu me voltei para ela. Agora Sylvia olhava pela janela, com a expressão um pouco menos brava e muito mais sentida. Fiquei ali observando a garota que fora minha melhor amiga durante quase dez anos, que ficara ao meu lado apesar de caçoarem de mim na terceira série, apesar da minha mãe ocasionalmente desaparecida, do meu tornozelo quebrado no meio do verão, dos meus cortes de cabelo ruins e dos casacos feios. Esta amiga que jamais me julgara nem me pedira que fosse minimamente diferente de quem eu era. Eu só conseguia me detestar. Como fora possível que eu preferisse qualquer pessoa a ser sincera com ela?

– Eu sinto muito, Sylvia. De verdade.

Eu esperava que ela me mandasse para o inferno, que dissesse que nunca mais queria falar comigo. Mas ela ficou ali parada, olhando pela janela. Por fim, bufou e voltou a se sentar no banco.

– Tá bom, desembucha – falou, ainda sem me olhar. – Porque agora você definitivamente me deve cada mínimo detalhe pornográfico. Pra começo de conversa, quem é ela?

Fiquei tão aliviada que quase comecei a chorar.

– Dylan Crosby – respondi, rezando para que nada mais do que eu dissesse deixasse Sylvia brava comigo de novo.

– *Jura?* – Sylvia girou a cabeça bruscamente na minha direção. – Eu achei que ela estivesse transando com o Woodhouse.

Balancei a cabeça.

– Posso garantir que ela só estava transando comigo.

– Uau, por essa eu não esperava. – Então ela assentiu. – Ela é gostosa, tenho que admitir. Se era pra você preferir outra garota que não eu, pelo menos que seja bonita. Mas as *Maggies*? – Ela enfiou um dedo na garganta e fez um som como se fosse vomitar. – Tipo, juro que eu não posso mais ser sua amiga se você virar uma daquelas bonecas infláveis.

– Não precisa se preocupar – eu disse. – Já me expulsaram. E a Dylan me largou, também.

– Que escrotas – Sylvia se ofendeu por mim. – O que aconteceu?

– Não sei exatamente – respondi. – A Zadie me odeia e ela tem um lance

possessivo estranho com a Dylan.

– Ai, a Zadie, eca – disse Sylvia. – *Ela* também é lésbica?

– Não. O que torna tudo ainda mais estranho.

Sylvia exalou.

– Aquela mulher é doida de pedra. Você devia manter distância.

– Já é tarde demais para isso – falei. – Enfim, ontem à noite decidi que quero mandar um e-mail para a Dylan. Queria saber se você pode me ajudar.

Eu ouvira claramente a Dra. Lipton me dizer para não enviá-lo, mas teríamos que concordar em discordar com relação a isso. Eu não tinha inventado o que acontecera entre mim e Dylan. E precisava que ela me dissesse por que jogara fora tudo aquilo. Além do mais, talvez ela estivesse esperando que eu falasse alguma coisa para mudar de ideia.

– Um e-mail? Tem certeza de que é uma boa ideia? – Sylvia perguntou. – Porque parece um péssimo plano, na minha opinião. Se a Dylan não está falando com você, é porque ela *não* quer. Ao menos não o bastante. Acredite em mim: é bom dar ouvidos quando as pessoas nos dizem algo desse tipo.

Parecia até que Sylvia não mandara centenas de e-mails exatamente iguais diante de rejeições muito piores. Fiquei um bom tempo olhando para ela, esperando que pensasse a mesma coisa. Por fim ela deu de ombros.

– Tá legal – falou, erguendo as mãos. – Eu vou para a sua casa depois da aula e a gente escreve. Mas só porque eu já mandei um monte de e-mails como esse não quer dizer que algum deles tenha dado resultado. Pelo menos não o resultado que eu queria.

– Bom – eu disse, sorrindo –, pra tudo tem uma primeira vez.

GrAcIoSaMENTE

24 DE OUTUBRO

Há muitas definições para a palavra *idiota* no dicionário. Não seja mais uma.

Finalmente temos a prova de que Dylan Crosby não participa de uma sociedade secreta de crentes! Soubemos disso em primeira mão pelo homem que afirma que rolou um Animal Kingdom *com ela no Prospect Park. Ideia dela. Ele – tá bom, George McDonnell – me pediu para não mencionar o nome dele, mas o cara merece o crédito. Enfim, para mim não parece tão virginal assim. Dylan pode não andar circulando por estas bandas, mas certamente andará por algum lugar.*

Certo, alguém poderia me dizer por que um dos clubes está pegando no pé de uma pobre aluna exemplar do segundo ano? Com aquelas merdas à moda antiga, de fazer arder no fogo do inferno. Qual é? Vamos lá, meninas, ela não

pode ter mandado tão mal assim.

E para aquela pobre aluninha do segundo ano que NÃO consegue captar a mensagem: não é só porque ele tem um sotaque bonitinho que as mentiras que ele conta viram verdade. Vamos lá, um pouco de dignidade, por favor. Está ficando difícil de assistir.

E por falar em dignidade – ou falta dela –, parece que Bethany Kane está mantendo a promessa de transar com todo o time de futebol. Só faltam três rapazes, dois dos quais talvez sejam gays. Pegue leve com eles, Beth.

Até mais, pessoal.

Kate

SLONE & THAYER

22 DE AGOSTO DE 1997

Daniel: Hoje? É nossa última noite como associados temporários...
Kate: Não dá
Daniel: Por quê?
Kate: Não estou no clima
Daniel: Acho difícil de acreditar
Kate: Vá à merda
Daniel: Geniosa...

28 DE AGOSTO DE 1997, 22H25

Para: rowan627@aol.com

De: Kate Baron
Re: Desculpe!

Perdi a minha chance? Você já partiu para o meio do nada sem acesso à internet? Espero que tudo continue indo bem para você. Só queria dizer que você não imaginou. Eu também senti. Talvez seja mais fácil dar mais importância às coisas quando já acabaram. Ou talvez não.

Enfim, gosto da ideia do farol. Bem que eu precisava de alguma luz agora.

Beijo,
Katie

2 DE SETEMBRO DE 1997, 2H19

Para: Kate Baron
De: rowan627@aol.com
Re: Desculpe!

Não me perdeu não! É ótimo ter notícias suas. Hoje não posso escrever, tem o Kobine – um grande festival local... De manhã escrevo mais.

Paz,
Rowan

Amelia

23 DE OUTUBRO, 18H32

AMELIA
vc ainda vem amanhã né?

BEN
acho que sim

AMELIA
eu PRECISO te ver. tudo está tão mal, eu preciso de um bom amigo

BEN

as coisas ainda estão ruins?

AMELIA

eh mas vão melhorar. a Sylvia vai me ajudar a escrever pra Dylan

BEN

escrever o quê?

AMELIA

um e-mail perguntando por quê

BEN

tipo pq ela é babaca?

AMELIA

ah não seja mau

BEN

mau? eh ela q te trata feito lixo. tem um limite tênue entre paixão e capacho

AMELIA

ok ok, irmãozinho protetor. onde a gente se encontra amanhã?

BEN

vc que manda, mas como eu disse, tenho q confirmar

AMELIA

vc vem a Grace Hall? talvez eu possa te mostrar algumas das pessoas depois da aula. promete q vem, não me deixa na mão q nem absolutamente todo mundo

BEN

vou fazer o melhor q puder

23 DE OUTUBRO, 18H42

SYLVIA

foi mal, atrasei. a caminho pra escrever a carta de amor lésbico

AMELIA

vc curte falar lésbica

SYLVIA

eu curto, L eh muito bom pra aliterações sensuais: luxúria, lânguida, lábios

AMELIA

vc estah me dando nojo

SYLVIA

então missão cumprida. daqui a pouco estou aí

Kate

29 DE NOVEMBRO

Ainda estava escuro, mal passava das cinco, quando Kate desceu a escada em busca do celular. Havia uma nova mensagem, enviada por Duncan durante a noite:

> Finalmente consegui rastrear o GrAcIoSaMENTE. Foi quase impossível, dá pra entender pq a escola não conseguiu. O endereço é Hoyt n. 891, Brooklyn, casa de uma mulher chamada Liv Britton. Se falar com ela, diga que um cara de informática em Manhattan tem um respeito imenso por ela. E se ela for bonitinha, me faz um favor e passa meu número.

Liv? A professora dedicada que supostamente gostava tanto de Amelia, que a incentivara a escrever e julgara ser inconcebível que ela se matasse, havia escrito todas aquelas coisas pavorosas sobre aqueles alunos, aquelas *crianças*. Escrevera sobre Amelia também. O que a mulher tinha na cabeça? Era para ser

uma das pessoas em quem eles podiam confiar.

Mas era uma mentirosa. Uma mentirosa que acusara Amelia de plágio.

Kate não descansaria até que Liv fosse demitida, talvez até processada – por difamação, abuso de autoridade... não importava. De uma forma ou de outra, todos saberiam o que ela fizera. Kate iria garantir isso.

Lew havia combinado de pegar Kate logo após as oito da manhã, mas, se ela precisasse esperar mais para confrontar Woodhouse e Liv, acabaria fazendo um buraco no chão da sala. Seu coração deu um salto quando ela ouviu uma batida na porta pouco antes das sete e meia. Rezou para que Lew tivesse se adiantado.

– Oi – disse Kelsey, quando Kate abriu a porta.

Parecia cansada e desarrumada, de calça de moletom larga. Os cabelos loiros e curtos estavam arrepiados atrás da cabeça, como se ela tivesse acabado de sair da cama. Tinha na mão o livro de alunos que Kate lhe dera.

– Eu o encontrei.

– Encontrou?

Kate havia pedido a Kelsey que procurasse o garoto que ela vira entrar em casa com Amelia, mas descartara a possibilidade de encontrá-lo de fato.

– Desculpe a demora – Kelsey disse, abrindo o livro na página em que tinha deixado o dedo preso. – É que ele não está no livro do ano e eu não tinha visto as páginas de novos alunos no fim do livro. Agora de manhã eu estava folheando de novo quando reparei nessa seção pela primeira vez.

Kelsey apontou para uma das fotos. Kate viu o nome embaixo dela.

– Ian Greene – disse em voz baixa. Reconheceu o nome em algumas das mensagens de Amelia. Era o namorado intermitente de Sylvia.

– É ele – disse Kelsey. – Sem a menor dúvida.

Certo, mas NÃO fale com NINGUÉM até eu chegar, Lew escrevera em resposta à mensagem de Kate, informando que não suportava mais esperar em casa e que o encontraria diretamente em Grace Hall. Kate não respondeu à instrução de Lew. Não queria fazer promessas que não seria capaz de cumprir.

Ela decidiu que ir caminhando devagar até a escola era um meio-termo razoável. Quando enfim chegou à Prospect Park West Street, já havia um fluxo constante de estudantes a caminho de lá. Todos gritavam, xingavam, se provocavam e riam. O amontoado de corpos era horrível, claustrofóbico – quase assustador. Kate nem acreditava que Amelia nunca tivesse reclamado. Enquanto marchava em meio à multidão, sentia o tempo todo como se um quebra-quebra sangrento estivesse a ponto de irromper. Só conseguiu respirar de verdade

quando saiu do meio das pessoas e foi para a lateral dos degraus diante do portão da escola.

De pé na beira da calçada, inspirando ar fresco, Kate o avistou: Ian Greene. Ela o reconheceu instantaneamente pela foto no livro de alunos. Bonito e seguro de si, caminhava a passos gingados com o braço sobre os ombros de uma menina loira bonita. Kate observou seu sorriso fácil e o andar confiante, de quem não tem nenhuma preocupação na vida.

A visão encheu Kate de uma fúria repentina – incontrolável, aterradora, cega. Alguém tinha que *pagar* pelo que acontecera com Amelia – Liv, Woodhouse, Dylan, as Magpies. Ian Greene.

Kate se adiantou e voltou a entrar no meio da multidão. Amelia era homossexual e Ian Greene estivera envolvido com sua melhor amiga. Qual poderia ser a razão para estarem juntos em uma casa vazia no meio do dia? A menos que *ele* não soubesse que ela era homossexual. Talvez, ao descobrir, Ian Greene tivesse ficado bravo com Amelia. Talvez na oportunidade seguinte ele não tivesse aceitado um não como resposta.

Talvez, talvez, Kate pensou enquanto abria caminho por entre a massa de estudantes, até ficar bem atrás de Ian. Ela sentia que os adolescentes a observavam. Escutou se perguntarem em voz alta o que ela estava fazendo ao entrar na sua frente e se misturar a eles. Quem era a mulher estranha ali sozinha?, queriam saber. Antes que algum funcionário fizesse a mesma pergunta, Kate estendeu a mão e tocou o ombro de Ian.

– Com licença – ela disse. – Você é Ian Greene?

Ele se virou para trás com uma expressão totalmente casual e imperturbável no rosto, como alguém famoso acostumado a ser abordado por estranhos.

– Sim, sou eu – respondeu, com sotaque inglês. Então estreitou os olhos, como se tentasse identificar Kate. – Desculpe, mas a gente se conhece?

– Eu sou a mãe da Amelia Baron – ela declarou, esperando que ele se sobressaltasse, mas não. – Posso falar um minuto com você?

– Ah – Ian disse, finalmente aparentando estar um pouco nervoso, mas não o bastante, na opinião de Kate. – Eu não posso me atrasar para a aula.

– É, e a gente tem prova de química – a menina se intrometeu, fazendo um círculo rude com o dedo na frente do rosto de Kate. – Então sabe, talvez outra hora.

Kate trincou o maxilar para não agarrar o dedo da menina.

– Por favor, Ian – pediu em tom mais gentil, mudando de tática na esperança de conquistá-lo por meio da compaixão. – Vai ser só um minutinho, prometo.

– É, só que um minutinho é tempo demais e... – A garota parou de falar

quando Ian a encarou, parecendo estar desconcertado com sua falta de educação. – Desculpa – ela disse, obediente.

– A gente se vê na aula, Susan – ele falou, dispensando-a. – Diga ao Sr. Hale que precisei resolver uma coisa. Em que posso ajudar, Sra. Baron? – Ian perguntou após Susan se afastar, enfiando as mãos bem fundo nos bolsos dianteiros.

Era um gesto jovial que não combinava muito com a maturidade que ele demonstrava. Como se talvez tentasse se passar por alguém mais vulnerável de propósito.

– O que você e a Amelia estavam fazendo na nossa casa em pleno horário escolar?

– Em pleno horário escolar? – ele perguntou. Estava se esforçando para se fazer de bobo, e não convencia nem um pouco. – Na casa da Amelia?

– Minha vizinha viu vocês – Kate disse. – Eu só quero saber o que aconteceu. Por que vocês estavam juntos.

– O que aconteceu? – Agora Ian estava com os olhos bem abertos. – Não está pensando que...

– Eu não acho que vocês estivessem fazendo sexo. Mas não entendo o que estavam fazendo juntos na nossa casa no meio do dia – Kate disse.

É claro que a possibilidade de drogas tinha passado por sua cabeça. Quase tudo parecia possível agora. E Ian certamente parecia ser do tipo sofisticado que se meteria com Deus sabe o quê.

– Seja o que for, não vou contar para ninguém. Só quero... preciso saber o que aconteceu com a minha filha. Preciso saber o que ela estava fazendo.

Ian fechou os olhos um segundo e depois olhou para mais longe, por sobre Kate, debatendo consigo mesmo. Finalmente, olhou para baixo e chutou o chão com um dos pés.

– Eu tinha recebido ordens do meu clube e a Amelia do clube dela. Para ser bem sincero, eu nem queria fazer aquilo. Foi ela que insistiu.

– Não queria fazer o quê? – Kate perguntou, com o coração acelerado.

– Tirar as fotos – ele disse em tom mais casual.

– As que foram publicadas naquele blog? – Kate perguntou.

Tentou se conter, mas só conseguia visualizar sua menina meiga se despindo e arrebitando o traseiro para aquele aluno de ensino médio atraente, de cabelos desgrenhados e cheio de si. Que diferença faria que sua filha fosse homossexual, se ele não era?

– Foi *você quem* tirou aquelas fotos da Amelia?

Observando Ian Greene e sua postura arrogante e displicente, Kate pensou em todos os rapazes que a tinham tratado como se ela valesse o que *eles* haviam

decidido. Todos os homens que ela deixara acreditar que era isso mesmo. Só conseguia pensar no quanto mais ela desejara para Amelia.

– Mas, como eu disse, não teve nada de errado – Ian falou sorrindo, ignorando a fúria que deve ter dominado o rosto de Kate e que agora ela sentia sair pelos poros. – Eu até acho que as fotos ficaram muito interessantes. E nem podia ser diferente, porque a Amelia estava em ótima forma. Com certeza não é preciso ser outra garota para saber valorizar.

Kate levou um minuto para perceber que dera uma bofetada nele. Com força, e mais de uma. Ian Greene exibia uma expressão de choque e tinha uma intensa marca vermelha no rosto, e ela sentia a mão latejar. Porém, assim que compôs a cena, tudo o que ela queria era continuar batendo nele. Queria surrá-lo até que alguma parte dela se sentisse melhor. E talvez tivesse feito isso se o segurança grande e gordo não tivesse corrido até eles e segurado seu braço.

– Calma lá, dona! – ele gritou, incrédulo. – O que acha que está fazendo?

– Ela bateu em um aluno – a Sra. Pearl disse para Lew. – Sem motivo e na frente de dezenas de testemunhas.

Estavam na sala da diretoria. A Sra. Pearl estava sentada atrás de uma enorme mesa de mogno, de onde observava Lew e Kate nas cadeiras menores do outro lado. Kate estava encolhida, agindo como uma aluna emburrada, enquanto Lew bancava o pai desapontado, porém protetor. Tinha os cotovelos apoiados nos joelhos e estava inclinado para a frente, como quem ouve com atenção.

– Sim, eu entendo – ele disse em tom amável. – Sem dúvida seria melhor se isso não tivesse acontecido, mas tenho certeza de que Kate está mais do que disposta a pedir desculpas a Ian e...

– *Desculpas?* – a Sra. Pearl sibilou. – Deve estar brincando, tenente. Ela *agrediu* Ian Greene. E digo mais: um menor de idade. Se não estou enganada, isso é *crime,* e o senhor é policial. O que não entendo é por que ainda não a prendeu.

Lew assentiu durante um longo minuto, os olhos fixos no chão.

– Está bem – disse por fim, como se não se importasse em fazer exatamente isso. – É claro que isso envolveria um julgamento. E, num julgamento, a Sra. Baron entraria com a defesa afirmativa de capacidade mental reduzida. – Balançou a cabeça, como se considerasse as implicações. – E a senhora sabe o que isso significaria.

A Sra. Pearl revirou os olhos.

– Não, tenente Thompson. Não sei. – Bateu o lápis contra a mesa três vezes. – Poderia fazer o favor de me iluminar?

– A Sra. Baron teria que apresentar tudo o que sabe sobre esses clubes secretos, incluindo as fotografias seminuas. – Fez uma pausa e girou os dedos como se fossem engrenagens. – Então, o advogado precisaria saber em detalhes como Amelia e o Sr. Green mataram aula para fazer a sessão de fotos. Imagino que os pais do rapaz não queiram que nada disso venha a público. Podem até chegar a pensar que ele merecia mesmo levar um tapa. Mas o que eu tenho certeza absoluta é de que os pais dos alunos de Grace Hall não vão querer que a escola pela qual pagam tão caro por a considerarem uma via de acesso para as principais universidades do país fique conhecida como o Cursinho de Pornografia. – Lew fez uma pausa e olhou bem fundo nos olhos da Sra. Pearl. – Ah, e haveria repórteres. Uma escola como esta envolvida num escândalo desses? O *Post* iria à loucura.

Kate teria dado um abraço em Lew se ele não estivesse tão palpavelmente desapontado com ela.

– Certo. – A Sra. Pearl batucou mais três vezes na mesa antes de se levantar. – Mas ela tem que sair daqui imediatamente, antes que cause mais estragos. E não pode voltar. Nunca.

– Preciso ver o Sr. Woodhouse primeiro – Kate disse, entrando em pânico.

Estava abusando da sorte, sabia disso, mas não podia sair da escola sem antes se encontrar com ele. Precisava olhá-lo nos olhos para saber se ele estava dizendo a verdade. E precisava ter respostas de Liv, *agora*.

– Quando falei com ele por telefone, ele disse que eu podia vir a qualquer momento. E também preciso discutir um assunto com Liv.

A Sra. Pearl deu uma risada de desagrado.

– Isso é uma piada, não é?

– Não, não é – Kate disse em voz baixa. – Entendo que o que fiz foi errado, mas isso não faz com que todas as perguntas que tenho sobre a Amelia desapareçam.

– Talvez devesse fazer com que *a senhora* desaparecesse, Sra. Baron – disse a Sra. Pearl. – Estou disposta a supor que sua conduta revoltante seja resultado de tudo o que passou, mas já extrapolou os limites da minha boa vontade.

Kate olhou ao redor.

– O Sr. Woodhouse está na escola? – Em tese, deveria estar, em sua sala. – Não está, não é? Será que ele está aqui em *algum momento*?

A Sra. Pearl olhou para Lew.

– Tenente Thompson, vou dizer pela última vez: *ela* precisa deixar o prédio da escola imediatamente.

Lew pôs a mão no ombro de Kate e a fez se levantar da cadeira.

– Vamos – ele disse. – Você precisa de um ar fresco.

– Não! – Kate gritou, livrando-se do braço dele. – Não saio daqui até conseguir respostas!

– Olhe para mim – Lew disse, aproximando-se dela e olhando-a bem nos olhos. Sua voz se tornara inesperadamente grave e assustadora. – Levante-se e saia da sala. Agora.

Kate desceu os degraus da entrada na frente de Lew, batendo os pés, e caminhou meio quarteirão a passos largos antes de parar e dar meia-volta.

– Então é isso?! – gritou. – Você está livrando a cara deles e pronto!

Lew parou na frente de Kate e respirou, cansado. Cruzou os braços com uma expressão entre a mortificação e a pena.

– Nem tive a chance de contar a você que é a Liv que escreve o blog *GrAcIoSaMENTE* – Kate prosseguiu. – O Duncan conseguiu rastrear. Uma professora escreveu todas aquelas coisas horríveis sobre as *crianças* para quem leciona. Escreveu maldades sobre a Amelia. É uma mentirosa. Mentiu bem na nossa cara. Talvez tenha mentido sobre o trabalho da Amelia também.

– Isso sem dúvida é algo pelo qual ela precisa responder.

– Bom, então podemos voltar e falar com ela? – Kate deu um passo em direção à escola.

Lew pôs a mão no braço dela.

– Você não – disse. – Já causou problemas demais por hoje. Se tivermos sorte, os pais daquele garoto não vão chamar a polícia. Se chamarem, eu não vou ter como impedir que você seja presa.

– Mas...

– Não – Lew disse com firmeza. – Eu vou voltar para falar com a professora. Vou questionar sobre o blog e o trabalho da Amelia. Mas você vai para casa. Descanse. Tente pôr a cabeça no lugar. Passo por lá quando terminar, para contar o que descobri. – Ele começou a se dirigir para a escola e então parou. Tirou do bolso um pedaço de papel e o entregou a Kate. – Quase esqueço. Vamos ter que esperar uma resposta da intimação à companhia telefônica a respeito das mensagens anônimas para você e a Amelia, mas o pessoal de TI rastreou um endereço que seria de Ben. Ele não mora em Albany.

Kate leu o endereço na folha: Quinta Avenida, número 968, 6C.

– O fato de o garoto ser daqui e ter se dado o trabalho de mentir sobre onde morava o põe de volta dentre os primeiros nomes da minha lista.

Kate não conseguia tirar os olhos do endereço. Por que um garoto de Manhattan mentiria, dizendo ser de Albany? Nenhuma das razões que lhe

ocorriam eram boas.

– Sua lista? – ela perguntou em voz baixa.

– De pessoas que vão continuar sendo suspeitas até provarem o contrário: Dylan, Zadie, o restante das Magpies, talvez até Woodhouse e a professora de inglês. Todos ainda estão na lista. Mas um garoto que mente sobre onde mora, sobre quem é, e depois diz que talvez vá se encontrar com a Amelia logo antes de ela morrer? Esse aí definitivamente tem muito que explicar – disse Lew. – Recebi esse endereço agora de manhã. Em breve devo ter os detalhes de quem mora lá. Esse endereço diz alguma coisa a você?

– Não – Kate respondeu, desejando que não fosse assim. – A gente vai falar com ele?

– Eu. *Eu* vou falar – disse Lew. – E desta vez não tenha ideias ridículas. Ir atrás de um moleque de Grace Hall é uma coisa, mas não fazemos ideia de quem é esse tal de Ben ou do que ele pode estar tentando esconder. Ser culpado torna qualquer um perigoso.

Quando Kate chegou em casa, havia um entregador subindo os degraus da entrada com uma caixa grande. Ela assinou o recibo e pegou a caixa com alguma hesitação, como se pudesse haver uma bomba dentro. Não suportaria ver mais documentos de Duncan. Já tivera a sua cota e ainda faltavam pilhas de mensagens de texto e alguns e-mails para ler. Uma vez dentro de casa, Kate olhou de relance para o bilhete que estava por cima.

Para: Kate Baron
De: Phillip Woodhouse
Pessoal e confidencial

Kate carregou a caixa pesada até a mesa da cozinha e ficou olhando para ela. Quando finalmente a abriu, encontrou pilhas de documentos xerocados, alguns escritos à mão, outros digitados. Havia também um bilhete de Woodhouse.

> Encaminho as minutas das reuniões do conselho administrativo da escola e registros da visita de Amelia à psicóloga de Grace Hall. Lamento por não ter me manifestado antes. Eu sentia que estava de mãos atadas, mas agora isso parece uma desculpa tola. Aceitei este emprego porque Grace Hall supostamente me ajudaria a abrir uma

> escola alternativa no Bronx. Agora percebo que isso também pode ter sido mentira. Sinto muito por não ter sido capaz de fazer mais para ajudar Amelia. O mundo se tornou um lugar mais sombrio sem ela.

Uma hora depois, Kate sabia mais do que jamais desejara saber sobre os clubes de Grace Hall e os esforços que haviam sido – ou que não haviam sido – feitos para acabar com eles. Aprendeu em particular sobre as Magpies, cujas integrantes se denominavam Maggies, como se via pelas mensagens de texto de Amelia e confirmando o que Kate suspeitara. Pouco depois das Magpies e dos outros clubes ressurgirem, um ano e meio antes, o conselho administrativo, sob a orientação de um advogado contratado por Adele Goodwin, dera à administração instruções rigorosas para fazer vista grossa. De acordo com esse advogado, que, de modo muito conveniente, nunca estava fisicamente presente e que Kate logo passou a desconfiar de que fosse a própria Adele, a ignorância seria a melhor defesa da escola contra responsabilidades futuras. A teoria professada por Adele era de que, como Grace Hall não conseguiria tolher todas as atividades dos clubes fora da propriedade da escola, a única alternativa viável era que a escola se distanciasse o máximo possível dessas atividades.

Segundo as minutas, alguns membros do conselho – sendo Woodhouse o mais veemente – demonstraram forte oposição. Woodhouse chegara a dizer que estava disposto a correr o risco de ser pessoalmente processado, se isso lhe desse a oportunidade de acabar com os clubes. Num dado momento, chamara as Maggies de “potencialmente mais destrutivas do que qualquer droga e certamente mais cruéis”. Mencionara os perigos dos trotes e os riscos do *bullying*, tudo disfarçado sob um véu de sigilo. Até ameaçara se demitir.

Contudo, ao longo de uma série de reuniões que se estenderam durante toda a primavera anterior, Adele fora vencendo os outros membros do conselho administrativo. Sua abordagem mais eficaz consistira em usar as próprias palavras de Woodhouse contra ele. Se os clubes eram potencialmente tão perigosos, ela argumentara, Grace Hall poderia ser julgada responsável se cometessem alguma infração. Porém, a escola e sua administração só poderiam ser responsabilizadas se tivessem *ciência* dos clubes. Os esforços agressivos para remover os clubes da escola – ameaças com suspensões acadêmicas pela participação ou violações do código de conduta para alunos que não entregassem outros colegas, que Woodhouse continuava a defender –, alertara Adele, seriam na realidade uma admissão implícita da responsabilidade da escola, e, portanto, um risco.

Quando o conselho escolar relutantemente concordou, Woodhouse mais

uma vez ameaçou se demitir se não lhe permitissem agir contra os clubes. A única resposta registrada fora a de Adele, e quem quer que estivesse lavrando as atas havia transcrito cada palavra:

> Talvez você devesse dar uma olhada no seu contrato, Phillip. Vai descobrir que não precisa se demitir. Nós podemos despedi-lo por escolher um curso de ação incompatível com os desejos deste conselho administrativo. Perderia o emprego e os benefícios e teria que devolver o valor das despesas da sua mudança. Sem falar na indenização rescisória que temos o direito de exigir. O valor está previsto no seu contrato. É bom que confirme, mas eu acho que ele chega a uns bons seis dígitos. É muito dinheiro só para provar seu argumento, ainda mais um argumento que, após você ser demitido, nunca vai poder provar mesmo.

As minutas não forneciam detalhes sobre a expressão facial de Adele, claro. Mas, tendo a conhecido, Kate a imaginou: linda, porém venenosa. Também não havia nenhuma menção a Zadie ou nenhum outro estudante, mas não era necessário. Era óbvio que Adele não agia no interesse da escola e sim no interesse de uma menina que ela não era capaz de controlar.

O último conjunto de minutas que Kate examinou era o da reunião realizada imediatamente após a morte de Amelia, quando o conselho decidira implementar as medidas de segurança. “Woodhouse pensa ser cedo demais para confirmar o suicídio”, dizia o registro. Em seguida, Adele pedira para que a reunião ficasse em *off*. Quando voltara a ser registrada nas minutas, a discussão havia avançado. Segundo os registros, Woodhouse não voltara a falar.

Kate ainda estava olhando os documentos quando ouviu uma batida à porta.

Lew estava do outro lado.

– Falou com a Liv? – Kate perguntou ao abrir a porta.

Ele fez que sim com a cabeça, pesaroso.

– Ela disse que pensava que aquilo a aproximaria dos alunos e que não queria fazer mal a ninguém.

– Só isso? Essa é toda a explicação?

– Não olhe para mim – Lew disse, balançando a cabeça. – Não fui eu que dei a desculpa.

– Mas, se ela sabia de tudo aquilo, sabia o que as Maggies estavam fazendo

– Kate disse. – Podia ter impedido tudo. Por que não fez nada? Ela é responsável.

– Você tem razão – disse Lew. – Ela sabe disso. Não é o bastante, mas ela vai ter que viver com isso pelo resto da vida.

facebook

23 DE OUTUBRO

Amelia Baron

“Ela se sentia muito jovem; e, ao mesmo tempo, inacreditavelmente velha.” Virginia Woolf, Mrs. Dalloway

Amelia

24 DE OUTUBRO

– Tchau, mãe! – gritei enquanto atravessava a cozinha correndo em direção à porta.

– Ei! – ela disse, levantando a vista do *The New York Times* que estava espalhado a sua frente, sobre a bancada da cozinha. Vestia *tailleur* e tinha o cabelo preso, bem esticado. Reunião importante, tribunal... Eram os únicos motivos para ela estar tão arrumada. – Por que tanta pressa?

– Por nada – respondi, ofegando ao dar a volta para pegar uma maçã. – Só tenho que encontrar a Sylvia.

Passei um braço em volta de seu ombro e a apertei rapidamente.

– Espere um pouco, Amelia. – Ela parecia desconfiada. – Achei que você quisesse conversar sobre o semestre em Paris. Reservei um tempo. Vamos falar disso agora, enquanto estou aqui.

Demorei um segundo para entender do que ela estava falando, mas então

me lembrei: o plano inusitado de Ben para fugir da escola e me esconder na Europa. Quase havia esquecido.

– Não tem problema – eu disse, me dirigindo para a porta. – Deixa pra lá.

– Amelia, não fale assim. A gente realmente pode conversar sobre esse assunto. – Agora ela parecia preocupada. – A ideia de você passar tanto tempo longe não me entusiasma, mas estou disposta a ouvir de mente aberta. Ontem eu estava com pressa, mas percebi quanto isso é importante para você. Por favor, não se feche para mim.

Minha mãe tinha uma expressão intensa no rosto, como se tivesse passado boa parte da noite acordada, pensando naquilo. Eu me senti mal por ela. Sempre se preocupava pelos motivos errados. E nem era culpa dela. Eu poderia ter lhe contado tudo. E provavelmente deveria, como a Dra. Lipton me disse. Mas agora já não tinha muita importância. Eu estava otimista. Tudo iria acabar bem.

– Não é mais importante, mãe. Sério – insisti, olhando-a nos olhos. – Eu fico numa boa se não for. Melhor do que numa boa; eu quero ficar.

– Tem certeza?

– Tenho, mãe, totalmente. Absoluta.

– Está bem – ela disse, me abraçando com força. Ainda não parecia acreditar em mim. – Desde que você tenha certeza.

Eu estava me sentindo bem na caminhada até a esquina para me encontrar com Sylvia. Minha mãe e eu voltáramos a falar a mesma língua e eu até tinha decidido deixar de lado toda a história de quem era meu pai. Após concluir que eu não queria mais ler os diários da minha mãe, escolhi não me importar com quem ele realmente era. Eu passara a vida toda sem saber. Que diferença faria se soubesse agora? O fato de que as mensagens sobre ele haviam parado também ajudava. Eu até contara tudo sobre Dylan e as Magpies para Sylvia, e ela havia me perdoado. Nada mais de segredos, nada mais de me sentir mal. Para completar, o dia estava ensolarado e já quase quente, como se estivéssemos no início da primavera em vez de no final do outono. Tudo isso parecia um sinal. De que talvez tudo fosse dar certo. De que meu e-mail para Dylan talvez até fizesse as coisas voltarem a ser a realidade incrível que haviam sido.

Talvez eu mesma pudesse ter pensado nas respostas, sei lá, como a Dra. Lipton tinha me instruído, mas era bem mais preciso ir diretamente à fonte. Não que eu fosse conquistar Dylan de volta nem nada. Quero dizer, se isso acontecesse, seria bom, ou ótimo, tanto faz. Mas, primeiro, Dylan teria que explicar muita coisa.

Eu não contara essa parte para Sylvia ou Ben. Dissera que não voltaria com

Dylan em hipótese alguma. Era isso que eles queriam ouvir. Aliás, Sylvia me fizera prometer que não era isso o que eu queria antes de me ajudar a escrever o e-mail. Ela disse que não iria ficar parada e deixar que eu passasse recibo de otária por causa de uma garota que definitivamente não me merecia. Ficou repetindo isso, que Dylan não era boa o bastante para mim, enquanto escrevíamos o e-mail. Disse umas cem vezes, como se fosse uma espécie de feitiço. Eu sabia que ela estava tentando ajudar, mas era meio irritante. *Realmente irritante*, na verdade, ainda mais vindo dela. Afinal, ela deixara, sei lá, um milhão de garotos a tratarem feito lixo ao longo dos anos.

Mas havia valido a pena aguentar Sylvia pegando no meu pé, porque o e-mail que ela escreveu para Dylan era sensacional. Sylvia sabia mesmo chegar ao cerne da questão sem parecer totalmente desesperada. E nem tudo era simpático. Algumas partes eram até um pouco fortes, o que me deixou pensando se Sylvia conseguiria ser tão dura com qualquer um dos homens da vida dela. Mas ela me convenceu de que a estratégia de morder e assoprar era a recomendada. Se você agisse como se não estivesse disposta a aguentar desrespeito de ninguém, a pessoa desejava você mais. Ao menos era assim com os garotos, segundo Sylvia. Talvez fosse diferente com as meninas, mas ela achava que não.

Após Sylvia ir embora, adicionei algumas linhas mais amenas ao e-mail, dizendo que Dylan era a primeira pessoa por quem eu me apaixonara e que sempre seria essa pessoa. E, logo antes de clicar em Enviar, acrescentei uma linha, bem embaixo: Eu acho que consigo esquecer tudo de ruim que aconteceu. Só quero que fiquemos juntas de novo.

Sylvia não teria gostado daquele trecho. Nem Ben. Diriam que me fazia parecer carente e desesperada. Talvez em parte fosse verdade. Dylan dissera uma vez que achava isso bonitinho. E, sinceramente, eu sentia saudade dela. E aquele e-mail talvez fosse minha última chance de reverter a situação. Não podia arriscar *não* dizer tudo o que eu sentia. Cruzei os dedos e cliquei em Enviar.

– Alguma notícia? – Sylvia perguntou quando nos encontramos na esquina.

– Não sei – respondi. – Bom, não até eu sair.

– Vai, olha de novo – disse Sylvia. Parecia estar quase tão ansiosa quanto eu.

Peguei meu iPhone quando viramos na Prospect Park West e entramos no tráfego insano de estudantes. Olhei à minha volta antes de verificar meus e-mails. Não queria que Dylan me visse obcecada. Até *eu* tinha mais orgulho do que isso. Mas minha caixa de entrada estava vazia, com exceção de uma nova mensagem de Ben.

– Nada.

Eu realmente não pensava que Dylan fosse responder àquela hora, quando todos estavam a caminho da escola, mas bem que gostaria. Sylvia e eu continuamos andando sem falar mais nada, eu olhando para o celular, ela olhando para suas botinhas pontudas, até que George McDonnell passou correndo e deu um tapa bem forte na bunda de Sylvia.

– Idiota! – ela gritou para ele, mas estava sorrindo um pouco quando se voltou para mim. As coisas com Ian podiam não ter terminado completamente, mas ela já estava pensando em novas opções. – Talvez ela ainda não tenha visto – disse Sylvia, mas o tom de voz não era dos mais convincentes. – E, se ela não responder, ela é mesmo uma estúpida, o que, convenhamos, não seria uma grande surpresa. Afinal, ela é a melhor amiga da Zadie.

As sobrancelhas de Sylvia se ergueram, em uma expressão esperançosa. Estava tentando fazer com que eu me sentisse melhor.

– É – falei ao subirmos os degraus da entrada, pois não fazia sentido lhe dizer que não estava me ajudando. – Com certeza.

Quando passamos pelos portões da escola no meio da multidão, vi Carter e George um pouco mais à frente, olhando para nós. Depois reparei em outros colegas da nossa turma – Kylin, Matt S., Raoul –, que também nos olhavam. Quanto mais eu observava à minha volta enquanto andávamos, mais tinha a impressão de que todos olhavam para nós. Ou para mim. Sim, parecia que todos olhavam para mim. Também faziam aquilo de sussurrar e concordar com a cabeça, como as Maggies tinham feito. Só que as Maggies faziam aquilo para que eu soubesse que diziam algo de ruim a meu respeito, enquanto essas pessoas pareciam não conseguir se conter. E, quanto mais eu olhava, mais pessoas notava – sempre sussurrando e me fitando.

– Por que está todo mundo me olhando? – perguntei para Sylvia, andando para trás até ficar contra a parede da rotunda, perto da fotografia medonha da *stripper*. Era um lugar ruim para ficar.

– Como assim? – Sylvia perguntou, olhando ao redor. Ela viu o mesmo que eu, mas tentou não transparecer. – Ninguém está olhando pra você.

Só que claramente estavam, e ela sabia. Senti a garganta apertar ao encontrar os olhos de um aluno após outro – todos dando risadinhas, com sorrisos tortos. Alguns eu conhecia. Outros não. Os que eu conhecia meio que tentavam disfarçar, mas eu ainda via a risada em seu olhar.

– As meninas da Grace! – alguém gritou do meio da multidão. – Cheias de amor!

Algumas pessoas acompanharam com gritinhos.

– Ah, moleque! – alguém exclamou.

– Põe no YouTube, cara!

– Shhh! – sibilou a Sra. Pearl, aparecendo na rotunda como um fantasma. Tinha o longo dedo cinzento estendido na frente do longo rosto cinzento. – Baixem a voz! Estão dentro da propriedade, e isto é uma *escola*. Demonstrem algum respeito. E esses telefones têm que ser desligados e *guardados*, ou eu os recolherei e não vou devolvê-los, nunca!

– Saca só a Pearly – alguém caçoou –, roubando telefones.

Seguiu-se uma onda de gritos e gargalhadas.

Os olhos de Sylvia estavam redondos e enormes. Não havia como negar. Ela definitivamente percebia também. Ficamos ali, de pé contra a parede, enquanto as pessoas ignoravam os brados esganiçados da Sra. Pearl a respeito dos celulares e continuavam passando-os de mão em mão, arrastando os dedos nas telas e lendo. De tempos em tempos, erguiam a vista e olhavam diretamente para mim.

De repente, Sylvia pegou meu braço.

– Vamos sair daqui – disse, me puxando por entre a multidão, empurrando as pessoas pelo caminho. – Saiam da minha frente, seus idiotas de merda!

Meus pés pareciam estar pesados e imensos, e eu ia tropeçando enquanto Sylvia me arrastava pelo corredor, na direção das salas da diretoria. Na metade do caminho, ela virou e entrou na enfermaria. A enfermeira, Sra. Appleman, se levantou sobressaltada da mesa, onde folheava uma brochura de promoções da Macy’s. Pôs uma mão sobre a clavícula ossuda.

– O que houve? – Parecia aterrorizada com a perspectiva de enfrentar uma emergência médica de verdade.

– Ela está com tontura, está menstruada – Sylvia disse. – Precisa se sentar aqui uns minutos. – Então se voltou para mim. – Fique aqui, já volto.

Quando Sylvia desapareceu pela porta, a Sra. Appleman se reclinou para trás ainda mais, agarrando o canto da mesa como se temesse que eu tivesse ebola.

– Tem certeza de que é só a menstruação? – perguntou.

O vozerio dos estudantes no corredor foi diminuindo à medida que se dirigiram para as aulas do primeiro tempo. Eu sabia o que Sylvia tinha ido fazer: ver com os próprios olhos o que todos estavam olhando nos celulares. Ela deduzira o mesmo que eu, que uma mensagem coletiva fora disparada. Algo a meu respeito. As Maggies enfim haviam cumprido com a antiga ameaça de enviar uma foto minha, seminua, para todos. E o pior era que eu nem tinha contado para Sylvia sobre as fotos, pois tivera vergonha demais. E agora todos saberiam.

De repente, me senti mal de verdade – com tontura e calor. As palmas das

mãos suavam e meu rosto formigava. Eu me deixei cair com força na maca de couro dura, amassando o forro de papel.

– Você vai vomitar? – a Sra. Appleman perguntou, com voz esganiçada. – Por favor, tente chegar até o banheiro.

Neguei com a cabeça e olhei para a porta. Sylvia estava demorando muito. O que quer que fosse, era muito ruim, a ponto de ela nem querer voltar e me contar. Eu mesma poderia olhar. O celular estava na minha bolsa e certamente eu também recebera a mensagem. Mas precisava ouvir de Sylvia a versão editada. Fiquei ali, olhando para a porta, esperando.

Quando a porta enfim se abriu, Sylvia entrou devagar, arrastando os pés. Nem olhou para mim.

– O que você descobriu? – perguntei.

– Se você estiver se sentindo melhor – disse a enfermeira, em um tom de voz subitamente agressivo –, as duas podem ir conversar no corredor. Esta sala está reservada para alunos que realmente estejam doentes.

Sylvia e eu a ignoramos e nos olhamos nos olhos, até que Sylvia se virou e caiu sentada ao meu lado na maca dura. Respirou fundo, então apoiou os antebraços nos joelhos e olhou para baixo.

– O seu e-mail pra Dylan. Alguém repassou – disse em voz baixa. – Tudo.

Após a Sra. Appleman finalmente nos enxotar, os olhos nervosos de Sylvia vasculharam o corredor vazio, estudando a área.

– Eles todos que se fodam – ela disse. – Enfim, você sabe que todo mundo vai ter esquecido isso quando outro *GrAcIoSaMENTE* sair.

Observei Sylvia enquanto ela continuava a olhar para o corredor. Nunca a tinha visto tão nervosa. Ela sabia tanto quanto eu que as pessoas não iriam se esquecer de uma mensagem como aquela tão cedo.

Já seria constrangedor se o meu e-mail fosse para um garoto ou se todos já soubessem que eu era homossexual. Mas ser exposta por meio da minha mensagem carente? Os alunos de Grace Hall fariam aquilo render durante anos. Eu queria morrer. Queria que meu coração parasse de bater. Fechei os olhos e torci para que isso acontecesse.

– Eu vou ficar bem – falei para Sylvia após um minuto. Era mentira, claro. Mas eu queria que ela fosse embora. Precisava ficar sozinha. – Você tem que ir pra aula. Se você se atrasar mais uma vez, vai ser suspensa.

– Ei! Onde pensam que estão, no Club Med? – Will gritou para nós do fim do corredor. – Já para a aula, ou para a sala da Sra. Pearl. Vocês escolhem.

Quando dei por mim, estava sentada na aula de Liv e ela lia um trecho de *O som e a fúria*. Nem me lembrava de sair do corredor. Mas lá estava eu, e lá estava Liv, falando sobre o próximo livro que iríamos ler. Dizia algo sobre a estrutura narrativa. O mais estranho de tudo era ela falar como se aquilo tivesse alguma relevância e não fosse apenas mais um livro idiota.

Heather e Bethany também estavam na aula de Liv; sentavam-se no canto oposto da sala, perto das janelas. Senti seus olhares em mim durante todo o tempo em que Liv falou. O tempo todo eu rezava para desaparecer.

Eu havia escrito que amava Dylan. Que queria que ela também me amasse. O que não era o caso, óbvio. E agora o mundo todo sabia.

Precisava sair da escola. Precisava fugir e nunca mais voltar.

Ben. Talvez ele ajudasse. Como, eu não tinha ideia. Mas ele estava para vir. Pelo menos prometera que tentaria. Se eu o convencesse a vir agora, ele me ajudaria a esquecer todo mundo em Grace Hall. Ben tinha a capacidade de fazer tudo não parecer tão mal. Meio triste, mas uma tristeza engraçada, não trágica.

Percebi então que as pessoas estavam se levantando para sair. A aula devia ter terminado. Eu nem notara que Liv tinha parado de falar. Fiquei no meu banco para mandar uma mensagem rápida para Ben e ver se ele poderia vir logo para o Brooklyn.

Quando ergui os olhos, Heather e Bethany estavam passando pela minha carteira, de braços dados, e, sem emitir som, moveram os lábios, articulando *sapatão,* enquanto se dirigiam lentamente para a porta. Eu apenas fiquei imóvel, encarando-as.

Tive a sensação de sair do meu corpo e ficar de pé ao meu lado, balançando a cabeça. Como tinha me tornado esta pessoa? A pessoa no centro de um furacão imbecil de fofocas? Antes fora outra pessoa, alguém que jamais teria entrado para um clube nem corrido atrás de uma garota que não a queria. Que jamais se deixaria humilhar.

Você está em NY?, escrevi para Ben.

Fiquei ali sentada, sem fôlego, esperando que ele, minha rota de fuga, respondesse. Demorou uma eternidade.

BEN

estou na Times Square!! que máximo!! AMO NY!!!

AMELIA

quando vc pode vir pro Bklyn?

BEN

não sei. talvez não possa. vc sabe q eu quero, mas...

AMELIA

POR FAVOR. Vc tem q vir

Digitei o endereço da escola e acrescentei que entenderia se ele não pudesse vir. Por mais que eu quisesse vê-lo aqui, não queria que ele se sentisse mal por aproveitar o dia com o pai. Nada disto era culpa ou problema dele. Nem de Sylvia, por mais que eu torcesse para que ela pudesse dar um jeito de me salvar também.

Fora *eu* que fizera a estupidez de me juntar às Maggies. Fora *eu* que adicionara todas as outras coisas ao e-mail, mesmo depois de Sylvia deixar claro que era uma péssima ideia. E, no fundo, eu sabia que ela estava certa. Entretanto, lá no fundo, no mesmo lugar, eu ainda rezava para que houvesse alguma explicação mágica que fizesse com que o e-mail disparado para todo mundo não fosse culpa de Dylan.

– Amelia? – Liv perguntou.

Balancei a cabeça e levantei os olhos. Estava tão distraída que tinha ficado ali sentada, no meio da sala de aula, com meu celular totalmente exposto. Uma coisa era que Liv ignorasse uma mensagem rápida, mas eu devia ter guardado o aparelho. Não queria que ela pensasse que eu tirava vantagem dela porque éramos amigas, sei lá.

– Desculpe – falei, enfiando o telefone de volta na bolsa. – Eu só estava mandando uma mensagem para a minha mãe. Ela pediu que eu respondesse logo.

Liv balançou a cabeça.

– Não estou falando do telefone. – Ela parecia não estar passando muito bem quando se sentou na cadeira à minha frente. Por um segundo, senti vontade de lhe contar tudo. – Temos que conversar sobre o seu trabalho sobre o *Farol*.

– Sei que o que eu escrevi não foi exatamente o que a gente tinha discutido – falei, me sentindo um pouco melhor por falar sobre o trabalho. Fazia com que Dylan, o e-mail, tudo aquilo parecesse um sonho estranho e horrível. – Mas

achei que não teria problema, desde que eu caprichasse.

Liv franziu a testa.

– O tema do seu trabalho não é o problema.

– Não ficou bom? – Era impossível ela dizer isso.

– Ficou, Amelia. Essa também não é a questão. – Ela inspirou fundo, um pouco trêmula. – Não era o *seu* trabalho. Esse é o problema.

– Do que você está falando?

– Passei o seu trabalho por um programa feito para detectar duplicações de obras publicadas. Todos os professores de Grace Hall fazem isso. É obrigatório a partir deste ano. De qualquer forma, o seu trabalho voltou com várias partes em destaque. Amelia, o trabalho que você entregou é plagiado.

– De jeito nenhum! – Meu coração estava acelerado. – Eu escrevi aquele trabalho!

Liv franziu a testa e parecia triste. Por mim.

– Você não é disso, Amelia. Eu sei que não é – ela disse, me olhando como se pedisse que eu confessasse algo. – Se você me contar o que aconteceu, a gente pode encontrar uma solução. Mas você tem que começar me dando uma explicação.

Durante um instante, pensei que talvez eu estivesse enlouquecendo. Que talvez eu tivesse copiado partes do trabalho de outra pessoa e não me lembrasse. Foi então que me ocorreu: as Maggies. Claro, foram as Maggies. Bethany era assistente de Liv. Ela devia ter dado um jeito de trocar meu trabalho.

Mas como contar isso para Liv? Elas – Zadie – tinham dito que torturariam Sylvia e arruinariam a vida dela se eu as delatasse. Eu sabia em primeira mão como as torturas das Maggies eram pesadas. Sylvia jamais sobreviveria. Após tudo o que ela havia feito – principalmente ficando do meu lado apesar de eu ter sido uma péssima amiga –, eu não podia empurrá-la para a toca dos lobos. Eu teria que assumir a culpa e deixar o mundo saber que era uma trapaceira.

– Eu quero ver – disse. – As partes que copiei.

– Está bem, Amelia – Liv disse amavelmente, levantando-se para ir buscar o trabalho.

Voltou com um conjunto de páginas grampeadas. Meu nome estava nelas, mas fora isso não era o meu trabalho. Nem sequer o título. Virei as páginas, olhando-as. Havia seções destacadas, sombreadas como se por um programa de computador, com a fonte real digitada nas margens.

Enviar minhas cartas de amor particulares para a escola inteira não fora o bastante? Zadie tinha que fazer isto também? Eu sentia como se alguém tivesse escavado um buraco bem no centro do meu corpo, como se agora eu não tivesse mais nada no meio, apenas um espaço vazio. Contudo, sem saber como, eu me

mantinha de pé.

– Amelia, *por favor*, me diga o que está acontecendo – pediu Liv. – Se não me der uma explicação, vou ter que reportar isto ao Sr. Woodhouse como violação do código de conduta. Não quero fazer isso, acredite. Mas, se não fizer, eu perco o emprego. Se você explicar, talvez eu encontre uma saída para nós duas. Isto aqui não é você, Amelia. Eu sei que não é. Amelia, olhe para mim.

Eu apenas neguei com a cabeça e continuei olhando para baixo. Era isso. As Maggies tinham vencido. Zadie decidira arruinar a minha vida e conseguira. Agora só me restava aceitar a derrota. Ficar estendida no chão da sala de aula e esperar que levassem embora meu corpo sem vida.

Amelia

24 DE OUTUBRO, 12H02

AMELIA
pfv diga q está vindo

BEN
difícil, mas continuo tentando.

AMELIA
por favor, eu preciso de vc

BEN

to tentando...

AMELIA

soh isso? tentando? eu digo q preciso de vc aqui e vc soh diz isso? pô! até vc está mentindo?

BEN

mentindo?! eu só tinha dito q ia tentar. não posso mandar meu pai cair fora

AMELIA

foi mal, vc tem razão; tem mta merda rolando

BEN

o quê?

AMELIA

as maggies mexeram no meu trabalho de inglês, agora dizem q eu colei

BEN

como mexeram?

AMELIA

sei lá

BEN

elas q se danem... eu queria estar aí p/ ajudar

AMELIA

não quero q vc tenha problemas c/ seu pai

BEN

vc eh mais importante do q meu pai ficar meio bravo; vc eh mais importante q quase tudo

AMELIA

obrigada :) eu estava precisando

facebook

24 DE OUTUBRO

Amelia Baron

“sozinha, condenada, abandonada, como alguém à beira da morte, havia algo de luxuoso naquilo, um isolamento elevado; uma liberdade que os acompanhados não podem conhecer.” Virginia Woolf, Mrs. Dalloway

George McDonnell já ouviu falar de Lexapro?

Kate

19 DE OUTUBRO DE 1997, 3H56

Para: Kate Baron
De: rowan627@aol.com
Assunto: Última tentativa...

Oi, Katie,

Pensei em dar um último alô antes de me embrenhar no interior do país... Espero que você esteja bem. E não se preocupe. Não vou ficar te perseguindo nem agindo de forma estranha se você não me responder. Eu entendo, de verdade. Pegue leve e fique bem. E, se algum dia você vier parar deste lado do mundo, me procure.

Vou estar sempre com um olho aberto e uma luz acesa.

Paz,
Rowan

20 DE OUTUBRO DE 1997, 9H15

Para: rowan627@aol.com
De: Kate Baron
Res.: Última tentativa...

Rowan,

Desculpe por eu não ter mantido contato e obrigada por escrever. Eu adorei conhecê-lo e conversar com você . Mas aconteceu algo na minha vida, algo inesperado. Enfim, tudo mudou do meu lado. Preciso tirar um tempo para pensar só em mim.
Desejo a você o melhor em tudo. Você tem uma alma linda. Sinto que tive muita sorte por conhecê-lo.

Um abraço,
Katie

Kate

29 DE NOVEMBRO

Kate se sentou em um banco úmido do outro lado da rua do número 968 da Quinta Avenida. Estava escuro, passava das oito da noite. Talvez não fosse o lugar mais seguro para se ficar sentada sozinha, na orla do parque, à noite, mas era discreto e tinha uma boa vista da entrada do prédio. Kate ainda não sabia ao certo o que iria fazer. Contudo, tinha certeza de que, quando Lew fora embora instruindo-a a ficar em casa, ela sabia que o desapontaria de novo.

Alguns minutos depois, Kate atravessava a rua e um porteiro alto e elegante gesticulava para que ela entrasse no saguão, fazendo-a pensar por um segundo que talvez pudesse subir direto, sem ter que se explicar para ninguém. A ilusão durou pouco.

– Qual apartamento? – o porteiro perguntou, contornando Kate e fazendo-a parar ao se dirigir ao interfone.

– Ah. – Kate sentiu que tinha cara de culpada. – 6C.

O porteiro a olhou e estreitou os olhos enquanto pegava o interfone e digitava alguns números.

– Nome?

– Como?

– O seu *nome* – o porteiro perguntou, arrastando a palavra. Parecia já estar considerando mandá-la para a rua.

Talvez fosse o melhor, pois qual era exatamente o plano de Kate ao subir o elevador? Iria exigir para falar com o tal de Ben?

O que faria quando dissessem que lá não morava nenhum Ben? Mas isso nem importava. No segundo em que o porteiro falasse com quem quer que morasse no 6C e descobrisse que a pessoa não fazia ideia de quem ela era, ela só iria para a própria casa.

– Kate Baron. – Deu um sorriso forçado. – É o meu nome, Kate Baron.

O porteiro não pareceu muito convencido de sua confiança recobrada. Manteve os olhos fixos em Kate enquanto anunciava sua chegada à pessoa que atendera do outro lado.

– Está bem – ele disse, olhando para baixo. – Claro, eu entendo.

Kate prendeu a respiração e se preparou para aguentar a humilhação de ser impedida de entrar. Mas, de certo modo, seria um alívio também. Seria o destino intervindo para salvá-la de si própria. Em vez disso, o porteiro apontou para os fundos do saguão.

– Pegue o último elevador.

O coração de Kate estava acelerado quando as portas douradas do elevador se abriram, exibindo um corredor luxuoso. Ela saiu e viu uma mesinha encostada na parede, debaixo de um imenso espelho de moldura dourada. Kate deparou com seu reflexo. O rosto estava pálido e abatido, os cabelos estavam sem cor. Havia quanto tempo que ela estava naquele estado decrépito? Desde a morte de Amelia? Ou desde antes?

Talvez a dor tivesse comprometido seu cérebro também, pois aquilo – o que ela estava fazendo – era errado. Não podia aparecer assim no endereço daquele tal de Ben. Ela já fora uma pessoa racional. No fundo, ainda era. Sabia que o fato de o apartamento ser excepcionalmente bonito não eliminava a possibilidade de abrigar um psicopata. Kate precisava de Lew. Não tinha nada que fazer ali. Nada. Aquilo não fazia sentido e só atrapalhava.

Ela deu meia-volta e apertou o botão para descer. Felizmente, as portas do elevador voltaram a se abrir imediatamente. Estava prestes a entrar quando ouviu a porta do apartamento.

– Kate? – uma voz de mulher a chamou do corredor. – Aonde você vai?

Quando Kate se virou, Vera estava de pé no fim do longo corredor, esbelta e musculosa, vestindo calça de yoga e top, com os cabelos pretos compridos presos em um rabo de cavalo baixo. Caminhou pelo corredor descalça, na direção de Kate. O maxilar forte e bonito estava desviado para o lado e os enormes olhos castanhos semicerrados de preocupação.

Vera. Jeremy. O novo apartamento. O que Kate nunca visitara.

As mensagens tinham sido mandadas por um dos filhos de Jeremy. Amelia poderia facilmente ter conhecido um deles em algum lugar. O mundo das escolas particulares de Manhattan e Brooklyn não era tão grande. Poderiam ter se visto no piquenique da empresa do ano anterior. Mas por que um dos filhos de Jeremy mentiria a respeito de quem era?

– Você está bem, querida? – Vera perguntou em tom gentil. Agora estava bem na frente de Kate, com a mão em seu antebraço.

Kate assentiu com veemência demais e por tempo demais. Não conseguia se lembrar de Jeremy ter mencionado que algum dos filhos fosse gay, mas talvez não tivesse por que mencionar. Ou, como Kate, talvez nem soubesse.

– Vou ser sincera, você não parece estar muito bem – disse Vera, conduzindo Kate para o apartamento. – Entre e sente-se um pouco. Vou lhe dar um copo d'água.

Vera abriu a porta e as duas entraram na ampla sala de estar. Uma imensa parede de janelas dava para a escuridão do parque e, ao longe, as luzes do Upper West Side. Em um extremo havia uma lareira, que separava a enorme sala de jantar de um lado e um piano de cauda do outro. Entre eles, havia espaço suficiente para jogar basquete e cerca de metade da quantidade de mobília para preenchê-lo adequadamente.

– Venha, vamos nos sentar na cozinha – disse Vera. – É mais aconchegante. Isto aqui ainda é uma obra em progresso.

– Eu tinha esquecido que vocês haviam se mudado – disse Kate ao se sentar em um dos bancos ao longo da imensa ilha de granito da ampla cozinha.

Não sabia se podia chegar assim e conversar com Vera. Não sabia se Vera tinha lido o site *dentro-da-lei* e, caso tivesse, se ligara aquilo a Kate.

– Sabe, às vezes eu adoraria esquecer que nos mudamos, também – disse Vera. – Não quero parecer uma ingrata, mas tem horas que é grande demais. Jeremy! – ela gritou erguendo o queixo, voltando em seguida a sorrir para Kate. – Ele foi se trocar. Já está vindo.

– Ai, mil desculpas por incomodar vocês – disse Kate. Sua voz mal passava

de um sussurro. Era difícil falar com a garganta tão apertada. – Sei que está meio tarde.

– Imagine – disse Vera, gesticulando com a mão. – Considerando até que horas o Jeremy deixa todos vocês no trabalho, é bom ele ser incomodado de vez em quando.

– Obrigada pela água – disse Kate, tentando afastar a conversa de Jeremy. Queria sair daquele apartamento imediatamente, mas nem sequer conseguia formular uma desculpa para estar ali, quanto mais explicar por que teria que ir embora de repente. – Eu estava me sentindo um pouco tonta.

– Não me surpreende – disse Vera. – Quando o Jeremy me contou que você já tinha voltado a trabalhar... – Ela fez um gesto como se fechasse os lábios com um zíper. – Não, desculpe, eu não devia me intrometer. Os meninos sempre me dizem que eu sou a mãe-corvo que mata as pessoas a bicadas, então vou tentar ficar de bico fechado. Só tome cuidado para não exagerar. E quem diz isso é uma mulher que correu uma meia-maratona seis semanas depois do parto e foi apresentar uma moção na segunda instância no dia seguinte. A distração é o melhor remédio. Eu entendo. – Ela fez uma pausa, com uma expressão triste. – Mas há coisas que não temos como ultrapassar, por mais depressa que a gente corra.

Então, Jeremy apareceu na porta. Estava pálido. *Pare*, Kate queria gritar para ele. *Você está com cara de culpado.*

– Eu tenho uma aula de Bikram que não posso perder – disse Vera. – Vocês vão ficar bem aqui, só os dois?

Kate ficou um pouco tensa, mas Jeremy agiu depressa para preencher o silêncio incômodo.

– Claro, vai, vai – ele disse, beijando Vera. – A Kate só precisa da minha assinatura num documento.

Vera pareceu aceitar a explicação, embora Kate tivesse aparecido lá de mãos vazias. Vera deu um tapinha na mão de Kate ao se encaminhar para a porta.

– Se cuide – disse. – E dedique tempo a você. O trabalho sempre vai continuar no mesmo lugar.

Quando Vera saiu, Jeremy voltou para a sala de estar e se serviu de uma bebida no bar junto à parede, próximo da cozinha aberta. Uísque ou alguma coisa cor de caramelo. Ofereceu um copo para Kate, mas ela não aceitou. Ele se deixou cair com força no sofá e apoiou a cabeça em uma das mãos. Respirou algumas vezes, com força.

– Ela ainda não sabe? – Kate perguntou.

– Eu não tinha muita certeza até agora – disse Jeremy, balançando a cabeça. – O comportamento dela estava um pouco estranho, ou pelo menos foi o que eu pensei. Devo ter imaginado. A não ser que ela planeje voltar com um revólver.

Kate o encarou com os olhos arregalados.

– Brincadeira – disse Jeremy.

– Hilária – Kate disse secamente.

Ele deu de ombros.

– Você poderia se sentar? Está me deixando nervoso.

Kate se sentou na beirada de um pufe para pés que combinava com mesinha de centro, sem nem saber se aquilo era para se sentar.

– Eu nem sabia que esta era a sua casa – falou.

– Como assim? – Jeremy terminou o que restava no copo e o pôs no extremo da mesa. – Você bateu na porta do meu apartamento por acaso?

– Eu vim aqui, neste apartamento, de propósito – disse Kate. – Só que não sabia quem morava aqui.

Ela ainda tentava dar um sentido a tudo aquilo. Se um dos filhos de Jeremy fingira ser Ben, então ele também poderia, ao menos em teoria, ter algo a ver com o que acontecera com Amelia no telhado. Como Kate contaria a Jeremy que um de seus filhos era Ben sem dar a impressão de que ela o acusava de fazer mal, talvez até de matar, a filha dela? Aquilo nem era o que ela pensava. Acreditava que as Maggies eram responsáveis. Ainda assim, Lew dissera que Ben, fosse ele quem fosse, mentira. Kate precisava saber a razão.

– Não sei do que você está falando, Kate – Jeremy disse. Tinha a voz e a aparência exaustas. – Pode me explicar o que está acontecendo?

– A Amelia tinha feito amizade com um menino – começou a explicar com cautela. – Supostamente, era outro candidato ao programa de verão de Princeton. Tinham uma amizade virtual, à base de mensagens de celular e e-mails, esse tipo de coisa. Pareciam muito próximos. Estivemos tentando localizá-lo. – Ela se apressou em esclarecer. – Não porque ele tenha feito nada errado, mas porque pode saber de alguma coisa. Ele disse à Amelia que morava em Albany e se chamava Ben, mas a polícia rastreou as mensagens de texto. – Kate fez uma pausa e respirou. – Ele mora aqui, Jeremy, neste apartamento. Um dos seus filhos deve ter mandando as mensagens para a Amelia.

Jeremy fechou os olhos e deixou a cabeça pender outra vez, agora sobre as palmas das mãos. Ficou um momento assim, sem se mexer. Por fim, começou a balançar a cabeça de um lado para o outro. Será que iria discutir? Argumentar que não podia ser um dos filhos? Talvez tivesse entendido mal e, apesar das ressalvas que ela fizera, pensasse que ela estava acusando um dos meninos de

fazer algo terrível.

– Jeremy, não estou dizendo que ele fez algo de errado. O Ben foi um bom amigo da Amelia. Um ótimo amigo...

– Não foi um dos meninos – Jeremy disse em voz baixa. Quando levantou a cabeça, tinha os olhos úmidos. – Fui eu.

– O quê? – Kate exclamou, ficando de pé subitamente. – O que você quer dizer?

– Eu escrevia para a Amelia. *Eu* era o Ben, Kate.

– Não. – Kate negou com a cabeça.

Aquilo não podia estar acontecendo. Havia muitas explicações para muitas coisas, mas só havia um motivo para um homem adulto se corresponder virtualmente com uma jovem e mentir a respeito de quem era.

– Não.

Então Kate se lembrou da ocasião em que ela e Amelia haviam se encontrado com Jeremy por acaso no escritório, um sábado, havia não muito tempo. Ele demonstrara um interesse peculiar por Amelia, observando-a intensamente e se maravilhando com o quanto ela crescera. Kate não ligara muito para aquilo, pensando que ele estava apenas tentando parecer *interessado*, de modo geral. Agora, a lembrança lhe dava náusea.

– Eu não devia ter mentido para ela – Jeremy prosseguiu, falando mais baixo. Olhava para o chão e balançava a cabeça. – Isso foi errado. – Mas eu... Quando fui escrever aquela recomendação para Princeton, passei todo aquele tempo pensando na Amelia e na pessoa incrível que ela havia se tornado. Quis ter a chance de conhecê-la, pelo menos um pouco, e pensei que talvez eu pudesse fazer isso sem que custasse nada a ninguém. Eu já tinha o e-mail dela para escrever a recomendação. Só precisei configurar uma conta de e-mail no nome de um garoto, conseguir um telefone com um código de área de Albany e inventar uma breve história de fundo, e foi só isso. Pode ter sido egoísta, mas eu não me contive.

– Não se conteve?! – Kate estava em choque; sentia o rosto queimar. Estava fazendo o possível para não tirar a conclusão mais terrível e inevitável, mas era em vão. Sua cabeça já tinha corrido para lá. – Ela era a minha *filha*, Jeremy. Era uma *criança*.

– Espere um segundo, Kate. – Jeremy estava pálido, com pânico nos olhos. – Você não está pensando que... há uma explicação...

– Não. Você não vai se livrar dessa com as suas explicações. Não vou permitir. É assim que você tem sido tão bom marido ultimamente? – Kate gritou, apontando para Jeremy. – Agora manda mensagens para moças adolescentes em vez de dormir com mulheres adultas? Ou as mensagens são só o começo? Você

estava mesmo planejando se encontrar com a Amelia?

– Kate, pare com isso. É ridículo...

– O que você fez com ela, seu cretino?! – Kate gritou, investindo contra Jeremy.

– *Fazer com ela?* Você está louca?! Eu estava tentando ajudar! – Jeremy ergueu as mãos para proteger o rosto. – De qualquer forma, eu nunca nem a vi. Quer dizer, eu... Eu pensei em me encontrar com ela e contar a verdade, mas sabia que não era eu que devia tomar essa decisão, então virei amigo dela. Por que você acha que eu disse que era *gay*? Queria garantir que não acontecesse nada de estranho. No fim, isso nem fez diferença, depois da Dylan e tudo mais. Fiquei contente por dar apoio a ela com toda aquela história das Magpies.

– Meu Deus, você *sabia*. – Kate pensou que fosse passar mal. – Seu... Ela contou pra você o que aquelas meninas estavam fazendo com ela e você não impediu? Podia ter informado a *alguém*. Podia ter feito *alguma coisa*.

– Você fala como se fosse muito simples. Tudo teria vindo à tona, Kate. Obviamente você também não queria aquilo. Não teria se esforçado tanto para ocultar a verdade. – Agora Jeremy parecia estar bravo também. *A verdade*. Era a segunda vez que ele dizia isso. Kate não tinha certeza de que queria saber a que ele se referia. – Mas, enfim, pensei em contar para você quando a situação com aquelas meninas começou a ficar feia. Antes disso, porém, eu tive a impressão de que a Amelia tinha resolvido tudo sozinha. Ela me disse que estava bem. Aí, de repente, naquele último dia... – Ele olhou para baixo. – Agora, depois do que aconteceu... Kate, você não imagina quanto eu queria ter feito alguma coisa.

– Você foi ver a Amelia naquele dia? – Kate perguntou, se preparando para o pior. Jeremy já tinha mentido tanto que ainda poderia haver mais. Poderia haver algo mais terrível do que ela era capaz de imaginar. – Nas mensagens de texto, você disse que iria.

– Não, Kate, pela *segunda vez* – disse Jeremy. Já não havia mais raiva na voz, apenas resignação. Ele sabia muito bem qual era a acusação que ela lhe faria e parecia completamente arrasado. – Eu passei aquele dia inteiro no escritório com três associados. Pode verificar, se quiser. Mas pensei que você tinha lido as mensagens dela. No fim, eu disse que não ia.

– Eu ainda não cheguei ao fim! – Kate gritou.

– Pai? – disse uma voz vinda da porta. Um dos filhos de Jeremy estava ali de pé, com um rosto infantil bonito e assustado. – Tudo bem?

Jeremy se endireitou e sorriu, tão depressa e de modo tão convincente que os braços de Kate se arrepiaram.

– Tudo bem, Andrew – disse. – Tudo certo. É só um problema com um caso, nada para se preocupar. Volte a fazer o dever de casa. Vamos falar mais

baixo.

– Tá bom – Andrew disse em tom cético, voltando o olhar um segundo para Kate antes de ir para a porta. – Até mais.

– Certo, Drew – disse Jeremy. – Até daqui a pouco.

Ambos ficaram imóveis e em silêncio um bom tempo após o filho de Jeremy desaparecer. Kate não sabia que os filhos dele estavam em casa. Por mais que quisesse continuar gritando com ele, não podia fazer isso com as crianças. Os meninos de Jeremy já enfrentariam grandes decepções. Quando Vera enfim ficasse sabendo dos artigos do dentro-da-lei.com, o que aconteceria mais cedo ou mais tarde, de forma alguma continuaria com Jeremy. Ela não era o tipo de mulher que aceitaria ser traída. De qualquer forma, havia outras maneiras de descobrir se Jeremy estava dizendo a verdade. Ligar para os associados, consultar a secretária. Ou, melhor ainda, Kate podia mandar Lew. Mas havia uma coisa que ela precisava saber.

– Ocultar a verdade sobre o quê? – Kate perguntou. Ainda estava incomodada com o possível significado daquilo.

– O quê? – ele perguntou, cansado e confuso.

– Você disse que eu tinha me esforçado muito para “ocultar a verdade”. A verdade sobre o quê?

– Ora, Kate, eu sei – Jeremy disse. – Já sabia havia anos.

– Sabia de quê? – Kate perguntou com irritação, embora estivesse tentando se controlar. – Que ela confiava nas pessoas, que...

– Que ela era minha – Jeremy falou, olhando bem nos olhos de Kate. – Eu sabia que a Amelia era minha filha.

– Sua? – Kate quase engasgou. – A Amelia *não* era sua filha, Jeremy.

– O tempo bate exatamente – ele disse, como se tivesse reservado o argumento.

Como ele ousava querer reivindicar Amelia, como se fosse mais uma coisa que merecesse?

– Você está brincando, não é? – Ela não queria ter aquela conversa com ele. Ela sabia o que sabia, apesar dos delírios de Jeremy. – A gente ficou junto *uma* vez, Jeremy. Em uma ocasião. E você não era o único que estava saindo com mais de uma pessoa. Pode ter certeza de que a Amelia não era sua filha. Eu sei quem é o pai, e não é você.

Mas Jeremy negou com a cabeça. Parecia não ouvir uma palavra do que Kate dizia.

– Assim que eu soube que você estava grávida, fiquei em dúvida, é óbvio – ele contou. – Mas, quando os olhos da Amelia mudaram de cor ainda bebê, eu tive certeza.

– Pare, Jeremy – pediu Kate, com a voz trêmula e alta. Ela sabia o que sabia, mas então por que estava começando a entrar em pânico? – Estou falando sério.

– Ora, Kate... – O olhar de Jeremy era límpido, sem culpa. Sua voz estava completamente calma. Ele podia estar enganado, mas acreditava plenamente que Amelia era sua filha. Passou a mão para trás e para a frente nos cabelos prateados, inclinando a cabeça na direção de Kate como quem aponta uma prova. – Olhe para mim. Não me diga que você não sabe somar dois mais dois. O meu cabelo. Os olhos dela.

O cabelo? Jeremy sempre fora grisalho, desde que ela o conhecera. Tinha quase 40 anos naquela época e a cabeça toda grisalha, mas aquilo não parecia absurdo.

– Não sei o que você pensa que sabe, Jeremy – Kate falou, respirando fundo. Precisava ir embora naquele instante, antes que ele dissesse mais alguma coisa. – Mas você está enganado.

– Eu não sabia que tinha Waardenburg até o meu cabelo ficar branco, no primeiro ano da faculdade. Mas, no caso da Amelia, dos olhos, você deve ter sabido assim que mudaram de cor.

Nisso ele tinha razão. Amelia fora diagnosticada com síndrome de Waardenburg aos 10 meses de vida, assim que seus olhos mudaram de azuis cinzentos para um azul e um castanho-claro. Era uma doença genética, e Kate não era portadora. Tinha feito os exames. Ela sempre supusera que Daniel era o portador e que a doença apenas se manifestara nele de uma dentre as inúmeras formas menos visíveis que podiam ocorrer. Mas é claro que nunca tinham tocado no assunto, pois isso implicaria falar sobre Amelia.

As mãos de Kate tremiam e as palmas estavam úmidas. E daí que Jeremy tivesse o mesmo transtorno? Podia ser coincidência. Tinha que ser. Ela fizera sexo com Daniel pelo menos dez vezes e com Jeremy, apenas uma.

Não. Jeremy não podia tentar reescrever a história. Não fora nada fácil, mas Kate fizera as pazes com o fato de Daniel ser o pai de Amelia. Era uma das coisas que haviam definido sua vida. Amelia fora concebida com um homem a quem Kate nunca dera valor como pessoa, então ela protegera a filha não deixando que o conhecesse. Até o sexo havia sido brusco. O oposto do amor com que Amelia havia sido criada. E sua decisão fora nobre, por proteger a filha desse conhecimento, de saber que o pai não era uma fração da pessoa que ela se tornara.

Kate havia dormido com Daniel, para começo de conversa, apenas como uma tentativa infeliz de abafar a culpa que ela sentira por ficar com Jeremy, com quem ela dormira... por que mesmo? Tantos anos mais tarde, ela ainda nem sabia

ao certo. Para superar a perda de Seth? Por se sentir sozinha? Por ter sido arrebatada pelos encantos dele? Porque ele a fizera se sentir especial durante algumas horas? Ela certamente não pensava com clareza na época, como demonstrava o fato de que, além de todas as outras decisões descuidadas, ela não fora exatamente rigorosa no uso do diafragma naqueles tempos. Tomara outras precauções, claro, do tipo que qualquer estudante da sétima série que nem prestasse muita atenção à aula de educação sexual saberia que estavam longe de serem eficazes.

– Eu cometi muitos erros, Kate – disse Jeremy. – Mas eu juro que estava tentando ajudar a Amelia. Você tem que acreditar. Achei que poderia ser amigo dela mesmo sem ela saber que eu era seu pai. Agora eu até que queria ter contado.

– Não – disse Kate, afastando-se de Jeremy. Caminhou para trás até se chocar contra a parede. – Pare. Chega. Você tem que... – Balançou a cabeça. – Eu tenho que ir.

Kate olhou para a direita, depois para a esquerda. Para onde tinha ido a porta do apartamento? Era como se ela tivesse mergulhado em um labirinto inescapável. Durante todos aqueles anos, Kate tivera total certeza de quem era o pai de Amelia e por que tinha mentido para ela. Estivera protegendo a filha. Mas agora parecia que a única pessoa a quem suas mentiras haviam protegido era Jeremy. E, é claro, a si própria.

– Kate, precisamos discutir isto.

– Não. Nunca precisamos – disse Kate. – Eu preciso... Não posso ficar aqui.

– O Daniel sabe sobre nós, Kate – disse Jeremy. – Ele me ligou hoje do aeroporto para me dizer que estava indo para a Escócia e para se gabar de ter passado o furo para o *dentro-da-lei*. Estava tão bêbado que eu mal compreendi o que ele disse, mas deu para entender que alguém tinha lhe mandado um e-mail falando de nós. Foi há poucos meses, acho que ele falou. Não faço ideia de quem possa ter sido. Pelo jeito, eu ter passado o Banco Mútuo Associado para você, mesmo já sendo seu caso, foi a gota d’água para ele, que decidiu ir a público. Pessoalmente, acho que o fato de ele ter aceitado a sociedade na Meyer & Jenkins também não prejudicou. – Jeremy balançou a cabeça com desgosto. – Ele também me contou sobre vocês dois, Kate. Eu não fazia ideia. E preciso admitir que me senti um idiota.

Jeremy tinha a audácia de parecer magoado.

– Fico feliz – Kate disse em voz baixa. Então saiu andando resolutamente para a frente, rezando para acertar a direção da porta. – Já era hora de você se sentir um idiota com alguma coisa.

– Espere, Kate – Jeremy a chamou. – Precisamos planejar o que vamos

fazer. E você precisa saber de mais uma coisa. É sobre a Amelia.

– Não quero saber mais nada – disse Kate, acelerando pelo corredor, com o coração batendo contra o peito e lágrimas nos olhos. – Me deixe em paz.

– Kate! – Jeremy gritou uma última vez quando ela saiu correndo pela porta. – Ainda precisamos conversar! Tenho mais coisas para dizer. É importante. É a respeito de outra menina de Grace Hall!

Amelia

24 DE OUTUBRO, 13H47

AMELIA
onde vc está? pfv não me diz q vai furar comigo

BEN
desculpa. mandei mal. mas não vou conseguir ir

AMELIA
sério?

BEN

meu pai ficou puto da vida. se eu for ele me mata. não fica com raiva de mim, tá? eu te amo

AMELIA

tudo bem, eu entendo. isso não eh problema seu. tb te adoro

BEN

estou me sentindo um lixo. promete q vc vai ficar legal?

AMELIA

prometo. vou ficar legal

BEN

não deixa aquelas loucas arrasarem com vc. vc eh sensacional. e vc sempre pode contar comigo

AMELIA

bjs

24 DE OUTUBRO, 13H49

SYLVIA

cade vc?

AMELIA

na sala do Woodhouse

SYLVIA

pq?

AMELIA

cola

SYLVIA

quem colou?

AMELIA

dizem q eu

SYLVIA

O QUÊ??? cansei dessa merda. fica aí, vou te buscar

Amelia

24 DE OUTUBRO

Dei um salto e enfiei celular de volta na bolsa quando Woodhouse abriu a porta da sala.

– Vou fingir que não vi isso – ele disse ao contornar a mesa.

Carregava uma pasta e batia a ponta dela na palma da mão aberta, como se fosse uma régua com a qual ele pretendia bater nos meus dedos. Mas acabou jogando a pasta no centro da mesa vazia e limpa. Então se sentou e cruzou os braços. Parecia estar furioso. Eu nunca o vira daquele jeito antes.

– Então, Amelia.

– Então – repeti.

– A Liv e eu pensamos que deve haver uma explicação lógica, talvez até justificável, para o plágio do seu trabalho – ele disse em um tom de voz do tipo "cá entre nós" que me irritou profundamente, pois, se fôssemos amigos mesmo, eu não estaria ali. – E acho que a explicação tem algo a ver com as Magpies.

Tudo o que você precisa fazer é me contar a verdade, Amelia. Assim podemos resolver isto juntos.

– Sei – falei. – Parece superfácil.

Woodhouse adotou uma expressão preocupada e um pouco desapontada, levando o indicador aos lábios e me encarando um bom tempo.

– Amelia, não estou dizendo que seja fácil. Nunca é fácil se impor. Mas eu posso garantir a sua proteção. Dou minha palavra. Só que tem que começar por você, Amelia. Precisa me contar o que aconteceu.

– Eu não plagiei o trabalho. Só sei disso.

– Seu trabalho foi enviado através do sistema de e-mail. – O rosto de Woodhouse ficou todo enrugado quando ele esfregou a testa. – A própria Liv o passou pelo programa de identificação de plágio.

Claro, ele não incluíra a participação de Bethany e o fato de que *ela* abria os e-mails primeiro e podia fazer o que quisesse com eles, inclusive trocar os arquivos anexados. Mas eu não podia contar isso para Woodhouse, pois certamente seria considerado delatar as Maggies. Sylvia pagaria por isso.

Dei de ombros.

– Então, não sei o que dizer. – Meu tom era de descaso, mas eu não tinha como evitar. Tudo aquilo era injusto e completamente ridículo. – Eu não plagiei e aquele trabalho não é meu. Não tenho mais nada para dizer. Posso ir?

– Não, Amelia, não pode ir – disse Woodhouse. – Não se trata de vaselina em uma maçaneta. Plágio não é o tipo de coisa para a qual podemos fazer vista grossa, por mais valor que você tenha para a comunidade de Grace Hall. É uma violação do código de conduta da escola, Amelia. Podemos perder nossa certificação se não tomarmos medidas apropriadas e isso vier a público. Sem falar na possível reação de outros alunos. Já recebemos muitas reclamações este ano sobre a tolerância disciplinar dada aos estudantes com destaque acadêmico.

– Estudantes com destaque acadêmico? – repeti. – Parece uma doença.

– Isso não é piada, Amelia! – Woodhouse gritou, me matando de susto. Estava com o rosto todo vermelho. Eu jamais o vira assim. – Podemos ser obrigados a expulsar você se não explicar o que aconteceu. É sério *assim*. Deixe-me ajudá-la!

Respirei fundo e fechei os olhos. Mantive-os fechados, como se o segredo que me tiraria dali pudesse estar escrito dentro das minhas pálpebras.

– Não posso.

Woodhouse respirou fundo e alto.

– Posso lhe dar alguns dias para pensar no assunto, Amelia. Mas, enquanto isso, não tenho escolha a não ser suspender você, a partir deste momento. Isso não é negociável – disse Woodhouse. – A sua mãe já está vindo buscá-la.

– Sério? Ligaram para a minha mãe no *trabalho* e pediram para ela vir *aqui*? *Agora?*

Eu só conseguia pensar no *tailleur* que ela vestira. Sem dúvida iria perder algo importante se viesse me buscar. Aquilo fez com que eu me sentisse mal e muito, muito brava.

– Não podem me suspender no fim do dia?

– Não podemos, Amelia – disse Woodhouse. – E, já que você vai ter tempo para pensar no que quer fazer, leve em conta que uma suspensão acadêmica não é o tipo de coisa que as principais faculdades ignoram. Mesmo que tenha acontecido no segundo ano. – Woodhouse parecia estar ainda mais chateado do que eu com aquilo. – Talvez até a sua bolsa seja revogada. Não sei.

– Que ótimo – falei, sentindo de repente que iria chorar.

Primeiro, Zadie tirara Dylan de mim; agora tirava meu futuro também.

– Amelia, vou lhe dar uma última chance. Há *algo* que você queira dizer?

– Aquele *não é meu trabalho*! – gritei o mais alto que pude, sentindo a voz falhar.

Woodhouse nem se mexeu. Apenas mostrou, com grande deferência, meu nome na capa.

– Seu nome está nele, Amelia – disse em voz baixa. – Se você não me explicar mais nada, isso será tudo o que eu tenho.

Eu detestava o modo como ele me olhava, como se eu fosse uma imensa decepção. Uma fraude. Uma mentirosa. Como se *eu* tivesse algo de que me envergonhar. Mas não tinha que me envergonhar. Não havia feito nada de errado e não iria me sentir mal por não querer ser a delatora da escola. Até porque a verdadeira razão que me impedia de fazer isso era Sylvia. Entregar as Maggies me faria sentir o máximo até irem atrás dela. As meninas teriam um monte de munição para humilhar Sylvia. E, embora ela gostasse de se fazer de durona, Sylvia jamais sobreviveria. Depois do que acontecera com ela no ano passado, às vezes eu até temia pela vida dela.

Eu não entregaria as Maggies correndo o risco de fazerem isso com ela. Não podia. Nem era responsabilidade minha. Se a escola quisesse se livrar das Maggies, tinha como fazer isso. Pelo que me constava, Woodhouse já sabia quem eram várias delas. Por que precisava de mim? Fiquei encarando-o, tentando fazer meus olhos perfurarem seu rosto, mas apenas lágrimas brotavam deles.

E a sensação ruim que se expandia no meu estômago não ajudava. Quanto mais eu tentava abafá-la, mais a percebia, se agitando em minhas entranhas. A verdade, era isso o que ela era. Pois não era só Sylvia que eu estava protegendo. Era Dylan também. No fundo, talvez eu até soubesse que Woodhouse poderia

garantir que nada acontecesse com Sylvia se eu entregasse as Maggies, mas eu não sabia ao certo que fim Dylan teria.

Ainda assim, eu estava mesmo disposta a ser expulsa por ela? Como Sylvia me lembrava o tempo todo, Dylan não agia como alguém que se importava comigo. Por que eu fingia que isso não era verdade? Seria porque ela era uma menina? Ou porque eu a amava?

Amor. Subitamente, a palavra pareceu estranha. Como se eu a pronunciasse do jeito errado.

Não. Eu não faria isso. Não seria *tão* patética. Eu era boa aluna e me esforçara a vida toda. Não abriria mão de tudo por uma chance de voltar com Dylan.

– Eu acho que sei o que aconteceu – falei por fim, com um fiapo de voz, olhando para as minhas mãos.

Eu conseguiria.

Mas alguém bateu na porta antes que eu pudesse continuar.

– Entre – Woodhouse chamou, tenso. Ele sabia que eu estava prestes a abrir o jogo.

A Sra. Pearl passou a cabeça pela fresta da porta.

– Sinto muito por incomodar, Sr. Woodhouse – ela disse, em um tom de bajulação tão exagerado que meu rosto doeu. – Há um problema na lanchonete que infelizmente o senhor precisa ver.

– Não pode se encarregar disso? – Ele apontou para mim. Temia que eu mudasse de ideia, o que era uma preocupação genuína. Eu ainda estava um pouco em cima do muro. – Não vê que estou no meio de uma reunião com uma aluna?

– Eu não teria interrompido se não fosse crucial – a Sra. Pearl disse com petulância. – Uma aluna viu um rato, e dos grandes. E agora, pelo visto, ninguém o encontra.

– E o que quer que eu faça? Que vá caçar o rato? Delia, estou no meio de uma conversa muito importante. – Eu nunca vira ninguém falar daquele jeito com a Sra. Pearl, como se ela fosse um incômodo. Era admirável. – Por que não liga para a manutenção?

– Infelizmente, a aluna se recusa a sair de lá até falar com o senhor – a Sra. Pearl disse em tom ainda mais agressivo. – Posso assegurar de que já tentamos de tudo. Por alguma razão, ela insiste histericamente em falar só com o senhor.

Woodhouse fechou os olhos.

– Está bem – disse por fim. – Amelia, eu já volto. Você está fazendo a coisa certa. Não saia daqui.

Assim que ele saiu e fechou a porta, meu celular sinalizou uma mensagem de texto. Torci para que fosse de Ben, dizendo que conseguiria vir para o Brooklyn. Eu ainda fantasiava com a ideia de matar aula e encontrá-lo. Ao pegar o telefone, olhei ao redor para pensar em como sair dali. Mas a mensagem era de Sylvia, não de Ben.

Fuja, eu dou cobertura.

Kate

30 DE NOVEMBRO

– Desculpe – Kate disse outra vez. Ela e Lew estavam na Rua 8, no trecho meticulosamente bem cuidado da calçada em frente à residência dos Carmon. – Eu tinha que ir lá. Sei que não é uma boa desculpa, mas eu precisava ver quem era esse Ben.

– Hum – murmurou Lew, sem olhar para ela. Não a olhava desde que soubera de sua ida ao endereço de Ben e sobre Jeremy. – Como já tinha me dito.

– Mas no fim foi bom, não foi? – Kate tentou justificar, mas era difícil se concentrar nas desculpas e principalmente ser convincente quando ainda se sentia tão abalada e culpada, por tantos motivos. – Pelo menos agora sabemos que o Ben não estava envolvido.

– Hum – Lew murmurou outra vez, sem se deixar convencer nem um pouco. Kate agradeceu por ter enfatizado o quanto ficara abalada ao saber que Jeremy era o pai de Amelia, pois desconfiava de que essa era a única razão pela

qual Lew não era mais ríspido com ela. – Conseguimos que a companhia telefônica desse uma resposta rápida à nossa intimação. – Olhou para o pequeno bloco de notas. – As mensagens enviadas a você sobre o pai da Amelia vieram de um telefone em nome de Daniel Moore.

– Minha nossa... – Kate disse em voz baixa.

Se Daniel se zangara a ponto de mandar a história para o *dentro-da-lei* – o que poderia facilmente conduzir até ele –, enviar algumas mensagens anônimas para Kate não seria nada de mais. Ainda assim, pensar que ele fora capaz de escrever coisas tão maldosas era assustador. Era muito pior do que tentar humilhar Jeremy em público. Era como uma ameaça.

– Mas por que ele diria que a Amelia não pulou?

– Não foi ele. Aquelas duas primeiras mensagens sobre a Amelia para você vieram de outro número. Ainda estou esperando uma resposta sobre isso. Mas as mensagens para a Amelia sobre o pai... – Lew indicou a casa diante deles com a cabeça – vieram daqui.

– Foi Zadie Goodwin que mandou?

– Imagino que sim – ele disse, olhando para o edifício. – Mas a única coisa que sabemos com certeza é que foram roteadas usando um computador nesta casa. Aqui mora mais de uma pessoa. – Ele se voltou para Kate e olhou diretamente para ela pela primeira vez. – Tem mais uma coisa que você precisa saber – disse. – O pessoal de TI descobriu mais algumas mensagens de texto no celular da Amelia. Tinham sido apagadas. Elas fazem aqueles bilhetinhos parecerem, bom, brincadeira de criança.

– O que diziam? – Kate disse, se voltando para ele. – Quero ver.

Lew negou com a cabeça.

– Não são o tipo de coisa que uma mãe deva ver.

Tocaram a campainha e esperaram. Kate franziu a testa e observou a fachada da fábrica convertida, de aço e vidro. O sol já estava alto no céu e se refletia nas janelas imensas.

– Tem certeza de que isto é uma casa só? – Lew perguntou.

– Acho que sim – Kate respondeu, embora fosse peculiarmente grande, mesmo em comparação com as maiores casas de tijolos de Park Slope. – Só tem uma campainha.

Lew precisou tocar mais três vezes até que alguém abrisse uma fresta da porta e posicionasse o olho nela. Pela fresta, Kate notou que era uma mulher pequena, com jeito preocupado.

Lew abaixou a cabeça para fazer contato visual com ela.

– Viemos falar com Zadie Goodwin e os pais dela.

– Um momento, vou verificar – a mulher disse com um sotaque europeu carregado. Estreitou o olho e então bateu a porta.

Em instantes, a porta voltou a se abrir, revelando um homem imponente, com um chamativo terno cinza e camisa rosa de punhos franceses. As abotoaduras prateadas tinham a forma de dados, e na mão direita havia um anel com uma brilhante pedra vermelha no centro. Era bonito, com um penteado excessivamente cuidado e a pele muito bronzeada que ostentavam uma riqueza substancial sem uma sofisticação concomitante. Até os dentes eram brancos e perfeitos demais, como os de alguém que compensa de modo exagerado um histórico de falta de higiene bucal.

– Oi – ele disse com um sorriso que oscilava entre caloroso e odioso. – Sou Frank Carmon. E vocês?

– Eu sou o tenente Thompson e esta é Kate Baron – Lew apresentou. – Gostaríamos de fazer algumas perguntas à sua filha a respeito de Amelia Baron. Ela morreu numa queda do telhado de Grace Hall. Era filha de Kate.

Carmon franziu a testa e balançou a cabeça.

– Aquilo foi terrível mesmo. Sinto muito pela sua perda – ele disse para Kate e então se voltou para Lew. – Sobre o que precisam falar com a minha Zadie?

Minha Zadie. Como se fosse um bebê ou uma bonequinha de porcelana. Era perturbador.

– As meninas estavam juntas em uma espécie de clube – Lew disse em tom casual. – Só estamos tentando reunir informações sobre o estado mental de Amelia, de todos os ângulos possíveis.

Carmon olhou por sobre as cabeças deles e passou a língua pelos dentes. Finalmente, olhou para trás, para a mulher que abrira a porta e que agora estava escondida atrás dele.

– Vá chamar a Zadie – ordenou. – Diga que é importante.

Então abriu a porta, que conduzia a um vasto ambiente aberto com sala de estar, sala de jantar e cozinha, banhado pela luz do sol que entrava pelas janelas que iam do chão ao teto. Carmon pegou um copo baixo da bancada de granito, sobre a qual não havia mais nada.

– Aceitam alguma coisa para beber? – perguntou.

– Não, obrigado – disse Lew. – O senhor era da septuagésima oitava, não era? Aqui no bairro?

Carmon riu e passou a mão na calça, como quem limpa poeira invisível.

– É, durante uns cinco minutos e faz um milhão de anos – ele disse. – Antes de eu perceber que dava para ganhar a vida sem levar um tiro.

– Pelo jeito, tinha razão – Lew disse, indicando a casa. – Não sei se é mais fácil, mas parece que remunera bem melhor.

– Até o momento, não posso reclamar. – Carmon piscou e tomou um gole da bebida.

– E trabalha com muitos caras da septuagésima oitava?

Carmon encarou Lew um minuto e depois sorriu.

– Alguns.

– Inclusive o detetive Molina?

– Faz muito tempo que eu não me envolvo nas contratações específicas – Carmon disse em tom afável. – Hoje em dia, tenho quem cuide disso para mim.

– Molina era o detetive encarregado do caso Amelia Baron. Tudo indica que, no mínimo, ele se apressou em decidir que foi suicídio. Poucos dias depois, ele saiu da polícia para trabalhar na sua empresa – Lew disse, optando por uma abordagem frontal e direta. – Parece uma incrível coincidência, não acha? Considerando que a sua enteada e Amelia pareciam estar se desentendendo bastante naquele clube.

Carmon assentiu com a cabeça, como se ponderasse essas informações.

– Não posso opinar sobre nada disso. Eu não me envolvo nos detalhes das confusões escolares da minha enteada – ele disse. – Mas, se quiser falar com Molina, tenente, com certeza posso ligar para ele. Agora mesmo, se quiser. Digo, supondo que ele trabalhe para mim.

Então Zadie entrou na sala batendo os pés, sem parar até se jogar sentada em um banco próximo à bancada central da cozinha.

– Eu estava fazendo o dever, *sabia*? – resmungou.

Vestia uma saia escolar xadrez não muito mais comprida que um cinto e tinha vários *piercings* nas orelhas, além de uma argola no nariz. Combinavam bem com a maquiagem escura nos olhos e os cabelos pretos, curtos e revoltos, que exibiam uma faixa branca de um lado, como a listra de um gambá. Kate não conseguia tirar os olhos daquela faixa.

– Só porque o seu amigo diz que provavelmente vão me deixar entrar, não quer dizer que é garantido que a Columbia me aceite. Só vou saber mesmo quando eu entrar lá.

– Columbia – disse Lew. – Excelente. Com certeza você não vai querer arriscar perder essa oportunidade.

– Eu que o diga – Carmon disse, balançando a cabeça com uma descrença exagerada. – Felizmente, ela não tem meus genes. Vem aqui, minha Zadie. – Ele gesticulou para que ela se aproximasse e deu uma palmadinha no assento ao lado dele no sofá. – Estas pessoas simpáticas precisam fazer algumas perguntas a você sobre aquela menina da sua escola, a que morreu.

Zadie revirou os olhos novamente e então se aproximou e jogou-se ao lado de Carmon, bufando alto.

– Só uma coisa, antes da minha Zadie responder a qualquer pergunta – disse Carmon com um tom falsamente casual. – Ela não precisa de um advogado, precisa? É apenas para fins de informação?

– Ela não está sendo presa – disse Lew, claramente contornando a pergunta –, se é isso o que quer saber.

Ele não iria prometer nada, o que não passou despercebido para Carmon. Este passou um bom tempo encarando Lew.

– Ela não teve nada a ver com o que aconteceu com aquela menina – Carmon disse. – Então podem perguntar o que quiserem sobre aquilo. Mas esta conversa termina se chegar perto de qualquer coisa que possa impedi-la de entrar na Columbia. Ela está se esforçando muito e eu já gastei dinheiro demais...

Então a porta de entrada se abriu. Ouviram-se vozes no corredor – uma sonora e falando rápido, a outra abafada e humilde, provavelmente a empregada. Depois ouviu-se o ruído de saltos altos que batiam com força no piso de concreto.

– Ah – disse Adele, deixando o belo rosto exibir sua decepção ao fazer a curva.

Porém, ela se recuperou depressa, abrindo um agradável sorriso ao se dirigir diretamente para Kate. Usava um vestido preto de saia larga e grandes brincos de argola e tinha os cabelos presos num coque alto, frouxo, porém impecável. Adele se inclinou para a frente e pressionou o rosto com força contra o de Kate enquanto beijava o ar ao lado de sua orelha.

– Que ótima surpresa, Kate. Mas não precisava vir até aqui só para tratar de questões da associação de pais. Sei quanto você é ocupada.

– Não estamos aqui por isso – Kate disse, já antencipando que Lew a faria parar de falar, o que não aconteceu. – Viemos saber o que houve entre a Amelia e as Magpies.

– As Magpies? – Adele franziu os lábios vermelhos e olhou para Carmon, que deu de ombros e tomou outro gole da bebida. – Eu não sei se eu...

– Eu li as minutas das reuniões do conselho administrativo da escola – Kate disse, na esperança de que a conversa tomasse um rumo melhor se ela evitasse o constrangimento de ver Adele mentir deslavadamente. – Sei que Woodhouse tentou acabar com os clubes e que o conselho o impediu.

Adele largou a bolsa com força sobre um dos bancos da cozinha e então se virou devagar. Cruzou os braços e apoiou as costas na bancada.

– Então também deve saber que o conselho só estava pensando no que era melhor para a escola – Adele disse com calma.

Kate tentou não se irritar, mas não estava conseguindo.

– A escola tinha a obrigação...

– A escola não tem como controlar o que os alunos fazem quando não estão no espaço escolar – disse Adele com frieza. Se estava na defensiva, disfarçava de modo brilhante. – Esse tipo de monitoramento é uma impossibilidade prática e jurídica, em especial na era do *smartphone*. A responsabilidade de policiar o comportamento fora da escola e no universo cibernético fica a cargo de cada família.

O texto era ensaiado, como se Adele estivesse à espera de que Lew e Kate aparecessem com perguntas. E provavelmente estava mesmo, desde a noite em que fora à casa de Kate. Aliás, talvez aquele fosse o verdadeiro motivo para a visita de Adele naquela primeira noite.

Kate então se voltou para Zadie, esperando que estivesse menos preparada.

– Foi porque ela era homossexual? Essa foi a razão?

– Zadie, não responda – Adele interferiu.

– Por que não? Eu quero – Zadie retrucou e, em seguida, virou a cabeça na direção de Kate. – Eu não ia deixar a Amelia transformar a Dylan num sapatão só porque era isso que *ela* queria. – Zadie parecia estar se esforçando para se manter firme, mas seu rosto começou a corar e a voz a tremer ligeiramente. – A Amelia pensava que transar com a Dylan faria com que ela fosse mais importante do que eu. Só que transar é fácil. Com a Dylan, não vale quase nada. Ela transa com qualquer pessoa que não for da escola. Eu sei de tudo isso porque eu sou a melhor amiga dela faz nada menos que *doze* anos. *Isso* é o que importa. Não aquele lance... sei lá... que ela teve com a Amelia durante tipo umas duas semanas.

Contudo, o olhar de Zadie dizia que não era tão simples. Ela tentava esconder – movendo o pescoço, curvando o lábio –, mas deixava transparecer um traço de desespero, como se Dylan fosse tudo o que tinha na vida.

– Zadie, precisamos saber o que aconteceu naquele telhado – Lew disse em tom calmo. – É hora da verdade. Tudo.

– Eu não vou deixar a Zadie entrar em uma discussão que poderia incriminá-la – disse Adele, erguendo a mão e ficando de pé entre Lew e Zadie. – Se quiser interrogá-la, vai ser na delegacia, com a presença do nosso advogado. Mas posso assegurar que o que quer que tenha acontecido naquele telhado foi um acidente.

– Acidente? – Zadie disse, olhando feio para a mãe. – Você age como se eu tivesse estado lá. Como se *eu* tivesse feito alguma coisa.

– Sabemos com certeza que alguém desta casa fez algo com Amelia. – Lew tirou do bolso duas folhas impressas e as jogou sobre a mesa de centro. – Ela foi

assediada por meio de mensagens de texto por causa do relacionamento com Dylan e da identidade do pai. Foram enviadas desta casa.

Zadie deu um passo à frente e pegou as folhas.

– Por que eu me importaria com o pai dela?

Se estivesse fingindo que nunca tinha visto aquelas mensagens, estava se saindo muito bem.

– Nossa esperança era de que você nos dissesse – disse Lew. – Pois com certeza essas mensagens saíram daqui, desta casa.

– Mas eu não... Caraca, mãe, qual era o seu problema com essa menina? – Zadie encarou Adele, arregalando os olhos. – Você me disse que tinha tido algum problema com a mãe dela na faculdade e queria se redimir com ela – disse, apontando para Kate com o polegar. – Foi por isso que me pediu pra convidar a Amelia. Mas você nem estudou com ela, não foi, mãe?

– Zadie! – Adele arrancou as folhas das mãos da filha e as dobrou ao meio, antes de visivelmente tentar recobrar a compostura. Desta vez não teve tanto sucesso. – Não fale nada, querida, por favor.

Kate viu um tremor de mágoa atravessar o rosto de Zadie e então a fúria chegar a seus olhos. Por que Adele pediria a Zadie para convidar Amelia para o clube? Os olhos de Kate passaram do rosto de Zadie para a faixa branca no cabelo, a qual poderia ter vários motivos, inclusive síndrome de Waardenburg.

E tinha aqueles olhos diferentes e tão especiais, Kate agora se lembrava de Adele ter dito quando fora à sua casa. *Aquilo é comum na família? Os olhos de cores diferentes?* Por que Adele não perguntara diretamente sobre a síndrome de Waardenburg? Por que não mencionara que sua filha tinha a mesma síndrome? *Eu conhecia gente da Slone & Thayer. Ainda conheço.* Era informação demais para Kate processar de uma vez *só*.

– Então, o que aconteceu entre você e Amelia no telhado foi um acidente, como sua mãe disse, Zadie? – Lew parecia estar deliberadamente jogando lenha na fogueira. – Vocês brigaram por causa da Dylan, talvez, e a situação fugiu ao controle?

– Pare! Pare de falar com ela! – Adele gritou para Lew. – Eu sei que você não tem um mandado de prisão. Se tivesse, já teria nos mostrado.

– Não temos, senhora – disse Lew. – Só estávamos tentando conseguir algumas respostas. Vocês têm o direito de não cooperar. Mas é claro que quem é inocente em geral não precisa se esconder atrás de um advogado.

– Inocente... – Adele riu com desdém. – Nós dois sabemos que é um conceito relativo, tenente. Acho que vai ser melhor para a minha filha correr o risco e chamar um advogado.

– Risco? – Zadie estourou. – Que porra é essa, mãe? Por que você está

falando de mim como se eu fosse uma criminosa? Eu não fiz...

– Zadie... – Adele sibilou. Parecia estar começando a se desmontar. Uma mecha dos cabelos cuidadosamente presos havia se soltado e, com ela, o resto de seu corpo também parecia estar se desprendendo. Ela pôs um dedo em riste diante do rosto da filha. – Estou falando sério. Pelo menos uma vez na vida, daria para você não estragar tudo?

Zadie deu um passo atrás, piscando. Repuxou a boca uma vez e depois outra, como se estivesse a ponto de chorar, mas sua expressão logo voltou a ficar rígida como uma pedra.

– Ora, Adele, pegue leve – disse Frank Carmon, finalmente ficando de pé e entrando com relutância na confusão. – Não precisa começar com essa loucura.

– Loucura?! – Adele gritou, agora apontando o dedo para a cara de Frank. – É loucura uma mãe querer proteger uma criança de si mesma?

– Ah, tá, porque você está tentando me salvar, né? – Zadie disse rindo, mas as lágrimas já borravam a maquiagem preta dos olhos. – Você nem liga pra mim. Só se importa com você mesma.

– Zadie, isto não é brincadeira – disse Adele, baixando a voz. – Você diz a coisa errada e passa o resto da vida na cadeia.

– É, a menos que *eu não tenha feito porra nenhuma*! – Zadie ficou um segundo encarando a mãe e então teve um lampejo súbito. Deu uma gargalhada de louca. – Meu Deus do Céu, mãe! Você *realmente* acha que eu empurrei a Amelia?

– Não – Adele disse, embora estivesse claro que era o que pensava. – Não foi isso que eu...

– Caraca, você acha, sim. Você acha mesmo que matei a Amelia. Que eu *assassinei* alguém. – Zadie se voltou para Kate. – Era ela que não parava de falar na Amelia. Estava obcecada. "É a filha de uma antiga amiga com quem eu perdi contato, blá-blá-blá e o cacete." Ela até me mandou descobrir onde você trabalhava para entrar em contato. Mas era tudo balela, claro. Vocês nem se conhecem. Você é uma mentirosa de merda, mãe. Quem sabe foi *você* que empurrou a Amelia.

– Já chega – Frank disse, caminhando até a bancada para deixar o copo. – Acho que todas as moças aqui precisam respirar.

– Se eu fosse você, não tomaria o partido dela, Frank – disse Zadie. – Você sabe que a única pessoa de quem ela gostou na vida é ele. – Apontou para os porta-retratos da estante. – Quando ela chega à terceira taça de Merlot e você não está aqui, ela diz que não quer passar o resto da vida com um aprendiz de mafioso de Bay Ridge. Ela gosta é do seu dinheiro. Já de você, Frank, não tenho tanta certeza. É ou não é, mamãe?

Kate olhou para as fotos emolduradas na estante de livros para onde Zadie havia apontado e começou a caminhar lentamente na direção delas.

Adele se voltou para Frank, que tomava outro longo gole de bebida.

– Frank – ela pediu em tom de desculpas –, você sabe que não é verdade.

Frank concordou, com a boca repuxada.

– Pode crer, Adele. – Pegou a garrafa de uísque e voltou a encher o copo. – Como você disser.

Quando Kate se aproximou das fotografias, reconheceu uma faixa ao fundo de uma delas e identificou a disposição das duas dúzias de adultos que posavam para a foto de turma. Mesmo de longe, sabia que já havia visto aquela imagem em algum lugar.

– Frank, falando sério! – Adele prosseguiu, ficando histérica. – Não pode dar ouvidos à Zadie. Ela mente o tempo todo, você sabe disso.

Kate chegou até a prateleira e se preparou para ser interrompida antes de pôr as mãos na foto, o que não aconteceu. Estavam todos concentrados demais uns nos outros.

– Não sei o que aconteceu com a Amelia naquele telhado – Zadie disse para Lew. Falava em um tom baixo, quase irreconhecível. – Mas posso provar que eu não estava lá.

Kate levantou a fotografia da estante, passando a mão sobre o vidro e depois acompanhando com o dedo as bordas da pesada moldura de prata. Era uma foto da cerimônia de serviços públicos da Ordem dos Advogados, de dezessete anos antes. E lá estava Jeremy, no centro da foto, apertando a mão de Adele ao aceitar uma placa.

Kate vira aquela foto muitas vezes antes, em uma prateleira que ficava atrás de Jeremy quando se reuniam na sala dele. Jamais reparara na mulher que lhe entregava o prêmio, até agora.

– Eu estava aqui quando a Amelia morreu – Zadie disse por fim.

– Em pleno horário escolar? – Lew perguntou.

Kate deu meia-volta com a fotografia nas mãos. Olhou para Adele, que continuava encarando Zadie com uma das mãos sobre a boca, pela primeira vez parecendo chateada em vez de enfurecida.

– E eu não estava sozinha – Zadie disse, encolhendo os ombros. – Pode perguntar pra ele, se quiser. Mas talvez ele minta. Ele tem dessas babaquices.

– Qual é o nome dele? – Lew perguntou.

– Ian Greene – Zadie respondeu.

– Podem confirmar olhando as gravações de segurança da casa, que sempre têm o dia e a hora – Carmon disse para Lew. Mas Zadie estava dizendo a verdade, Kate tinha certeza. – E, quanto a Molina, deviam perguntar para ela. –

Ele meneou a cabeça na direção de Adele. – Da última vez que olhei o nosso registro de telefonemas, ela ainda arranjava um motivo para falar com ele todo dia.

– O cabelo dela – Kate conseguiu dizer por fim, apontando para a faixa branca de Zadie. – É síndrome de Waardenburg, não é?

Adele se voltou para ela lentamente. Olhou primeiro para a foto nas mãos de Kate e depois para Kate. Nesse instante, tinha lágrimas nos olhos.

– Eu preciso lhe dar o crédito: você sabe mentir – disse Adele, com a voz hesitante. – Fui até a sua casa porque Molina me falou da mensagem de texto que você tinha recebido sobre Amelia e eu quis saber por mim mesma o que você planejava fazer. Quase acreditei quando você disse que não havia histórico familiar de Waardenburg, por mais que nós duas saibamos que isso é impossível. O Jeremy deve adorar o modo como você o protege. É muito convincente.

– Falei aquilo porque era verdade – disse Kate. – *Eu* sou a família da Amelia e não tenho Waardenburg.

Adele balançou a cabeça como se tivesse certeza de que Kate continuava acobertando Jeremy.

– Deve ser por isso que ele deixou você por lá todos esses anos. De mim ele nem quis saber. Tinha medo de que eu cobrasse a responsabilidade dele. O mais engraçado é que eu também aceitaria guardar o segredo, se ele tivesse feito algo para manter a *outra* filha ilegítima longe da *minha* filha. – Adele balançou a cabeça e secou os olhos. – Ele estava pensando em deixar a Vera para ficar comigo, sabia? Isso teria acontecido se não fosse por você. Agora eu vejo isso. Na época, ele me disse que havia decidido parar de trair a mulher, mas na verdade foi por sua causa. Eu não fazia ideia de que ele tinha tido mais uma filha até ver Amelia na escola no último outono, quando ela foi voluntária no Festival. Eu notei os olhos dela, mas nem teria feito a ligação com Jeremy se Julia Golde não mencionasse como Amelia era fantástica, visto que era criada por uma mãe solteira, que era advogada e tinha uma rotina de trabalho insana. – Adele agora olhava para suas mãos cerradas e parecia à beira das lágrimas. – Só precisei dar um telefonema para saber sobre você e o Jeremy. Não é um segredo dos mais bem guardados. Eu não tinha como deixar o Jeremy sair ileso após mentir para mim todos esses anos. Ele me fez acreditar que *eu* era a única, que o que tivemos significou alguma coisa. Devia pelo menos ter tido a decência de manter Amelia fora de Grace Hall e longe de mim.

Kate tentou respirar, mas sentia como se tivesse alguém sentado sobre seu peito. Ela era ainda mais responsável por tudo o que acontecera com Amelia do que jamais poderia ter imaginado.

– Foi você que mandou o e-mail para Daniel Moore?

– Nós estamos juntos no Comitê de Ética da Ordem. O Daniel reclama sobre o Jeremy para mim há anos – ela disse. – Ele estava atrás de um jeito de revidar. Mas é claro que esperou meses até enfim tomar alguma atitude. Eu achava que ele nunca criaria coragem.

– Então você envolveu a Amelia?

– Já era hora de alguém responsabilizar o Jeremy – falou Adele. – E ele deixou claro há muito tempo que eu pagaria caro se abrisse a boca. Ele joga golfe com o diretor-geral da minha empresa. Seria capaz de destruir a minha carreira antes do primeiro buraco. – Encolheu os ombros. – Ele jamais faria mal algum à Amelia. E é óbvio que ninguém tinha como saber – disse olhando para Zadie, que mais uma vez fez cara feia para a mãe – que as coisas com o clube, e com Dylan, sairiam tanto de controle. Como seria possível prever tudo aquilo?

Estavam em silêncio no carro de Lew. Kate saíra da casa dos Carmon ainda segurando a fotografia e se sentara no banco do carona, observando a imagem.

– Você vai ficar bem? – Lew perguntou após passarem pelo menos cinco minutos lá.

– Eu vivo pensando que não tem como a situação piorar, mas piora. – Kate balançou a cabeça. – Se eu tivesse aberto o jogo com a Amelia sobre o pai, ou ao menos quem eu pensava que era, talvez nada disso houvesse acontecido e ela ainda estivesse viva.

Lew negou com a cabeça.

– Não teria feito diferença.

– Você não tem como saber.

– Talvez não – ele disse em voz baixa. Então, olhou bem nos olhos de Kate. – Mas você precisa acreditar nisso.

Nesse momento, o telefone de Lew tocou. Ele atendeu e, após algumas respostas monossilábicas, desligou. Passou um minuto olhando para o volante, contornando o círculo com o dedo.

– Quem era? – Kate perguntou.

– Conseguimos o endereço de onde saíram aquelas primeiras mensagens que você recebeu sobre a Amelia – ele disse, ligando o carro.

Julia não pareceu feliz ao vê-los. Abriu a porta e fez uma expressão forçada que nem se aproximou de um sorriso.

– A Sylvia não está se sentindo bem – declarou. – Não sei se ela pode receber visitas.

– Senhora, receio que esta não seja uma questão opcional – disse Lew. – Bem que eu gostaria que fosse.

Julia encarou Lew e depois olhou por ainda mais tempo para Kate.

– Bom, nesse caso, entrem. – Julia desviou o olhar de Kate e abriu caminho a contragosto. – Tenho que ir lá ver se ela está acordada.

Contudo, assim que entraram, depararam com Sylvia, de pé feito um espectro cinzento na entrada da cozinha.

– Ah, você está aí – disse Julia em tom nervoso.

Foi até a filha e passou um braço em torno de seus ombros, então fechou os olhos e beijou o topo de sua cabeça.

– Kate e o detetive têm mais algumas perguntas para fazer. Se você não estiver disposta, não tem problema, querida. – Então ela se voltou para Lew como se de repente se desse conta de algo. – Por falar nisso, o que quis dizer exatamente com esta questão não ser opcional?

– Sua filha omitiu alguns fatos a respeito da morte de Amelia – Lew disse em tom casual. – Precisamos que ela os relate agora. Kate está há muito tempo tentando saber o que aconteceu com a filha. Agora é hora de ela saber, Sylvia.

Julia olhou de Lew para Kate e depois para Sylvia, ponderando. Finalmente, assentiu.

– A Sylvia não tem nada a esconder. Nós amávamos a Amelia como se fosse da família e também queremos saber o que aconteceu com ela.

– Você sabia que a Amelia era uma Magpie, não é, Sylvia? – Lew perguntou. O tom de voz não chegava a ser agressivo, mas era o mais insistente que Kate já vira.

Sylvia passou um minuto olhando para as próprias mãos. Quando ergueu a vista, tinha lágrimas nos olhos.

– Vocês viram tudo o que fizeram com ela? – disse com um fiapo de voz. – Eu fiquei com medo... pensei que iriam fazer o mesmo comigo se eu contasse. Aquelas coisas... nem faz diferença se são verdade ou não. As pessoas não esquecem.

– Você acha que foi uma das Magpies que a empurrou do telhado? – Kate perguntou.

Seu coração batia com força. *Sim, diga que sim. Diga que viu acontecer.*

Sylvia negou com a cabeça.

– Como eu disse antes, acho que foi o tal de Ben. Vocês o encontraram? Ele disse que ia visitar a Amelia *naquele dia.*

– Encontramos o Ben – Lew disse em voz baixa. – Não foi ele.

– Ah. – Sylvia envolveu o próprio corpo com os braços finos. – Então deixa pra lá.

– Esses clubes... – Julia disse, cruzando os braços e balançando a cabeça. – Hoje mesmo eu ligo para lá para falar disso. Pagamos milhares de dólares para mandar nossos filhos para Grace Hall e o que recebemos em troca é *O senhor das moscas*?

– Concordo. Deveria entrar em contato com a escola, assim como todos os pais. – Lew respirou fundo, como se estivesse aliviado por resolver a pior parte. Kate se perguntou se seria legítimo ou se ele estava tentando fazer Sylvia relaxar. – Mas e a Dylan? Por que motivo você não a mencionou antes?

Kate olhou para Sylvia, esperando que ela se mostrasse confusa, preocupada, alguma coisa. Mas ela só parecia exaurida.

– Ela nem me contou nada sobre a Dylan até depois de terminarem – Sylvia disse por fim. – Eu falei que aquela garota não valia nada, mas a Amelia estava loucamente chateada e obcecada para fazer a Dylan voltar. Ela nem me dava ouvidos.

– Estava "loucamente chateada"? – Kate perguntou.

– Tipo assim, surtada – Sylvia disse, balançando a cabeça.

– E nem passou pela sua cabeça contar isso para alguém? Um adulto? – Kate perguntou, irritada. Seu tom era de acusação, mas não tinha como evitar. E se Amelia tivesse mesmo se matado? Pela primeira vez, de repente parecia ser possível. – Talvez ela precisasse de ajuda.

– Kate, isso *não* é justo – Julia retrucou. – Não vou deixar você culpar a *minha* filha pela *sua* negligência. Não era função dela ser a mãe da Amelia; era sua.

Kate fechou os olhos e tentou não chorar. Julia estava certa, claro. Fora Kate que falhara.

– Acho que a Amelia entrou naquele clube porque se sentia sozinha – Sylvia disse com a voz falhando e lágrimas nos olhos. Julia pôs as mãos nos ombros da filha para tentar acalmá-la, mas Sylvia a afastou. – Ela precisava de uma família. Se você passasse mais tempo em casa em vez de ficar o tempo todo naquela droga de firma, talvez ela ainda estivesse viva.

– Muito bem, muito bem – Lew disse, dando um passo à frente. – Vamos parar um pouco. Só estamos tentando preencher algumas lacunas. Eu acho que você sabe mais sobre o que aconteceu com a Amelia do que está nos dizendo. Acho que você estava no local.

– O quê? – Julia disse, arregalando os olhos. – Sylvia, do que eles estão falando?

– Não – Sylvia disse, negando com a cabeça. – Eu a ajudei a sair da sala do Woodhouse, mas depois, quando eu saí do banheiro, ela não estava mais lá. Não sei para onde ela foi.

Lew assentiu, observando o bloco de notas sem escrever nada, até que o peso do silêncio se tornou insuportável.

– Eu não sei de mais nada, de verdade – Sylvia acrescentou, sentindo a pressão. Tinha os olhos cheios de água e a voz rouca. – Eu juro.

– Eu acho que sabe, sim. – Lew retirou uma folha do bolso traseiro e a ofereceu a Julia. – Acho que você sabe muito mais do que está nos dizendo.

Julia olhou para o papel, confusa.

– Não entendo. O que é isto?

– É um registro de algumas mensagens anônimas que Sylvia mandou para Kate – disse Lew. – As mensagens diziam que a Amelia não pulou. Não é isso, Sylvia?

Agora as lágrimas rolavam pelo rosto de Sylvia. Ela tentou falar, mas apenas conseguia soluçar. Então se deixou cair sentada em uma cadeira da cozinha e apoiou a cabeça nas mãos e chorou. Julia foi até a filha e se ajoelhou ao seu lado.

– Seja o que for, vamos achar uma saída – falou, acariciando os braços de Sylvia. – Mas você precisa explicar, querida. Precisa dizer a eles por que você escreveu aquilo.

Finalmente, Sylvia fungou e levantou a vista. Os olhos castanhos estavam molhados e vermelhos, as bochechas, reluzentes.

– Depois que a Amelia morreu, às vezes eu passava na frente da sua casa depois da aula. Ficava do outro lado da rua, para você não me ver – Sylvia disse para Kate, abraçando a si própria. – Uma vez, tipo no fim da tarde, vi você de pé na porta de casa, de robe. Só ali parada, olhando para o nada. Talvez você tenha saído para pegar o jornal ou algo assim, mas parecia que tinha esquecido o que estava fazendo. Ficou congelada. E aquilo foi totalmente... – Sylvia olhava para o espaço vazio no chão, como se assistisse à cena de novo – horrível. Tipo, foi muito pior do que ver você chorar no enterro, o que já foi muito ruim. – Sylvia balançou a cabeça e inspirou, trêmula. – Eu achei que, se você pensasse que ela não tinha pulado... se não pensasse que tinha sido culpa sua... talvez fosse mais fácil.

– Então você fingiu saber – disse Julia, aliviada. – Para que Kate se sentisse melhor.

– Não – disse Sylvia, sem tirar os olhos úmidos dos de Kate. – A Amelia não pulou. Eu sei disso.

facebook

24 DE OUTUBRO

Amelia Baron

“O rufar fantasmagórico de tambores batendo sem piedade o sentido da vida... prevenia a ela, de quem o dia escapara como uma tarefa após outra, de que tudo era efêmero como um arco-íris.” Virginia Woolf, Rumo ao farol

Carter Rose Cara, tá se abrindo demais

Sylvia Golde Carter, cala a boca, seu retardado

Amelia

24 DE OUTUBRO

Quando espiei para fora da sala de Woodhouse, vi Sylvia diante da sala da Sra. Pearl, ao lado, bloqueando a vista do corredor, para facilitar minha fuga.

– O que eu estou *dizendo* é que fico meio incomodada com a falta de alternativas à teoria da evolução em Grace Hall. – Sylvia falava bem alto e em tom exagerado de superioridade, com o dedo indicador em riste. – Onde está o *diálogo* intelectual se só é apresentado um ponto de vista?

– Foi por *isso* que você precisou ser dispensada de biologia e vir falar comigo imediatamente? – perguntou a Sra. Pearl.

– Eu levo as minhas crenças religiosas *muito* a sério – Sylvia disse em tom de ultraje.

Notei que Sylvia estava com a outra mão atrás das costas, sinalizando com os dedos para que eu saísse. Eu me abaixei e caminhei para a porta.

– Desculpe, Srta. Golde, devo ter perdido a notificação de que agora era

uma cristã convertida – a Sra. Pearl disse com sarcasmo. – E eu aqui, este tempo todo, pensando que era judia.

– Eu sou judia, mas *também* sou cristã – Sylvia disse enquanto eu passava na frente da porta da Sra. Pearl, na ponta dos pés. – A senhora também tem algo contra o casamento inter-religioso?

Fiquei apoiada contra a parede, rezando para que Sylvia se apressasse e saíssemos dali antes que alguém me visse em pleno corredor, no meio do terceiro tempo.

– Muito bem, Srta. Golde, esta conversa está oficialmente encerrada – disse a Sra. Pearl. – Volte agora mesmo para a aula e...

– Certo, eu já ia embora, mesmo – Sylvia interrompeu. – Mas isto não termina aqui. Não aceito ser marginalizada por causa da minha fé.

Quando Sylvia saiu andando pelo corredor na minha direção, abriu um sorriso de orelha a orelha, o que me fez sorrir também. E eu que teria jurado que nunca mais iria sorrir de novo.

– Venha – ela disse, pegando minha mão e me puxando pelo corredor.

– Eu não posso *sumir* – sussurrei. – O Woodhouse vai voltar. Se eu não estiver na sala, ele vai ficar puto da vida.

Sylvia me encarou.

– E daí? Ele que fique. Você não fez nada de errado.

– Eu posso ser expulsa da escola.

– Acorda! Você é que é a vítima. O Woodhouse vai deixar você em paz assim que disser pra ele que a Zadie e as amigas dela estão agredindo você por ser lésbica. Até porque essa é a verdade.

Ela estava certa, só que ignorava o fato de que as Maggies iriam atrás dela.

– Vamos – disse Sylvia, me puxando de novo pelo braço. – A gente precisa se alegrar um pouco e eu tenho um plano.

A primeira parada foi o auditório da escola, que era imenso e sofisticado, e era usado tanto pelo ensino médio quanto pelo fundamental, que ficava ao lado. Com assentos confortáveis e recentemente remodelados e palco de mogno, era mais bonito do que muitos teatros da Broadway.

– Se eu soubesse que este lugar ficava assim, aberto o tempo todo – disse Sylvia, batendo com a mão nos encostos dos assentos enquanto caminhava pelo corredor central –, saiba que eu já teria transado neste palco.

– Ai, Sylvia, que nojo.

– Ah, faça-me o favor – ela disse ao se aproximar do palco. – Nem tente continuar se fazendo de pudica comigo. Nós duas sabemos que é conversa fiada.

Eu a segui, mas mais devagar. A boa moça dentro de mim ainda não gostava de estar onde não devia, e definitivamente não tínhamos permissão para entrar no auditório sem supervisão. Não era por acaso que estava tão bem cuidado. Sylvia subiu no palco escuro e ficou bem no meio, entre as sombras. O brilho das poucas luzes lhe dava uma aparência meio fantasmagórica, mas bonita.

– O que a gente está fazendo aqui? – perguntei de um lugar na primeira fileira de assentos.

Tentei não parecer nervosa, para que Sylvia não me fizesse passar ainda mais tempo ali, mas não tinha como evitar.

– Faremos uma viagem pelos nossos melhores momentos, cara donzela – ela disse do meio do palco, com um sotaque inglês ruim e um floreio exagerado com as mãos. – Eu diria que nós duas precisamos recordar o quanto somos fabulosas. *Esta*, prezada dama, é sua primeira parada.

Eu sorri e balancei a cabeça. Sylvia era doida, mas às vezes da melhor forma possível. E também era uma grande amiga. Apesar de tudo o que eu havia feito, de todas as mentiras que contara, aqui estava ela, no exato momento em que eu mais precisava.

– Como é que pode ser uma das minhas paradas? – perguntei. – O que o auditório tem a ver comigo?

– Venha até o centro do palco, madame – ela respondeu, me chamando como um apresentador de circo. – Eu lhe mostrarei.

Subi os degraus para o palco, me sentindo acanhada apesar de não haver vivalma na plateia.

– Tá – eu disse ao parar ao seu lado sob a iluminação fantasmagórica, observando todos os assentos vazios. – Acho que você deve ter me confundido com outra pessoa, porque isso aqui não me diz nada.

– Espere um pouco – ela falou, apoiando as mãos em meus antebraços e olhando por sobre meu ombro para o público imaginário. – Foi aqui que decidi que você tinha que ser minha melhor amiga pra sempre. Segunda série, aula da Sra. Ritter, apresentação de Dia dos Presidentes. Você estava se borrando de medo de subir no palco, mesmo sendo junto com toda a turma e você só tendo que carregar uma placa com a letra *G*. Mas isso não vem ao caso. A questão é que você teve que ir vomitar antes. Você *tem* que se lembrar disso.

– Ah, é – concordei, sentindo um leve enjoo só de pensar naquilo. Eu havia apagado quase toda a experiência, mas ainda retinha a vívida imagem da Sra. Ritter me dando lenços de papel e me perguntando se eu sempre vomitava quando ficava nervosa. – Agora eu lembro. Puxa, valeu mesmo, aquilo foi o máximo.

– Aquele foi um marco pra mim.

– Eu vomitar foi seu grande marco? Que patético... – Olhando por sobre todos os assentos vazios, eu começava a me sentir oca. A excitação de fugir da sala de Woodhouse estava se dissipando. Quando esta pequena excursão de Sylvia terminasse, o plágio, as Maggies, Dylan, meu e-mail constrangedor, tudo continuaria à minha espera. – Aliás, ainda tenho pavor de subir num palco. Até agora estou ficando nervosa e nem tem ninguém assistindo.

– Não foi porque você vomitou, sua idiota – disse Sylvia, cruzando os braços e revirando os olhos. – Foi por causa do que você fez depois.

– O que eu fiz?

– Você voltou do banheiro com um bolo de lenços de papel e uma cara meio tipo *Bravura indômita* e subiu direto no palco com a gente. Sem nem um resmungo, nem uma hesitação, nada – disse Sylvia. – Você virou a minha heroína.

– Valeu, Sylvia – falei. – Ainda acho meio vergonhoso, mas tudo bem.

Então me lembrei de outra coisa que aconteceu naquele dia. Após conseguir subir no palco, eu começara a vacilar novamente. Olhei para a Sra. Ritter, que me ignorou, então comecei a procurar alguma forma de sair pelo outro lado do palco. Mas foi aí que vi minha mãe entrar às pressas pela porta lateral, com 15 minutos de atraso, como de costume, com um jeito de quem estava meio em pânico e perdida. Mas estava ali e, quando finalmente me viu – na última fileira, à esquerda, com um grande *G* contra o peito –, sua expressão mudou completamente. Como se eu fosse a coisa mais fantástica que ela já tinha visto. Foi o modo como ela olhou para mim que realmente me sustentou sobre o palco.

Eu ainda estava perdida na lembrança quando ouvimos um ruído no fundo do auditório: as portas se abrindo.

– Merda. Vamos – disse Sylvia, segurando minha mão e me puxando para fora do palco. – Vamos para a lanchonete.

A lanchonete estava vazia, com exceção de dois faxineiros que lavavam o chão.

– Vocês não podem ficar aqui – um deles reclamou sem levantar a vista.

– Estamos fazendo pesquisa para a resenha de um livro – Sylvia respondeu, dispensando-o com a mão. – Foi aqui que você mandou o Whitman Price se foder. *Disso* você lembra, não lembra?

Levei um segundo para me lembrar de toda a história. Na sexta série, Whitman era meio que o líder de um bando de garotos que pegavam no pé de todas as meninas. Ele tirava sarro das pernas grossas de uma e da verruga no

pescoço de outra; nos chamava de gordas, palitos ou deformadas. O próprio Whitman era um pouco gordo e tinha o rosto cheio de acne, mas todos tinham medo demais dele para lembrá-lo disso. Felizmente, ele saiu da escola na oitava série, quando os pais se divorciaram. Eu não pensava nele havia anos.

Agora, porém, eu me lembrava do dia em que ele veio até a mesa em que eu e Sylvia estávamos, além de outras meninas que viviam em segundo plano. Whitman parou em um extremo da mesa e começou a dar uma nota para cada uma de nós, pela aparência física. A maioria de nós não era bonita, de acordo com Whitman. Então ele começou a nos informar exatamente que aspectos de nossa aparência haviam feito a nota cair. Disse que só queria nos ajudar. Até percorrer toda a mesa e chegar a mim, algumas das meninas estavam chorando e vários outros garotos haviam se aproximado para assistir.

– E você – ele disse, apontando para mim – tem cara de cavalo. É assim, muito comprida e achatada, e o triplo do tamanho normal.

Eu nunca fora do tipo de confrontar outras pessoas, mas naquele dia Whitman decidira nos atacar de modo covarde e aquilo disparou algum gatilho em mim.

– E você é balofo, Whitman – retruquei. – Então vá se foder.

Eu nunca xingara em voz alta antes. Muito menos *aquele* palavrão. Parecia que minha boca ia pegar fogo.

– Uh, que patada! – um dos garotos comemorou.

– Porra, Whitman, ela entrou de sola – comentou alguém.

Whitman parecia tão furioso que, por um segundo, pensei que fosse me bater. Mas ele apenas deu meia-volta e desapareceu em meio às outras pessoas. Voltou à ativa alguns dias depois, mas não no dia seguinte. No dia seguinte ficou sozinho, isolado no extremo oposto da lanchonete.

– Vamos – disse Sylvia, dirigindo-se para a porta. – Temos que sair daqui. Acho que um dos faxineiros foi chamar alguém.

Continuamos assim pela escola toda, nos esgueirando, desviando e fugindo de professores, funcionários e do pessoal administrativo. Sylvia me levou para onde certa vez eu ganhei uma feira de ciências com um projeto sobre magnetismo e plantas e para o lugar em que, na oitava série, Chris Mellon dissera que gostava de mim. No segundo andar, paramos no exato local onde falei para Sylvia, na sétima série, que um dia seria escritora, por mais difícil que fosse.

Nenhuma das paradas na excursão de Sylvia tinha como mudar nada. Não faria com que Dylan me amasse nem substituiria meu excelente trabalho sobre o *Farol* pelo que fora copiado. Nenhuma das lembranças apagava tudo de horrível

que Zadie fizera ou o constrangimento por todos terem visto meu e-mail.

Porém, a excursão me fez lembrar de que minha vida fora maior do que apenas um único momento. Uma menina. Um conjunto de palavras no papel. Que eu tivera outras experiências antes – boas e horríveis, engraçadas e tristes – e sobrevivera.

Estávamos de volta ao corredor quando o sinal tocou. Corremos para nos esconder em um armário de materiais de limpeza enquanto todos trocavam de sala, ficando espremidas contra a parede ao lado de um esfregão e um balde. Prendemos a respiração o máximo que pudemos para que o cheiro de água sanitária não nos asfixiasse.

– Obrigada – falei para Sylvia quando o corredor voltou a ficar silencioso e nos preparamos para sair. – Eu estava precisando.

– Ainda não acabamos – disse Sylvia. – Agora é minha vez.

Merda. Eu devia ter aproveitado para pensar em onde ir com Sylvia na excursão dela. Agora, não me ocorria absolutamente nada. Quais haviam sido seus momentos marcantes?

– Não se preocupe – falou Sylvia, lendo meus pensamentos. – Eu livro a sua cara. Já planejei todo o roteiro.

Do armário, fomos para uma sala de aula vazia na ala norte, depois para a biblioteca e o pátio, visitando os locais mais importantes para Sylvia – quase todos (não, todos) relacionados com meninos –, despistando professores e funcionários e rindo. Parecia que éramos crianças de novo, imersas juntas em nosso mundo de faz de conta.

Porém, após a quarta parada de Sylvia, a situação começou a ficar feia. Cada ponto pelo qual passávamos não era apenas relacionado a um garoto. Era onde um garoto havia *terminado* com Sylvia. No início ela não parecia se chatear, mas de repente foi como se houvesse passado de algum limite e ficou profundamente abalada.

– Nenhum deles merecia você – eu disse enquanto nos dirigíamos para a saída de emergência. – Você está melhor sem eles.

– Eu sei. É disso que eu fico me lembrando.

Mas eu não acreditei. Era como se a luz brilhante que existia dentro dela fosse aos poucos minguando.

– Para onde a gente vai agora? – perguntei ao subirmos a escada, na esperança de encerrar logo aquela infeliz marcha de desventuras amorosas.

– Para o telhado – ela respondeu com um sorriso triste, avançando com desânimo. – Mas pode se alegrar. Vai ser o último ponto da trilha de lágrimas de

Sylvia Golde.

Parei de andar. Era exatamente isso que eu temia. Ela estava realmente triste, por mais que tentasse fingir que tudo aquilo era para provar que não estava triste.

– Poxa, Sylvia... – falei. – Esses garotos idiotas não sabem nada. – Minha cabeça estava a mil por hora, tentando pensar em algum lugar para o qual eu pudesse levá-la, algum lugar em que ela tivesse feito algo notável. Mas nada me ocorria, mesmo sabendo que Sylvia tinha que ter feito coisas legais e tido momentos marcantes e memoráveis. Só que eu realmente não conseguia pensar em nada. – Você tem uma criatividade incrível e é supertalentosa. É um ícone da moda inovadora. Um dia você vai ser uma designer de moda famosa, eu sei disso. Vai ser tipo você e o Steve McQueen juntos na Fashion Week.

– É Alexander McQueen – Sylvia disse, revirando os olhos. – E ele morreu. Assim como o Steve McQueen.

– Tá, então a Donna Karen.

– A Donna Karen? Fala sério! Podia ter morrido também.

– Poxa, Sylvia.

– Eu sei, eu sei. Você está tentando fazer eu me sentir melhor. Mas, sabe, fica parecendo que você está desesperada – disse Sylvia, subindo os degraus sem voltar a olhar para mim. Encolheu os ombros. – Não tem problema. Eu sei quem eu sou. Eu aceito. Não precisa tentar me proteger. Agora venha.

Quando chegamos ao último andar, Sylvia empurrou a porta de acesso ao telhado e saímos sobre o lado sul do edifício.

– Não pegaram um grupo fumando aqui em cima uma vez? – Olhei ao redor e vi as copas das árvores. Acima de nós, o céu estava de um azul límpido, sem nuvens, e fazia um pouco de frio, mas estava agradável ao sol da tarde. Ao longe, para o norte, dava para ver o Empire State Building, sobressaindo por entre os prédios. – Eu pensei que tinham trancado este acesso depois disso.

– Trancaram, mas o pessoal da construtora que está trabalhando no anexo de música destrancou para almoçar aqui. – Ela olhou ao redor e deu um sorriso meio tristonho. – Sabia que o Ian e eu transamos aqui uma vez?

– Sério? – As loucuras que Sylvia fazia nunca deixavam de me surpreender.

Ela fez que sim, mas então olhou para baixo e mordeu o lábio inferior, como se estivesse tentando não chorar. Havia acontecido alguma coisa. Algo ruim.

– Sylvia, o que...

Então ouvimos alguém na escada, o ruído de chaves que ecoavam.

– Merda – Sylvia sussurrou, acenando para que eu a seguisse. – Vem.

Caminhamos encolhidas e nos escondemos em uma alcova pequena e entulhada de coisas, no extremo mais distante do telhado. Um minuto depois, vimos Liv contornar a parede. Sylvia e eu nos entreolhamos e articulamos “ai, meu Deus”, sem falar em voz alta. Ela pegou o celular para ligar para alguém.

– Oi, sim, aqui é Liv Britton – disse. – Ah, obrigada. Fico muito contente. É um elogio imenso vindo de vocês. Mas acho que vou ter que retirar o manuscrito. A situação na minha escola se complicou e...

Ficou um minuto em silêncio, provavelmente enquanto a outra pessoa falava. Mordia uma unha da mão.

– É, eu certamente pretendia alterar todos os nomes. Mas, mesmo assim, eu acho... – Fez outra pausa e assentiu com a cabeça. – Claro, estou ciente disso. Está bem. Vou pensar no assunto. Obrigada pelo seu tempo. Vamos manter contato.

Liv desligou e ficou um tempo olhando para o celular. Então respirou fundo e expirou com força antes de voltar para a escada. Ficamos abaixadas até ouvirmos a porta se fechar. Felizmente, ela já tinha ido embora quando meu telefone apitou indicando uma mensagem.

BEN

vc esta brava? eu sei q mandei mal...

AMELIA

não, tudo bem

BEN

certeza?

AMELIA

certeza

BEN

vc vai ficar legal?

AMELIA

claro. aproveita o passeio. bjs. a gente vai se encontrar logo! eu garanto ;)

– Quem era? – Sylvia perguntou.

– O Ben, ele está na cidade – respondi, já sabendo qual seria a reação dela.

– Você não está marcando de se encontrar com ele, está? – ela perguntou. – Porque só por cima do meu cadáver mortinho você vai sair com aquele psicopata.

Sylvia foi até a beirada do telhado, que tinha apenas uma mureta baixa. Só de vê-la tão perto daquele limite assustador, fiquei com vertigem. Ela estava de costas para mim.

– Você pode vir para cá? – pedi. – Você está me assustando. E se tropeçar?

Sylvia deu um passinho para trás, o que não fez eu me sentir melhor.

– O Ian terminou comigo – ela disse. – Ele me trouxe aqui faz uma hora para terminar. Talvez tenha pensado que a vista fosse diminuir o impacto.

Droga. Estava fadado a acontecer mais cedo ou mais tarde, mas isso não melhorava a situação.

– Você está legal? Quer dizer, com certeza é chato. Ele é um babaca.

Sylvia inclinou o rosto um pouco, voltando-o para o sol. À luz, ela parecia ainda mais triste. Coitada da Sylvia. Se eu vira que isso ia acontecer, ela certamente tinha visto também, mas mesmo assim devia se sentir péssima. E eu queria tanto ter alguma outra coisa para dizer, algo fantástico, o tipo de coisa que Sylvia dissera para mim com relação a Dylan, mas tudo o que me ocorria parecia vazio e sem graça, até mesmo na minha cabeça.

– Quer saber o que ele me disse?

– Que importância tem o que aquele idiota pensa? – perguntei.

Mas tinha importância para Sylvia. Ela precisava que eu soubesse.

– Ele disse que não sentia atração *sexual* por mim. Aí eu falei: “Como assim? A gente faz sexo o tempo todo.” Aí ele: “Pois é, mas na verdade eu só continuei fazendo porque sentia pena de você.”

Quando ela se virou para mim, estava chorando abertamente. Fui até ela e a abracei.

– Isso é só coisa da cabeça dele – falei, enterrando meu rosto no pescoço dela. – Você sabe disso. Você é linda.

Ela negou com a cabeça e fungou.

– Eu não sou tão bonita quanto antes. Eu sei disso.

– Imagina, Sylvia! Do que você está falando?

O pior é que minha amiga tinha alguma razão. Na infância, Sylvia fora de uma beleza incrível, totalmente fora do comum. Era o tipo de criança que as pessoas paravam na rua e elogiavam em voz alta em restaurantes. Não que agora ela fosse feia nem nada disso, mas estava bem mais próxima da média.

– Eu não sou que nem você – ela sussurrou quando a apertei com mais força. – Tudo o que eu tenho é charme.

Eu me afastei para poder olhá-la nos olhos.

– Sylvia, isso não é verdade – falei. De repente, minha cabeça se encheu de tudo o que eu via de sensacional nela. – Você é divertida, leal, companheira e sincera, e eu gostaria de ter um quarto da paixão que você tem. Você é minha melhor amiga, Sylvia, e eu não sei o que faria sem...

O celular dela deu o sinal de mensagem de texto. Rezei para que não fosse de Ian. Por pior que a situação estivesse, seria pior ainda se eles voltassem e depois ele terminasse com ela de novo, o que certamente acabaria por acontecer. E, ao ver Sylvia procurar o telefone freneticamente, eu soube que ela estava justamente esperando que fosse uma mensagem de Ian.

– De quem é isso? – Sylvia perguntou, olhando para a tela após finalmente achar o celular. – Número bloqueado... – Deixou de falar ao abrir a mensagem.

– O que é? – perguntei.

– Não sei... Uma foto. O recado diz: “Olhe no espelho”. – Ela tocou de novo na tela e então me olhou com uma expressão confusa. – É você. Por que você está de lingerie? Foi alguma safadeza que você e a Dylan fizeram? – Parecia estar se entretendo. – Agora fiquei impressionada, Baron. Você é bem mais ousada do que eu apostaria.

Ela virou o telefone para mim. Claro, lá estava eu, com minha expressão sensual. Era a foto mais atrevida que eu tinha feito, de pernas abertas e inclinada na direção da câmera. Detestei ver aquela foto de novo. Era humilhante demais. Devolvi o telefone para Sylvia.

– Que horror – falei. – É uma longa história. Mas pode acreditar que não teve nada de sensual.

– “Olhe no espelho” – Sylvia murmurou ao observar o celular de novo. – É tipo uma pista. – Com os dedos, ela ampliou a foto. – Puta merda – sussurrou, seu rosto perdendo completamente a cor. Quando me encarou, seus olhos transmitiam fúria, loucura. – Puta que pariu!

– O que foi? – perguntei, me inclinando para ver o que ela vira na tela, mas ela sacudia o telefone no ar, feito uma doida. – Calma, Sylvia! O que é que foi?

– Sua filha da mãe! – ela gritou, me fuzilando subitamente com aquele olhar enfurecido.

– Quem é filha da mãe? Do que você está falando, Sylvia?

– Você! – ela gritou feito um animal. Eu nunca tinha ouvido uma pessoa emitir um som gutural como aquele. – *Você* é uma filha da mãe!

Finalmente, ela enfiou o celular na minha cara. Lá, na fotografia, no reflexo ampliado do espelho, estava Ian Greene.

– Sylvia, não! – falei, com o coração saindo pela boca. Dei um passo para trás, como se de alguma forma pudesse retroceder o tempo até um ponto em que ela não tinha visto aquela foto. – Não é o que parece.

– Ah, não é? – ela gritou de novo. O rosto estava vermelho e inchado e ela segurava o celular atrás da cabeça, como se fosse usá-lo para bater na minha cara. – Porque o que parece é que *você* era a Magpie que estava pegando o *meu* namorado!

– Foi a Zadie que armou tudo! Pense bem, Sylvia.

– É, você transou com ele porque as *Maggies* mandaram!

– Não, Sylvia, não! – falei, ofegante. Havia retrocedido tanto que minhas pernas ficaram presas contra a mureta. – Eu não transei com o Ian. A gente não fez *nada*.

– Menos isso aqui, né? – Ela empurrou o telefone na minha direção com mais força e eu me inclinei para trás, tentando manter distância. – Tirar fotos pelada! Você gosta mesmo de mulher? Ou foi algo que você inventou só para tentar roubar meu namorado?

Ela levou o braço atrás e me bateu na clavícula com força usando o celular. Eu me encolhi e me inclinei para trás novamente, sentindo o peito latejar no local onde ela me acertara. Era demais. Tudo aquilo era demais. Elas nunca iam desistir. Nunca iriam me deixar em paz. Tentei sair dali e me afastar de Sylvia antes que ela me batesse de novo.

Então, de repente, foi como se algo atrás de mim cedesse. Estendi as mãos para me segurar no muro e me preparei para sentir a dor de raspar as costas nele. Só que não senti a dor. Não senti nada atrás de mim. Apenas a gravidade. E senti meu corpo ir, ir...

Foi quando vi a expressão no rosto de Sylvia. Vi em seus olhos a coisa terrível que já havia acontecido. Que não tínhamos como evitar.

– Não! – ela gritou, tentando me agarrar. – Ai, meu Deus, Amelia!

E eu tentei. Tentei agarrá-la. Tentei com todas as minhas forças.

facebook

24 DE OUTUBRO

Amelia Baron

“Tenho raízes, mas flutuo.” Virginia Woolf, As ondas

Epílogo

7 DE MARÇO

– Está esquentando – disse Kate ao se abaixar sobre o gramado frio e bem cuidado. O clima estava peculiarmente ameno para ser começo de março, mas ainda fazia frio. Porém, assim que as palavras saíram de sua boca, o vento aumentou e a interrompeu. – Tá bom, talvez só um pouquinho, mas, se você estivesse aqui, provavelmente pensaria que já é o verão chegando. Você era sempre desse jeito, pedindo para sair de manga curta assim que a neve derretia. "Não vou sentir frio, mamãe." – Kate sorriu ao pensar no rostinho redondo de Amelia fazendo todas aquelas promessas de criança. Cheias de intensidade e certeza. – O mais engraçado era que eu sempre carregava o seu casaco, esperando que você mudasse de ideia quando sentisse frio. Só que você nunca mudou. Nem uma vez. Tão cabeça-dura... Sempre perfeitamente cabeça-dura.

Kate sentiu os olhos arderem e a voz vacilar. Às vezes se obrigava a prometer que não choraria ao visitar Amelia no cemitério. Às vezes simplesmente aceitava as lágrimas. De uma forma ou de outra, chorava toda vez.

Ainda assim, centímetro a centímetro, o pior do luto começara a passar, ou talvez a se transformar, deixando para trás apenas a saudade de Amelia. Kate estava até começando a aceitar que, por mais que lutasse para reter cada mínimo detalhe da filha, não teria como evitar sua dissipação gradual. Tudo o que podia fazer era lamentar essas perdas.

Nos poucos meses desde a morte de Amelia, Kate já esquecera algumas coisas. Não se lembrava mais do cheiro que Amelia tinha, embora não desistisse

de procurar algum vestígio que ainda estivesse enterrado nos travesseiros dela. Também não se lembrava do gesto que Amelia fazia quando queria encerrar uma conversa: eram dois estalos com os dedos e depois o polegar virado para baixo ou eram três estalos e o indicador apontado para a frente? Também haviam se perdido as idades com que Amelia aprendera a andar de bicicleta, perdera o primeiro dente e quanto dinheiro Kate pusera sob o travesseiro.

Mas aquilo que Kate recordava tinha ficado perfeitamente cristalizado. Ainda sentia o peso da cabecinha de Amelia, recém-nascida, contra a curva de seu pescoço ao dormirem sentadas na cadeira de balanço. Lembrava-se do grito de alegria que tinha dado quando Amelia dissera a primeira palavra – *cão* –, tão alto que Amelia imediatamente começara a chorar. Kate se lembrava da ocasião em que mandara Amelia para a creche sem fralda. E da expressão horrorizada no rosto de Amelia, aos oito anos, quando Kate tentara lhe explicar o que era sexo enquanto iam para a escola. Recordava o prazer meigo e infrequente dos abraços de Amelia na adolescência. E do que sentira ao vê-la chorar de tristeza durante essa fase, quase lágrimas de adulta.

No fim das contas, Kate se lembrava de tudo o que precisava. Tudo o que realmente tivera importância. Em especial, do quanto amara a filha e do quanto havia se esforçado. O resto – os percalços, os erros, as coisas que Kate teria feito de outro jeito – ela tentava esquecer. Seth tinha razão: grande parte do que acontecia como resultado, bom e ruim, parecia pura sorte.

– Hoje eu vi a Julia – disse Kate. – A Sylvia quer vir visitar você aqui, dizer o quanto ela lamenta pelo que aconteceu. Eu disse que achava que seria uma boa ideia. Espero ter razão em acreditar no que a Sylvia diz que aconteceu no telhado. Que foi um acidente. Acho que tenho. Só que ainda não sei bem o que a polícia vai fazer. Mesmo que agora ela esteja dizendo a verdade, ela mentiu muito e durante muito tempo. – Kate respirou e passou a mão na grama aparada. – A Zadie finalmente foi embora, para um internato para meninas perturbadas, em Connecticut. A mãe dela saiu do conselho administrativo da escola e os clubes foram fechados de vez, pelo menos segundo o conhecimento de todos. Não é o suficiente; nada nunca vai ser o suficiente. Mas é um começo, eu acho.

Kate gostaria de poder dizer a Amelia que Dylan escrevera admitindo que havia realmente amado Amelia. Mas não ouvira sequer uma palavra da menina. Apertou mais o casaco e olhou, do topo da colina onde Amelia estava enterrada, por sobre as colinas verdejantes do cemitério de Greenwood, para além de uma faixa feia de armazéns velhos e a imensa loja da Home Depot, até o horizonte da baía de Nova York.

– Sinto que devo desculpas a você, e há muito tempo. Eu devia ter contado tudo sobre o seu pai, desde o começo – disse Kate. Planejava dizer aquilo havia

um tempo, mas ainda era difícil articular as palavras. – Você tinha direito de saber o que eu sabia, mesmo que eu estivesse enganada em relação à verdade. Acabei descobrindo que seu pai é Jeremy Firth. Pois é, *aquele* Jeremy. Nós fizemos sexo uma só vez, ele era casado e foi errado. Eu estava confusa e sozinha, e foi algo que simplesmente aconteceu. Mas que levou a um resultado maravilhoso: você.

Kate balançou a cabeça e entrelaçou algumas folhas de grama nos dedos. Então pensou em Phillip. Até o momento, não passara de um café e alguns e-mails. De cabelos grisalhos, rugas finas ao redor dos olhos e rosto bem barbeado, em nada se parecia a Rowan. Ainda assim, Phillip a lembrava muito do rapaz movido pela paixão que conhecera tão brevemente e havia tantos anos. Ficava se perguntando se Amelia aprovaria, mas tinha que acreditar que sim. Com relação a isso, Gretchen estava certa: Amelia gostaria que Kate fosse feliz.

– Eu conheci um rapaz num bar... Não menti com relação a isso – disse Kate. – Talvez você já saiba disso. Talvez tenha lido todos os meus diários antigos. Nunca vou saber de verdade. Mas acho que sempre desejei que ele fosse seu pai. E nem sequer ele, propriamente dito. Até porque eu mal o conhecia... Mas a ideia dele. E, ao longo dos anos, essa ideia dele se transformou no que você tinha de melhor. Eu acredito quando Phillip diz ter certeza de que você era uma pessoa única. Ele via em você o que eu sempre vi, e eu preciso disso agora. Estar com gente que saiba que o mundo é um lugar mais triste sem você.

Kate inspirou fundo e tentou não chorar.

– Eu também quero que você saiba que, embora o Jeremy tenha sido um erro para mim – ela continuou, com a voz falhando, se dissolvendo ao vento –, *você* nunca foi um erro, Amelia. Você foi a melhor coisa que me aconteceu. E sempre será.

Era tarde demais para mudar qualquer coisa. Tarde demais para fazer escolhas diferentes. Para ser uma mãe melhor do que havia sido. Kate só tinha como ser a mãe que era, a mãe de Amelia – curadora de sua memória, guardiã de seus segredos, depositária de seu coração. E isso ela sempre seria.

Agradecimentos

Minha mais profunda gratidão à minha agente e super-heroína pessoal, Marly Rusoff, a mais bondosa e dedicada porta-voz que qualquer autor pode desejar. Não tenho palavras para agradecer por ficar ao meu lado ao longo das várias idas e vindas deste livro e dos manuscritos que o precederam. A Michael Radulescu, por toda sua ajuda e bom humor sempre bem-vindo; e a Julie Mosow, exímia editora, grande parceira criativa e amiga maravilhosa.

À minha fantástica editora, Claire Wachtel, cujas observações incomparáveis aprimoraram não só este livro como também a mim, como escritora. É uma honra trabalhar com você. Obrigada a Jonathan Burnham por me dar esta incrível oportunidade. Agradeço ainda a Elizabeth Perrella e a todos dos departamentos de marketing e vendas da HarperCollins, pelo entusiasmo e o esforço dedicados a mim.

A Megan Crane agradeço por liderar pelo exemplo, por sempre estar disposta a ler mais um rascunho, por me dizer a verdade quando era importante e por mentir para mim quando foi preciso. E o mais importante, obrigada por sua amizade notável. Sem você para conversar sobre a escrita e a vida ao longo dos anos, esta jornada às vezes sinuosa teria terminado há muito tempo.

Agradeço a Victoria Cook pela excelente torcida e por aparecer tantas vezes para salvar o dia. A Elena Evangelo agradeço pelo carinho e pelo otimismo infinito, e a Cara Cragan, pela fé.

Obrigada aos meus leitores dedicados e amigos preciosos, cujos comentários e incentivos foram valiosos: Cindy Buzzeo, Heather Frattone, Nicole Kear e Tara Pometti.

Aos muitos de vocês que ofereceram palavras tão generosas de incentivo ao longo da última década: Catherine e David Bohigian, a família Cragan, a família Crane, Jeremy Creelan, Joe e Naomi Daniels, Larry e Suzy Daniels, Charmaine De Grate, Dave e Joannie Fischer, David Kear, Merrie Koehlert, Hallie Levin, Brian e Laura Mayer, Diane Mehta, Brian McCreight, a família Metzger, Jason Miller, Sarah Moore, Frank Pometti, Jon Reinish, a família Thomatos, os integrantes do meu talentoso grupo de escritores de Park Slope e todos aqueles de que me esqueci. Obrigada por acreditarem em mim, em especial naqueles momentos em que eu não acreditava mais.

Agradeço também a meus pais, pais por afinidade e parentes, assim como os Prentice – Martin, Clare, Becky, Mike e Steve –, a quem agora tenho a sorte de considerá-los da minha família também.

A meu marido, Tony, este livro é seu tanto quanto é meu. Sem você, eu nunca teria encontrado a coragem de escrever uma única palavra, muito menos a esperança de chegar até o fim. Obrigada pela generosidade e sinceridade, pela paciência e confiança. Obrigada por me fazer rir, por me desafiar a pensar e por fazer eu me sentir compreendida. Eu não poderia querer um marido mais incrível nem um amigo melhor.

E às minhas meninas perfeitas. Obrigada, Harper, por sua incrível empatia, pelos abraços sensacionais e por me dizer que tinha orgulho de mim nos dias em que parecia que ninguém mais tinha. Obrigada, Emerson, por ficar de pé ao lado da impressora contando as páginas, por me dizer que um dia você quer ser artista e pelo seu sorriso admirável, capaz de iluminar até o dia mais escuro. Saibam que não importa o quanto vocês cresçam, não importa para onde forem ou quem vierem a ser, eu sempre vou amar vocês inteiramente, sem ressalvas. E seus segredos, sejam eles quais forem, estarão seguros para sempre comigo.

Sobre a autora

© Justine Cooper



KIMBERLY MCCREIGHT frequentou a faculdade Vassar e se formou com honras pela Escola de Direito da Universidade de Pensilvânia. Após trabalhar

como associada em algumas das maiores firmas de advocacia de Nova York, ela largou o direito para se tornar escritora em tempo integral. Suas obras foram publicadas na *Antietam Review*, *Oxford Magazine* e *Babble*. Atualmente mora em Park Slope, no Brooklyn, com o marido e as duas filhas.

www.kimberlymccreight.com/

CONHEÇA OS CLÁSSICOS
DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes e *Inverno do mundo*, de Ken Follett

Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre, Confie em mim, Cilada e *Fique comigo*, de Harlan Coben

A cabana e *A travessia*, de William P. Young

A farsa, A vingança e *A traição*, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

Inferno, O símbolo perdido, O Código Da Vinci, Anjos e demônios, Ponto de impacto e *Fortaleza digital*, de Dan Brown

Uma Longa Jornada, O melhor de mim, O guardião, Uma curva na estrada, O casamento e *À primeira vista*, de Nicholas Sparks

Julieta, de Anne Fortier

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; O restaurante no fim do universo; A vida, o universo e tudo mais; Até mais, e obrigado pelos peixes! e *Praticamente inofensiva,* de Douglas Adams

O nome do vento e *O temor do sábio*, de Patrick Rothfuss

A passagem e *Os doze*, de Justin Cronin

A revolta de Atlas, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

 www.editoraarqueiro.com.br

 facebook.com/editora.arqueiro

 twitter.com/editoraarqueiro

 instagram.com/editoraarqueiro

 skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

Créditos

Reconstruindo Amelia

Sobre a autora

Conheça os clássicos da Editora Arqueiro

Informações sobre a Arqueiro